



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

THAMIRIS YURI SILVEIRA PELLIZZARI

**A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM CONTOS
BRASILEIROS DA DÉCADA DE 1980**

Londrina
2018

THAMIRIS YURI SILVEIRA PELLIZZARI

**A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM CONTOS
BRASILEIROS DA DÉCADA DE 1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, para exame de qualificação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Pellizzari, Thamiris Yuri Silveira.

A homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980 / Thamiris Yuri Silveira Pellizzari. - Londrina, 2018.
192 f.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.
(dissertação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Masculinidades - 2. Homossexualidade - 3. Contos brasileiros - 4. Década de 1980 - . I. Santos Simon, Luiz Carlos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

THAMIRIS YURI SILVEIRA PELLIZZARI

**A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM CONTOS BRASILEIROS
DA DÉCADA DE 1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^ª. Dr^ª. Barbara Cristina Marques
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Ricardo Augusto de Lima
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Londrina, 13 de junho de 2018.

Aos melhores pais que a vida poderia me dar, pelo amor, força,
incentivo, compreensão e apoio não somente ao longo da jornada, mas ao longo da
vida. Meus heróis, meus espelhos!

Àquela que me fez querer fugir ao padrão e romper com os
estereótipos, quaisquer que fossem. Minha querida companheira por laços da vida e
de sangue, Nathalia K. P. Pellizzari, que me fez compreender o quão puro e belo
pode ser o amor!

AGRADECIMENTOS

A minha fiel e paciente companheira, Nathalia Kesley Perini Pellizzari, pela dedicação, por participar de todo o processo sofrendo e comemorando comigo e pelo incentivo ao longo dessa caminhada.

Ao meu pai, Sandro Pellizzari, meu herói e meu espelho ao longo da jornada, pelos conselhos de um grande mestre, por acreditar em minha capacidade e sempre me dar forças para seguir em frente.

A minha mãe, Nadya Pellizzari, por me mostrar o quanto pode ser difícil, mas que sempre dependerá só de mim, e por me ensinar a viver um dia de cada vez.

Ao irmão que a vida me deu, Fernando Wesley Veiga, por salvar minha vida e por estar ao meu lado garantindo dia após dia o reforço da minha autoconfiança.

A minha avó, Tsuguiko Guiomar Silveira, por me inserir na magia do universo literário e da licenciatura, desde a infância.

Ao meu avô, Newton Silveira, pelo afeto e boas risadas durante todo o percurso e por “me amar primeiro” desde sempre.

Aos meus tios, merecidamente idolatrados, Eliane C. Silveira e Sidnei R. Pellizzari, pelo companheirismo, carinho e exemplo de vida e perseverança.

Ao meu orientador Luiz Carlos Santos Simon que me acolheu desde a graduação e tornou-se um grande amigo ao longo dessa jornada, agradeço por me guiar com a dedicação de um pai ajudando em meu crescimento não somente profissional e acadêmico, mas também pessoal.

Aos meus cinco pequenos e fiéis companheiros de quatro patas, minhas válvulas de escape nos momentos de estresse e cansaço.

À grande amiga Joyce Tago (Lhama) que esteve ao meu lado desde os tempos da graduação apoiando e fazendo tudo parecer fácil.

Ao querido Mateus F. de Oliveira e à linda família E42 que espantou meus males com sua doce musicalidade poética.

Ao meu anjo da guarda, Arnaldo Nogari Jr., que esteve ao meu lado lembrando dos prazos e, mesmo assim, conseguindo arrancar sorrisos.

Aos amigos Renan Munhoz e Verônica Choyama por carregarem esse período com toda sua energia positiva e contagiante.

Às amigas e companheiras de caminhada desde a graduação Fabrícia Florêncio, Lucélia Canassa e Letícia Ueno Bonomo.

À banca de qualificação, Prof^a. Dr^a. Bárbara Cristina Marques e Prof. Dr. Ricardo Augusto de Lima, pela minuciosa leitura e grande contribuição.

Às professoras Maria Carolina Godoy e Suely Leite que fizeram aumentar a minha paixão por Literatura.

Como já dizia Djavan (1989)

Todo dia será um dia de paz
Pra quem vive a verdade
Todo fim de tarde será rapaz
Toda lua será moça

Todo dia será um dia a mais
Cheio de sol entre as trevas
Todo homem será rei na terra
E não haverá mais guerra

Pois só quem tem os sonhos mais básicos
Pode amar e dizer a verdade
Ipanema é uma sala de estar
Pro nosso barato hipnótico
A ponte aérea, o barulho do mar

E as estrelas ainda vão nos mostrar
Que o amor não é inviável
Num mundo inacreditável
Dois homens apaixonados

(Cazuza)

PELLIZZARI, Thamiris. **A homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980**. 2018. 192 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Esta dissertação trata da abordagem da homossexualidade masculina na literatura cuidando, mais especificamente, da contística brasileira da década de 1980 de maneira a observar e refletir acerca da presença/ausência dessa orientação sexual nas obras de conto publicadas durante a década prevista. A determinação do recorte temporal diz respeito aos acontecimentos históricos relativos à homossexualidade. Deste modo levamos em consideração os avanços médicos, legais e religiosos sobre essa sexualidade que passa a ser considerada como orientação sexual somente após intensos estudos e debates em curso nesse período, discussão desenvolvida logo no primeiro capítulo, o qual explora, também, uma perspectiva teórica relativa às masculinidades e à heteronormatividade. Momento que nos compete buscar respaldo em teóricos como: Raewyn Connel, Elisabeth Badinter, Michel Foucault, James N. Green, Sócrates Nolasco, João Silvério Trevisan, entre outros. O segundo capítulo compreende as conquistas do movimento homossexual colaborando para o alavancar da teoria *Queer*, no Brasil, além do levantamento de 29 obras de contos da década de 1980 com referências à homossexualidade, momento chave desta pesquisa. Por fim, visando um aprofundamento do assunto, bem como do levantamento, dedicamos o terceiro capítulo à análise de quatro contos que focalizam centralmente a temática, dois de autoria de Caio Fernando Abreu: “Aqueles dois”, presente na obra *Morangos Mofados* (1982) e “Pequeno monstro”, oriundo da obra *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988); outros dois de Autran Dourado: “Retrato de Vítor Macedônio” e “O triste destino de Emílio Amorim”, ambos da obra *As Imaginações Pecaminosas* (1981). Neste capítulo buscamos não somente o desenvolvimento de análises profundas, como também o estabelecimento de um diálogo com as reflexões teóricas do primeiro capítulo e entre os contos, a partir das concepções analíticas.

Palavras-chave: Homossexualidade. Masculinidades. Contos. Década de 1980.

PELLIZZARI, Thamiris. **A homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980**. 2018. 192 p. Dissertation (Mester's degree in Letters) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

This dissertation deals with the approach of masculine homosexuality in the literature taking care, more specifically of the Brazilians short stories of the decade of 1980, observing and reflecting on the presence/absence of this sexual orientation in the books of tales published during the mentioned decade. What determines the temporal cut of the research are the historical events related to homosexuality. In this way we take into account the medical, legal and religious advances on this sexuality that happens to be considered as sexual orientation only after intense studies and debates in course in that period; this discussion is even developed in the first chapter of this dissertation, also exploring a theoretical perspective on masculinities and heteronormativity. The theoretical basis of this research includes names such as: Raewyn Connell, Elisabeth Badinter, Michel Foucault, James N. Green, Socrates Nolasco, João Silvério Trevisan, among others. The second chapter includes the achievements of the homosexual movement, collaborating to the diffusion of the Queer theory in Brazil, as well as the survey of 29 books of short stories from the 1980s with references to homosexuality. Finally, in order to deepen the subject, as well as the survey, we dedicate the third chapter to the analysis of four short stories that focus centrally on the theme, two by Caio Fernando Abreu: "Aqueles Dois", present in the work *Morangos Mofados* (1982) and "Pequeno monstro", from the work *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso* (1988); two other from Autran Dourado: "Retrato de Vítor Macedônio" and "O triste destino de Emílio Amorim", both from *As Imaginações Pecaminosas* (1981). In this chapter we seek not only the development of deep analyzes, but also the establishment of a dialogue with the theoretical reflections of the first chapter and between the stories, from the analytic conceptions.

Keywords: Homosexuality. Masculinities. Short Stories. 1980's.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE	14
1.1 AS VERTENTES DAS ORIENTAÇÕES SEXUAIS	14
1.2 O PERCURSO HETERONORMATIVO	31
1.3 AS MASCULINIDADES	44
1.4 FORTUNA CRÍTICA	50
2 DÉCADA DE 1980: ESPAÇO, VOZ E VISIBILIDADE HOMOSSEXUAL	68
2.1 AS CONQUISTAS CIBERTÁRIAS DO MOVIMENTO HOMO	68
2.1.2 O Alavancar de uma Teoria	72
2.2 LEVANTAMENTO	75
2.2.1 A Contística da Década de 1980 e a Visibilidade Homossexual	91
3 ANÁLISE DE CONTOS	119
3.1 “RETRATO DE VÍTOR MACEDÔNIO”, AUTRAN DOURADO	119
3.2 “O TRISTE DESTINO DE EMÍLIO AMORIM”, AUTRAN DOURADO	130
3.3 “AQUELES DOIS”, CAIO FERNANDO ABREU	148
3.4 “PEQUENO MONSTRO”, CAIO FERNANDO ABREU	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	183
ANEXO	188
ANEXO – Banco de teses e dissertações (Capes)	189

INTRODUÇÃO

Tratar de homossexualidade abarca, de modo geral, refletir acerca das orientações sexuais, bem como a respeito de uma sociedade altamente coercitiva e que se quer predominantemente heterossexual e, por isso, julga-se detentora do direito de cobrar a heterossexualidade de seus membros. Para tal atitude são desenvolvidos alguns termos como: “heteronormatividade”, “heterossexualidade compulsória” ou “heterossexismo”:

A heteronormatividade diz de uma coerência bastante clara: ela sincroniza os corpos, os gêneros e as sexualidades em torno da heterossexualidade e, numa espiral de silêncio, obriga aquelas e aqueles que tomam atalhos não previstos nessa sincronicidade a dizer de sua fuga. Todas e todos que de alguma maneira rompam com a sincronicidade do sexo (binômio macho/fêmea), gêneros (binômio masculino/feminino), e sexualidade (esta no singular, heterossexualidade), devem tomar a palavra para dizer de sua diferença (ZAGO, 2010, p. 387-388).

A esse respeito, tal qual sobre os termos expostos, discorreremos de maneira mais aprofundada ainda no capítulo primeiro desta dissertação. No entanto, interessa-nos ressaltar que o estudo voltado à homossexualidade é permeado por questões também relativas ao gênero, visto que masculino e feminino entram em conflito perante os estigmas impostos pela sociedade, isto é, o olhar social taxativo costuma vincular, por exemplo, o homem homossexual ao componente feminino e, seguindo os mesmos preceitos, a mulher homossexual ao elemento masculino. Frente a essa proposição notamos que: “toda forma *assumida* de sexualidade que se distingue da heterossexualidade é desvalorizada e considerada diferente da opinião sobre sexo imposta como modelo do único” (WELZER-LANG, 2004, p. 120).

É diante desse enaltecimento da heterossexualidade que promove, por outro lado, a degradação da homossexualidade, que desenvolvemos nossa pesquisa, uma vez que nosso interesse em trabalhar a homossexualidade na literatura despontou de vivências e enfrentamentos pessoais diante de uma sociedade pautada na classificação hierárquica de gênero e sexualidades, dada, pois, ao estabelecimento de regras de comportamento e à repressão daqueles que não as sigam. Ressaltamos, ainda, que o enfoque temático desta pesquisa é fruto de nosso estudo realizado no período de graduação no curso de Letras Vernáculas

e Clássicas, na Universidade Estadual de Londrina, em subprojeto de iniciação científica vinculado ao projeto coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.

Nosso trabalho tem como objetivo estudar a homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980. Para tal, realizaremos um levantamento dos contos, de autoria de diversos escritores brasileiros, que contenham referências à homossexualidade, publicados durante o recorte temporal estipulado. Isso posto, dividimos o trabalho em três capítulos voltados, de modo geral, respectivamente, à perspectiva teórica sobre as sexualidades, homossexualidade e masculinidades; ao levantamento de contos da década de 1980 com referências homossexuais; e ao enfoque analítico de quatro contos que centralizam a temática homo. Dito isso, e visando uma exposição mais aprofundada a respeito do desenvolvimento e enfoque dos capítulos discorreremos, sequencialmente, a respeito de cada um expondo suas principais abordagens.

Dedicamos, pois, o capítulo inicial, excepcionalmente, à reflexão de questões voltadas à sexualidade, com ênfase na homossexualidade, e, ainda que em uma esfera menor, ao gênero. Para tal, o capítulo primeiro, intitulado “Sexualidade e homossexualidade”, divide-se em três subtópicos ordenados de acordo com a necessidade de abordagem, em outras palavras, tratamos, em primeiro plano, no subtópico 1.1 “As vertentes das orientações sexuais”, de questões teóricas voltadas às sexualidades buscando ponderar cuidadosamente a temática. Tendo em vista o caráter polêmico do tema valemo-nos de importantes nomes para embasamento teórico, tais quais: Michel Foucault, Sócrates Nolasco, Judith Butler, João Silvério Trevisan, entre outros. Ao levantarmos reflexões acerca das orientações sexuais surgiu a necessidade de introdução de questões relacionadas à heterossexualidade, justamente por conta do caráter dominante e que se quer hegemônico dessa orientação sexual. Assim, o subtópico 1.2 “O percurso heteronormativo” lida, em linhas gerais, com o processo construtivo das diferenças entre as sexualidades e discute, a partir de reflexões teóricas, essa hegemonia hétero, a qual promove repressão e estigma àqueles que a ela não se encaixem. Por intencionarmos o enfoque da homossexualidade masculina, o assunto que tange às masculinidades tornou-se questão significativa para desenvolvimento desta dissertação, de tal modo que dedicamos o subcapítulo 1.3 a esse préstimo. Este intitula-se “As masculinidades” e desenvolve reflexões a respeito da pluralidade do ideal de masculinidades tratando, pois, de conceitos como: “masculinidade

hegemônica” e “masculinidade subordinada”, de Raewyn Connell (2013). Tecemos, ainda, comentários e ponderações acerca do conceito de virilidade, de maneira a notarmos sua ambiguidade e fragilidade. O subtópico 1.4, último do capítulo, denominado “Fortuna crítica”, abrange trabalhos listados no banco de teses e dissertações da Capes que versam a respeito da homossexualidade na literatura. O intuito desse tópico é notarmos a quantidade de pesquisas que lidam com o assunto de nosso interesse, além de observar a importância deles para o nosso trabalho.

Desenvolvidas, suficientemente, as reflexões a respeito de ideais teóricos devidamente embasados partimos para o segundo momento da dissertação. O capítulo dois, nomeado “Década de 1980: espaço, voz e visibilidade homossexual” presta-se à abordagem da homossexualidade em meio literário, compreendendo, em um primeiro momento, importantes ocorrências históricas que promoveram a formação de grupos em prol do homossexual e que tiveram como uma de suas conquistas o reconhecimento e maior abertura à homossexualidade, não somente em meios de comunicação, como também na literatura, tal qual nos mostra o subtópico 2.1 “As conquistas libertárias do Movimento Homo”. Sequencialmente, em um tópico (2.1.2) vinculado ao anterior, intitulado “O alavancar de uma teoria”, discorreremos a respeito do surgimento da Teoria *Queer* e de sua importância para o reconhecimento da homossexualidade.

Ainda nesse capítulo, partimos para um segundo momento (subtópico 2.2) voltado ao desenvolvimento do levantamento de contos da década de 1980 com referências homossexuais, objetivo principal de nosso trabalho. Nele abordamos 29 obras de contos publicadas na década de 1980, as quais organizamos em formato de fichas separadas por obra, em esquema de quadros estruturado por linhas e sem colunas constando informações como: nome do autor, título do livro, ano de publicação, número total de contos que compõem a obra, número de contos, desse total, que fazem referência à homossexualidade, bem como trechos que comprovem tal referência, número de contos que a focalizam centralmente, também trazendo fragmentos dos contos e comentários pertinentes. Por fim, em alguns casos trazemos, para possibilitar o estabelecimento de uma comparação quanto a abordagem das sexualidades, o número de contos que fazem referência à sexualidade hétero, ainda com citações de fragmentos comprobatórios.

O último subtópico desse capítulo, indicado como 2.2.1, nomeado “A contística da década de 1980 e a visibilidade homossexual”, vincula-se ao tópico

anterior e presta-se a realizar esclarecimentos e aprofundamentos que se mostraram necessários em alguns contos presentes no levantamento. Nele abordamos, ainda, contos que focalizam centralmente a homossexualidade, mas que não foram elencados para enfoque analítico no terceiro capítulo.

Por fim, o capítulo terceiro, denominado “Aprofundamento e perspectiva analítica de contos homo”, compreende a análise de quatro contos pautada em reflexões desenvolvidas ao longo da dissertação retomando, assim, questões teóricas levantadas e discutidas no capítulo primeiro. Os autores elencados foram Caio Fernando Abreu e Autran Dourado. Do primeiro escolhemos os contos: “Aqueles dois”, presentes na obra *Morangos Mofados* (1982) e “Pequeno monstro”, da obra *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988); do segundo, “Retrato de Vítor Macedônio” e “O triste destino de Emílio Amorim”, ambos oriundos da obra *As Imaginações Pecaminosas* (1981). A escolha dos contos para análise deu-se perante o interesse em abordarmos assuntos diversos a respeito da homossexualidade masculina, tais quais: a masculinidade, imposição de virilidade, preconceito e violência contra o homossexual, entre outros. De modo que os contos elencados abarquem, cada qual a sua maneira, ao menos uma das questões mencionadas, conforme notaremos nas análises.

Apesar de termos adotado uma divisão da dissertação considerada bastante tradicional, dispondo a concepção teórica no primeiro capítulo enquanto a abordagem literária desenvolve-se nos capítulos subsequentes, acreditamos ser essa a melhor forma para desenvolvermos a pesquisa de maneira satisfatória, já que necessitamos, para produzir as análises e outras ponderações sobre os contos, pautarmo-nos em proposições teórico-críticas. Diante disso, e frente ao enfoque temático de nossa pesquisa, buscaremos conduzir esse trabalho não somente baseando-nos na literatura, como também aventurando-nos por terrenos que dizem respeito ao social refletindo, então, o percurso histórico para reconhecimento da homossexualidade, questionando, pois, o posicionamento heteronormativo que relega o homossexual ao estigma, bem como a masculinidade hegemônica que impõe padrões de comportamento reprimindo e excluindo aqueles incapazes de alcançá-los. Visamos, desta maneira, poder colocar em xeque tais parâmetros, repressores e estigmáticos, através de posicionamentos teóricos, somados às análises literárias.

1 SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE

1.1 AS VERTENTES DAS ORIENTAÇÕES SEXUAIS

Este capítulo presta-se à reflexão das noções de sexualidades e gênero, a partir de questões teóricas acerca das orientações sexuais, com ênfase na homossexualidade. Discutir a respeito das sexualidades é, antes de mais nada, conscientizar-se do caráter polêmico do tema, portanto, não intencionamos realizar uma abordagem que dê conta de abranger tudo aquilo que envolva teoria de sexualidade e gênero, mas sim ponderar cuidadosamente a temática, para que possamos, assim, dispor de embasamentos que nos permitam tratar dessas questões em meio literário.

Comumente, os indivíduos da sociedade ocidental, quando confrontados sobre sexualidade, buscam estabelecer padrões sexuais de relações interpessoais, levados, na maioria das vezes, a criarem uma imagem de relacionamento entre pessoas do sexo oposto, voltado à monogamia e ao patriarcalismo. Dessa maneira, a heterossexualidade acaba por surgir como representação própria e por vezes única de sexualidade, ignorando, assim, a vasta abrangência das orientações sexuais. “Diz-se, frequentemente, que a sociedade moderna tentou reduzir a sexualidade ao casal – ao casal heterossexual e, se possível, legítimo” (FOUCAULT, 1988, p. 53).

Diante dos esforços sociais para padronizar as relações interpessoais observamos a necessidade de uma conscientização a respeito da ampla abrangência das sexualidades, visto que:

A sexualidade heterossexual passa a dialogar, mesmo que em posição privilegiada, com um *leque de sexualidades* que *começa a despontar*¹ dentre as opções possíveis da sexualidade humana, iniciando-se um movimento que mais tarde iria desembocar na luta das minorias. Todas essas sexualidades heterogêneas passam a ser nominadas e destacadas, em um processo que mais do que reprimi-las, visa a realçá-las e contrastá-las em oposição ao modelo tradicional e aceito socialmente, permitindo-lhes serem inteligíveis, identificáveis e determináveis (SILVEIRA FILHO, 2010, p. 325, grifo nosso).

¹ Achamos imprescindível esclarecer que esse “leque de sexualidades”, mencionado por Silveira Filho, não surge de um momento para outro, como se houvesse somente um tipo de sexualidade e posteriormente despontassem outras, visto que: “a homossexualidade sempre existiu ao longo da história, em todas as classes sociais e em todas as sociedades” (GREEN, 1999, p. 194). O que ocorre, pois, é uma maior visibilidade às outras sexualidades, de modo que a heterossexualidade passa a ter sua hegemonia questionada.

A “posição privilegiada” da heterossexualidade em nossa sociedade, do mesmo modo que não impede a existência de divergentes e variadas sexualidades, pode também apresentar-se como fator de cobrança de um comportamento padronizado dos indivíduos detentores dessa sexualidade socialmente dominante.

A reflexão torna-se ainda mais complexa se pensarmos as questões de gênero atreladas às imposições sociais de comportamento conforme o sexo biológico. Como não intencionamos uma abordagem específica das relações de gênero, não buscaremos um aprofundamento desse conteúdo, no entanto, serão necessárias algumas ponderações e esclarecimentos que dialoguem com o assunto.

É imprescindível darmos visibilidade, de início, ao estabelecimento de algumas diferenças entre sexualidade e identidade de gênero, questões por vezes confundidas, ou mesmo equiparadas: “Durante muitos anos sexo e gênero foram tomados como sinônimos. A compreensão dos homens sobre eles mesmos se apoia em uma suposição biológica, na qual o que se sente, pensa e faz é tido como decorrente do efeito desta herança orgânica” (NOLASCO, 1995, p. 25).

A sociedade constitui como natural, ou central, a heterossexualidade a partir da internalização do ideal de relação afetiva entre o casal composto por indivíduos do sexo oposto, relegando qualquer outro tipo de relação que não obedeça a esse padrão, ao ideal taxativo da “diferença”, e esse conceito toma, nesse sentido, proporções estigmatizantes. O “diferente” é aquele visto como incapaz de se adequar ou de pertencer ao considerado natural, ou “comum”, e se não é comum, em uma relação de antonímia, é “estranho”. Por outro lado, a sociedade naturaliza a heterossexualidade a ponto de tornar periféricas as sexualidades que não respeitem o padrão de relação composto pelo binômio masculino/feminino. Assim, um homem que não for reconhecido como heterossexual: “Enfrentará automaticamente questionamentos a respeito de seu gênero. A heteronormatividade organiza a norma e produz o centro no momento mesmo em que constrói os lugares do ex-cêntrico (fora do centro) e do anormal (fora da norma)” (ZAGO, 2010, p. 388).

O processo de construção da identidade de gênero abarca uma série de negações atreladas, também, à sexualidade. Isto é, para ser considerado e aceito como heterossexual perante a sociedade, o indivíduo (homem) deve negar qualquer característica que possa identificá-lo à homossexualidade. Isso implica

negar, também, qualquer característica capaz de aproximá-lo ao feminino: “os homens que não mostram sinais redundantes de virilidade são associados às mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). A atitude social de cobrança aponta para a crença, de senso comum, na existência de um elo imediato entre orientação sexual e construção de gênero, como se fossem correspondentes: “Por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2003, p. 26).

Confusões desse caráter, com as quais nos deparamos frequentemente, acabam por problematizar não somente as relações interpessoais, como também as identificações pessoais. É nesse sentido que intencionamos abordar noções de gênero e sexualidade, ou seja, considerando e compreendendo a imersão em uma sociedade patriarcal, heteronormativa e padronizante, a qual elege modelos a serem seguidos e respeitados.

A sociedade normativa, além de eleger a imposição binária “masculino/feminino” como únicas formas possíveis de identificação de gênero, confunde este com orientação sexual e esta com prática sexual, de modo a tornar a diversidade de gênero mais um ideal necessitado de defesas, do que um conceito respeitado e aceito. A busca incessante por uma uniformização de comportamentos que seriam adequados à definição binária de gênero colabora com o surgimento e reforço de estereótipos de comportamentos relativos ao masculino e feminino: “Durante muito tempo, os homens que tinham relações sexuais e/ou amorosas com outros homens não foram tanto definidos pelas suas práticas sexuais, mas por seu gênero (feminino) e por seu papel (passivo)” (TAMAGNE, 2013, p. 424).

Mais do que um posicionamento frente aos binarismos, (homem/mulher; hétero/homo; gay/lésbica; etc.) compete-nos pensar a sexualidade como conceito em âmbito geral que engloba todas as formas possíveis, sendo assim diverso. Capaz de funcionar como identificação de qualquer relação interpessoal “sexualizante”, independentemente de relacionar-se a um objeto de desejo com genitália igual ou diferente. Embora saibamos da complexidade, da carga social e do arcaísmo de tais ideais binários acreditamos que fazendo isso estaríamos enfrentando, ou mais do que isso, desafiando as terminologias categorizantes, como “heterossexualidade”/“homossexualidade”. Afinal, qual é o sentido do combate aos

estereótipos se as rotulações terminológicas não forem questionadas? Versaremos a esse respeito mais adiante.

Logo, não nos interessa, ou não nos cabe mapear detalhadamente as possíveis “orientações sexuais”, da mesma forma que não nos interessa refletir o gênero como fundamento ou justificativa de uma inclinação a qualquer orientação sexual. Mas sim os caminhos culturais e sociais, ou seja, as experiências particulares capazes de desenvolver comportamentos específicos, ponderando a relação, ou não relação disso com a orientação sexual.

Para tal, há a necessidade imediata de trabalharmos a desconstrução do ideal de “inclinação” de um gênero a determinada orientação sexual, como se fosse predisposto a ela. Sendo a heterossexualidade, no *ranking* das sexualidades, aquela que detém o ideal de naturalidade:

Fala-se tanto de orientação sexual, opção sexual, mas ninguém ainda pensa na heterossexualidade como algo opcional [...] a heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual (MISKOLCI, 2016, p. 14-15).

Há que se referenciar, ainda, a disseminação e a potência desse ideal normativo. A internalização da heterossexualidade como algo natural ao ser humano acaba, assim, por atingir toda a população, seja ela hétero, ou homo: “Gays e lésbicas normalizados, que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes da heteronormatividade” (MISKOLCI, 2016, p. 15). Por outro lado, a internalização desse conceito é tamanha a ponto de fazer-se presente como construção ideológica mesmo em pessoas que não mantêm relações afetivas com indivíduos do sexo oposto. Mesmo estas são levadas a reproduzirem o ideal da heterossexualidade como natural e o restante das sexualidades como “opção”.

Isso dialoga diretamente com o ideal de orientação sexual, visto, muitas vezes, com olhares de questionamento, além de tratado, frequentemente, como “opção”, de modo a desconsiderar impossibilidade de escolha quando se trata do fator “desejo”:

A abordagem culturalista apresenta fendas, quando privilegia a ideia de uma “opção sexual”. Alguém escolhe seu próprio desejo? Talvez periféricamente, mas não até o ponto de determinar se sentirá *atração definitiva* pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo. Assim, não creio que 99% das pessoas que se sentem homossexuais poderiam dizer que fizeram uma opção. Ao contrário, sentiram-se levadas por uma tendência interior. Eventualmente, elas tiveram sim que *assumir* sua homossexualidade no nível social, mas o rumo para onde apontava seu desejo – alguém do mesmo sexo – já estava forçando sua escolha (TREVISAN, 2007, p. 34, grifo nosso).

A busca pela padronização parece-nos alarmante. As exigências sociais quanto aos relacionamentos interpessoais não se prendem unicamente à heteronormatividade. Trevisan aponta para a tentativa social de regulamentar não somente a orientação sexual, como também o desejo sexual. Uma vez “assumida” a orientação sexual há a obrigatoriedade social, validada a partir de cobranças e julgamentos, de manter esse “perfil”, como se o desejo fosse homogêneo, exclusivo e imutável. Em vista disso, o homossexual, além de desviar-se da tradicionalmente esperada e aceita heterossexualidade e ter o foco de seu desejo tratado como “opção” passível de mudança e fruto exclusivo de uma “escolha”, é novamente alvo de preconceito se não mantiver inalterado o foco de suas relações amorosas e sexuais. Logo, quando se pensa em heterossexualidade, o tratamento volta-se à inclinação natural, independentemente de “escolhas”, ao passo que quando se trata de homossexualidade insinua-se o fator arbitrário, “opcional”.

Ainda a esse respeito, há o fardo da ideia de “assumir” a orientação sexual. Quando se trata de heterossexualidade, a relação com a naturalidade impede que haja a necessidade de assunção. Não obstante, vinculado à homossexualidade, o ideal de “assumir-se” é quase inerente. Assim, refletimos, se a heterossexualidade é vista como natural, à sexualidade homo atrela-se o desvio, de maneira a esperar-se do indivíduo que não “se encaixa” nos padrões heteronormativos uma postura de validar e acatar, perante a sociedade, seu não enquadramento, e a partir disso resta a ele aguardar os julgamentos sociais. Sendo assim, àquele que não “assume” sua homossexualidade, mas nela enquadra-se, de acordo com os preceitos estigmatizantes dessa sociedade, resta o não pertencimento. Trata-se, logo, de duas vias sofríveis, dois caminhos repletos de tensão e conflitos para esses indivíduos.

Consequentemente, não podemos deixar de refletir os sentidos inferidos pela ideia de “assumir”, a qual se tornou de uso comum à comunidade *gay*, mas que a nosso ver não deixa de carregar estigma. Não é coincidentemente que esta palavra seja a mesma utilizada em situações que envolvam culpabilidade: assume-se o erro, ou a responsabilidade. Compreendemos, então, esse vocábulo como carregado de significações problemáticas, desta forma taxativo no que se refere à relação com orientação sexual. O estigma do homossexual perante à sociedade inicia-se com análise de seu padrão de comportamento, o qual é julgado e visto negativamente caso não obedeça às regras sociais de como portar-se,

proporcionando pressões psicológicas, ou mesmo, erroneamente, conforme aludimos, confusões a respeito do gênero, mesclando masculino e feminino. Intensifica-se a estigmatização no instante em que se vê o homossexual impelido a “assumir” uma orientação sexual muitas vezes ainda incompreendida, carregando o ato de “assumir” como um fardo, isto é, referente a uma ação que necessite de assunção, a que se atribua responsabilidade.

Trevisan desenvolve a reflexão a respeito da impossibilidade da “atração definitiva pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo”. É nesse sentido que notamos o impulso social de cobrar uma postura, não apenas sobre um posicionamento quanto à orientação sexual, assim como de imutabilidade do objeto de desejo. Dessa forma, ocorre um processo avaliativo do homossexual: avalia-se negativamente a assunção de uma orientação sexual diferente da hétero e, como que em um placar de pontuação, são atribuídos mais pontos negativos se o objeto de desejo não permanecer o mesmo após ter-se assumido homossexual. Há, assim, uma busca social por padronizar não somente as relações aceitas socialmente (heterossexualidade), como também tenta-se regulamentar mesmo o que não se aceita, ou não se compreende, como ocorre com a homossexualidade ou com a mutabilidade do foco do desejo sexual.

Há, por conseguinte, diversas regras a serem seguidas, variadas cobranças às quais os indivíduos não heterossexuais² são submetidos, desde questões comportamentais às relações interpessoais. Não obstante, vale ressaltarmos que esse quadro apresenta, atualmente, algumas mudanças e progressos em curso que viabilizam a participação desses sujeitos em grupos e comunidades próprias, algo que passa a despontar a partir do alavancar dos movimentos homo, sobre os quais discorreremos mais adiante.

Parte desse estigma gerador de exclusão evidencia-se a partir da busca por identificação de todos os tipos de relação interpessoal. Quando se tenta encaixar, ou enquadrar, ainda que com propósito de inclusão, mesmo as relações que fogem à norma vigente:

² Referenciamos-nos a “não heterossexual” e não diretamente a homossexual por quisermos abordar, nesse momento, não somente a homossexualidade como orientação sexual diferente da hétero, mas sim abranger todo e qualquer tipo de orientação sexual e/ou sexualidade.

Criar conceitos fechados de homossexual (ou bissexual) acabaria servindo mais aos objetivos da normatização do que a uma real liberação da sexualidade, inclusive por incentivar diretamente a política do gueto, do separatismo e do racismo sexual, numa *discriminação às avessas* (TREVISAN, 2007, p. 36, grifo nosso).

As nomenclaturas impostas a respeito de sexualidade e orientação sexual serão tema caro a nossa discussão considerando seu caráter duplo e avesso de utilidade e significação, uma vez que servem tanto para garantir visibilidade quanto para promover exclusão. Trevisan expõe a ideia de “discriminação às avessas” referindo-se à busca por identificação das relações através de nomenclaturas fechadas, promovendo, ao invés de inclusão, um separatismo que serve ao preconceito.

Se ponderarmos a eleição de termos como tentativa de representar os tipos de relação interpessoal seremos levados ao ideal de definição que, como o próprio nome diz, é pontual e fechado, portanto, talvez inadequado quando tratamos de algo tão diverso, como orientações sexuais. Cabe-nos, desta forma, refletir: qual é a utilidade dos termos identificadores de relação interpessoal? Há possibilidade de definir algo sem incorrer no separatismo? A emergência de uma sexualidade hétero pressupõe a existência de uma sexualidade homo, criando, assim, dois grandes grupos em uma relação de binarismo; mas e quanto àqueles que não se encaixam nas definições nem de um, nem do outro grupo? A esses resta que lugar e qual identificação? Ou ainda, se não nomearmos e identificarmos as relações interpessoais, como poderemos torná-las visíveis e consideráveis? Apesar de não acreditarmos haver resposta fundamentada e clara que dê conta de tais questões buscaremos levá-las em consideração ao abordarmos termos específicos, principalmente no momento dedicado às análises, bem como refletir a esse respeito quando o assunto referenciado possuir qualquer conexão com esses ideais.

Ao pensarmos sexualidade como algo plural e diverso, deparamo-nos com a seguinte reflexão foucaultiana: “O século XIX e o nosso³ foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das ‘perversões’. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais” (FOUCAULT, 1988, p. 44). Considerando,

³ Foucault refere-se ao século XX.

pois, os séculos XIX e XX como momentos mais abertos à emergência⁴ de sexualidades variadas, surge, paralelamente, a busca por identificação, como espécie de etiquetamento dessas variedades sexuais e, a partir disso, eclodem termos taxativos.

Ao falar da homossexualidade e da heterossexualidade, dos homossexuais e dos heterossexuais, a ciência médica faz com que se acredite que o mundo é de fato dividido entre uma categoria e outra. Esta maneira de ver as coisas combate outras maneiras de compreender a sexualidade humana [...] Combate também uma outra possível maneira de compreender a sexualidade humana como simplesmente *sexualidade* (FRY; MACRAE, 1985, p. 78).

Para além do binarismo hétero/homo, quando se trata de sexualidades e orientações sexuais surgem diversas denominações que parecem buscar identificar os tipos de relação interpessoal, para, assim, arriscar uma análise ou compreensão dos comportamentos, como se fossem retilíneos e independentes do fator “identidade”⁵. Enfatizamos que alguns desses termos que emergem são produtos do preconceito e, por isso, funcionam simplesmente como maneira de estigmatizar e taxar, ao passo que outros despontam em contextos formais, teóricos, científicos, como que para “identificar a diferença” a respeito da orientação sexual, o que não impedem estes de serem, assim como aqueles, também estigmatizantes, pois, de um modo ou de outro, o intuito final assemelha-se: tentar regulamentar algo completamente subjetivo e complexo para possuir definição terminológica.

Diante da brasilidade de termos populares como “bicha”, “viado”, “marica”, “afetado”, “pederasta”, “sapatão” ou “simpatizante”, há variações como “gay”, “lésbica”, “bissexual”, “travesti”, “transexual”, “transgênero”. Metaforicamente, é uma grande sopa de letrinhas numa confusão de nomes e siglas (GLS, LGBT, GLBTT) que tentam, de alguma maneira, instituir, intitular, denominar o que acaba frequentemente escapando pelo deslizamento entre o próprio nome ao atravessar características de identidade e/ou cultura, porque é contemporâneo (GARCIA, 2010, p. 272).

É evidente o caráter determinista, excludente e ofensivo de tais termos populares relativos às orientações sexuais, levando-nos a refletir a origem de

⁴ Utilizamos, aqui, o termo “emergência” não no sentido de começarem a existir variadas sexualidades, mas de uma abertura maior no que diz respeito à aceitação social de “heterogeneidades sexuais” se comparado a séculos, ou tempos anteriores.

⁵ Utilizamos esse termo com intuito de referenciá-lo como construído a partir de um processo social, abarcando vivências, relações pessoais e coletivas, isto é, todo o processo experiencial carregado de especificidades capazes de formar e integrar o indivíduo. Cada qual detendo, portanto, sua(s) identidade(s).

tantas nomenclaturas. Hipoteticamente, podemos considerar, inclusive, que o surgimento desses e de outros variados termos possam ser resultado da busca científica por designação do considerado como “diferente” do aclamado padrão. Considerando essa hipótese, surgem termos cujo intuito é nomear para abranger e aprofundar estudos, o que não os impede de proporcionar um caráter discriminatório, visto que o próprio ato de diferenciar para identificar é, por si só, excludente, justamente por promover o ideal do “diferente”, ou seja, aquele incapaz de adequar-se ao padrão de normalidade; e desses ramificam outros mais severamente estigmatizantes, como os mencionados na citação anterior. Por conseguinte, partilhamos da reflexão de Wilton Garcia (2010, p. 272) quando afirma crer que: “a diversidade sexual é muito mais complexa e ampla do que esses determinismos vazios e pouco confiáveis.” Todavia, ponderamos: ao mesmo tempo que podem proporcionar determinismos e exclusões, para que seja possível dar visibilidade à questão há a necessidade de recorrer a nomes, assim, não podemos deixar de refletir o dilema oriundo da manifestação desses termos.

Em diversos contos, os quais trabalharemos no levantamento do capítulo subsequente, há a alusão a tais termos; notaremos, inclusive, que alguns desses termos surgem mesmo quando o assunto central do conto não é a homossexualidade, este é o caso de contos como: “Dia dos namorados”, presente na obra *A máquina de fazer amor* (1980), de Wander Piroli, em que surge o termo “viado” marcando uma ofensa; ou em “Último desejo”, da obra *Lincha Tarado* (1980), de Dalton Trevisan, em que aparece o termo pejorativo “bicha”, também com objetivo de lançar uma ofensa; em “Queridinha da família”, de Autran Dourado, da obra *As imaginações pecaminosas* (1981) emergem os termos: “afetado” e “fresco”; em “Queridas vizinhas”, da obra *Livrai-me das tentações* (1984), de Deonísio da Silva, vemos a ocorrência do termo pejorativo “bicha enrustida”; em “Bodas de Narciso”, de João Gilberto Noll, do livro *O cego e a dançarina* (1980), deparamo-nos com o termo “homossexualismo”, o qual nos chama a atenção justamente por tratar-se de um termo caído em desuso desde o momento da despatologização da homossexualidade, a qual se dá em meados da década de 1970. Todavia, compreendemos que a proximidade temporal entre a queda do termo e a publicação da obra confere ao autor algo como um “álibi” para utilização do mesmo. Notamos, ainda, que esse termo surge também no conto “Ladies first”, da obra *Diana caçadora* (1986), de Márcia Denser, provocando-nos a pensar em algumas questões: trata-se

de uma abordagem terminológica descuidada? Quanto a essa reflexão adiantamos enfatizando que não cremos ser plausível essa explicação, justamente por conta desse “álibi” que referenciamos; ou, por outra perspectiva, o narrador, em cada um dos casos, assume uma postura de julgamento da homossexualidade como patológica? Ou seria uma demonstração de preconceito, ou desconhecimento do desuso do termo, a partir do posicionamento dos personagens? Questões que ansiamos responder no momento dedicado à reflexão desses materiais.

Ainda a respeito da fixação terminológica como meio de definição do indivíduo, ou de sua sexualidade, ou de um comportamento específico, Trevisan (2007, p. 36-37) alude que:

A cultura precisa criar “artefatos de fixação de identidades”, que são esses predicados provisórios, indicativos de características pessoais e agregados ao eu. Daí porque é falacioso identificar o sujeito inteiro exclusivamente por um determinado modo de ser, ou seja, transformar em substantivo aquilo que de início era adjetivo qualificativo. A sociedade age assim, muitas vezes perversamente – o homem judeu tornou-se *o judeu*, a mulher negra tornou-se *a negra*, o rapaz adolescente tornou-se *o adolescente*. Em oposição às pessoas “normais”, aquelas que transam com o mesmo sexo tornaram-se *os/as homossexuais*.

A substantivação, por si só, já é um ato determinante de rotulação, uma vez que se substantiva, evidentemente, aquilo que se quer nomear. Mesmo não havendo necessidade, ou obrigatoriedade de discernir, ou classificar, a sociedade busca identificações próprias dos sujeitos, capazes de suprirem sua ânsia pelas rotulações.

Apesar de nos posicionarmos contra determinismos terminológicos não há como negar ou evitar sua existência. Considerando a emergência e aderência do termo utilizado para designar pessoas cujo foco de desejo amoroso e/ou sexual seja aquele que detém a mesma identificação de gênero; e por intencionarmos um enfoque sobre a perspectiva literária em relação a essa sexualidade, denominada “homo”, vale-nos tomarmos conhecimento a respeito do surgimento do termo designatório desses indivíduos:

Os estudiosos buscavam conhecimento de todos os aspectos da *sexualidade desviante*. Mas, para viabilizar suas abordagens era necessária uma definição rigorosamente científica. Surgiu então a figura clínica do *homossexual*, termo lançado originalmente em 1869, na Alemanha, pelo médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, e desde então amplamente utilizado pela ciência, inclusive no Brasil⁶ (TREVISAN, 2007, p. 37, grifo nosso).

O conceito de “sexualidade desviante” remete ao ideal de heteronormatividade pautado na sexualidade hétero e em suas normas comportamentais como padrões a serem respeitados e seguidos, conferindo às outras a posição de desvio. Não podemos deixar de notar o lançamento do termo atrelado à medicina. A esse fator relacionamos o estudo da homossexualidade, até meados da década de 1970, não como sexualidade desviante, ou “anormal”, mas como doença a ser identificada e tratada: “agora considerado doente, o pederasta não era mais culpado por transgredir a norma, o que significava a sua inimizabilidade, do ponto de vista jurídico. Tal fato teria consequências imprevisíveis, por empurrar a sexualidade para o território da psiquiatria” (TREVISAN, 2007, p. 177).

A homossexualidade, assim como quaisquer sexualidades vistas como “desviantes”, foi, por muito tempo, tratada como comportamento passível de estudo e análise no campo da medicina, seja em termos fisiológicos ou psicológicos. Avaliava-se forçadamente, no sentido de aprisionamento e restrição de convivência, a estrutura fisiológica dos indivíduos “detectados” como homossexuais e buscavam-se explicações genéticas ou relativas à estrutura própria do organismo capazes de revelar características que pudessem ser atreladas à homossexualidade, ou ao desvio da heterossexualidade padrão.

Os médicos tinham conceitos sobre o que era normal ou anormal, que os orientavam para caracterizar o homossexualismo como doença ou não. Tentavam discriminar os homossexuais como passivos, ativos, mistos e procuravam também *causas* para explicar a existência de homens assim, fossem hereditárias, psicanalíticas, biotipológicas ou endocrinológicas (GREEN; POLITO, 2006, p. 21, grifo nosso).

A tentativa de “decifrar” a homossexualidade e de estabelecer padrões de comportamento, definindo até mesmo as atitudes sexuais como

⁶ Sendo que, em termos de Brasil, passou-se a reconhecer e utilizar mais amplamente o termo a partir de seu surgimento na obra de Francisco José Viveiros de Castro, *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual* (1894).

marcadoras de atividade ou passividade, deflagra o rompimento da privacidade do homossexual, além da veemência da medicina ao pensar a homossexualidade como doença passível de “cura”; e tratar o homossexual como portador de uma aberração tanto orgânica quanto psicológica, tornando-o cobaia de estudos. “Como tratar os homossexuais? As sugestões seguiam vários rumos. Antes de tudo, prevenir através de uma educação que fortaleça o caráter, *reitere a virilidade*⁷ e ensine o respeito pela sociedade – processo enfatizado desde os higienistas do século XIX” (TREVISAN, 2007, p. 188, grifo nosso). Visava-se o tratamento a qualquer custo, acreditava-se que “inclinações homossexuais” podiam estar relacionadas a falhas no caráter ou mesmo na educação doméstica, atrelando, pois, a homossexualidade masculina ao desrespeito; além da crença sobre a ausência de virilidade como marcadora do comportamento “homo”. Buscava-se, por isso, meios de recuperar essa “virilidade perdida”, conforme indica-nos Paulo Sérgio do Carmo (2011, p. 286).

A partir de meados do século XIX, pode-se dizer que a medicina vinha tentando ou propondo as mais diversas teorias e experimentos para a “cura” dos homossexuais [...] estudos e técnicas de intervenção foram realizados na mente e no corpo daqueles homens que preferiam se relacionar sexual e efetivamente com outros homens.

Momento, portanto, marcado pela busca de uma “cura” para tal “doença” através de tratamentos humilhantes, hoje percebidos como torturas tanto psicológicas quanto físicas: “a terapia de insulina e eletrochoque era usada em pacientes homossexuais até mesmo quando não havia sinal de comportamento esquizofrênico, e a intenção parecia antes ser disciplinar do que curar” (GREEN, 1999, p. 232). Buscava-se restringir o convívio dos homossexuais com a sociedade vista como “normal” encarcerando-os em clínicas de tratamento visando à reintegração somente após a “cura”. Por vezes esse aprisionamento ocorria voluntariamente, diante da não aceitação em relação ao não pertencimento à sociedade “normal”; outras vezes decorria da pressão de familiares, ou mesmo de maneira compulsória.

⁷ Confundia-se, comumente, homossexualidade com falta de virilidade, como se o que hoje compreende-se como “orientação sexual” estivesse atrelada aos comportamentos e, mais ainda, ao “ser homem”, “ser macho”. Trataremos mais à frente de uma abordagem mais aprofundada em torno do conceito de virilidade e das provas que o envolvem.

É extensa a aproximação entre médicos e aparato jurídico-policial, cabendo à polícia capturar homossexuais considerados delinquentes e entregá-los a pesquisadores do campo da medicina para “estudos”. Uma vez *apanhados pela lei*, os homossexuais teriam dois destinos distintos, mas idênticos do ponto de vista do seu resultado: o confinamento. Se o conhecimento médico atestasse sua “doença”, poderiam ser encaminhados para tratamento clínico específico; se não, poderiam ser tratados como criminosos comuns. E, se houvesse uma doença, os médicos também planejavam os “remédios” e as “profilaxias” possíveis ao caso (GREEN; POLITO, 2006, p. 21, grifo nosso).

Conforme nota-se nesse trecho, além do âmbito médico e psicológico, a homossexualidade foi, na década de 1980, estigmatizada também em meio jurídico e legal, relegada à marginalidade, com intensas tentativas sociais de validação como ilegalidade: “Apesar de não haver, no Código Penal Brasileiro, nenhuma menção da homossexualidade como crime, podemos ver que a medicina legal se achava no direito de sugerir ‘ação médico-correccional’ para os delinquentes, além de punição do crime específico de que eram acusados” (FRY; MACRAE, 1985, p. 69). A lei funcionava, então, como aparelho de controle de qualquer manifestação da homossexualidade, seja por medo das punições, as quais ocorriam de acordo com Carmo (2011, p. 281), “ainda que de forma indireta, em decorrência dos termos vagos de alguns artigos”, seja pela alegação médica sobre necessidade de tratamento e restrição de convívio.

Se é verdade que, no Brasil, as investidas psiquiátricas contra os homossexuais nunca chegaram a criar instituições especializadas, nem por isso as sugestões de crescente psiquiatrização da prática homossexual deixaram de ser, a partir da década de 1920, periodicamente reiteradas por autoridades médico-policiais do país, preocupadas com a defesa da “*sociedade sadia*” (TREVISAN, 2007, p. 187, grifo nosso).

Tinha-se, então, um sujeito homossexual marcado como portador de uma espécie de vírus⁸ capaz de contaminar a denominada “*sociedade sadia*”: aqueles que permaneciam no campo da normalidade heterossexual. O homossexual era não somente visto como doente, como também considerado capaz de influenciar a *sociedade sadia* transmitindo sua “doença”: “Como se acreditava que a

⁸ Vale ressaltar que essa patologização da homossexualidade, a qual nos referimos, não possui relação, ainda, com a questão do HIV, outro fator de estigma do homossexual que irrompe na sociedade brasileira em meados da década de 1970, logo após à despatologização, tanto pela medicina quanto pela psicologia, dessa sexualidade. Degradando, mais uma vez, a imagem do homossexual, o qual se torna julgado como detentor exclusivo, assim, culpado pelo vírus.

homossexualidade podia ser adquirida, ter relações sexuais com rapazes mais jovens constituía uma forma de ‘corrupção da juventude’, que ameaçava o futuro da nação privando-a de sua força viril” (TAMAGNE, 2013, p. 439). À homossexualidade⁹ relacionava-se, portanto, além do ideal de falha de virilidade, também o rótulo de pederastia, como se houvesse alguma relação intrínseca entre essa orientação sexual e a corrupção de menores.

A religião¹⁰, tal qual a medicina e a lei, inibia e repreendia as relações homossexuais, considerando-as como pecado gravíssimo, passível de exclusão da comunidade religiosa. Também participando, por conseguinte, dos esforços para a tentativa de controle da homossexualidade, de modo a impelir os homossexuais à posição de deslocamento proporcionando a eles, desta maneira, além do sentimento de culpa, a sensação de rejeição e o ideal de não pertencimento, nem mesmo à “acolhedora” igreja: “Os religiosos alertavam para o pecado que adolescentes e adultos cometiam quando sentiam atração sexual por pessoas do mesmo sexo, reforçando, assim, as normas sociais vigentes e inculcando profundo sentimento de culpa nos fiéis” (CARMO, 2011, p. 284).

A partir desses intensos debates e atitudes (médicas, psiquiátricas, legislativas, religiosas), sempre excludentes, ao “etiquetado” homossexual restou, além da fuga e do medo, a busca pelo reconhecimento, tanto de uma orientação sexual que pudesse dar conta de seu (até então) considerado “comportamento desviado” quanto de seus direitos como sujeito pertencente à sociedade. Afinal, não restara muito ao indivíduo que fosse considerado homossexual, ou seja, anormal, doente, criminoso, e, como se roubando-lhe a última das esperanças de pertencer a algo: pecador.

Em meados da década de 1970 começa, então, a desenvolver-se um entusiasmo que desemboca no surgimento de movimentos¹¹ em prol dos direitos dos homossexuais, bem como considerações teóricas fundamentadas carregando visões diferentes daquelas exclusivamente estigmatizantes, de maneira a

⁹ Ao referirmo-nos, neste e em outros casos semelhantes, à homossexualidade sem indicativo de masculino ou feminino infere-se que tratamos dos homens, visto que esta dissertação aborda, majoritariamente, a homossexualidade masculina.

¹⁰ Relembramos o intuito de discutir a repercussão da homossexualidade em termos de Brasil, estendendo excepcionalmente ao ocidente. Portanto, quando se trata de questões relativas à medicina, à lei, ou à religião, a referência geográfica e o contexto histórico restringem-se, neste estudo, às dependências da nação brasileira.

¹¹ O capítulo subsequente tratará de maneira mais aprofundada da questão referente aos movimentos emergentes em defesa do homossexual, bem como a teoria *queer* e seus ideais.

impulsionar um posicionamento científico que repensasse a categoria de doença, estigma do homossexual: “Em 1973, após intensos debates, a Associação Norte-Americana de Psicologia removeu as referências à homossexualidade como distúrbio, embora os tratamentos de pacientes incertos de sua orientação sexual tenham continuado até o final da década de 1980” (STEARNS, 2010, p. 274).

Sequencialmente, atestada a sanidade dos indivíduos homossexuais abandonando, pois, a busca da “cura” e adentrando um universo de consideração da homossexualidade como orientação sexual e não mais como desvio, restou a necessidade de adequação do termo portador de sufixo determinista relacionado, exclusivamente, à doença. Buscou-se, naquele momento, um emprego terminológico que melhor representasse uma sexualidade “quase livre” da condenação de “doente” para tornar-se uma possível orientação sexual:

A partir do final do século XX, surgiu a preocupação de descartar o emprego do termo homossexualismo, visto que o sufixo “ismo” nos remete à categoria de patologia. A palavra original deu lugar a homossexualidade, por ser *menos* discriminatória, mais isenta e ampla. Foi proposto, em seguida, o emprego de homoerotismo como mais adequado para descrever as práticas ou desejos dos sujeitos em sua pluralidade, afastando-se da noção de que a *orientação sexual* de um homoerótico possa ser desvio, anomalia, degeneração, doença, ou mesmo um conjunto de comportamentos predeterminados pela sociedade (CARMO, 2011, p. 303, grifo nosso).

É importante considerar o valor da apresentação terminológica e suas decorrências. Como discutido anteriormente, qualquer esforço destinado a etiquetar nomeando sexualidades é desprovido de sentido e repleto de estigma, já que se busca nomear “o diferente”, aquele que foge ao padrão. Logo, a reelaboração do termo não elimina por completo o caráter discriminatório da relação entre pessoas do mesmo sexo; o que promove é uma forma de livrar-se do caráter patológico adotando uma maneira de referenciar-se pouco menos estigmatizante.

Apesar da clara evolução do pensamento a respeito da homossexualidade, houve, conforme apontamos, momentos de retrocesso ignorando o embasamento científico que desconsiderava a homossexualidade como desvio produzindo discursos completamente estigmatizantes, não mais em equilíbrio de abordagem com outras instâncias, como é o caso do seguinte pronunciamento religioso:

O fosso conceitual assume maior profundidade agora, separando ainda mais os homossexuais da Igreja, depois que o novo Código de Direito Canônico, promulgado em janeiro de 1983 pelo Papa João Paulo II, incluiu a homossexualidade entre os “distúrbios sexuais graves” que justificam a nulidade do casamento religioso. Para as minorias eróticas foi um terrível retrocesso, pois o Código anterior, de 1917, pelo menos era omissivo quanto à homossexualidade (LIMA, 1983, p. 174).

Ainda que fossem inegáveis tanto o início de um reconhecimento científico da homossexualidade como orientação sexual quanto o avanço dos pensamentos a esse respeito, a postura da Igreja, nesse contexto de evoluções, foi marcada pelo recuo a um posicionamento taxativo e ainda mais intolerante se comparado a momentos anteriores. Em concordância com o posicionamento católico intolerante houve, na mesma época, uma movimentação evangélica interessada na exclusão dos homossexuais: “No fim dos anos 80, os deputados evangélicos uniram-se com aqueles que abraçavam a visão católica sobre a homossexualidade para opor-se a uma emenda constitucional proibindo a discriminação baseada na orientação sexual” (GREEN, 1999, p. 457). De modo a promover, além da evidente e completa exclusão do homossexual do meio religioso, uma indignação relativa aos esforços taxativos em um momento que, dadas as evoluções a respeito dessa sexualidade, deveria ser marcado pelo progresso. Em termos contextuais vale observarmos que a emergência do Código de Direito Canônico responsável pela taxação dos homossexuais como pertencentes à classe dos “distúrbios sexuais graves” deu-se em 1983, aproximadamente 10 anos após a homossexualidade ser desconsiderada como distúrbio, ou doença, pela Associação Norte-americana de Psicologia.

O conceito de “doença” que o pensamento católico contemporâneo incorporou à homossexualidade, sempre expresso com substancial fundamentação científica, assusta as minorias eróticas¹². É que antes, vista apenas como transgressão à lei de Deus, como pecado, havia a esperança, ainda que remota, de uma reinterpretação escriturística ou bíblica que, se não reconsiderasse a posição da Igreja em face da questão, pelo menos mantivesse a sua discussão a nível religioso, fora da órbita da ciência. Como “doentes”, os homossexuais, se já são alvo de incisiva reprovação como simples fiéis, no laicato, vêm-se, por outro lado, completamente rejeitados no ministério sagrado (LIMA, 1983, p. 174).

¹² Reiteramos que nos valem da perspectiva religiosa da época que compreende nosso recorte temporal, todavia achamos válido apontar para o fato de que atualmente esse movimento de negação e taxação da homossexualidade é apropriado mais pelas religiões evangélicas, sobretudo pentecostais, dada a rigidez de seus ditames.

Essa completa negação, registrada e formalizada, do homossexual perante a Igreja promoveu, de certa forma, a extinção da esperança de uma possível aceitação frente à sociedade, desenvolvendo o desconcerto, bem como, novamente, a intensa exclusão e estigma.

Diante desse recuo e do contexto histórico brasileiro pós-ditadura, portanto, pós-censura, em um movimento oscilante pautado nos desenvolvimentos científicos, médicos e legais, a homossexualidade passa a buscar representação própria, a reivindicar o direito de pronúncia, a adquirir e postular sua própria voz. Apossando-se, assim, de um discurso de caráter emancipatório e libertário.

Essa postura reacionária desencadeou movimentos dedicados à defesa e emancipação do homossexual, além da garantia de direitos e reconhecimento da homossexualidade como orientação sexual, logo, equiparada, ainda que sofrendo preconceito, à hegemônica heterossexualidade. É essa aquisição de voz que permite, ou colabora com a intensificação da temática homossexual em meio literário, questão sobre a qual pretendemos aprofundarmos nos mais adiante.

O fim dos anos 60 e o início da década de 1970 foram uma época de revolta política e social. As ideias da contracultura haviam penetrado no Brasil e influenciavam muitos jovens da classe média [...] A desestabilização dos códigos sexuais, especialmente nas questões da virgindade feminina antes do casamento e da heterossexualidade normativa para homens e mulheres (GREEN, 1999, p. 409).

A segunda metade do século XX é, em vista disso, uma importante fase no que se refere às conquistas no campo do reconhecimento da homossexualidade como orientação sexual. Certamente de maneira processual e gradativa repleta, pois, de avanços e retrocessos, mas que não pode deixar de ser encarado como momento chave para o olhar social à homossexualidade. Nesse sentido, concordamos com Peter Fry e Edward MacRae (1985, p. 119):

Temos uma visão otimista do futuro, porque realmente a vida dos que são chamados e dos que se proclamam homossexuais nesta década de 80 é seguramente menos penosa do que foi aquela dos que vieram antes, graças em grande parte aos movimentos homossexuais no mundo todo.

1.2 O PERCURSO HETERONORMATIVO

É necessário pensarmos o processo construtivo das diferenças entre as sexualidades, de modo a refletirmos a respeito das exigências feitas durante o percurso de desenvolvimento de um indivíduo moldado pelos padrões de comportamento social. Para tal, discutiremos a hierarquização das sexualidades que preconiza a heterossexualidade validando como modelo a ser seguido a relação entre pessoas do sexo oposto, ao passo que repudia aqueles incapazes de se encaixarem nesse padrão, restando a eles o pertencimento à classe estigmatizada da diversidade sexual:

O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou pelos indivíduos, da *superioridade da heterossexualidade* e da subordinação simultânea da homossexualidade. O heterossexismo considera um fato estabelecido que todo mundo é heterossexual, salvo opinião em contrário (WELZER-LANG, 2004, p. 120, grifo nosso).

O termo “heterossexismo”, apesar de dialogar com o ideal de heteronormatividade, agrega outra significação. Ao passo que o segundo aponta para a centralidade, ou normatização social da sexualidade hétero, o primeiro denota e exalta a crença na superioridade da relação entre pessoas do sexo oposto, em detrimento das sexualidades não heterossexuais.

Em relação à terminologia voltada à hierarquização das sexualidades há, ainda, a ideia de heterossexualidade compulsória abordada por Judith Butler (2003) referindo-se à obrigatoriedade da sexualidade hétero, quer dizer, à imposição da heterossexualidade. Essa compulsoriedade escraviza os indivíduos de modo a obrigá-los a adequarem-se à sexualidade hétero, como se essa fosse a única forma possível de sexualidade.

A institucionalização da heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária, em que os termos masculino e feminino se diferenciam da prática do desejo heterossexual, bem como se encarrega de restringir a produção de identidades que não estejam em conformidade com os eixos de um desejo que também seja heterossexual (SILVEIRA FILHO, 2010, p. 326).

Discutir o processo formativo do indivíduo é estar ciente dos “papéis”¹³ socialmente impostos àqueles pertencentes, ao nascerem, ao sexo feminino, ou masculino: “Os estereótipos sexuais personificam o acordo geral referente aos papéis atribuídos a homens e mulheres, meninos e meninas. São eles a matriz dentro da qual os seus próprios conceitos do que significa ser homem ou mulher – os seus esquemas sexuais – foram moldados” (TUCKER; MONEY, 1975, p. 11). Há uma infinidade de normas a serem seguidas para alcançar a aceitação perante a sociedade e desta forma receber o selo de pertencente, ou caso as regras não sejam respeitadas, rejeitado.

Desde muito cedo o indivíduo é colocado à prova perante a sociedade. Uma criança, assim como um adulto, possui obrigações sociais; dela são cobrados padrões de comportamento, posturas que reafirmem ou sejam condizentes com a identificação imposta de gênero, isto é, relacionada ao sexo biológico. “Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer ‘desvio’ é reprimido e recupera-se o ‘bom comportamento’” (FRY; MACRAE, 1985, p. 11).

Essa imposição comportamental parece possuir como finalidade principal a preocupação com a adequação ao padrão heterossexual, mesmo antes de o indivíduo estar pronto para discernir e compreender questões concernentes à sexualidade. A esse respeito, referenciamos o conto “Tia Vina”, da obra *Livrai-me das tentações* (1984), de autoria de Deonísio da Silva, em que nos é apresentada uma situação comum da vida adolescente: a puberdade. Há o detalhamento dos processos e de situações vivenciadas nesse momento de descoberta da sexualidade, evidenciando os questionamentos e confusões diante da obscuridade e desorientação sobre as diferenças entre homem e mulher e seus supostos direitos e deveres: “O ventre das mulheres podia dar fruto. E o nosso ventre? Então não éramos cheios de graça? Só as mulheres tinham graça? Só as mulheres tinham aquela graça? O senhor estava com elas. Conosco ninguém estava” (SILVA, 1984, p. 39-40). Geralmente, essa identificação ocorre a partir de modelos, de forma que a criança deva espelhar-se e seguir padrões comportamentais do pai (se menino) ou da mãe (se menina):

¹³ Conscientizamo-nos a respeito da problemática carga ideológica do termo “papel” para definir atuações sociais de acordo com gênero e/ou sexualidade, no entanto, fazemos uso do termo de maneira meramente explicativa, com intuito de aludir às “cobranças sociais”.

Conforme o pensamento freudiano, a identificação seria o princípio de aprendizagem que basta para explicar todo o desenvolvimento da personalidade. Em geral, identificação seria um processo pelo qual o indivíduo assimila características, atributos de outra pessoa, se modifica segundo um modelo. Para meninas seria a mãe (ou uma substituta); para menino, o modelo seria o pai (ou substituto). As qualidades atribuídas à masculinidade e feminilidade não são sempre rigorosamente as mesmas, mas é quase unânime associar o homem com maior agressividade, atividade, tendência a explorar o espaço, dominar [...] (SONENREICH E BASSITT, 1980, p.13).

Qualquer desvio aparente, ainda que coerentemente¹⁴ não tenha relação alguma com sexualidade, desencadeia uma série de questionamentos e julgamentos. Essa pressão repercute, naturalmente, no desenvolvimento do indivíduo de maneira a proporcionar insegurança quanto à formação da personalidade e da identidade, as quais, se não atenderem às expectativas das cobranças sociais, são negadas e inibidas.

Aos meninos são impostos controles pedagógicos relativos aos seus comportamentos e fantasias, que os fazem crescer achando que todos os demais são da forma como lhes dizem que deveriam ser. Quando não conseguem se comportar de maneira adequada para suprir as expectativas do engessamento patriarcal e machista, sentem-se problemáticos e diferentes [...] aos meninos é ensinado a silenciar quanto a seus problemas e dificuldades, desenvolvendo-se um mecanismo de afastamento das situações que envolvam vergonha e medo, sinais aparentes de uma fragilidade e de uma fraqueza que aprenderam não ser constituintes da masculinidade hegemônica (SILVEIRA FILHO, 2010, p. 328).

Isto posto, aos meninos são atrelados adjetivos relacionados à agressividade, força, poder etc. e vetados quaisquer comportamentos que se aproximem daqueles permitidos somente às meninas, como o medo, o choro, a delicadeza, a fragilidade, entre outros. Tais exigências culminam em demonstrar e defender uma postura dominante e viril, a qual dependerá de provações não somente durante o período da infância, como também no decorrer da vida adulta cotidianamente, de forma que qualquer deslize possa ser motivo para ter a virilidade e, conseqüentemente, a heterossexualidade questionadas.

¹⁴ Utilizamos o termo “coerentemente” com intenção de apontar que é incoerente, por motivos de formação tanto fisiológica quanto psicológica, esperar de uma criança um posicionamento relativo a uma orientação sexual específica, uma vez que não é natural às idades iniciais qualquer identificação nesse sentido. De maneira a tornar qualquer tentativa de julgamento social, nesse sentido, desprovida de coerência.

O estereótipo do “invertido” afeminado continua a impregnar as representações. O homossexual é ainda frequentemente percebido como um homem “fracassado”, aquele que falhou nos testes da virilidade. Importaria, portanto, para “ser um homem”, não parecer ou agir de modo a deixar pensar que se poderia ser homossexual (TAMAGNE, 2013, p. 425).

O desenvolvimento infantil, se pensado como longo e complexo passando por problemáticos enfrentamentos naturais ao processo, é prejudicado por cobranças que envolvam questões de gênero e sexualidade, por não ser natural à criança a relação com tais assuntos, podendo proporcionar “conflitos internos” de cunho identitário comprometendo o processo de formação individual.

O discurso homossexual insurge-se enérgico contra uma sexualidade da criança pedagogizada pela família ou pela escola. Meninos e meninas não podem ser vistos como apêndice do adulto em termos sexuais e, no reconhecimento da unidade criança-adulto, deve estar o direito de os menores de idade praticarem livremente o amor multiforme como bem entenderem. Permitir que a criança e o adolescente assumam sua identidade homossexual é um desses direitos pregados pela inteligência homoerótica, tendência que não pode ser reprimida se for essa a inclinação de sua libido (LIMA, 1983, p. 146).

Qualquer repressão à criança, ou ao adolescente, no sentido de influenciar ou impedir o reconhecimento da própria sexualidade é, também, além de um ato de privação de liberdade, uma perversa forma de controle social, causadora de indivíduos robotizados e programados para agirem de acordo com o que prega a sociedade. Posto que, conforme Foucault (1984, p. 178): “o Eros pode unir seres humanos qualquer que seja seu sexo”, isto é, não há, ou melhor, não deveria haver, segundo esses preceitos, um parâmetro de relação pré-estabelecida como natural atrelando aquilo que a ela não se enquadre, ao desvio.

Esse sistema de padronização social acaba por promover, a nosso ver, três tipos de indivíduos: o *hétero ideal* (figura que, apesar de idealizada pela sociedade normativa, não é livre de fraquezas), modelo não somente pré-moldado, seguindo ideais patriarcalistas e ortodoxos, como também inseguro e incapaz de expressar sentimentos (sendo o sentimentalismo uma característica comumente agregada à figura feminina); o *homossexual assumido*, socialmente rotulado como diferente por não se encaixar nos padrões comportamentais, portanto, rejeitado; ou mesmo aquele que, apesar de não se sentir pertencente à classe dominante e padronizada, por medo de estigma e rejeição, faz uso de máscaras sociais para

encobrir características que levem a um possível “não enquadramento”, isto é, o “*enrustido*” (pensando no significado da palavra que remete àquele que esconde, oculta, e não no sentido pejorativo que ela carrega).

Diante disso, o que resta a esses três tipos de indivíduos são enfrentamentos, cada qual a sua maneira: “o *enrustido*” ou é impelido a viver o caos de uma vida dupla conseguindo desvencilhar-se de seus disfarces somente quando livre dos olhares da sociedade, ou passa a vida tentando negar, com repúdio, sua personalidade e interesses: “de fato, sempre foi possível, para um certo número de homossexuais, ‘passar’ como sendo heterossexuais. Diante da estigmatização, os homossexuais tinham aprendido a dissimulação, separando a esfera privada da esfera pública” (TAMAGNE, 2013, p. 433). *O homossexual assumido* fica à margem da sociedade, sofrendo preconceito e vivendo situações de constrangimento e coibição; enquanto “o *hétero ideal*”, por sua vez, posiciona-se como detentor do direito de realizar julgamentos sobre os que não foram capazes de encaixarem-se, mas ainda assim vive reprimido e dominado pela insegurança de não corresponder às exigências que formariam o “homem de verdade”¹⁵, de falhar nos “testes de virilidade” perdendo, assim, a regalia do poder¹⁶ e o direito de domínio: “Este homem viril no modo de se apresentar e em suas práticas — portanto não efeminado, ativo, dominante, pode aspirar aos privilégios de gênero” (WELZER-LANG, 2004, p. 121).

Diante dessas obrigações e posicionamentos perante a sociedade, os indivíduos veem-se sujeitados ao binarismo massificado do casal heterossexual, promovendo, não somente cobranças individuais de comportamento, como também de relacionamento interpessoal.

A massificação da ideia do casal heterossexual como o modelo da correção e da “normalidade” contribui para a manutenção do estereótipo da figura masculina como sendo viril e dominadora na relação, exercendo suas funções no espaço público, enquanto a figura feminina seria o polo passivo e submisso, restrito ao ambiente interno do lar (SILVEIRA FILHO, 2010, p. 326).

¹⁵ “Cada homem, competindo com os outros, deve mostrar durante o tempo todo, e mais que qualquer outra coisa, que ele é um homem ‘de verdade’” (WELZER-LANG, 2004, p. 117).

¹⁶ A esse respeito, ponderando as maneiras de deter e exercer o poder vinculado ao masculino mais próximo do hegemônico, vale-nos citar Guacira L. Louro (1997, p. 38-39): “deve-se supor que o poder é exercido pelos sujeitos e que tem efeitos sobre suas ações. Torna-se central pensar no exercício do poder; exercício que se constitui por ‘manobras’, ‘técnicas’, ‘disposições’, as quais são, por sua vez, resistidas e contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas”.

De maneira contributiva, o modelo heteronormativo e os padrões comportamentais de acordo com gênero e sexo são mantidos e reforçados, isto é, o acontecimento de uma coisa colaborando e naturalizando a ocorrência da outra. Não permitindo, então, que a característica da virilidade se afaste do masculino, bem como exigindo e reforçando que a submissão e a passividade permaneçam atreladas à figura feminina. Assim, qualquer desvio dessa norma proporciona a inversão dessa incumbência e/ou pertencimento. De outro modo, avaliam-se as atitudes masculinas e femininas de maneira a enquadrar no padrão estabelecido. Assim, hipoteticamente, se houver qualquer atitude (por parte do sujeito visto e validado como masculino) questionadora dessa postura viril, o homem é relegado, automaticamente, ao polo atribuído à feminilidade, determinante, ortodoxamente, de passividade e submissão. Atinente a isso, vale-nos a reflexão foucaultiana que trata da relação de domínio:

Não ceder, não se submeter, permanecer o mais forte, vencer pela resistência, pela firmeza, pela temperança (*sōphrosunē*) os pretendentes e os apaixonados: eis como o jovem afirma o seu valor no campo amoroso. Seria preciso imaginar sob essa indicação geral um código preciso e que estaria baseado na analogia tão familiar aos gregos entre as posições no campo social (com a diferença entre os "primeiros" e os outros, os potentes que comandam e os que obedecem, os senhores e os serviçais) e a forma de relações sexuais (com as posições dominantes e dominadas, os papéis ativos e passivos, a penetração exercida pelo homem e recebida por seu parceiro)? Dizer que não convém ceder, não deixar os outros prevalecerem, não aceitar uma posição inferior na qual se ficaria por baixo, é sem dúvida excluir ou desaconselhar práticas sexuais que seriam humilhantes para o rapaz e pelas quais ele seria colocado numa posição de inferioridade (FOUCAULT, 1984, p. 186).

Com esse fragmento trazemos para discussão a questão pertinente ao domínio vinculado às relações afetivas, conforme pudemos observar no trecho, a concepção foucaultiana estabelece um comparativo entre as relações afetivas/sexuais e as relações de poder que regia os gregos, de maneira a manter no domínio, ou sob uma postura de detenção do poder, aquele com maior capacidade de liderar, subjugando a ele todos os outros incapazes de assumirem esse posto. A isso Foucault atrela a relação de atividade e passividade masculinas, de modo a traduzir a passividade sexual também como forma vista, ou considerada como inferior.

Da mesma forma que se relaciona a figura feminina à fragilidade ou incapacidade, relaciona-se o masculino que tenha, porventura, falhado nos testes de virilidade, também a essa figura, como se tudo aquilo que não alcançasse o padrão viril e dominante socialmente imposto fosse, naturalmente, passivo e submisso. Não havendo, neste caso, uma terceira possibilidade àqueles que não se adequem a esses parâmetros. O caráter compulsório da heterossexualidade faz-se visível nesse sentido.

Ainda a respeito da massificação do casal heterossexual e da padronização dos comportamentos dessa relação, quando se trata do relacionamento de casais homossexuais, a abordagem não é diferente, já que o casal homo é impelido a repetir o modelo comportamental padronizado do casal hétero. Assim, mesmo em relacionamentos afetivos que não possuam como constituição básica indivíduos do sexo oposto, é de senso comum esperar uma adequação aos comportamentos pertinentes ao modelo de relacionamento heterossexual, machista e patriarcal. Logo, espera-se, por exemplo, que esse relacionamento seja formado por um indivíduo que se apresente como ativo e dominante, exercendo, pois, a “função social”¹⁷ daquilo que se considera “o homem”, e outro relacionado à passividade, submetendo-se à assim considerada “figura masculina”, sendo imediatamente identificado com o “feminino”, não somente no âmbito das relações sexuais, mas quanto ao relacionamento de um modo geral. Tais parâmetros reforçam, além do caráter compulsório da heterossexualidade, o ideal de obrigatoriedade de polos opostos. Essa padronização heterossexual, mesmo em relações de sexualidade divergente da “hétero”, ignora as variadas possibilidades de manter-se um relacionamento afetivo e elege como requisito básico para a existência de um relacionamento: o respeito a esses padrões de comportamento estabelecidos aos casais.

Diante da impossibilidade de fuga dos parâmetros, sem rotulação, os indivíduos veem-se confinados a esses modelos comportamentais predeterminados vivendo sob domínio da insegurança de cometer qualquer deslize que possa questionar sua postura e enquadramento sociais.

¹⁷ Utilizamos, aqui, “função social” no sentido de indicar os parâmetros sociais que estipulam normas comportamentais para indivíduos determinados e/ou reconhecidos como pertencentes ao sexo masculino e outros aqueles que pertencem ao feminino.

O medo constante, existente para ambos os sexos, de uma possível não adequação aos modelos preestabelecidos de sexualidade acaba por não permitir aos seres humanos serem ativos e/ou passivos, viris e/ou submissos, masculinos e femininos, independentemente do seu sexo morfológico. A necessidade de se escamotear essa possibilidade amedrontadora acaba por não permitir às pessoas um questionamento que viesse a colocar em xeque todo um sistema patriarcal sob o qual se sustentam as civilizações modernas (SILVEIRA FILHO, 2010, p. 329-330).

Uma palavra que define e acompanha as relações interpessoais é “medo”. Os indivíduos são assombrados pelas cobranças sociais de comportamento em meio público ou privado e de adequação aos parâmetros socialmente construídos. Não atingir os tais preceitos significa falha, e o falhar tem suas consequências. Parece, pois, mais convidativo seguir à risca as exigências sociais e permanecer em acordo com a sociedade do que negar os padrões comportamentais e receber a etiqueta de “desviado”, relegado à exclusão e destinado a sofrer as demais consequências. No entanto, essa atitude de adequação, alimentada, muitas vezes, pelo medo, impede a possibilidade de alteração da postura patriarcalista e heteronormativa da sociedade. Notam-se, assim, duas vias com um caminho semelhante: seja por meio da percepção social da não adequação, ainda que se busque o encaixe nos parâmetros preestabelecidos, seja por meio da resistência e negação dessas normas, ambas as vias buscam driblar o medo e encontram um fim idêntico, o enfrentamento do preconceito.

Além disso há, ainda, a barreira intransponível da culpabilidade. Diante de tantos preceitos, normas, idealizações incutidas nos pensamentos dos indivíduos, todo comportamento ou tendência desvinculada daquelas esperadas pela sociedade pode promover a sensação de culpa. Descobrir-se não pertencente à “normalidade” ou ao padrão socialmente imposto pode causar não somente preocupação a respeito das consequências desse deslocamento, como também promover mecanismos de negação. Em outras palavras, a partir do momento em que o indivíduo reconhece o pertencimento a uma orientação sexual diferente da hegemônica heterossexualidade, em uma espécie de processo ele pode notar seu deslocamento, em seguida buscar negá-lo e, ao dar-se conta da impossibilidade de encaixe ao padrão hétero, um dos sentimentos possíveis de aflorar é a culpabilidade.

Tal sentimento, impulsionado pela pressão social, pode promover a busca desesperada por uma adequação fazendo com que o indivíduo, envenenado

pela internalização da sexualidade, ou melhor, da homossexualidade como algo a ser escolhido, imponha a si mesmo a obediência ao padrão de sexualidade que lhe é imposto, reforçando, ainda que não por vontade própria, mas por falta de opção diante da pressão sofrida, a errônea noção de “escolha” no que tange às sexualidades.

É nesse sentido que compreendemos a perversidade social capaz de homogeneizar sujeitos e seus comportamentos e excluir, deliberadamente, aqueles que não se adequem aos seus padrões. Estimula-se, desde a infância, os indivíduos a enquadrarem-se e saberem detectar e fugir da diferença. De maneira a proporcionar: de um lado, sujeitos perversos e normativos; de outro, sujeitos culpabilizados, confusos e excluídos, possuindo em comum somente a insegurança e o medo das consequências de “sair da linha”.

Apesar das evoluções no que diz respeito à consideração da homossexualidade como orientação sexual e não mais como “anormalidade”, de modo a questionar e colocar em xeque a exclusividade “hétero”, a heterossexualidade permanece soberana dominando tudo aquilo que não siga seus preceitos. Isto posto, torna-se evidente a carência social em buscar bipolaridades que se sobreponham havendo, portanto, sempre um dominante em detrimento de outro subjugado; apontando para a ideia foucaultiana a respeito de prazer e poder:

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espionagem, investiga, revela; e, por outro lado, prazer que se abraça por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir (FOUCAULT, 1988, p. 52-53).

Por outro lado, há que se considerar o pertencimento a uma sociedade que se deleita com o monopólio do poder e quer, a todo custo e em todas as instâncias, dominar qualquer grupo considerado inferior, ou incapaz de assimilar e obedecer suas normas.

Dito isso, consideremos a constituição básica, ou tradicional de família para essa sociedade. A partir da heteronormatividade, com alicerce nos parâmetros religiosos, espera-se do indivíduo, além do estabelecimento de relação

afetiva com o sexo oposto (considerando-se “família padrão” aquela formada por um homem e uma mulher¹⁸), a parceria exclusiva; e ainda, a instituição do casamento como obrigação social, de maneira que o homossexual encontra-se excluído dessa formação desde a primeira regra (que envolve a relação afetiva entre indivíduos do sexo oposto). À vista disso, acreditamos ser questionável essa rigidez acerca da tradicionalidade da constituição familiar; deve-se considerar a fragilidade da cobrança de caráter exclusivo dessa formação diante das evoluções a respeito da homossexualidade:

Há realidades que não podem *mais* ser escondidas. Família não é *mais* a formada exclusivamente por um homem e uma mulher. O reconhecimento da presença do vínculo de afetividade permite identificar como família a união entre pessoas do mesmo sexo. Assegurar somente aos heterossexuais a possibilidade de formar família afronta o princípio de igualdade. E, como vivemos em um Estado democrático de direito – e vivemos – não há como condenar à invisibilidade uma parcela de cidadãos. É uma forma muito perversa de exclusão (DIAS, 2010, p. 22, grifo nosso).

No fragmento, Maria Berenice Dias utiliza o vocábulo “mais” para referir-se à necessidade de mudança do ideal de família na contemporaneidade: “Família não é *mais* a formada exclusivamente por um homem e uma mulher”. A crítica engloba o pensamento a respeito da constituição familiar sugerindo que a mesma caminhe junto às evoluções a respeito dos conceitos de sexualidade e orientação sexual. De outro modo, se existem as relações interpessoais afetivas diferentes do padrão heterossexual, há que se considerar sua possibilidade de constituição familiar assegurando, pois, igualdade de direitos a todos, independentemente de sua orientação sexual.

Mesmo sendo evidente a necessidade de igualdade das orientações sexuais em termos de constituição familiar, a realidade que se figura parece outra. Em busca de enquadramento social, homossexuais em processo de negação, ou mesmo aqueles indivíduos que temem o rótulo, veem-se impulsionados, por vezes, a romperem com seus desejos e interesses sujeitando-se a casamentos por conveniência:

¹⁸ Novamente ressaltamos a abordagem em termos de Ocidente, mais especificamente no Brasil, considerando uma nação primordialmente cristã pautada em relações monogâmicas.

Parece correto que os homossexuais brasileiros que partem para o casamento fazem-no exclusivamente com o propósito de colocar-se a salvo da suspeita social. Em nossa cultura machista, o solteiro maduro é sempre visto como homossexual enrustido ou *gay* potencial, nunca um homem como outro qualquer. É sempre “diferente”. Uma situação realmente incômoda, da qual o casamento aparece como a única saída, ainda que o homossexual a rejeite no plano intelectual, como aqueles que procuram o matrimônio com medo da solidão e da velhice. Pode até casar e separar em seguida. Mas, o importante é que se case, pelo menos uma vez. Outra fonte de pressão terrível para forçar o casamento do homossexual é a família. Há pais que atormentam a existência do filho solteiro adulto com o problema do casamento. “É preciso casar, dar uma satisfação à sociedade, perpetuar o nome da família. Afinal, é ou não é homem?” É generalizada entre os homossexuais a queixa contra esse tipo de coação psicológica (LIMA, 1983, p. 86).

O excerto exposto indica-nos que o homossexual que parte para o casamento hétero o faz, exclusivamente, com objetivo de ver-se livre da suspeita social. Frente a isso, apesar de reconhecermos, nesse caso, o caráter generalizante e de certa forma arcaico de tal posicionamento, não podemos deixar de observar que a instituição do casamento apresentava-se, de fato, como um dos instrumentos de controle social, agindo de modo a coagir indivíduos a acatarem-na respeitando suas ordens e seguindo seus preceitos para que fossem aceitos como membros da sociedade. Isso, naturalmente, em termos da década de 1980, posto que nos conscientizamos a respeito da mudança nesse quadro com a passagem do tempo, cabendo aos dias atuais uma cobrança menos acentuada, apesar de não aniquilada. Conforme pondera Délcio Monteiro de Lima, esse enfrentamento não se direciona somente ao homossexual coagido a casar-se para pertencer à categoria dos “homens de verdade”, como também ao heterossexual “maduro” que, por sua vez, seguindo esse mesmo ideal, pode ter a “virilidade” questionada simplesmente por não contrair matrimônio. Isto posto, àquele que se define heterossexual há também um confinamento ao padrão comportamental, isto é, parece não haver opção nem mesmo para ele, uma vez que decidir por permanecer solteiro ao longo da vida o relegaria à sexualidade dos “não viris”, ou daqueles que não são “homens de verdade”.

À vista disso, interessa-nos refletir a respeito do ideal de “homem de verdade” e sua irônica relação com o padrão de virilidade calcado em princípios machistas e heteronormativos. Questionamos, desta forma, a validade desse conceito, o qual, ao nosso ver, impede a produção de sujeitos pensantes e

questionadores, já que qualquer postura de questionamento do ideal ortodoxo de “homem de verdade” implica a perda das regalias do gênero dominante propício apenas àqueles que se provaram homens de verdade seguindo, sem discutir, as normas impostas para ser assim validado. Isso se considerarmos que para provar-se “homem de verdade” o indivíduo deve passar por testes, os quais não lhe cabe questionar, mas sim “vencer”.

Seguindo essa lógica, em uma relação de oposição aos que negaram o esquema modelo de masculinidade, isto é, que não respeitaram seu sistema quebrando regras e rompendo com o pacto social, teria, então, restado o título de “homem de mentira”¹⁹? Qual seria a relação do ideal de homem com o conceito de verdade ou, seu oposto imediato, a mentira? Qual seria o “peso” desse ideal de “verdade”? A virilidade é ferramenta capaz de carregar esse potente ideal? Inclino-nos a essas e outras futuras ponderações no sentido, não de buscar uma ortodoxa resposta, mas de tentar compreender essas questões se houver lógica compreensível e interpelar, se houver motivações e condição (e há) que possibilitem a objeção.

Ainda que não seja nosso intuito desvendar a necessidade de se estabelecerem padrões binários na construção de gênero e sexualidade, bem como comportamentos preestabelecidos e padronizados vinculados a um ou a outro gênero e/ou sexualidade, vale-nos refletir os percursos de construção “identitária”²⁰ capazes de levar o indivíduo a pertencer a um ou a outro gênero categorizante.

Simone de Beauvoir, em sua canônica reflexão disposta na obra *O segundo sexo* (1949), aponta que: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” levando-nos a inferir que a ideia de identificação de gênero não possui ou não deveria possuir relação alguma com sexo biológico. Por este viés, torna-se evidente o caráter formativo da vivência social, a qual deveria remeter à liberdade no que se refere à construção²¹ pessoal de gênero e orientação sexual. No entanto, há

¹⁹ De acordo com Elisabeth Badinter (1993, p. 4): “A confusão chega ao cúmulo pelo fato de que a linguagem comum se refere com frequência ao *verdadeiro homem* para designar o homem viril. Isto significa que certos seres humanos só têm a aparência de homens mas são falsos homens?”.

²⁰ O termo “identitária” é aqui utilizado no sentido de refletir a formação pessoal do indivíduo quanto a todos os fatores capazes de definir sua exclusividade, assim, em termos de moralidade, culturalidade, formação de caráter, identificação de gênero e sexualidade, etc. Relacionado, pois, às vivências e experiências de modo geral (vide nota de rodapé 4).

²¹ Se por um lado vemos o percurso de formação identitária da mulher como produzido a partir de um processo construtivo que envolve emancipação, por outro encaramos o percurso do homem mais como um desenvolvimento permeado pela (des)construção, visto que ao masculino resta a fuga dos parâmetros e das excessivas normas de validação da masculinidade.

oposição a esse ideal no percurso de formação identitária. Trata-se muito mais de um processo influenciado e imposto, do que livre. Como discutido anteriormente, desde a mais tenra infância são cobrados posicionamentos comportamentais relativos ao gênero em que se quer encaixado determinado indivíduo. Esse bloqueio impede o sujeito de compreender seus próprios interesses podendo impeli-lo ao “não lugar”, ou melhor, ao deslocamento quanto às categorias binárias de homem/mulher, caso, por exemplo, não se identifique com nenhuma delas, ou mesmo, caso não se identifique, durante o processo de amadurecimento sexual, com o padrão de sexualidade “hétero”.

Diante desse exclusivismo binário, o indivíduo é impulsionado a tomar um posicionamento de gênero e sexualidade que satisfaça não seus interesses, mas a cobrança social. Ao menino que não se mostra valente, forte, capaz de controlar seus sentimentos, frequentemente, resta a relação com a figura feminina, de forma a ridicularizar seus atos e questionar sua postura. Afinal, segundo esses preceitos, não é próprio e digno de alguém que se quer homem demonstrar fraqueza e delicadeza: essas são características atribuídas, nesse esquema de padronização, exclusivamente à figura feminina.

Conforme refletimos anteriormente, não há uma “terceira categoria”. Qualquer desencaixe relativo a esses comportamentos que identificam o pertencimento ao ideal de masculino ou feminino leva, inicialmente, não a um encaixe a outra categoria, mas à ideia de enfraquecimento daquela à qual o sujeito “deveria” (a partir dos padrões sociais) pertencer; atribui-se a ele o questionamento da masculinidade ou feminilidade. Daí o conceito de “verdade” atrelado ao ideal do que é “ser homem”; a sociedade possui como padrão um único modelo de ser homem, ignorando, assim, a pluralidade da masculinidade e definindo que se o indivíduo não se adequa às atribuições que determinam o ideal de “ser homem” ele, definitivamente, não o é, ou não “de verdade”. Como se a masculinidade que se tem por hegemônica, a qual engloba a heterossexualidade, apesar de não ser atrelada exclusivamente à questão das sexualidades, fosse a única forma possível (ou verdadeira) de representar o masculino, o homem e mais ainda, o viril. A esse respeito versaremos no seguinte subtópico.

1.3 AS MASCULINIDADES

Antes de discutirmos a pluralidade do ideal de masculinidades, vale verificarmos a ironia diante do caráter ambíguo do conceito de virilidade, frente à proposição do que se define como masculinidade. De acordo com Florence Tamagne (2013, p. 426): “As próprias noções de virilidade (que, numa perspectiva essencialista, designaria uma suposta qualidade própria do sexo masculino) ou de masculinidade (que remete às diferentes construções do gênero masculino) se prestam à ambiguidade”. De outro modo, uma vez que se relaciona o ideal de masculinidades às variadas construções do gênero masculino, atribuir a virilidade à “qualidade própria do sexo masculino” deveria ser, portanto, relacionar essa característica a qualquer indivíduo que se inclua nesse gênero, independentemente de sua orientação sexual. Todavia, o que se tem, mesmo diante da amplitude desse conceito, é a completa exclusão do fator “virilidade” da essência do indivíduo homossexual, ainda que ele seja pertencente ao gênero masculino.

Ponderamos, por conseguinte, que o conceito de “virilidade” do ponto de vista social abarca muito mais uma construção de parâmetros do que o significado próprio e ambíguo desse vocábulo. Desvincula-se, pois, essa característica do gênero masculino e determinam-se provações e obrigatoriedades que tornem o indivíduo digno ou não desse marcante adjetivo. Ignora-se, desta forma, seu caráter intrínseco, como aponta Tamagne, ao gênero masculino como um todo, isto é, propício a todas as masculinidades, e inicia-se uma incessante busca por etiquetar e apartar os indivíduos que são merecedores do título daqueles que não o são.

Viver socialmente é, como sabemos, sujeitar-se ao julgamento positivo ou negativo (se é que há possibilidade de estabelecer uma relação de positividade com a ideia de “julgar”) e diante disso, em polos opostos, igualar-se ou diferenciar-se do padrão. Grosso modo, nesse esquema de busca por enquadramento, a posição do homossexual é a do “diferente” e do “julgamento negativo”, apesar de, ainda que menosprezado diante da hierarquia, pertencer à masculinidade tanto quanto o heterossexual.

As masculinidades abarcam, naturalmente, as hierarquias inseridas e reconhecidas no próprio gênero masculino, daí a pluralidade do conceito. Não obstante, a respeito da construção e significação desse conceito, considera-se,

também, a relação com o feminino a partir da perspectiva de dominante e subjugado:

As masculinidades, sendo construções temporais, históricas e culturais dependem das relações entre os vários modos de ser homem para se constituírem e para constituírem os próprios sujeitos que nelas se inscrevem. Também dependem das relações com a feminilidade para serem construídas, uma vez que o conceito de gênero aqui adotado tem um caráter profundamente relacional e interdependente (LOURO, 2003; 2004; MEYER, 2005, p. 1036).

Antes de discutirmos a hierarquia das masculinidades é imprescindível considerarmos o binômio masculino/feminino para pensar a razão do surgimento de um termo que enaltece a hierarquia, mesmo inserido em um gênero (masculino) por si só hegemônico, vitorioso, supremo, em detrimento de outro (feminino) subalternizado.

O conceito de masculinidade hegemônica foi originalmente formulado em relação ao conceito de feminilidade hegemônica - prontamente renomeada de "feminilidade enfatizada" para reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e das feminilidades em uma ordem patriarcal do gênero. No desenvolvimento de pesquisas sobre homens e masculinidades, essa relação saiu de foco. Isso é lastimável por mais de uma razão. O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265).

Deste modo, se pensarmos em masculino, seremos levados a considerar o feminino, sendo este subjugado e atrelado à noção de fragilidade, enquanto aquele detém o poder e o domínio. No entanto, para caminhar rumo à "hegemonia", ao homem são impostas provas sobre as quais já desenvolvemos algumas reflexões. Ainda que o masculino encontre-se em posição privilegiada em relação ao feminino, as hierarquias do próprio gênero aproximam ou distanciam seus membros da inalcançável hegemonia.

A posse de um cromossomo Y ou de órgãos sexuais masculinos não basta para definir o macho humano. Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. É mais raro ouvir "seja mulher" como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao adulto masculino é lugar-comum na maioria das sociedades. Sem ter plena consciência disso agimos como se a feminilidade fosse natural, portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada e a alto preço (BADINTER, 1993, p. 3-4).

Apesar de as mulheres serem impelidas a obedecerem regras de comportamento social, sendo estabelecidas certas normas às quais devem adequar-se — como demonstrar delicadeza, aptidão para serviços domésticos, para a maternidade, entre outros — a representação dessas cobranças não possui relação de semelhança com aquela ocorrida com os homens. As características atribuídas as pessoas do sexo feminino são naturalizadas como se fossem intrínsecas. A mulher que, porventura, não siga as determinações sociais talvez tenha sua “feminilidade” questionada, no entanto o que tende a ocorrer é um julgamento social mais de cunho questionador, no sentido de cobrar a adequação comportamental, do que excludente como o ocorrido com os homens que não seguem os padrões de masculinidade estabelecidos socialmente.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das *masculinidades subordinadas*. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. *Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legítima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens* (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245, grifo nosso).

O conceito de “hegemonia” atrelado à masculinidade, ao pressupor a existência de uma “subordinada”, leva não somente à pluralização do ideal de masculinidade que passa a abranger vários tipos de homem, ou maneiras de “ser homem”, como também hierarquiza esses “tipos” determinando regras comportamentais esperadas de um homem que intencione aproximar-se do ideal hegemônico. Além disso, esse ideal envolve, ainda, a noção de honra: reconhece-se como mais honrado aquele que se aproxime do caráter hegemônico relegando, não apenas à subordinação, como também à desonra aquele incapaz de adequar-se ou aproximar-se dos padrões hegemônicos.

Por existir uma hierarquia no que tange às masculinidades e, considerando as intermináveis regras para alcance do padrão hegemônico, achamos válido indicar, ao invés de “pertencimento”, a ideia de proximidade e afastamento do ideal de hegemonia masculina, visto que um pertencimento torna-se utópico dada a inalcançabilidade do padrão hegemônico:

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250).

Em vista disso, ser macho hegemônico vai além dos limites da sexualidade: é mais do que provar-se viril e, conseqüentemente, heterossexual. Relaciona-se, pois, a todas as categorias possíveis e imagináveis de hierarquização presentes na sociedade. Considera-se, assim, fator econômico, social, educacional, profissional, entre outros. Isso posto, nota-se a homossexualidade como apenas um dos fatores de subordinação do masculino. Isto é, em uma hipótese meramente explicativa, ainda que o indivíduo seja considerado heterossexual e viril, no entanto, seja pertencente à baixa classe social, o mesmo é afastado do caráter hegemônico por não “preencher” completamente os requisitos exigidos para enquadrar-se ao padrão do sujeito ocidental, isto é, branco, hétero, pertencente à classe média, entre outros; estará, portanto, “acima” (nessa escala gradativa) do homossexual, ou seja, daquele incapaz de provar-se viril, mas “abaixo” daquele pertencente à alta classe social. A isso atrelamos, ainda, a questão concernente ao homossexual afeminado duplamente excluído de acordo com esses parâmetros, posto que, além de encontrar-se à margem da sociedade por ser identificado como homossexual, é também marginalizado/ridicularizado mesmo pela comunidade *gay*.

Nesse contexto, a categoria da homossexualidade, à qual pertencem aqueles que segundo os preceitos sociais falharam nos testes de virilidade, é enquadrada, de forma intrínseca, no estigma das masculinidades subordinadas, por ser a virilidade um dos fatores de grande relevância para a “validação” do ideal de masculinidade. Por conta dessa hierarquização que prioriza e exalta um tipo de masculinidade em detrimento de outro, surgem o estigma e o preconceito em relação àqueles que se afastam do ideal hegemônico. Além do não pertencimento à masculinidade “honrada”, recebendo o estigma da subordinação, o homossexual sofre as conseqüências de pertencer a essa categoria:

A ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais. O conceito de homofobia originou-se nos anos 1970 e já estava sendo atribuído ao papel masculino convencional (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 244).

A validação de uma sexualidade (hétero) como padrão, central e normal e, portanto, atribuição do ideal de desviante a todas incapazes de enquadrarem-se às normas daquela eleita como padrão é anterior à discussão da hierarquia das masculinidades. O conceito de diversidade sexual, por carregar o estigma daquilo que diverge do considerado normal, ou natural, promove, desde exclusão à violência psicológica, verbal e física em relação aos “desviantes”. Daniel Welzer-Lang (2001, p. 465) considera “a homofobia como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero”.

Os estigmas homofóbicos confundem, desta forma, identidade de gênero com orientação sexual, de modo a aproximar a homossexualidade do ideal de feminilidade, ainda que seja o homem homossexual pertencente à categoria masculina. É a esse serviço que irrompe a pluralidade das masculinidades e a relação de dominante/subordinada, de maneira a escancarar esse engessamento das identidades de gênero e das orientações sexuais. Emerge, então, o termo “subordinada” capaz de enquadrar esse “masculino desviante” a uma categoria que abrange tanto o masculino, por pertencerem (os homens homossexuais), a partir da perspectiva de “sexo biológico”, a esse gênero, quanto o feminino, por apresentarem características comportamentais assemelhadas, estigmaticamente, às mulheres. “Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Se considerarmos as evoluções sociais dos ideais de gênero e sexualidade, como: o movimento feminista da década de 1960 e a revolução feminista que toma fôlego na década seguinte; a revolução sexual datada da mesma época; as conquistas relativas à homossexualidade em âmbito legal, religioso e científico; tudo isso somado à rigidez e o caráter de inalcançabilidade da masculinidade hegemônica promove, naturalmente, um questionamento da validade desse conceito, ou mesmo do próprio ideal de masculinidade, de maneira a proporcionar a emergência da crise: “Desde a década de 1980, começou a surgir, no Brasil, uma literatura que discute a chamada ‘crise masculina’, tomando como base as mudanças nos papéis femininos e masculinos na sociedade contemporânea” (RAMOS, 2000, p. 43).

Ser homem e heterossexual na sociedade contemporânea é estar, evidentemente, envolto por cobranças de posturas e comportamentos. Por conseguinte, essa “crise” coloca em xeque os ideais ortodoxos de masculinidade que reforçam o patriarcalismo, as provações de virilidade e, conseqüentemente, a heterossexualidade compulsória. Diante dela despontam diversas outras questões, como o questionamento da rigidez binária (masculino/feminino) dos ideais de gênero:

Quando não se pode mais falar de um único modelo hegemônico de ser homem e de ser mulher, do qual uma simples classificação binária (masculino *versus* feminino) dava conta, essa parece ser uma boa “técnica” para “restaurar” a classificação de gênero, mesmo às avessas (RAMOS, 2000, p. 59).

Desconstruir para reconstruir noções de gênero envolve um caminho longo, complexo e aparentemente sem saída, uma vez que a problemática, antes de abranger o fator terminológico dessas noções binárias, envolve a compreensão da sociedade em relação a elas, a qual, como comentamos anteriormente, confunde identidade de gênero com orientação sexual. Desta forma, acreditamos que há primazia em reconstruir, não a classificação terminológica do binarismo imposto ao gênero e à orientação sexual, mas sim a compreensão construída em torno desses conceitos. A ponto de desvincular as características e obrigações comportamentais dos gêneros e das orientações sexuais, embora saibamos ser essa uma ambição quase utópica dada a antiga e profunda internalização de tais conceitos.

A discussão que tange as masculinidades não se restringirá a esse tópico, já que este será um tema caro em nossas análises. Considerando o enfoque dos contos elencados revisitaremos esses ideais e outros, sobre os quais discorreremos aqui, em diversos momentos ao longo deste trabalho. No entanto, por ora cessamos o assunto para darmos lugar ao tópico subsequente, o qual resulta da curiosidade de notarmos, quantitativa e qualitativamente, os estudos realizados sobre a temática que nos dispomos a abordar.

1.4 FORTUNA CRÍTICA

Consideramos indispensável realizarmos alguns apontamentos quanto à presença da homossexualidade na literatura brasileira, evidentemente, de maneira a ponderar essas produções consoante ao contexto histórico. Para tal, valemo-nos de algumas obras fundamentais para a temática que focalizamos centralmente, além de outras capazes de contribuir com observações, ainda que não possuam como aspecto central a temática homo.

Segundo Trevisan (2007, p. 249): “As primeiras referências homossexuais que se conhecem na literatura brasileira vêm do grande poeta erótico-satírico Gregório de Matos, que nasceu no século XVII, e foi chamado de ‘Boca do Inferno’, em razão de sua virulência”. A nosso ver, tratar do reconhecimento de uma literatura homo vai além de notar publicações esparsas historicamente que possuam conteúdo voltado a essa temática. Assim, acreditamos impossível datarmos pontualmente o surgimento da literatura homo. O que achamos razoável é referenciar, temporalmente, uma espécie de reconhecimento da literatura desse teor.

Se compreendermos a literatura como mecanismo de representação da sociedade é natural pensarmos que dela deva participar tudo aquilo que abarque o social, no entanto, a realidade é outra. Já apontamos nesta pesquisa, utilizando como arcabouço teórico a obra de James N. Green (1999), o fato de que a homossexualidade sempre existiu ao longo da história, em todas as classes sociais e em todas as sociedades. A partir de tal fundamento poderíamos esperar, ou pressupor que a literatura, carregando o reconhecimento de representar a sociedade, abrangesse também a homossexualidade. Contudo, notamos no seguinte fragmento foucaultiano, e em outros que apresentaremos aqui, que isso não se sucede, ao menos não conforme o esperado:

O aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (FOUCAULT, 1988, p. 112).

Entendemos o trecho exposto de duas maneiras distintas e opostas: primeiro, como já sabemos, a homossexualidade do século XIX é ainda patológica, pecadora e ilegal; caminhamos, por conseguinte, à segunda percepção, a qual indica que essa sexualidade é representada literariamente conforme é vista socialmente, isto é, carregando os estereótipos e aquilo que só posteriormente passaríamos a chamar de preconceito. E disso uma conclusão: apesar da problemática visão da época sobre a homossexualidade e do reforço disso em meio literário²², há que se considerar o ponto positivo, ou seja, a visibilidade, a voz e o direito de ser, ao menos, reconhecida (a homossexualidade) como parte integrante da sociedade e, diante disso, representada literariamente.

Não obstante, a literatura em torno dessa temática manteve-se por um longo período, se não estagnada, reduzida a escassas e pouco difundidas produções, tanto que: “no início dos anos [19]50, a biblioteca pública central da moderna e industrializada São Paulo oferecia bem pouca informação sobre a homossexualidade para aqueles que só liam em português” (GREEN, 1999, p. 281). Na mesma obra encontramos o depoimento de um ativista do movimento pelos direitos dos *gays* em São Paulo, Daniel Franco, o qual especula a respeito da falta de material literário sobre homossexualidade na década de 1950: “até há pouco tempo não havia literatura *gay* no Brasil. O pouco que tínhamos era importado, pois nenhum escritor brasileiro ousaria queimar seu nome numa empresa tão arriscada” (GREEN, 1999, p. 282). De acordo com esse ponto de vista, somado à realidade da escassa publicação de literatura homo, há que se considerar um possível recuo por parte dos escritores justamente por se tratar de uma temática relegada à maldição.

Essa realidade de tímidas produções acerca da temática começa a vivenciar alterações quanto à conquista de espaço somente em meados da década de 1960, com o surgimento tanto de movimentos em defesa do direito do homossexual quanto de veículos que permitiram a maior circulação de assuntos voltados ao público *gay*, ainda que sofrendo censura da ditadura militar em vigência na época. De acordo com Green (2006, p. 155), surge no Brasil, em 1963, uma das primeiras publicações para homossexuais masculinos: *O snob*. Sua extinção deu-se com o endurecimento do período ditatorial em 1969. Ainda segundo o autor, foi

²² O enfoque da homossexualidade na literatura era escassa e quando acontecia era de maneira a reforçar padrões da época, os quais depreciavam o comportamento homo relacionando-o ao sofrimento, à desesperança e à tragédia.

apenas em 1977 que ocorreu uma verdadeira explosão discursiva em torno da homossexualidade, no Brasil. Inúmeras matérias em jornais e revistas apontam para o fato de que os *gays* tinham se tornado assunto público de grande relevância.

É também nesse contexto que o Brasil vê nascer e morrer um jornal mensal de ampla circulação: *Lampião da Esquina* (1970-1981), coordenado por Aguinaldo da Silva e contando com a colaboração de sete editores: Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Costa, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata, nomes de grande importância no que tange à temática homo. Editaram-se nesse jornal: contos, ensaios, notícias do movimento internacional de *gays* e lésbicas, informações sobre bares e pontos de interação e notas de interesse ao homossexual. Em 1979, o jornal foi acusado de ofender a “moral e os bons costumes” da sociedade, querela abafada por intelectuais e artistas de renome da época que conseguiram fazer com que os militares retirassem a acusação, entretanto, após isso as investidas militares intensificaram-se a ponto de cancelarem as publicações em 1981.

Situação semelhante a essa vivenciada pela imprensa dos anos 1970 ocorre com a produção literária do século XIX:

Contraditória é a situação da literatura nesse contexto: grande espaço da subversão das linguagens e do discurso, transgressora por natureza, por um lado, e efetivo elemento de confirmação de um modo burguês de ser, em que tudo o que fere aquela moral será efetivamente extirpado de seu corpo. No caso, a literatura, expressão do cânone – porque veículo de circulação de discursos e ideologias – acaba por colaborar também para o controle dos corpos, para a perpetuação do interdito sobre a sexualidade, e por silenciar ou punir tudo e todos os que não são contemplados pela moralidade burguesa ou que nela não se enquadrem. Não nos causa estranheza o fato de que o cânone a que aludimos do século XIX tenha apenas conservado em seu arranjo autores e textos que enfatizaram os valores vigentes de então, como Eça de Queiroz, Aluísio Azevedo ou José de Alencar. Em grande parte, esta literatura vai representar controle dos corpos, assim como, ao apropriar-se do discurso médico-patológico, assumindo com isso o lugar de juiz social, moral e cultural, ocupar o espaço pedagógico de formação do espírito (INÁCIO, 2010, p. 113).

Frente a essa perspectiva que alude à hipocrisia social ao buscar regulamentar a literatura de acordo com as normas sociais, encontramos uma literatura de caráter homoerótico voltada à crítica e, por conseguinte, ao julgamento. Deste modo, compreendemos que essa hipocrisia, a que aludimos, reside no reconhecimento da literatura como “espaço de subversão e transgressão”, mas ao

mesmo tempo precisando obedecer e confirmar o modo burguês, portanto, impedida de abranger aquilo que venha a “ferir” o que se reconhece como “moral” dessa sociedade. É, assim, nesse ponto que habita nossa crítica, acordada com a de Emerson da Cruz Inácio (2010); permite-se tratar de um tema maldito socialmente, desde que a forma de abarcá-lo dialogue e seja conveniente ao ideal imposto, do contrário exclui-se e trata-se como ofensiva a produção, chamando e enaltecendo à posição de cânone somente aquele que se encaixe e sirva à moral e aos “bons costumes”.

Apesar de conscientizarmo-nos a respeito das variadas, mas esparsas referências à homossexualidade na literatura brasileira, podemos afirmar que é somente após essa fase, da seletiva produção literária do século XIX, e ao pontapé inicial dado pelas revistas de abordagem da homossexualidade que começam a despontar obras significativas e de caráter exclusivo sobre a temática. Passa-se, também, a uma maior tolerância em relação aos autores voltados à temática homo, surge a possibilidade de tratar da temática de forma a valorizá-la sem ser imediatamente estigmatizado e relegado à maldição. Assim, a figura do homossexual deixa de ser exposta somente relacionando-se ao problema, à desesperança e ao sofrimento. É este um dos fundamentos que nos embasam ao elencarmos como objeto de estudo as produções literárias do gênero conto, datadas desse período.

Neste subtópico intencionamos, também, focalizar as produções voltadas à homossexualidade na literatura. Buscaremos notar, a partir de uma perspectiva quantitativa, a incidência dessa temática em estudos acadêmicos. De maneira qualitativa, direcionaremos um olhar às pesquisas que centralizem o assunto, de modo a discutirmos seus ideais e averiguarmos sua importância para a nossa produção.

Para levantar os trabalhos sobre a temática em questão utilizamos como aporte o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Elencamos, para desenvolver as buscas, as palavras “homossexualidade”, “homoerotismo” e “homoafetividade”; procuramos valer-nos tanto das dissertações quanto das teses disponibilizadas no portal. Deparamo-nos, em relação à primeira, com 738 trabalhos; quanto à segunda, encontramos 158 pesquisas e à terceira, notamos 91 estudos, todos vinculados às mais variadas áreas do conhecimento e de concentração.

Com intuito de refinarmos a busca para aproximarmos do que nos interessa determinamos alguns filtros, sendo eles: “ciências humanas” e “linguística, letras e artes”, estes relativos ao tópico tocante à “Grande Área do Conhecimento”. Para esmiuçar a investigação, no tópico concernente à “Área do Conhecimento”, elegemos: “Letras”, “Literatura Brasileira”, “Literatura Comparada”, “Outras Literaturas Vernáculas” e “Teoria Literária”; quanto à “Área de Concentração” especificamos: “Estudos Literários”, “Estudos da identidade, cultura e regionalidade”, “História da Literatura”, “Literatura Comparada”, “Literatura comparada: literaturas de língua portuguesa”, “Literatura e Diversidade Cultural”, “Literatura, Cultura e Contemporaneidade”, “Literatura e estudos interculturais”, “Teoria da Literatura e Literatura Comparada”, “Teoria Literária”, “Teoria Literária e Crítica da Cultura” e “Teorias da Literatura e Representações Culturais”.

Por fim, chegamos a 17 produções voltadas à “homossexualidade”, sete vinculadas ao termo “homoerotismo” e 11 relacionadas à palavra “homoafetividade”. No entanto, percebemos que alguns desses trabalhos repetem-se na busca por esses termos, de modo a concluirmos, excluindo-se tais repetições, um total de cinco produções para o termo “homoerotismo” e nove relacionadas à “homoafetividade” levando-nos a somatória de 31 trabalhos com abordagem do tema vinculados, de alguma maneira, à Literatura.

Desse total notamos que duas dissertações, a de Mariana Souza Paim (2014) e a de Manuella Matte (2014), discorrem, exclusivamente, a respeito da homossexualidade feminina afastando-se, portanto, de nosso objeto: a homossexualidade inserida no universo das masculinidades, sendo que o trabalho de Matte (2014) distancia-se mais de nossa abordagem por não centralizar a questão homo e sim a construção da identidade feminina. Outros cinco trabalhos, todos dissertações, de Carlos Roberto Nogueira de Vasconcelos (2013), de Micaela Sá da Silveira (2014), de Raquel da Silva Barros (2015), de Aliete do Prado Martins Santiago (2016) e de Fernanda Nayanne Barbosa Alves (2016), ainda que trabalhem a homossexualidade, não a tratam como temática central.

A dissertação de Vasconcelos (2013) lida com o romance *Galileia* (2008) com foco em demonstrar como Ronaldo Correia de Brito empreende o romance. A homossexualidade surge como uma das questões que se desdobram numa transgressão dos limites das tradições familiares, juntamente a outras questões como o declínio do patriarcado, a sutil revolução feminina, o incesto e o

adultério; a de Silveira (2014), por sua vez, lida com a problematização de ser/estar homem e mulher, sendo a homossexualidade uma das questões a ser levantada, todavia não focalizada centralmente, já que a pesquisa prioriza o envolvimento de objetos geométricos para discussão de relações amorosas refletindo, por exemplo, acerca da expressão “triângulos amorosos” que vincula um objeto geométrico a uma relação afetiva; ao passo que a de Barros (2015) analisa a tradução do “womanismo” em *The Color Purple* (1982), de Alice Walker, sendo a homossexualidade apenas um dos aspectos a serem observados; já a de Santiago (2016) desenvolve reflexões acerca do contexto escolar cuidando do preocupante desinteresse por leitura, de maneira a propor a utilização da Rádio Escolar como ferramenta facilitadora do processo de formação do leitor, sendo a homoafetividade uma das temáticas a serem abordadas em meio a essa ampla proposta; por fim, a de Alves (2016) tem como objetivo o estudo do romance *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, atrelado à observação de cantigas implícitas na obra desenvolvendo, pois, uma série de discussões a respeito de variados assuntos, tais quais: amizade, amor, homossexualidade, entre outros.

Desta forma, concluímos que esses sete, apesar de sua relevância nos estudos acadêmicos não nos competem, restando-nos um total de 24, dos quais há, ainda, quatro sobre os quais achamos válido tecer algumas ressalvas em relação ao aproveitamento para este estudo. Trata-se de dissertações, a primeira a ser apresentada é de autoria de Renata Kellen Dias (2016), a segunda de Jhonatan Leal da Costa (2014), a terceira de Ricardo Alves dos Santos (2013) e a quarta de Felipe Garcia de Medeiros (2014). A primeira possui como foco a questão do Kit Escola sem homofobia utilizando como aparato comentários a esse respeito no website mundialmente acessado: YouTube. Centrando-se, assim, na análise desses comentários a partir de uma perspectiva linguística. Nesse sentido, ainda que reconheçamos seu valor e contribuição, compreendemos que não nos compete por conta da área de concentração a que se refere, justamente por não abarcar a Literatura. Todavia, não pretendemos ignorá-la, visto que seu conteúdo central dialoga com o nosso, logo, será de grande importância considerá-lo para falarmos, por exemplo, de homofobia, um dos assuntos mais focalizados no trabalho de Kellen Dias (2016) e sobre o qual discorreremos em alguns momentos.

A segunda, de autoria de Costa (2014), a qual concentra suas reflexões no romance *Mosaicos Azuis Desejos* (2011), de Antônio de Pádua Dias da

Silva, versando sobre a solidão em um contexto literário de temática homo, afasta-se da nossa pesquisa uma vez que a proposta, assim como o *corpus* desse trabalho, apesar de ponderar a questão homo, prioriza a reflexão atinente à solidão utilizando-se de conceitos de Friedrich Wilhelm Nietzsche (2009) e Sigismund Schlomo Freud (1973), bem como a maior parte de seu referencial teórico a respeito de ideais concernentes à solidão.

A terceira distancia-se de nosso intuito de discussão tanto por deter-se à poesia quanto por colocar em foco um único poeta, assim como a quarta. O que percebemos como central na dissertação de Santos (2013) não é a temática da homossexualidade especificamente, mas sim os desdobramentos da poesia de Waldo Motta, a qual possui como um dos principais pontos o homoerotismo. Dito isso, é evidente que não colocamos em questão a importância da dissertação, pelo contrário, tanto reconhecemos seu valor quanto pretendemos revisitá-la ao longo deste trabalho ao tratarmos, por exemplo, da questão homoerótica. O que fazemos aqui é, simplesmente, esclarecer o critério da listagem das pesquisas a serem contempladas, bem como o motivo e o tipo de colaboração de cada uma em relação a nossa. Ao passo que a dissertação de Medeiros (2014), apesar de diferir do trabalho de Santos (2013) por conferir maior enfoque à questão homo, a ele assemelha-se ao colocar como centro de sua abordagem um poeta refletindo acerca da repercussão de sua poesia focalizando, assim, não a temática homo, mas o homoerotismo pessoano de maneira específica e aprofundada.

Ainda no que compete à abordagem poética deparamo-nos com a dissertação de Sinei Ferreira Sales (2015), a qual não agregamos às anteriores justamente por não voltar seu foco analítico/reflexivo à poesia ou a um poeta específico, mas ao apagamento, pela crítica literária, das imagens do homoerotismo na literatura portuguesa, utilizando como aporte os poemas homoeróticos de Luís Miguel Nava. Desta forma, apesar do enfoque da literatura portuguesa, a qual não nos compete, essa pesquisa chama-nos a atenção tanto por lidar com o apagamento de uma literatura homo quanto por basear seus estudos na perspectiva foucaultiana.

Outro aspecto que nos chamou atenção diz respeito ao acentuado enfoque do gênero literário romance. Dos 19 restantes, 14 possuem como objeto tal gênero incluindo, em alguns casos, a novela, enquanto um abrange textos autobiográficos e quatro lidam centralmente com o gênero conto. Por julgarmos

imprescindível notarmos e compreendermos os estudos anteriores ao nosso sobre homossexualidade com vínculo na literatura, apresentaremos, cuidadosamente, os 19 trabalhos mencionados, de maneira a passarmos por questões de fundamental discussão no que se refere às sexualidades, gênero, noções de identidades, entre outros assuntos aqui tratados. Intencionamos, assim, reunir bagagem suficiente para salientar a importância de focalizar a temática em questão no gênero literário conto.

Trazemos inicialmente para discussão a dissertação de Samuel Lima da Silva (2014), justamente por preocupar-se em desenvolver uma abordagem da teoria do romance polifônico de Mikhail Bakhtin dialogando com a obra *Em nome do desejo* (1983), de João Silvério Trevisan. Apesar da discrepância em termos de gênero em relação a nossa pesquisa, esse trabalho interessa-nos no tocante à abordagem de uma obra publicada durante o recorte temporal estipulado em nosso *corpus*, por um autor de extrema importância e reconhecimento para a década em questão.

Logo no enredo desse romance percebemos a confluência com assuntos de nosso interesse visto que versa, conforme indica-nos Silva (2014), a respeito do envolvimento amoroso entre dois rapazes adolescentes tratando, pois, de questões como: descoberta do corpo, puberdade, experimentação sexual e conflitos religiosos, assuntos abordados teoricamente ao longo deste capítulo, mais especificamente no subtópico 1.2, e a serem aprofundados analiticamente nos capítulos seguintes.

Nesse mesmo caminho, concernente à puberdade e/ou descoberta da sexualidade na infância/adolescência, desenvolve-se a dissertação de Benedito Teixeira de Sousa (2014) lidando centralmente, por sua vez, com questões alusivas à pouca abordagem, na literatura brasileira de temática homo, dessa fase de amadurecimento verificada e validada como tabu, concepção sobre a qual pactuamos conforme expusemos no subtópico 1.2 deste capítulo. Com intuito de verificar literariamente o vivenciar de experiências homoafetivas por personagens em fase de puberdade, o autor elenca quatro romances: *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia; *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado; *Dona Sinhá e o filho padre* (1964), de Gilberto Freyre, e *Limite branco* (1970), de Caio Fernando Abreu, analisando-os separadamente, mas tecendo comparações necessárias.

A respeito desse último autor ressaltamos a tese de Romualdo dos Santos Correia (2014) que trabalha a novela “Pela noite”, oriunda da obra *Triângulo*

das águas (1983), também de Abreu, além do romance *Dancer from the dance* (1978), de autoria de Andrew Holleran. O intuito do trabalho é discutir o homoerotismo vinculado ao estilo de vida apresentado pelos personagens das duas obras. Salientamos, pois, a similaridade temporal entre a tese e esta dissertação promovendo a acepção de que, ao menos a respeito do autor brasileiro, atingiremos assuntos semelhantes, tal qual o medo, a paranoia e o trauma diante do recente advento do vírus HIV/AIDS bastante referenciado por Abreu tanto nessa novela quanto em alguns contos que nos compete abranger.

A dissertação de Witallo da Cruz Fontineles (2015), a qual, segundo ele, trabalha com “obras ‘inaugurais’ da história da literatura homoerótica”, no Brasil. Abrange o romance *Bom-Crioulo* (1895), além de *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia, assim como a pesquisa de Sousa (2014), sob a perspectiva de tentar compreender como os escritores de literatura realista e naturalista representaram os sujeitos homossexuais em suas obras, ou mesmo entender os motivos da perseguição e patologização do homossexual no século XIX. Frisamos que, nesse sentido, nossa produção afasta-se dessa de Fontineles justamente por não intencionarmos apreender os possíveis motivos que levaram o homossexual à posição de marginalizado, apesar de também refletirmos, por considerarmos parte importante de um estudo que se volta à literatura homo, sobre como os posicionamentos religiosos, legais, científicos etc. relegaram o homossexual ao estereótipo. Nossa proposta tangencia mais a postura de um questionamento da sociedade heteronormativa e patriarcalista, bem como a ênfase na importância e no valor da abordagem literária da temática em questão.

Assim como o trabalho de Fontineles (2015), a dissertação de Maraisa Gabriela de Faria (2016) lida com o romance de Adolfo Caminha. Entretanto de maneira mais minuciosa, posto que dedica à obra caráter de exclusividade no que se refere à abordagem literária buscando construir uma espécie de fortuna crítica acerca do naturalismo brasileiro, afastando-se, assim, de nosso estudo por evidenciar menos a questão homo voltando um olhar mais cuidadoso e interessado a posicionamentos a respeito de ideais naturalistas que circundam o livro.

Atinente a mesma obra há, ainda, a dissertação de Cristian Abreu de Quevedo (2017), a qual versa sobre *Bom-Crioulo* em um *corpus* que prioriza a discussão alusiva às questões de gênero e sexualidade. Por lidar com a perspectiva historiográfica do romance, esse estudo afasta-se do nosso dado o vasto espaço de

tempo entre a publicação desse livro e a década delimitada nesta dissertação. Contudo, chama-nos a atenção a intensa abordagem de teóricos como Judith Butler e Michel Foucault, também cruciais a nossa pesquisa.

Conforme aludimos anteriormente, ao pensarmos em sexualidade somos levados, quase que naturalmente, a considerar um modelo socialmente padronizado, o heterossexual, o qual detém o domínio em uma cadeia que optamos por chamar de “hierarquia das sexualidades”. Consequentemente, restando às sexualidades que não se encaixam no padrão heterossexualizante, o espaço da exclusão. É nesse sentido que Lima (2013, p. 26) refere-se aos “homossexuais em exílio por conta de sua sexualidade não hegemônica”. A partir dessa perspectiva notamos que, do ponto de vista de Lima, essa exclusão, ou mesmo o preconceito em relação ao homossexual, está atrelada às hierarquias impostas socialmente, voltadas às sexualidades.

Em linhas gerais a dissertação de Carlos Henrique Lucas Lima (2013) utiliza-se de dois romances brasileiros: *Bom-Crioulo*, instrumento de pesquisa das três dissertações apresentadas anteriormente, e *Stella Manhattan* (1985), de Silviano Santiago, para discutir a hegemonia da heterossexualidade e observar de que maneira as narrativas desestabilizam essa ordem hegemônica.

Esse trabalho interessa-nos tanto por focalizar um clássico e polêmico romance de abordagem homo, tal qual as três pesquisas anteriores, o de Adolfo Caminha, quanto por seu conteúdo no que tange às masculinidades. A dissertação traz à tona a perspectiva de uma sociedade patriarcalista e heteronormativa do século XIX, colocando em discussão a posição do homossexual na sociedade dessa época frente às exigências de posturas que provassem a masculinidade e, mais do que isso, a “macheza”.

Conforme discutimos no tópico 1.3 deste capítulo, as masculinidades envolvem provações às quais os indivíduos são submetidos e é a partir delas que se define a posição desse sujeito perante tais hierarquias. O modelo hegemônico de masculinidade é, apesar de inalcançável, incansavelmente buscado e almejado. Isso posto, o lugar de “exílio” destinado ao homossexual, mencionado por Lima, determina essa posição, ou mesmo essa não posição, isto é, o seu não pertencimento à hegemonia em termos de sexualidade.

Vale ressaltarmos, ainda a respeito de Lima (2013), seu entendimento da literatura de centralidade homossexual como forma de

enfrentamento da hegemonia heterossexual. Por esse viés valida-se a importância do tratamento da sexualidade homo em meio literário, como também do estudo dessa literatura. Nesse sentido, o trabalho de Lima contribui demasiadamente com o nosso, uma vez que lidamos com o binarismo de sexualidade: hétero X homo, ponderando a exclusão do homossexual frente ao desencaixe social; assim como com os ideais de masculinidades relacionados ao padrão hegemônico e os enfrentamentos daqueles que dele se distanciam.

A existência da pluralidade de sentido de um conceito como o das masculinidades abarcando, assim, não somente uma única forma de ser masculino, mas sim diversas, reflete a possibilidade de pensar outros conceitos como também necessitados dessa forma plural, tal qual o termo “homossexualidade”:

Utilizamos o termo “homossexualidades” no plural a fim de denotarmos a pluralidade de vivências abrangidas pela expressão; algumas delas (como os bissexuais e os homossexuais masculinos) representadas nos romances em que nos deteremos (TERTULIANO, 2014, p. 11).

Apesar da particularidade dessa reflexão, ou seja, ainda que esteja voltada à dissertação de Arthur Victor Ferreira Tertuliano (2014) e, por conseguinte, vinculada à análise romanesca, o ideal de homossexualidade como termo a ser pluralizado nos é extremamente válido por trabalharmos, igualmente, com o que podemos chamar de “diversos tipos de homossexualidade e suas vertentes”.

Como bem aponta o pesquisador, reflexão sobre a qual concordamos, a pluralização do termo promove a possibilidade de abrangência das diversas formas de ser homossexual, ou mesmo de não se encaixar na sexualidade hétero. Dessa maneira, evita-se a tentativa de padronização de uma sexualidade que já é subjugada, tal qual a exclusão daqueles que, porventura, não pertençam às definições simplórias nem da heterossexualidade, nem da homossexualidade.

Outra questão que torna a dissertação de Tertuliano (2014) de grande relevância para a nossa produção é o enfoque dos personagens e de sua sexualidade ao analisar as vivências dos homossexuais, utilizando como objeto a obra romanesca de Bernardo Carvalho. O pesquisador discute, ainda, a respeito da sexualidade do escritor e da possível influência de suas vivências na obra produzida lidando, também, com a questão do leitor homossexual. Apesar de reconhecermos o valor dessas reflexões para o trabalho de Tertuliano (2014), vale frisarmos que não

consideraremos, em nossa pesquisa, a relação entre texto literário e questões autobiográficas. Será de nosso interesse tratar somente do nível textual importando-nos, assim, apenas as contribuições dos personagens e o posicionamento do contista em relação à exposição da homossexualidade, não nos valendo, para isso, de suas vivências, ou de sua sexualidade.

Semelhantemente à preocupação de Tertuliano, Soares da Silva (2016) desenvolve sua tese possuindo como objeto textos autobiográficos de quatro escritores: Tulio Carella, Herbert Daniel, Samuel Rawet e Caio Fernando Abreu, voltados ou relacionados de alguma forma à questão da homossexualidade. Essa tese interessa-nos tanto por problematizar as masculinidades de forma a questionar e demonstrar uma postura de resistência ao ideal de masculinidade hegemônica quanto por lidar, em alguns momentos, com o gênero literário conto. Ainda que este não seja seu único objeto de análise, contempla alguns contos de Rawet e de Abreu.

Jaqueline Lupi Seabra da Silva (2016), por sua vez, debruça-se sobre a obra *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, assim como Lima (2013), e sobre *O beijo da mulher-aranha* (1981), de Manuel Puig, e *Do fundo do poço se vê a lua* (2010), de Joca Reiners Terron. Nota-se que sua produção possui como gênero literário de enfoque o romance. E seu viés avaliativo volta-se à questão da homossexualidade masculina, feminina e da transexualidade representadas nessas obras, através dos personagens. A autora observa, ainda, a maneira como essa literatura dribla o preconceito através das contribuições das personagens *gays*, lésbicas e transexuais. Perpassa, assim, a questão da violência atrelando-a à sociedade heteronormativa, colocando em xeque a padronização dos sujeitos e das sexualidades. Esse ponto de vista nos é tanto válido quanto imprescindível, já que apresentaremos em algumas de nossas análises a postura taxativa de uma sociedade que se quer predominantemente heterossexual.

Ainda sobre o romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, deparamo-nos com a dissertação de Gerson Carlos Eduardo (2015), a qual versa a respeito desse romance, todavia em uma perspectiva comparatista com a novela de Mário de Sá Carneiro, *A confissão de Lúcio* (1914). O trabalho preocupa-se em lidar com a temática homo inserida nas épocas em que se contextualizam as obras, procurando ponderar acerca das relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo perpassando temas como o ciúme e o desejo. Em meio a essas questões o autor da pesquisa levanta reflexões sobre o duplo presente nos personagens, tema de

frequente abordagem inserido nessa temática, algo interessante a nós, visto que, desta forma, lida com os desdobramentos do masculino e do feminino tanto presentes nas duas obras como nos personagens delas oriundos.

Há também a dissertação de Rubenil da Silva Oliveira (2016), a qual se debruça, assim como Lima (2013), Seabra da Silva (2016) e Eduardo (2015), sobre o romance *Stella Manhattan*, além de “A Seiva da Vida” (1998), conto de Éle Semog, e *O Cafuçú* (2012), romance de Marcos Soares. Todavia, a discussão que se constrói nessa pesquisa abrange não somente a temática homo, como também a questão do negro inserida no tema de nosso interesse sendo, assim, um trabalho cuja abordagem reflete o duplamente marginalizado negro homossexual. Deste modo, tanto por priorizar romances em sua abordagem literária quanto pela necessidade de adentrar teoricamente a temática voltada ao negro, tão polêmica quanto a questão homo, o *corpus* dessa pesquisa afasta-se da nossa não deixando, porém, de revelar sua grande importância e valor.

A dissertação de Emerson Silvestre Lima da Silva (2016), por sua vez, apreende um romance português intitulado *O filho de mil homens* (2011), de Valter Hugo Mãe e, apesar de distanciar-se de nossa pesquisa por não focalizar a literatura brasileira, apresenta discussões de grande valia para este estudo, posto que versa, assim como nós, sobre a Teoria *Queer* à luz de Butler (2008), teórica também relevante ao nosso trabalho. Outro debate pertinente a Lima da Silva (2016) que nos chamou a atenção refere-se à questão da constituição familiar: segundo o autor, “será levada em consideração uma perspectiva mais abrangente da homoafetividade atrelada não apenas à relação afetiva-sexual homo-orientada, mas também às relações afetivas em geral o que, no romance, desencadeia a concepção de uma família afetiva” (SILVA, 2016, p. 12) conferindo, assim, visibilidade à ideia da existência da família afetiva, a qual não envolve laços sanguíneos, algo profundamente explorado na análise da obra elencada.

Conforme comentamos anteriormente, apenas quatro trabalhos dos levantados no Banco de Teses e Dissertações da Capes são desenvolvidos utilizando, centralmente como objeto de análise, o gênero literário conto sendo que, desses quatro, somente dois abrangem exclusivamente esse gênero. Um deles é a dissertação de autoria de Oliveira (2013), a qual versa a respeito da homossexualidade a partir de uma concepção que contempla a questão terminológica empregando e discorrendo relativamente a termos como:

“homoafetividade”, “homoerotismo” e “homofobia”, por meio das personagens, narradores ou não, oniscientes ou neutros da obra de Antônio de Pádua Dias da Silva, intitulada *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão – contos homoeróticos* (2007), na qual o pesquisador observa a presença de tais terminologias marcantes da temática homo, além da carga e implicações dos termos e ideais sobre homossexualidade nas personagens presentes em contos dessa obra.

Essa dissertação interessa-nos pelo enfoque do objeto literário semelhante ao nosso, ou seja, contos analisados sob a perspectiva da temática homossexual, tal como pela especificidade das análises feitas por Oliveira (2013). Buscaremos, em alguns momentos analíticos deste estudo, observar a questão da linguagem em relação à exposição da homossexualidade, assim como o pesquisador faz em seu trabalho, de acordo com ele:

Falar de questões homo é tratar de inúmeras polêmicas, de toda ordem, que vão desde as sociais até as linguísticas. Portanto, antes de qualquer abordagem sobre o assunto, faz-se necessário tratar do ponto de vista da linguagem, uma vez que a literatura tem a palavra como sua fundação (OLIVEIRA, 2013, p. 9).

Concordamos com Oliveira (2013) quando reconhece a homossexualidade como temática polêmica, mas ao mesmo tempo referenciada literariamente em diferentes épocas e períodos históricos, isto é, como um tema. Apesar desse caráter polêmico, há muito presente na literatura brasileira, segundo ele:

Considera-se que a temática da homossexualidade na literatura não é um assunto característico da contemporaneidade. O marco principal, de características homoafetivas permeadas de homoerotismo e insinuações de homofobia na literatura brasileira, está no romance naturalista de Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo* (1895), que, apesar de ter chocado a crítica e o público leitor, da época, teve um papel propulsor na Literatura Brasileira do século XIX (OLIVEIRA, 2013, p. 13).

A outra dissertação que aborda exclusivamente o gênero literário de nosso interesse é a de Cyro Roberto de Melo Nascimento (2014) que discorre sobre contos de Caio Fernando Abreu, a partir de um olhar voltado à homoafetividade e à abertura política. O estudo evidencia o posicionamento libertário dos contos de Abreu partindo de um recorte temporal, semelhante ao nosso, que compreende as

narrativas publicadas entre 1982 e 1988. Em função disso essa pesquisa nos é tanto válida quanto imprescindível, ao menos no tocante à produção de Abreu. Interessamos o ideal exposto por Nascimento (2014, p. 15) a respeito de recorrer “a adoção de um *corpus* determinado, especificamente contos que têm como temática o período histórico em questão ou a homossexualidade, tanto em sua dimensão sexual, como em seus aspectos afetivos”, de modo a romper com o estereótipo que vincula as relações entre pessoas do mesmo sexo à questão sexual, expondo e explorando, assim, o natural viés afetivo e/ou emocional dessas relações.

Ainda sobre Caio Fernando Abreu, a dissertação de Ana Luiza Nunes Almeida (2015), por sua vez, revela-se pertinente a este trabalho não somente por eleger o gênero conto como objeto de estudo, mas também por lidar com a obra *Morangos Mofados* (1982), de Abreu, crucial a nossa abordagem tanto por sua publicação na década de nosso recorte temporal quanto por seu conteúdo repleto da temática de nosso interesse. A pesquisa de Almeida (2015) não se restringe, contudo, a esse livro abrangendo, paralelamente, a novela *Duas Iguais* (1998), de Cíntia Moscovich, de maneira a versar sobre a homossexualidade feminina considerando o envolvimento afetivo entre as personagens Clara e Ana. Destacamos, ainda, o fato de essa dissertação conferir olhar especial a dois importantes contos para a temática homo, oriundos dessa obra de Abreu: “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois”, sobre os quais também desenvolveremos reflexões neste e no capítulo seguinte.

Há, também, o trabalho de Simone de Freitas Sanguibuche Bester (2016) tratando do gênero literário conto, o qual, ainda que não lide exclusivamente com esse gênero, como na pesquisa de Andre Maciel de Oliveira (2013), interessamos por focalizá-lo refletindo sobre a vivência dos personagens de contos homo, mesmo que dividindo espaço com a telenovela *Totalmente Demais* (2016). Seu aporte literário são contos brasileiros contemporâneos de Hilda Hilst, Dinah Silveira de Queirós e Cintia Moscovich, da obra *Entre nós: contos sobre homossexualidade* (2007), coletânea organizada pelo escritor Luiz Ruffato. Bester propõe a observação da formação dos estereótipos nas personagens homossexuais, assim como os desdobramentos das taxações, quer dizer, a marginalização, o preconceito e sua consequência: a violência.

Do ponto de vista da pesquisadora, o olhar social pautado no preconceito e heteronormatividade é atrasado se considerarmos as evoluções, em

terreno legal, acerca das questões que envolvem as orientações sexuais. Visto que, apesar de dispormos de formações familiares que fujam ao ideal patriarcalista e heteronormativo, ainda há imposição de normas incongruentes com essa realidade.

Verificamos, na sociedade brasileira atual, novos núcleos familiares formados por pessoas do mesmo sexo, no entanto, muitas vezes enfrentam os olhares preconceituosos pautados em normas estabelecidas ao longo dos séculos (religiosas, governamentais), as quais apresentam um valor normativo da heterossexualidade, —induzindo-nos à rejeição de qualquer escolha diferente da já que foi imposta e sancionada pelas leis controladoras (BESTER, 2016, p. 20).

Partilhamos da opinião de Bester quanto à consideração dessa sociedade como contraditória em termos de diversidade sexual. Dialogamos, pois, neste capítulo, com esse ideal também exposto pela estudiosa. Assim, apontamos os acontecimentos históricos em relação à sexualidade homo no que se refere às esferas médica/científica/legal/religiosa, contrapondo a perspectiva social que insiste em manter e salientar o preconceito em relação àquele que fuja ao padrão de sexualidade imposto socialmente.

Frente a isso, há que se considerar a importância dos movimentos emergentes em defesa dessas minorias sexuais marginalizadas. É no contexto de criminalização, exclusão social e estigmatização que surgem tais grupos, os quais passam, portanto, a remar contra a maré formada pela sociedade patriarcal e heteronormativa, questão sobre a qual discorre Leticia Sangaletti (2013, p. 12):

Diante de práticas de segregação e exclusão social contra homossexuais, para enfrentar essa opressão originária dos preceitos patriarcais, nos anos 1950, surgiu um movimento homossexual norte-americano, que deu, mesmo que de forma bastante discreta, um novo fôlego para as lutas homossexuais. Porém, somente quando surgiu o movimento queer, no final da década de 1960, a luta dos homossexuais que buscavam seu espaço começou a se fortalecer.

Essa observação nos é extremamente valiosa, não somente por indicar o despontar das lutas dessas minorias, mas também por abranger as diferenças e preconceitos sociais em relação àquele que diverge do padrão social. Interessa-nos pensar o movimento homossexual como a abertura do leque da resistência, já que o alavancar de um movimento promove a união dos marginalizados e excluídos socialmente, de modo a conquistarem reconhecimento por tratar-se da voz de um grupo. É no momento de emergência e manifestação

desses grupos que o(s) homossexual(is) começam a conquistar voz tentando romper as barreiras dos estigmas.

Logo, é nesse contexto, diante da ação e propagação do movimento homossexual e, posteriormente, do movimento *queer*, os quais possibilitam a expansão das reflexões a respeito das sexualidades, que a homossexualidade passa a ser tematizada literariamente com mais vigor.

O trabalho de Sangaletti (2013) lida com a representação das minorias sexuais na literatura contemporânea, investigando como as vozes dessas minorias são construídas nos romances: *Onde andar? Dulce Veiga?* (1990), de Caio Fernando Abreu, e *Acenos e Afagos* (2008), de João Gilberto Noll. Avaliamos, desta forma, a dissertação da estudiosa como instrumento imprescindível em nosso desenvolvimento, tanto pela abrangência da temática homossexual e das batalhas e conquistas dos grupos sexuais minoritários quanto por utilizar como aporte literário dois autores também presentes em nosso *corpus*, ainda que seja pela perspectiva de um gênero literário diferente do nosso. Esse estudo vale-nos, também, por aprofundar reflexões a respeito da teoria *queer*: “Com base em conceitos e práticas de sexualidade heteronormativa, surge a teoria queer para lutar contra o preconceito à diversidade sexual, e buscar mais espaço na sociedade” (SANGALETTI, 2013, p. 47).

Investigaremos apontamentos e reflexões a respeito dessa teoria no segundo capítulo deste trabalho, para o qual contribuirá, também, a tese de Adriana Pinto Fernandes de Azevedo (2016) justamente por versar sobre o *queer*. Tal pesquisa aborda não somente literatura ao lidar com romances como *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, também objeto de análise de Leandro Soares da Silva (2016) e Lima (2013), bem como filmes e materiais arquivísticos para desenvolver e basear considerações relativas às vivências *queers*, ou seja, não exclusivamente voltada à homossexualidade, mas a todas as minorias que se apresentam socialmente: de gênero, étnico-raciais etc. De forma a lidar, por conseguinte, assim como nesta dissertação, com a questão da resistência aos ideais de padronização de gênero e de sexualidade.

Destarte, ponderamos que ao elencarmos como objeto o gênero literário conto conferindo a ele exclusividade estamos, conforme foi exposto, lidando com um gênero menos abordado em meio acadêmico, se comparado, por exemplo,

ao romance, menos ainda em caráter de exclusividade²³. Ademais, enfatizamos a questão da centralidade da homossexualidade como algo de imprescindível discussão, especialmente em se tratando de uma década significativa em termos de evoluções no que tange às sexualidades. Vale ressaltar que diante da variada gama de trabalhos encontrados a respeito dessa temática não nos deparamos com nenhum que focalizasse a década de 1980. Consequentemente, frente ao levantamento exposto e a essas considerações, acreditamos estar munidos de embasamento, tanto teórico quanto acadêmico, que nos permita assegurar a relevância do *corpus* desta pesquisa.

²³ Evidentemente, aludimos ao conto que focalize centralmente a temática homo em nossa área de concentração, isto é, referente à literatura brasileira, conforme especificamos ao explicarmos os critérios de busca das pesquisas. Assim, ao indicarmos que esse gênero literário é pouco abordado, referenciamos-nos à fortuna crítica construída neste trabalho, a qual aponta para a pouca incidência de trabalhos voltados à contística homo.

2 DÉCADA DE 1980: ESPAÇO, VOZ E VISIBILIDADE HOMOSSEXUAL

2.1 AS CONQUISTAS LIBERTÁRIAS DO MOVIMENTO HOMO

Por intencionarmos abordar a literatura, mais especificamente a contística da década de 1980, decidimos dedicarmo-nos, neste capítulo, à discussão do contexto sócio-histórico, de modo a focalizar os acontecimentos dessa época relevantes para a questão da homossexualidade.

Uma das ocorrências, dentre outras sobre as quais discorreremos, que torna essa década significativa, é a despatologização da homossexualidade em 1973, pela Associação Norte-Americana de Psicologia, sobre a qual já falamos anteriormente. O avanço em território médico e psicológico proporcionou a brecha que a comunidade *gay* necessitava para conquistar espaço, processo que se deu graças à união e ao grande empenho, mas não sem polêmica, conflitos e enfrentamento de oposição.

Outro fator que colaborou com o fortalecimento e união da comunidade homossexual foi o despontar de avanços da imprensa voltada ao público *gay* surgindo jornais específicos a respeito do tema por volta do final da década de 1960, sobre os quais tecemos alguns comentários no subtópico 1.3. do primeiro capítulo. Ocorrem, então, posteriormente a isso e de maneira gradual, sucessivas conquistas em relação à questão homo, tanto em âmbito de visibilidade e reconhecimento perante uma sociedade heterocentrista, quanto em relação à aquisição de espaço físico, como aponta Green (1999, p. 396):

Ao longo desses dez anos²⁴, o espaço urbano para os homossexuais expandiu-se de modo significativo. Bares, discotecas e saunas proliferaram. Esse avanço era parte do fenômeno generalizado do crescimento das oportunidades de consumo entre a classe média urbana.

Tais avanços e conquistas somados, segundo Green (1999, p. 396), à “difusão de ideias a partir do movimento *gay* internacional, o desenvolvimento de uma crítica brasileira ao machismo e à homofobia e a influência dos movimentos

²⁴ Os dez anos a que alude Green, refere-se ao período que vai de 1969, segundo ele “o pior momento da ditadura militar”, a 1978, “quando o *Lampião da Esquina* e o *Somos* foram fundados”.

políticos e sociais de esquerda sobre os principais líderes” promoveram a emergência do Movimento Homossexual, oriundo do final da década de 1970. Parafraseando Peter Fry (1985, p. 22), o ano de 1978, em função da abertura política proporcionada pelo abrandamento da censura, viu nascerem e alastrarem-se movimentos em prol de comunidades marginalizadas; nasce o Movimento Negro Unificado, desabrocha o Movimento Feminista, bem como surgem os primeiros núcleos do Movimento Homossexual, no Brasil. Em vista disso compreende-se a representatividade da década de 1980 quanto o reconhecimento do Movimento homo e suas repercussões. É sobre esses grupos e movimentos que proporcionaram, ou abriram espaço para o desembocar de uma teoria, que versaremos neste subtópico.

O contexto histórico do surgimento e expansão da luta libertária²⁵ da homossexualidade, no Brasil, é marcado, como vimos na referência a Fry (1985), por um clima ainda denso e opressivo, apesar de mais ameno se considerarmos a ditadura militar (1964-1985) ainda em voga na época, mas já em decadência. Frente a isso, coube ao Movimento não somente zelar pela liberdade homossexual, como também, de maneira geral, lutar contra a opressão: “o poder e a diferença foram conceitos centrais no movimento de liberação *gay*, o qual desenvolveu uma análise sofisticada da opressão do homem, assim como da opressão pelo homem” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 244).

Tratou-se, portanto, de um momento, evidentemente, voltado a conquista de espaço e voz de determinados grupos, cada qual com seu intuito particular, mas todos com um interesse comum: dedicados a colocar em xeque o que se tinha consolidado como dominante; dissidentes, pois, em relação à submissão, exclusão e invisibilidade de qualquer grupo: “Ativistas *gays* e muitas feministas viram uns aos outros como aliados naturais contra o sexismo e uma cultura dominada pelo machismo” (GREEN, 1999, p. 394). Dito de outro modo, o caráter unificado e mutualista dos grupos socialmente marginalizados foi capaz de conferir força e resistência aos Movimentos, tal qual aponta o seguinte fragmento:

²⁵ Compreendemos, aqui, o “libertarismo” alusivo à militância em relação à hierarquia das sexualidades, levando em consideração o heterocentrismo que relegou a homossexualidade ao silenciamento durante longo período. O que chamamos de “luta libertária da homossexualidade” refere-se à busca e esforços por tornar a homossexualidade reconhecida como sexualidade, bem como para garantir direitos ao homossexual.

Vários grupos são chamados de liberacionistas, embora suas metas não sejam de maneira nenhuma as mesmas. Há mulheres buscando liberação da discriminação educacional, econômica, política e social; homens buscando liberação das implacáveis pressões competitivas e repressões emocionais; e homossexuais e travestis buscando liberação do opróbrio e penalidades por adotarem os únicos estilos de vida que para eles fazem sentido [...] A única meta comum a todos esses grupos é fazer os estereótipos culturais atenderem às suas necessidades (TUCKER; MONEY, 1975, p. 163).

Vale observar que o trecho equipara, ou desenvolve de maneira igualitária, comentários sobre as lutas dos grupos marginalizados — “mulheres, homossexuais e travestis”, ao dos “homens”, apontando, assim, para uma questão também cara a nossa discussão: a existência de padronização e cobranças sociais, mesmo no “mundo dos homens”. Embora saibamos ser a realidade masculina portadora de seus benefícios, habituada (ou mal habituada) à detenção do domínio e poder, sabemos²⁶, também, que isso não se constrói sem um processo de exigências comportamentais, as quais tornam esses indivíduos tão necessitados de fuga dos ideais padronizantes, ou luta por liberdade e direitos, quanto os outros de que falamos.

Fazemos, ainda, mais uma ressalva em relação ao trecho anterior, esta de caráter esclarecedor atinente ao posicionamento em grupos apartados: “homens”, “mulheres” e “homossexuais”. Há, neste caso, um detalhe a ser observado: achamos válida a substituição, em nosso contexto, do termo “homens” por “homens heterossexuais”, em razão de compreendermos as cobranças sociais para validação, ou tentativa de validação, de uma hegemonia masculina inalcançável; ou uma construção que dê conta de esclarecer o pertencimento dos homossexuais (masculinos) à categoria intitulada como “homens”, isto é, não atrelando “ser homem” à sexualidade e orientação sexual, uma vez que a masculinidade não se restringe à heterossexualidade. O que visamos destacar é a inclusão do homossexual, bem como do travesti, citados no fragmento, às categorias “masculino” e/ou “feminino”, participando, assim, das mesmas lutas.

As conquistas oriundas da resistência e das batalhas do Movimento Homo foram muitas, especialmente se considerarmos o período de recessão e a recente despatologização dessa sexualidade em relação ao contexto de emergência do Movimento, entre elas a visão da medicina em relação ao homossexual:

²⁶ Consideramos já compreendida a questão que envolve as masculinidades e a relação de poder e hegemonia, uma vez que tratamos disso no subtópico 1.3 do capítulo anterior.

A medicina exerceu um forte controle social contra a homossexualidade e em favor da heterossexualidade. Mais tarde, perante as críticas oriundas do movimento homossexual, ela soube se preservar e, usando as mesmas noções de saúde e doença, introduziu a noção de “homossexual sadio” (FRY, 1985, p. 78).

Embora compreendamos, atualmente, o título “sadio” atrelado ao homossexual como algo taxativo sabemos, também, da equivalência em relação à época. Há que se considerar, portanto, como um dos fatores que representam evolução quanto a consciência social e médica a respeito da homossexualidade, uma vez que o reconhecimento sobre essa sexualidade caminha da consideração como “doença” à referência como “saúde”. É, então, posteriormente a isso nesse percurso evolutivo que surge o entendimento de não se atrelar (a homossexualidade) a estado clínico, seja doentio, seja saudável.

Outro benefício conquistado pelo Movimento é a questão que diz respeito à tolerância não somente em nível de convívio social, mas também em relação ao espaço para essa sexualidade nas artes e nos meios de representação da sociedade: “Durante esse período, livros e peças com temática homossexual começaram a aparecer em número cada vez maior, escapando à censura e às vezes apresentando uma imagem positiva do homossexual” (GREEN, 1999, p. 413).

Considerando a literatura e a arte como mecanismos de representação da sociedade evidencia-se que aquilo que nelas surge é espelho do ideário social. Isto é, a visão negativa em relação ao homossexual na sociedade repercutia na literatura do século XIX, por exemplo, conforme indicamos anteriormente, ao passo que o Movimento conquista espaço e consegue atuar na alteração (ou no repensar) do ideal social taxativo, essa concepção começa a surgir, natural e semelhantemente, em meio literário e artístico. Não podemos deixar de enfatizar, portanto, o valor da mudança em relação à visão sobre o homossexual nesse contexto artístico e literário. Se por um lado, anteriormente aos esforços libertários, a visão em relação ao homossexual era voltada quase que exclusivamente ao preconceito e taxação; por outro, após as resistências e batalhas do Movimento começa-se a notar uma alteração nessa perspectiva, embora essa caminhada tenha sido (e seja) a passos curtos, há que se evidenciar a existência de

um enorme progresso, já que se passa de um extremo oposto a outro: da visão negativa à positiva²⁷.

Essas grandes conquistas marcaram a história do Movimento Homossexual, principalmente por se tratar de um Movimento que surgiu, como todos, detendo alguns ideais, tais quais, o reconhecimento e a “tolerância”, no entanto, realizando conquistas maiores em seu decorrer, alcançando, pois, outros objetivos, os quais talvez nem sequer tenham sido almeçados quando de seu início, como é o caso da abertura para a introdução e expansão da Teoria *Queer*, no Brasil, sobre a qual trataremos sequencialmente.

2.1.2 O ALAVANCAR DE UMA TEORIA

Concernente e em função do crescente reconhecimento dos Movimentos provocado pelas lutas dos grupos socialmente reconhecidos como minoritários, alastra-se, no Brasil, o Movimento *Queer* discutindo, enfrentando e renovando ideais sociais, além de conferir maior fortalecimento a essas lutas. Dito de outro modo, o Movimento Homossexual no Brasil, sobre o qual discorreremos anteriormente, vai desembocar, quando já amadurecido, no *Queer*, não mais movimentista, mas transformado em conceito, contudo não somente ele, mas uma junção dos movimentos emergentes em prol das minorias marginalizadas, como o Movimento Negro Unificado e o Movimento Feminista:

O que hoje chamamos de *queer*, em termos tanto políticos quanto teóricos surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais. Os três principais “novos” movimentos sociais foram o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos Estados Unidos, o movimento feminista da chamada segunda onda e o então chamado movimento homossexual (MISKOLCI, 2016, p. 21)²⁸.

Para além dos motivos e circunstâncias para o aparecimento da teoria em cenário nacional vale-nos refletir seus ideais, bem como repercussões. O

²⁷ Vale evidenciarmos que um dos intuitos do levantamento é observar essa visão da sociedade sobre o homossexual, representada literariamente. Lidaremos, pois, em diversos momentos com a abordagem literária, com essa questão de referencial positivo ou negativo em relação à sexualidade homo.

²⁸ Cabe-nos esclarecer que o fragmento alude à origem do Movimento *Queer*, e não a sua chegada ao Brasil. Isso justifica a data de emergência (1960), bem como a relação com Movimentos estadunidenses. As discussões em torno do *queer* surgem em território inglês na década de 1960, mas o Movimento, amadurecido e fortalecido, eclode na década de 1980 nos Estados Unidos.

fragmento anterior exalta a crítica do *queer* à ordem sexual contemporânea levando-nos a ponderar que adota uma postura tão ou mesmo mais questionadora que a dos movimentos referidos talvez, justamente, por ser posterior a eles representando, assim, tanto mais uma conquista quanto uma junção de ideais amadurecidos e consolidados.

Pensar sobre o título conferido a essa teoria é refletir a questão terminológica sobre a qual dissertamos no subtópico 1.1. do primeiro capítulo. O termo escolhido para representar os ideais desse movimento foi, antes de mais nada, utilizado pela sociedade taxativa como forma de estigmatizar os homossexuais, sendo que seu significado imediato é “estranho”:

A chamada Teoria *Queer* recupera e modifica ideias iniciais que foram utilizadas pejorativamente para depreciar as pessoas homossexuais como “estranho”, “esquisito”, “fora do normal”, “excêntrico” e dá uma forma positiva de autoidentificação e: “Além disso, aproveitando-se do outro significado, o de “estranho”, o termo *queer* funciona como uma declaração política de que o objetivo da teoria *queer* é o de complicar a questão da identidade sexual e, indiretamente, também a questão da identidade cultural e social. Através da “estranheza”, quer-se perturbar a tranquilidade da “normalidade” (SILVA, 2010, p. 182).

Para a comunidade homossexual apropriar-se para ressignificar termos é um modo de resistir ao estigma, ao invés de criar novos vocábulos que tenham como foco definir, ou caracterizar, utilizam os já existentes dando a eles outra conotação, tal qual ocorre com o termo “*queer*”. O que esse movimento, veemente a ponto de tornar-se teoria, faz é atuar por meio dessa ressignificação do termo *queer* adotando uma terminologia, antes usada como insulto, como meio de confronto aos ideias ofensivos, conferindo-lhe outro sentido: o de que há necessidade de questionar essa sociedade que se pauta em seus próprios conceitos impositivos e os considera como normalidade, relegando o resto ao âmbito da anormalidade, ou do “estranhamento”.

Parafraseando Sangaletti (2013), o alavancar desse Movimento, e mais, sua transformação em teoria, não só contribuíram com os avanços dos estudos sobre sexualidade, bem como proporcionaram outro viés em relação aos princípios de heteronormatividade, de modo a conquistar progresso, também, quanto às reflexões sobre homossexualidade.

Não obstante, é imprescindível destacar e esclarecer um frequente equívoco quando se trata da abrangência desse conceito. É comum a relação do *queer* exclusivamente às causas homossexuais; no entanto, vale referenciar que o conceito não se restringe a isso, mas procura, em um caminho inverso, questionar o preconceito em relação à diversidade sexual²⁹. Ao passo que o Movimento Homossexual buscava incorporação do sujeito homo à sociedade, o *queer* fez o trajeto contrário buscando confrontar a necessária alteração dos ideais da sociedade, questionando seus valores.

O *queer*, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (MISKOLCI, 2016, p. 25).

Esse conceito que desponta no Brasil, por volta de 1990, vinculado aos movimentos libertários, atua questionando, pois, não somente uma sociedade heteronormativa, mas também patriarcal de modo a evidenciar a necessidade de repensar os conceitos que levam à normatização, defendendo, assim, a multiplicidade e a diversidade.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante — homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o ex-cêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2008, p. 29, grifo da autora).

O fragmento aponta para essa busca do *queer* por incomodar e balançar as estruturas da sociedade normativa. Escandalizar para provocar e desestruturar é seu intuito, não se preocupa em enquadrar os “despadronizados”, menos ainda em mover montanhas implorando aceitação a essa sociedade. Ao contrário, o propósito do *queer* é, justamente, escancarar sua (considerada) anormalidade para tocar na ferida dos incomodados com o que fuja à norma. O

²⁹ Chamamos de “caminho inverso” para explicar e enfatizar que o *queer* não busca a defesa de um grupo marginalizado, mas sim o questionamento da sociedade que marginaliza esse e outros grupos que, porventura, não se enquadrem em seus padrões.

queer não implora, não quer convencer, não vai mudar, ele escancara, queira a sociedade ou não, ele basta-se.

2.2 LEVANTAMENTO

O presente tópico dedica-se à literatura de modo geral e, mais especificamente, à apresentação, ao detalhamento e à análise do levantamento de obras de conto publicadas ao longo década de 1980, de diversos autores. Utilizamos como aporte para elencarmos as obras contempladas, o livro *Conto brasileiro contemporâneo*, de Antônio Hohlfeldt (1988), no qual consta um quadro de obras de conto publicadas no decorrer da década de 1980. Há nele um total de 47 obras publicadas durante a década. Nosso levantamento contemplará 26, já que não nos caberá a abordagem de novelas, também inclusas nesse quadro, além das antologias, uma vez que nos interessa a data de publicação e ao trabalharmos com antologias recorreremos a contos que podem possuir datas esparsas de publicação. Ressaltamos que serão acrescentadas, ainda, obras que consideramos válidas e não constam no quadro mencionado, como é o caso de *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), de Caio Fernando Abreu; *Lincha Tarado* (1980) e *Essas malditas mulheres* (1982), ambas de Dalton Trevisan, completando um total de 29 obras.

O intuito é observarmos como ocorrem as referências à homossexualidade. Para tal, trabalharemos, inicialmente, a partir de uma perspectiva quantitativa em cada obra percebendo a frequência da temática, de maneira a notar quantos contos, do total que compõe a obra, englobam a temática. Levaremos em consideração qualquer menção à homossexualidade, ainda que não seja o foco do conto. Consideraremos, portanto, a linguagem utilizada, a liberdade de expressão escrita em relação à temática proposta, as representações das relações homossexuais entre os personagens, se existe ou não o preconceito homossexual, e se existir, observaremos a forma como surge, notando, pois: a heteronormatividade, a presença de termos estigmatizantes, a imposição da masculinidade hegemônica, as provas de virilidade; questões focalizadas ao longo da dissertação.

Para esquematizar o levantamento de maneira clara e objetiva, apresentaremos as obras em fichas separadas utilizando, assim, um quadro para cada obra constando na primeira linha, respectivamente: nome do autor, título da obra, ano de publicação e número total de contos que compõem aquela obra; a

segunda linha, explicativa, carregará o título “número de contos com referências homossexuais” vinculando-se, assim, à terceira linha que compreenderá um espaço maior constando o título e fragmentos dos contos que contenham qualquer referência à homossexualidade; a quarta linha, tal qual a segunda, é explicativa carregando o título “número de contos com homossexualidade como aspecto central”, relacionada, pois, à quinta linha, encarregada de apresentar o título e trechos dos contos que focalizam a questão homo como aspecto central. Salientamos que os quatro contos a serem analisados no terceiro capítulo não serão referenciados neste momento, para evitar excessos.

É imprescindível que cuidemos para não incorrer na inconsistência do conteúdo temático das obras evidenciadas. Deste modo, compreendemos que um livro de contos que não tematize as relações amorosas, afetivas, sexuais (qualquer que seja a orientação sexual) possa não trazer uma abordagem que abranja centralmente a homossexualidade. É em função disso que buscamos observar, nas obras que contém pouca ou nenhuma referência à homossexualidade, se há abordagens de outro caráter quanto às sexualidades, isto é, se surgem, por exemplo, de maneira preponderante na obra, referências à heterossexualidade. A partir disso, ao invés de incidirmos em reflexões contestáveis, ou conduzidas evitando, assim, “pseudoafirmações”, torna-se possível desenvolvermos reflexões consistentes que tangenciem a questão da presença/ausência de uma sexualidade marginalizada na contística da década de 1980.

Elencamos, por conseguinte, algumas obras para que possamos observar, superficialmente³⁰ e de modo geral, as sexualidades que permeiam os contos atentando-nos, mais especificamente, à intensidade (no sentido quantitativo) da presença de outras sexualidades diferentes da homo. O critério de escolha das obras contempladas para esse pequeno levantamento baseia-se em uma relação, nessas obras elencadas, entre número de contos com referências homossexuais e número total de contos. Deste modo, as obras a serem abrangidas serão, somente, aquelas que possuírem menor abordagem da homossexualidade em seus contos, ou maior divergência entre número total de contos e número de contos com referências homo.

³⁰ No sentido de que não intencionamos uma análise profunda de teor qualitativo, mas sim uma perspectiva quantitativa que nos permita compreender, ou caminhar a uma compreensão da ausência (ou pequena abordagem) da temática homo.

A fim de sistematizarmos as informações desse segundo levantamento apresentaremos o acréscimo, nas fichas das obras escolhidas, da informação do número de contos da obra que aborde uma sexualidade diferente da homo. Podemos adiantar que impera a referência à heterossexualidade, por isso, o título indicado para essa abordagem será: “número de contos com referências hétero”. Assim, a última linha do quadro que contiver tal informação é responsável por esclarecer e detalhar as abordagens heterossexuais representadas por algumas citações de trechos que comprovem nossa afirmação de existência de referência hétero. Não buscaremos, naturalmente, evidenciar todas as referências presentes na obra, à vista disso, tal qual faremos com as referências homo, serão elencados fragmentos, meramente ilustrativos, de alguns contos.

Vale enfatizarmos que, por carência de espaço nos quadros para desenvolver importantes explicações, alguns contos necessitarão de um maior aprofundamento. Entretanto, considerando o caráter vasto da pesquisa, enfatizamos que não intencionamos detalhar reflexões sobre todos os contos citados no levantamento; elencaremos, pois, alguns para tecermos comentários e ponderações capazes de proporcionar clareza e justificativa ao enfoque desta pesquisa. Para tal, dedicaremos o subtópico 2.2.1 em que serão explorados, de maneira a justificar como surge a abordagem da homossexualidade, os contos que apresentarem, nos quadros, indicação de homossexualidade implícita, ou como possível leitura, ou, ainda, aqueles que julgarmos carecer de comentários para além das citações expostas nos quadros. Abrangeremos, ainda nesse subtópico, os contos que apresentarem indicação de centralidade da temática homo, mas que não serão contemplados no capítulo subsequente, voltado à análise de quatro contos.

Autran Dourado, <i>As imaginações pecaminosas</i>, 1981 — 10 contos
Contos com referências homossexuais — 3 contos
“Queridinha da família” / termos: “afetado” e “fresco” (p. 39). “Noite de cabala e paixão” / “será que o senhor não sabe, nunca ouviu dizer que Vitinho não é muito homem?” (p. 62). “Pedro imaginário” / “tinha medo de que ele o chamasse de menininha, maricas, escondia atrás das costas a boneca de Júlia” (p. 104).
Contos com homossexualidade como aspecto central — 2 contos
“Retrato de Vítor Macedônio” / será analisado. “O triste destino de Emílio Amorim” / será analisado.

Caio Fernando Abreu, <i>Morangos Mofados</i>, 1982 — 18 contos

<p>Contos com referências homossexuais — 3 contos</p> <p>“Os sobreviventes” / “Podia ter dado certo entre a gente [...] mas naquele tempo você ainda não tinha se decidido a dar o rabo nem eu a lamber boceta” (p. 27).</p> <p>“Além do ponto” / um possível encontro entre dois homens que acaba não acontecendo: “quem me via assim molhado não via nosso segredo, via apenas um sujeito molhado sem capa nem guarda-chuva, só uma garrafa de conhaque barata apertada contra o peito. Era a mim que ele chamava pelo meio da cidade [...] era para mim que ele abriria sua porta” (p. 47).</p> <p>“Eu, tu, ele” / “Eras tu, era eu ou era ele quem torcia lentamente o corpo até desabar de costas na cama, e contornando com as coxas abertas o tronco e a bunda do homem pudesse assim senti-lo dentro de mim, de ti ou dele” (p. 62);</p>

<p>Contos com homossexualidade como aspecto central — 3 contos</p> <p>“Terça-feira gorda” / “Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar” (p. 58); “O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele” (p. 59); “Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas” (p. 59)</p> <p>“Sargento Garcia” / “Pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei, e inchou mais. Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas. Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha, quiáquiáquiá” (p. 89).</p> <p>“Aqueles dois” / será analisado.</p>

<p>Caio Fernando Abreu, <i>Os dragões não conhecem o paraíso</i>, 1988 — 13 contos</p>

<p>Contos com referências homossexuais — 4 contos</p> <p>“À beira do mar aberto” / homossexualidade como possível análise: “e me concentro inteiro nas coisas que me contam, e assim calado, e assim submisso, te mastigo dentro de mim enquanto apunhalas com lenta delicadeza deixando claro em cada promessa que jamais será cumprida, que nada devo esperar além dessa máscara colorida” (p. 38).</p> <p>“Saudades de Audrey Hepburn” / descrição de personagens como: “Lésbica Publicamente Assumida” (p. 49) e “Estudante de Pós-Graduação Indeciso Em Assumir Sua Evidente Homossexualidade” (p. 51).</p> <p>“Dama da noite” / lida, criticamente, com a exclusão de diversos grupos e indivíduos: Todo machinho da sua idade tem loucura por dar o rabo, meu bem [...] Não é vergonha nenhuma: tá nos astros, boy. Ou então é veado mesmo, e tudo bem” (p. 93).</p> <p>“Mel e Girassóis (ao som de Nara Leão)” / “Gays Fugindo da Paranoia Urbana da Aids” (p. 106); “riu quando ele colocava e fazia uma pose meio de bicha” (p. 111).</p>
--

<p>Contos com homossexualidade como aspecto central — 4 contos</p> <p>“Linda, uma história horrível” / homossexualidade escondida.</p> <p>“O rapaz mais triste do mundo” / “esse rapaz de casaco preto, barba irregular e algumas espinhas não seria o homem que aquele homem de espaço vazio no alto da cabeça desejaria, se desejasse outros homens, e talvez desejasse” (p. 62); “deve haver alguma puta caída num canto, alguma bichinha masturbando um negro no banheiro” (p. 65).</p>
--

“Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” / Negação da própria homossexualidade, revelação ao final do conto.
 “Pequeno monstro” / será analisado.

Dalton Trevisan, *Lincha Tarado*, 1980 — 18 contos

Contos com referências homossexuais — 2 contos

“Rosinha e Gracinha” / homossexualidade com algo que não pode ser dito: “— Não tenho experiência com homem. Só gosto de... Engoliu o resto da frase porque Dr. Paulo a beijou na boca, esmagando-lhe o segredo e sem prestar atenção a seus protestos” (p. 106).

“Último desejo” / apenas um trecho com um termo ofensivo: “bicha” (p. 122).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 17

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“O grande homem da tua vida, minha filha... sou eu” (p. 15); “Todo homem é mulherengo” (p. 37); “Sozinho, sempre atrás de mulher. Só cuida de variar, trocando uma por outra mais moça” (p. 68); “Sabe o que esse velho quer? [...] Mulher, só fala em mulher” (p. 83).

Dalton Trevisan, *Essas malditas mulheres*, 1982 — 15 contos

Contos com referências homossexuais — 4 contos

“O nome do jogo” / “Os três filhos sempre em roda. Um, bêbado. Outro, uma perna mais curta. Outro, bicha” (p. 30).

“Quarto separado” / “Dois anos, João. Que não me procura. Será que gosta de homem, João?” (p. 87).

“Diálogo entre Sócrates e Alcibíades” / “Curitiba já não é mais a mesma. O lto aos beijos na boca com o soldadinho. O Marquinho sombreia o olho azul e pinta as unhas do pé. A puta velha do Nelsinho perseguindo os meninos” (p. 90).

“Ó suave agonia do tarado” / “Uma tarde chegou um velho. Queria duas meninas [...] Beijou na boca. Quanto mais demorado, melhor. Nhá Lurdinha que ensinava. Abraços e gemidos. No final as mordidinhas uma na outra. Sabe que era gostoso?” (p. 101).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 15

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“Ficar em casa, ver a Rosinha e aquele noivo dela se agarrando no sofá” (p. 10); “Um cuida da mulher. Outra, dos filhos pequenos. O que você quer mais? Teu marido não está aqui?” (p. 29); “Trate de se casar. Tua irmã não é feliz com o barbeiro?” (p. 33); “Sonhei que estava numa cama de casal. Só de calcinha. Um homem comigo” (p. 40); “Ali a folhinha da moça nua — o velhote bem aprecia” (p. 46); “Pense que sou o primeiro namorado. Aquele que te baixou as calcinhas” (p. 53); “Homem procura, João, quando a mulher não quer” (p. 75); “Você é louca. E se o teu marido?” (p. 89); “Essa mulher — aqui entre nós — casada com um grande advogado” (p. 96); “O homem sentado na cadeira. E a mulher por cima” (p. 103); “Eu o chamava de meu pão, meu vinho. Que me fez mulher de verdade” (p. 107); “Há mulheres que têm filhos, dormem com o marido a vida inteira, e nunca chegam ao fim. O macho é egoísta” (p. 127).

Deonísio da Silva, <i>Livrai-me das tentações</i>, 1984 — 16 contos
Contos com referências homossexuais — 3 contos
“Livrai-me das tentações” / transexualidade revelada ao final do conto. “A confissão” / sugestão de homossexualidade em pinturas de santos e homossexualidade relacionada ao pecado: “João, muito salafra, já disse que São José tá é de olho num baita dum São Cristóvão pintado no teto da casa, que é pra ser de Deus” (p. 85). “Queridas vizinhas” / termos como: “bicha enrustida” (p. 89).
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Número de contos com referência hétero — 14
Exemplos de trechos com manifestação hétero “Admiradas por todos, homens e mulheres viram a cabeça depois que elas passam. Uns, empurrados pelo sagrado costume nacional de olhar a bunda de toda mulher que aparece; outras, para conferir as formas da rival” (p. 18); “Ele queria casar-se com duas mulheres” (p. 29); “Vida perigosa que pode levar a mulher sem homem naquela cidade. Os afoitos pensavam que por ser mulher sozinha, a caça estava mais do que facilitada” (p. 56); “[...] domingo é o dia do senhor, mas não é o dia da senhora, porque senhora não tem dia algum, senhora não é senhora nem de si, é senhora de algum senhor” (p. 97).

Deonísio da Silva, <i>O tratado dos homens perdidos</i>, 1987 — 16 contos
Contos com referências homossexuais — 2 contos
“Professorzinho” / uma mulher como enunciador: “já tentei o amor entre mulheres” (p. 119). “Livrai-me das tentações” / conto republicado.
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Domingos Pellegrini, <i>Paixões</i>, 1984 — 8 contos
Contos com referências homossexuais — 3 contos
“Crime e perdão” / “Ou assume, machona, ou tira isso senão nunca arranja um bom partido” (p. 36); “Aquele bicha lá apanhou mais que vira-lata em velório, uma semana inteira” (p. 44). “Duas cervejas” / “casais de homem com homem, mulher com mulher e até homem com mulher” (p. 85). “Sábado à noite” / “Cada um tem a sua miséria na vida, meu bem, e a minha naquele tempo foi trabalhar em serviço de homem, cercado de homem, cheirando homem todo minuto, vendo homem pelado todo dia, ouvindo de noite ronco de homem” (p. 144).
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Domingos Pellegrini, <i>Os meninos crescem</i>, 1986 — 14 contos
Contos com referências homossexuais — 3 contos
“Minha estação de mar” / “tive medo de ele pensar que eu era mesmo bicha” (p. 47). “O aprendiz” / “— Meninão comprou cigarro... — Ganhou dinheiro do macho” (p. 70). “Subterrâneos” / “os professores dão o rabo” (p. 215); homossexualidade como motivo de chacota, termo “namoradinho” (p. 231).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Edilberto Coutinho, <i>Maracanã, Adeus</i>, 1980 — 11 contos
Contos com referências homossexuais — 3 contos
<p>“O fim de uma agonia” / “[...] o talentoso Manolo, tremenda mariconha diretamente da Rambla de las Flores de Barcelona” (p. 29); “(Chato pra cacete. Esse Bilac era boneca? Talvez a Manola goste)” (p. 34).</p> <p>“Rei nu” / “Laura chamou o Nivaldo, nossa Nini Maravilha, para dar um jeito na gente, fazer as unhas, os pés, o cabelo, essas coisas [...] tinha medo de frequentar os estádios porque diziam que futebol é coisa de homem, pra machão, e as bichas, já viu, são escoraçadas” (p. 98).</p> <p>“Maracanã, Adeus” / termo ofensivo: “viadão” (p. 125).</p>
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Número de contos com referência hétero — 10
Exemplos de trechos com manifestação hétero
<p>“José Dias da Cruz, servente de repartição pública, ouve dona Raimunda sua mulher mais uma vez falar aquelas palavras: infeliz, infelicidade” (p. 13); “Ela falando, falando, eu com uma vontade doida nela, um tesão enorme me subindo pelas pernas, então eu falei, e você acha que eu vou ficar sozinho por muito tempo?” (p. 25); “Meia hora depois deixam o motel Império dos Sentidos. Leleco sabia bater gostoso, e sem deixar marca. Maria das Dores recebe na face um beijinho delicado do jogador, ao se despedirem” (p. 38); “o belo sorriso de Pelé que era um apelo afrodisíaco para todas as mulheres do mundo” (p. 55); “Olga está deitada. Nua, acaricia os seios e desce a mão até o umbigo. O informativo mostra Kempes correndo em um campo durante um treino e a mão dela descendo querido, meu querido [...]” (p. 84).</p>
Edilberto Coutinho, <i>O jogo terminado</i>, 1983 — 7 contos
Contos com referências homossexuais — 4 contos
<p>“O jogo das máscaras” / atrela masculino ao feminino: “donzela” (p. 31); termos: “jeito passivo” (p. 36), “bicha” (p. 37).</p> <p>“O jogo esportivo” / ideal de homem de verdade em oposição à homossexualidade: “difícil encontrar verdadeiros homens entre os escritores” (p. 67); termo “sapatão” (p. 83).</p> <p>“O jogo da infância e da adolescência” / termos: “mulherzinha da cidade” e “maricas” (p. 89).</p> <p>“O jogo da solidão e da morte” / “Frango, veado, bicha louca, pois sim senhor,</p>
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Edla Van Steen, <i>Até sempre</i>, 1985 — 11 contos
Contos com referências homossexuais — 3 contos
<p>“Vocação para o canto orfeônico” / características femininas de Bento: “As linhas do rosto e do tronco revelam algo de feminino. O desenho dos lábios, de um rosa vivo, a angulosidade das maçãs da face, a carnação da pele branca e doentia, lembravam Beatriz” (p. 65).</p> <p>“Apesar de tudo” / termo taxativo: “ele desmunheca” (p. 97).</p> <p>“A bela adormecida (roteiro de uma vida inútil)” / termo “bicha” (p. 120) e “homossexualidade como doença ou problema curável” (p. 123).</p>
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Elias José, <i>O grito dos torturados</i>, 1986 — 12 contos
Contos com referências homossexuais — 2 contos
“Os habitantes do sonho” / “bicha safada” (p. 31). “Idolatria” / descoberta sexual, puberdade como “relação anormal”: “Bobagem ficar contando coisas da infância, relações sexuais anormais, com meninas, com meninos, com animais” (p. 120).
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Número de contos com referência hétero — 11
Exemplos de trechos com manifestação hétero “Andava tonto de amar e as mulheres vinham alisar-lhe o corpo, os cabelos, o sexo” (p. 36); “Desenhavas mulheres nuas, seios enormes, nádegas macias e, no rosto, convite à malícia [...] ficavas excitado e te masturbavas, misturando também teu esperma com a terra” (p. 52); “termino meus dias na terra sem entender as mulheres. Das quatro companheiras que tive, nenhuma gostava de lavar roupa” (p. 64); “Mulher não é bicho da gente confiar [...] Elas com seus homens frouxos e o meu tão altivo, não era mesmo coisa de se aturar. Se ele me trancava em casa, se me dava uns cascudos, era motivo de orgulho para mim: se tinha ciúmes, é porque o amor doía” (p. 91).

Hélio Pólvora, <i>Mar de Azov</i>, 1986 — 4 contos
Contos com referências homossexuais — 1 conto
“Mar de Azov” / ser homem é relacionado a ser heterossexual. Infeere homossexualidade como negação de masculinidade: “Você está crescendo, vai ser homem já [...] - Usará calça comprida - diz o pai. - Mudará de comportamento. E terá desejos. - Que espécie de desejos? - Vários. Muitos. <i>Desejos de mulher</i> ” (p. 18, grifo nosso).
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Hélio Pólvora, <i>O grito da perdiz</i>, 1983 — 4 contos
Contos com referências homossexuais — 0
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Número de contos com referência hétero — 4
Exemplos de trechos com manifestação hétero “As mulheres da cidade não deixavam um homem em paz” (p. 17); “ele fora escolhido para viver e sobreviver [...] para durar muito, fertilizar mulheres, gerar filhos” (p. 30); “A histeria dela foram dois palmos de rola que lhe enfiaram no xibio” (p. 63); “O marido está no campo, pegando no pesado para sustentar a casa, e ela recebe visitas de sujeitos desconhecidos de cabelo vermelho” (p. 70); “Você e ela praticavam safadezas, difícil saber hoje quem começou, quem induziu o outro, mas você poderia alegar em sua defesa que a negra era maior, mais esperta e tinha mão veludosa. Sua mãe viu parte da cena e foi chamar o marido” (p. 96); “Numa de suas raras confissões, dissera ter deixado ali uma namorada, uma moça de quem gostava muito. ‘Ela espera por você todos esses anos?’ perguntou o irmão. ‘Sim’, você respondeu. ‘Então é mulher direita e acho que se gostam mesmo’, disse seu irmão” (p. 108-109); “Sim, o amor desafia quem ama de verdade a preservar-lhe a permanência — e isso tanto vale para o macho como para a fêmea [...] Se um homem e uma mulher se gostam hoje, então

têm o dever de se gostarem também amanhã, ou pelo menos de se esforçarem para isso” (p. 133).

Ignácio de Loyola Brandão, *Cabeças de segunda-feira*, 1983 — 19 contos

Contos com referências homossexuais — 2 contos

“Anúncios eróticos” / “Deixe-me ver o seu pau. Sempre tive vontade de ver um pau de um gay [...] Vira, vira logo, quero comer essa bundinha e pegar um pouco no seu pau” (p. 48).

“45 encontros com a estrela Vera Fisher” / “Era um cara tranquilo, normal. Vagamente afetado” (p.64).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 16

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“A anã teve poucos namorados em sua vida. Os moços da cidade não gostava de sua cabeça plana como mesa” (p. 11); “Chega, eu trabalho, venho para casa, você já quer ir se deitar: venha fazer mais um filho, benzinho!” (p. 16); “Os homens experimentam, se a mulher deixa, vão dizer que sou da vida” (p. 25); “Era uma menina de pele muito branca, estudava no ginásio, no entanto, na tarde de domingo, ela cruzava as pernas e me deixava penetrá-la” (p. 33); “Ninguém calcula quantas mão pegaram este meu pinto que demora tanto a gozar. Para a delícia das mulheres, ficam loucas” (p. 42); “Na minha classe eu era chamado de jumentinho, comi até a professora de Geografia” (p. 47); “Qualquer dia desses desvio uma OP, estou feito. Tudo porque te amo, Vera” (p. 53); “Um ano atrás eu me apaixonei por uma mulher que estava com você [...] Pareço um moleque, um adolescente?” (p. 91); “Tem gente linda que se apaixona por gente monstruosa. Anão que ama mulheres altas. Preto com branca, gordo com magra” (p. 99); “Sou como um Kennedy, sempre pronto a derrubar mulheres pelos cantos do palácio” (p. 155).

João Antônio, *Dedo-duro*, 1982 — 7 contos

Contos com referências homossexuais — 1 conto

“Excelentíssimo” / termo: “invertidos do amor” (p. 68).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 7

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“Como artista vitorioso da nossa televisão, digo namorar o teatro sério, fui de rádio, de circo e de cinema. Ultrapassei o terceiro casamento. Circulo com meninhas, ninguém conhece minha mulher” (p. 29); “A mulher não intervém na andança do marido” (p. 87); “Outros, trocariam a mulher de trinta, por duas de quinze” (p. 97); “Eu a abria por completo, inteiriça e flor, mulher. Eu a entrava sob a pressão das espáduas e dos joelhos, a cavalgava o que sabia, e tudo, e tihoso num controle, boca, respiro, pensamento manhoso, consegui. Juntos, no gozo” (p. 105); “a sensação me vem, várias vezes, de ser pouco homem diante de certos mulherões que vejo passar” (p. 133); “E, se ninguém via, desbocado fazendo micagens, rápido mesurando e bulindo, liberdades, dizendo safadezas às lavadeiras que passavam” (p. 165).

João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*, 1986 — 10 contos

Contos com referências homossexuais — 2 contos
“Maria de Jesus de Souza (Perfume de Gardênia)” / “Lá, freguês garantido que a bicha Ziza vai apanhar no Passeio Público ou na Cinelândia” (p. 40). “Sufoco” / “E bosteja, xinga de vagabundo a homossexual, ladrão e negro” (p. 130).
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

João Gilberto Noll, <i>O cego e a dançarina</i>, 1980 — 25 contos
Contos com referências homossexuais — 5 contos
“Alguma coisa urgentemente” / “Me ofereceu cigarro, chiclete e começou a tirar a minha roupa. Eu pedi antes o dinheiro. Ele me deu as três notas de cem abertas, novinhas. E eu nu e o homem começando a pegar em mim, me mordida de ficar marca, quase me tira um pedaço da boca. Eu tinha um bom físico e isso excitava ele, deixava o homem louco. A fita tinha terminado e só se ouvia um grilo” (p. 15). “Marilyn no Inferno” / “É um rapazinho de Nova Iguaçu, e foi apanhado semana passada por um guarda masturbando um velho num cinema” (p. 36). “Pretinha fumegando” / “eu nunca mais soube do Monsieur Christophe, apenas que ele casou outra vez e entrou numa de dar a bunda nos mictórios públicos” (p. 57). “Bodas de Narciso” / “Até os homens, muitos homens, pois com o advento de Luiz surgiu um surto de homossexualismo na cidade” (p. 104). “Domingo sem néctar” / implícito desejo sexual entre dois homens: “um rapaz abre a braguilha ao lado do Viajante, retira o pênis, começa a mijar, o Viajante olha sem se mover e sente a sua própria mão queimar. Perturba-se com a sensação estranhamente quente na mão e volta logo o olhar para a inscrição [...]” (p. 131).
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Número de contos com referência hétero — 21
Exemplos de trechos com manifestação hétero
“O pai tinha fugido com uma mulher de maus costumes” (p. 26); “Namorei uma sueca e só não casei porque ela tinha gêmeos [...] Mas depois peguei um navio que foi dar no Canadá e lá tinha uma inglesa meio estrábica por quem me apaixonei e casei” (p. 42); “[...] então eu compreendi como nunca que Pedro era o meu homem e que nós nos daríamos um filho, o filho de Pedro como qualquer filho do homem, e a mãe do filho, ele o pai” (p. 47); “Armênio foi um homem bonito. Viajou por muitas cidades do Brasil [...] Em cada cidade uma mulher” (p. 123).

Jorge Medauar, <i>O visgo da terra</i>, 1983 — 20 contos
Contos com referências homossexuais — 0
Contos com homossexualidade como aspecto central — 0
Número de contos com referência hétero — 20
Exemplos de trechos com manifestação hétero
“Óperas com mulheres vindas da Itália e de Paris, que sacudiam nas vistas dos homens suas pernas alvas com laços de fita preta. Não havia quem não ficasse embasbacado. Voltavam os fazendeiros contando as festas, se babando, com vontade de tornar a ver aquelas visões desconhecidas por aqueles matos” (p. 13); “Muitas coisas eram contadas sobre aquele maquinista [...] que tivera mulheres nos castelos da Bahia, nos portos de

Belmonte e em Canavieiras” (p. 32); “Rosa, sua filha, já estava com o coração mexido pelo bacharel” (p. 46); “Mulheres casadas espichavam os olhos para ele. E até contam que muitas esperavam o marido viajar para roça ou para Ilhéus para se empetecarem para ele” (p. 64); “Quando chegara do outro lado a negra se abriu por cima de umas folhas de cacau e o chamara para a safadeza” (p. 81); “Comera muita menina nova no meio do cacau. Muitas mulheres emprenhara, deixando filhos sem nome no meio dos outros” (p. 87); “Queria que Deus pelo menos fizesse uma das meninas casar tão bem como Rosa, que encontrara aquele Rodolfo, embora o rapaz tivesse umas ideias que não combinavam com as de Emiliano” (p. 130); “tivera vontade de sacudir o terço e a batina no mato, atracar-se a uma mulher, afogar as vontades que vinham furiosas” (p. 155); “Os dois sempre muito juntos, como se ainda fosse uma donzela e ele o namorado que lhe dava a mão” (p. 159).

Manoel Lobato, *O Cântico do Galo*, 1985 — 24 contos

Contos com referências homossexuais — 2 contos

“O cântico do galo” / traço de lesbiandade das personagens: “Helena e Cecília” - homossexualidade como algo que não pode ser dito.

“As palavras do professor” / indicação de medo e aversão à homossexualidade, mais ainda do questionamento da virilidade. O pai recusa-se a deitar ao lado do filho e enfatiza que não dorme com homem: “— Não durmo com homem [...] — E pare de me pegar. Esse negócio de me beijar *depõe contra* você. Tem mulher não?” (p. 204, grifo nosso).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 16

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“De tarde o jardineiro vai para o barraco; a companheira se ausentou há muitos anos, ele se acostumou a viver assim; sai com mulher da zona, de vez em quando” (p. 27); “‘Sua mulher é uma santa!’ Lhe dizia Rui, como se quisesse acusá-lo: você é um pecador” (p. 75); “Helena que ficara noiva de um mulato. Este visitava a noiva de vez em quando, até descobrir que ela se tornara amante do médico” (p. 105); “Enquanto ouve o barulho que vem do banheiro, o professor pensa na nudez de Clara, a espuma descendo pelo corpo, as mãos esfregando o sabonete naquelas intimidades todas. Ele se lembra de Marta outra vez; não mais dirá que gosta dela” (p. 203-204).

Márcia Denser, *Diana Caçadora*, 1986 — 9 contos

Contos com referências homossexuais — 2 contos

“Tigresa” / um beijo entre duas mulheres escandalizado por uma senhora que o presencia: “Eu vi! Elas estavam se beijando! A tua filha e aquela mulher! Vamos, Eduardo, pegue meu casaco, aqui não pisamos mais, pouca-vergonha!” (p. 176).

“Relatório final” / diálogo no qual a narradora visa causar excitação em um homem falando de relação sexual entre duas mulheres: “inventei [...] que o meu negócio era mulher [...] falei de pegar mulher e deixei ele assanhado” (p. 191).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 1 conto

“Ladies first” / “se é assim que se denomina uma reunião de taradas, malucos, megalomaníacos, invertidos, veados, lésbicas [...]” (p. 108); “A

nossa mesa havia sido enriquecida com a presença de dois veadinhos [...]” (p. 113).

Nélida Piñon, *O calor das coisas*, 1980 — 13 contos

Contos com referências homossexuais — 2 contos

“As quatro penas brancas” / “Com tanta mulher você escolhe a minha, vai ver quer dormir comigo” (p. 45).

“O ilustre Menezes” / possível homossexualidade na descrição de um personagem: “Tão tímido o Nogueira que, à mesa afunda o rosto no prato, furta-se assim ao diálogo. Parece incomodado junto às mulheres [...] certa manhã sugeri-lhe a deixar os livros para trás, seguindo-me até onde encontravam-se certo prazeres viris” (p. 78).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 12

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“Minha vingança é que ninguém se casa com ela, que homem é besta de aguentar meus quatro filhos, orgulhava-se em dominá-la à distância” (p. 34-35); “O sem-vergonha dorme com todas as mulheres que já passaram pela minha cama” (p. 43); “Olhei o padrinho e transferi-lhe a narrativa. Que nos contasse a história de González. Perdido de amor na adolescência [...] quanto mais bebia vinho negro mais fugia da casa da amada” (p. 90-91); “Bastou-me, porém, suspeitar que me traías com um olhar destinado a outra, para arrancar do seio o bilhete e comê-lo à tua frente, diante dos teus amigos, só para te humilhar” (p. 112-113); “Ao despertarem na mesma cama, as roupas dispersas no chão, ela folheou voraz a lista telefônica. Mas, como o brusco movimento destacava-lhe a beleza que a noite havia escondido, Antenor Couto ordenou champanha a pretexto do café da manhã” (p. 120); “Não se entristeça, filha, em breve surgirá o homem da sua vida” (p. 155).

Ricardo Ramos, *Os inventores estão vivos*, 1980 — 11 contos

Contos com referências homossexuais — 1 conto

“A casa no encantado” / “— Nossa Senhora! Esse cara é homem ou mulher? — Que pergunta, Dálio? É homem. — Assim fino?” (p. 18).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 9

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“A mulher riu de novo, achando o marido engraçado, talvez um pouco ranheta” (p. 19); “Pegou uma revista masculina de mulheres, eram lindas e nuas” (p. 28); “chamou-lhe a atenção para uma jovem ali do bairro mesmo, trabalhadeira, modesta, ótima filha. Modelo de virtudes. Ele se animou, namorou, em seis meses casou-se” (p. 96); “Grossura à parte, homem faz bem até quando diz bobagem. O melhor remédio para a mulher” (p. 122); “Mande um bilhete a Renato. Assim: ‘Detesto ficar só. Eu, sem meu amor, não sou nada. Mulher sem homem não é nada, é uma coisa. Agora eu me sinto uma coisa, não me sinto gente. Um beijão da Sandra’” (p. 136).

Roberto Drummond, *Quando fui morto em Cuba*, 1982 — 17 contos

Contos com referências homossexuais — 5 contos

“Quando fui morto em Cuba (versão erótica)” / androginia e medo da perda da masculinidade: “Você parecia uma menina de olhos verdes,

principalmente quando você ria, não era mesmo?” (p. 17); “Você tinha medo de ser uma mulher, ficava nu diante do espelho olhando seu pênis” (p. 18). “Por falar na caça às mulheres” / “—Viva o Gay Power” (p. 94); “o empresário começou a notar uma súbita mudança no comportamento da bela Juliana, que, segundo ele, se ligou a artistas, escritores e homossexuais” (p. 97). “Sessão das quatro” / “Acaba a sessão no cinema da praça e, da sua janela, a velha de óculos observa um velho homossexual que sai de mão dada com um rapazinho” (p. 122). “Os desgostos de agosto” / “No dia seguinte, foram nadar na casa de um amigo dela, um costureiro gay, e Paulo L. elogiou os pés de Luísa” (p. 138). “Quando fui morto em Cuba (versão política)” / “[...] podia também escapar e ficar livre do nazi-fascismo que me perseguia desde menino e que gritava para mim: Marta Rocha! Marta Rocha! E era pior como se gritasse: Comunista! Judeu! Negro! Bicha!” (p. 149).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 15

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“Ela tira a saia, depois ela tira a blusa: está sem sutiã e eu vejo seus seios pequenos e rijos e logo ela fica nua [...] Eu também fico nu e beijo sua boca e os inquietos pássaros que são seus seios” (p. 39); “Ele sentia um medo misturado com excitação sexual, quase um orgasmo. Pois quando a campainha do apartamento tocava podia também ser Patrícia” (p. 48); “Ele abraçado na árvore. Barba feita. E abraçado na árvore. Imaginando que a árvore é uma mulher” (p. 62); “Sérgio e Ju estão in love [...] Sérgio e Ju juram eterno amor” (p. 89); “Vou ficar olhando, calado, como se Havana fosse uma mulher e estivesse nua na cama comigo” (p. 148).

Sérgio Faraco, *Doce paraíso*, 1987 — 9 contos

Contos com referências homossexuais — 0

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 5

Exemplos de trechos com manifestação hétero

“Como confiar em quem botava um homem de noite no quinta? Do que ocorria, entre gemidos, suspiros, correrias, nada se sabia” (p. 20); “Contavam-me histórias medonhas de Isabel e da família, seguidamente uma, a de que Isabel, descobrindo a mana mais velha a gemer com o namorado num canto da sapataria, chamara a molecada para ver a irmã sem calça” (p. 35); “— Que idade tu tem, amor? Começou a se desabotoar. Menti que passava dos quinze e ela fez uma careta. — Vai ficar aí sentado vendo eu me pelar? [...] — Não, burrinho, vem cá, me ajuda” (p. 49); “Já amanhecia, Zoé se moveu. No sono ainda, pôs a mão no meu pescoço e me conduziu até o bico do peito magro” (p. 51); “Ainda na primeira semana descobri que Cláudia usava sutiã e raspava as axilas. Uma surpresa atrás da outra, pois descobri também, no susto, como Cláudia era bonita [...] À tardinha fui encontra-la no taquaral, levando balde, esponja e o sabão. Ela sentou-se, ergueu a saia. Eu molhava, ensaboava, esfregava, molhava de novo, ai, a Cláudia, quase no fim, ofegando” (p. 59); “Havia a anotação sobre um pintor de paredes que a vira mudar de roupa. Outra relembrava um sonho, no qual era violentada por um tal de Amaury [...] ia ouvindo o barulho da água, imaginando os movimentos que ela, nua, havia de fazer ao se ensaboar,

imaginando a água em seus cabelos, no pescoço, no rego entre os seios” (p. 67).

Sérgio Sant’Anna, *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro, 1982* — 13 contos

Contos com referências homossexuais — 2 contos

“Cenários” / somente o termo “bicha”: “uma galeria em Copacabana onde numa sexta-feira à noite bêbados, traficantes, prostitutas, bichas, policiais, bandidos, confraternizam-se numa tremenda zorra” (p. 19).

“Duetto” / Possível caso de relação homossexual (implícito).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Número de contos com referência hétero — 13

Exemplos de trechos com manifestação hétero

[...] desvencilhando-se daquelas calças justas de homem fútil da noite, atira-se ele sobre ela que, enraivecida, em vez de defender-se com socos se deixa possuir sem um gesto [...]” (p. 18); “cravando minhas unhas em seu peito cheio de pêlos, sinto o tronco rígido do macho e sou frágil e poderosa como ele” (p. 23); “um homem excitado explora o corpo de uma mulher que treme” (p. 28); “Não sem antes, velado pela chama, o homem olhar para um seio murcho e a falta de dois dentes, da frente, na mulher, o que lhe desagradava” (p. 37); “Foram amantes de putas famosas, acostumam-se a beber uma coisinha aqui e outra ali e depois casam com moça de família do interior” (p. 63); “mais tarde, entrando sozinho num salão, encontro uma jovem belíssima [...] que levanta sua saia e se oferece a mim” (p. 174).

Sônia Coutinho, *O Último Verão de Copacabana, 1985* — 14 contos

Contos com referências homossexuais — 3 contos

“Hipólito” / homossexualidade como possível leitura.

“O último verão de Copacabana” / “os garçons devem pensar (ela imagina) que as duas formam um casal, *Janete com seu jeito indisfarçável de rapazinho*” (p. 63, grifo nosso); “óbvia atração que Janete sente por ela” (p. 64).

“A liberdade secreta” / “homossexual engraçado e inteligente” (p. 131).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Wander Piroli, *A máquina de fazer amor, 1980* — 8 contos

Contos com referências homossexuais — 3 contos

“Um bom fim de semana para todos” / expressão utilizada como deboche em relação ao desejo sexual entre dois homens, contexto irônico: “Me explica o que você vai ficar fazendo nesse pulgueiro? Vou me masturbar em sua homenagem” (p. 55).

“Dia dos namorados” / apenas um termo ofensivo “viado” (p. 63).

“Relações humanas” / homossexualidade como possível leitura: “Olha, Luiz, aqui você tem tudo. Pus o copo em cima da pia e comecei logo a tirar a camisa, me livrar da calça [...]” (p. 38).

Contos com homossexualidade como aspecto central — 0

Diante dos dados colhidos no levantamento é possível observarmos, de modo geral, duas importantes questões: a pouca incidência da temática homo

como foco, ainda que se trate de uma década de extrema importância em relação aos avanços a respeito da sexualidade homo; bem como a maior incidência de abordagem voltada aos estigmas sociais, notada por meio de termos ofensivos como “veado”, “bicha” e demais referências taxativas, entre outros. Sob essa perspectiva, em face do ideal preconceituoso que impera sobre o homossexual, achamos válido enfatizar que não questionamos ou julgamos, aqui, o intuito ou a visão do contista sobre o homossexual; mais do que isso, por compreendermos a literatura como representação social, entendemos o conto como reflexo dessa sociedade repressora, além de um meio de escancarar e problematizar a visão social estigmática e preconceituosa.

Todavia, não é somente de preconceito, estigma e taxação que se faz a contística da década em questão, há que se considerar o avanço em termos de exposição literária de questões relativas a uma sexualidade que até a segunda metade do século XX ainda era silenciada ou, conforme mencionamos no primeiro capítulo, quando surgia em meio literário era de maneira a reforçar estereótipos e ideais preconceituosos. O que chamamos de avanço, nesse contexto, diz respeito às evoluções causadas pelos esforços libertários dos movimentos mencionados possibilitando maior abrangência de uma temática até então “maldita”. Isso se torna evidente ao tomarmos como base este levantamento que nos mostra a maior abrangência de questões voltadas à sexualidade homo se comparada à época que antecede os avanços quanto aos ideais sobre sexualidade e orientação sexual. Embora tenhamos nos deparado, de um modo geral, com referências mais voltadas à ênfase ao preconceito consideramos como avanço a visibilidade dessa sexualidade em meio literário, já que, como pudemos observar, todas as obras que abrangemos inclui de alguma maneira a homossexualidade, ainda que não surja (ou surja pouco) como temática central.

É natural que a expectativa seja de uma alteração instantânea pós-avanços médicos, teóricos e ideológicos a respeito da sexualidade homo. Não obstante, é necessário ponderar a dependência de um desenvolvimento processual que pode ser longo por tratar-se de uma causa tão complexa e delicada como a questão das sexualidades e da orientação sexual, principalmente se levarmos em consideração que os novos posicionamentos que fogem ao estigma visam desconstruir ou questionar aquilo que fora durante muito tempo e, até então, assimilado, internalizado e repetido pela sociedade. Este é o caso da patologização

da homossexualidade, ainda que tenha sido legalizada a despatologização, a assimilação perante à sociedade é processual envolvendo, pois, um longo caminho de resistência e enfrentamentos.

Frente a isso, outro importante aspecto a ser destacado é, justamente, a ocorrência da focalização da temática em questão, apesar de ser escassa conforme apontamos. Por tratar-se de uma década com recentes avanços e discussões a respeito da homossexualidade, nota-se que a abrangência da temática ainda é tímida, já que poucos contos a salientam.

Conforme pudemos observar nas obras que elencamos para percepção da presença de outras sexualidades, a linha destinada à quantidade do número de contos com referência à heterossexualidade apresenta, em algumas obras, uma contagem que pode proporcionar algumas confusões ou questionamentos se compararmos às linhas anteriores. A esse respeito faz-se necessário tecermos alguns esclarecimentos. Notamos que alguns contos dos indicados na segunda linha, portanto, com referência homo, possuíam não somente abordagem da homossexualidade, bem como da hétero, encaixando-se, também, na sexta linha dedicada à exemplificação da heterossexualidade. Logo, devido à abordagem dupla (de ambas as sexualidades), ocorrente em alguns contos, indicamos, em alguns momentos, o mesmo conto em ambas as linhas.

Consideramos válido, pois, ressaltar que a produção desse levantamento menor serviu-nos para verificarmos que as obras, as quais, porventura, abstêm-se da homossexualidade seja qual for o motivo, contemplam em algum grau a sexualidade, conforme pudemos comprovar na observação das fichas. Posto isso, acreditamos deter material suficiente para provocarmos algumas inquietações as quais nos propusemos a aprofundar no início desta dissertação. Dentre elas sobressai a pergunta que nos parece retórica: Qual o motivo de a homossexualidade ainda aparecer de maneira tão tímida na contística de uma influente década para os avanços dessa sexualidade? Há uma explicação plausível para esse fato?

Julgamos não possuímos, ainda, dados ou considerações suficientes para responder com clareza e objetividade tal questionamento. Não obstante, é válido reconhecermos que o caminho até aqui percorrido permite-nos notar e afirmar duas importantes questões: a homossexualidade é pouquíssimo abordada na contística da década de 1980 e isso é indiretamente proporcional à

abordagem da dominante e hegemônica heterossexualidade, visto que as obras que tratam pouco, ou nada, da homossexualidade, referenciam, em algum grau, a sexualidade hétero. Por conseguinte, intencionamos não somente basearmo-nos nessas reflexões como também desenvolver outras em torno dessas ponderações para continuarmos essa caminhada.

2.2.1 A Contística da Década de 1980 e a Visibilidade Homossexual

Por intencionarmos um aprofundamento do conteúdo das obras elencadas para a pesquisa, de maneira a evitarmos uma abordagem simplória e de caráter exclusivamente quantitativo, dedicamos este subtópico ao enfoque de alguns contos presentes no levantamento realizado e, ainda, a alguns esclarecimentos necessários quanto à natureza das manifestações da homossexualidade nos contos.

Em diversos momentos referenciamos a ocorrência de “termos”. Isso se dá devido à ausência de uma abordagem mais profunda da temática homo; de outro modo, quando indicamos a presença de determinados “termos” no conto, sem mais observações, significa que não ocorre nenhum outro tipo de abordagem da temática, além da menção terminológica geralmente surgindo como marca de preconceito social, já que quando há a manifestação de um termo voltado não ao reflexo do preconceito, mas da identidade de um grupo social que se apropria de determinados vocábulos ressignificando-os, buscamos indicar no próprio excerto, ou por meio de nota explicativa.

Por conseguinte, cabe-nos desenvolver, sequencialmente, o enfoque ao qual nos referimos elencando contos do levantamento que, a nosso ver, careçam de certo aprofundamento e comentários. Um deles intitula-se “Dia dos namorados”, publicado no livro *A máquina de fazer amor* (1980), de Wander Piroli, para o qual indicamos o surgimento de “apenas um termo ofensivo — ‘viado’”. Nele há referência de um casal (hétero) em situação de rua, acometidos pela miséria e subordinados à mendicância; há ênfase a ideais de masculinidade, virilidade, domínio do masculino sobre o feminino. Entretanto, a respeito da sexualidade homo não há aprofundamento qualquer, além da expressão “viado” que surge como maneira de ofender e “desonrar” um indivíduo que se queria reconhecido como “macho”, conforme nota-se no trecho: “HOMEM (batendo com a mão no peito) – Eu

sou macho pra caralho. MULHER – Cê é viado, Zé” (PIROLI, 1980, p. 63). Trata-se, portanto, de um conto voltado ao enfoque de outras questões que não a homossexualidade, tal qual a masculinidade e provas de virilidade surgindo, pois, a homossexualidade como falha de virilidade apenas em um momento, como maneira de questionar a “macheza”, como humilhação, ofensa e afronta.

Ainda a esse respeito, o conto “Queridas vizinhas”, de Deonísio da Silva, presente na obra *Livrai-me das tentações* (1984), focaliza, semelhantemente ao anterior, questões referentes à masculinidade e à virilidade mostrando-nos, de maneira enfática, estereótipos relativos à homossexualidade:

O Gaudêncio era bicha porque gostava. Eu, de primeiro, vivia reprovando o baita. Depois, adquiri a lucidez de que eu, naquele colégio, era um dos poucos exemplares do famoso e pouco estudado *homo ruralis*, que não deixa ninguém pôr a mão na bundinha dele. Os outros eram todos urbanos e quase não podiam esconder o componente homossexual que os confundia um pouco (SILVA, 1984, p. 89).

O trecho remete não somente ao estereótipo voltado à sexualidade, por meio do vocábulo “bicha”, como também à questão da virilidade atrelada ao meio rural, ao homem do campo, relacionando, assim, o componente urbano como diretamente ligado à homossexualidade, isto é, à ausência de virilidade, de “macheza”.

Além disso, o conto traz a imagem da homossexualidade vinculada ao constrangimento tratando, do mesmo modo que o anterior, como questão de desonra e humilhação: “— Aí é que tá – me disse ele com aquele ar vergonhoso de bicha enrustida que vive bisbilhotando a vida dos outros” (SILVA, 1984, p. 89). Observa-se nesse trecho, também, o reforço do estereótipo social que atrela o homossexual à indiscrição, bisbilhotice e intromissão.

Contido na mesma obra, o conto “A confissão” dispõe de uma atmosfera irônica para tratar de questões religiosas incluindo, sob esse aspecto, a homossexualidade: “João, muito do salafra, já disse que São José tá é de olho num baita dum São Cristóvão pintado no teto da casa, *que é pra ser de Deus*” (SILVA, 1984, p. 85, grifo nosso). O trecho destacado denota, repleto de sarcasmo, a questão da homossexualidade considerada como pecado pela Igreja.

O conto “Livrai-me das tentações”, que dá nome ao livro de Deonísio da Silva, republicado na obra *O tratado dos homens perdidos* (1987), interessa-nos

por tematizar centralmente a transexualidade, também cara a nossa pesquisa por situar-se no âmbito das sexualidades marginalizadas. Escrito em formato de carta, endereçada à mãe, o conto revela uma narradora que se nomeia “Zezinho” ao final. Deparamo-nos com uma perspectiva irônica dessa narradora quanto aos paradigmas impostos socialmente. O foco é defender que os tempos mudaram (o conto ambienta-se na década de 1960) e com ele alterou-se, também, a noção de promiscuidade, justificando assim seus vários “amores”³¹.

Pudemos observar que as referências à homossexualidade emergente nos contos podem surgir de maneira a evidenciá-la categoricamente, seja por meio de termos, seja apontando uma relação afetiva entre dois homens ou duas mulheres, seja na caracterização do personagem, ou mesmo de modo a apresentar uma mistura, ou confusão das características atreladas ao masculino e ao feminino, isto é, comparando, por exemplo, com o feminino, por conta de características e atitudes, um personagem que se defina como homem. Isso é exposto, conforme demonstramos na ficha do levantamento, em alguns contos presentes na obra *As imaginações pecaminosas* (1981), de Autran Dourado, entre os quais dois serão aprofundados no capítulo seguinte. Nesse caso, percebemos que há duas vertentes possíveis: ou a aproximação à androginia, quando o conto apontar personagem com características femininas e masculinas, mas sem fazer referência à orientação sexual, ou de modo a representar o equívoco do apontamento de questões de gênero quando, na verdade, trata-se de orientação sexual, questão sobre a qual discorreremos no primeiro capítulo. Versaremos, a seguir, a respeito dos contos que possuam tais abordagens.

O conto intitulado “Duetto”, presente na obra *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (1982), de Sérgio Sant’ Anna, carrega como temática central a relação sexual hétero. Definimos que a homossexualidade nesse conto é “implícita”, ou surge como “possível leitura”, já que não há indícios, termos ou contextos que permitam interpretar claramente a presença dessa sexualidade. O que ocorre é um fragmento de caráter dúbio quanto à sexualidade: “o outro podia estar ali, os olhos abertos, nas divagações que permitiam tudo. Até que as próprias

³¹ É imprescindível ressaltar que compreendemos a trans e a homossexualidade como sexualidades diferentes; não é, pois, por entendermos a transexualidade como inclusa na homo que acrescentamos esse conto ao levantamento, menos ainda por confundirmos ambas. Nosso intuito com essa inclusão foi dar visibilidade a outra sexualidade, se não tão, talvez mais marginalizada que esta de nosso interesse, vivenciando, portanto, enfrentamentos semelhantes como, por exemplo, o silenciamento em meio literário.

mãos encontrassem o próprio sexo: o ser preso em si mesmo, enquanto a imaginação decola, hermafrodita” (SANT’ANNA, 1982, p. 34), compreendemos como “duplo caráter quanto à sexualidade” no sentido de que o contexto a que se refere o trecho diz respeito à permissividade do vagar do pensamento na relação sexual quando voltado à excitação. De outro modo, interpretamos a utilização do termo “hermafrodita” como artifício para indicar que o foco de excitação sexual não escolhe gênero. A nosso ver, o fragmento aponta para a ideia de que, apesar de ser possível escolher o parceiro sexual, bem como seu gênero, é impossível fugir ou disfarçar o desejo sexual. Esse decola com a imaginação e pousa onde lhe convém, seja reforçando a heterossexualidade, ou colocando-a em xeque, caso o pouso do pensamento atrele-se não ao sexo oposto, mas ao indivíduo do mesmo sexo. Apesar dessa referência, a partir de nossa reflexão sobre esse conto consideramos que a abordagem principal, isto é, seu enfoque compreende a relação sexual hétero, tal qual indicamos anteriormente, conforme podemos observar nos seguintes trechos: “cravando minhas unhas em seu peito cheio de pêlos, sinto o tronco rígido do macho e sou frágil e poderosa como ele” (SANT’ANNA, 1982, p. 23); “um homem excitado explora o corpo de uma mulher que treme” (SANT’ANNA, 1982, p. 28).

Quanto ao conto “Hipólito”, presente em *O último verão de Copacabana* (1985), de Sonia Coutinho, semelhantemente ao anterior, cabe-nos justificar o motivo de indicarmos “homossexualidade como possível leitura”. Não contém nessa trama referência alguma capaz de levar-nos a inferir relação clara com essa orientação sexual, no entanto, não pudemos deixar de notar que o conto faz alusão ao mito de Hipólito e Fedra, sobre o qual há abordagens indicativas de homossexualidade na figura de Hipólito, além de existirem alguns contextos que possibilitam, a nosso ver, a interpretação de possível relação à homossexualidade.

O conto é narrado na voz de uma personagem feminina relatando as ocorrências que a levaram a buscar psicoterapia, todas atreladas à rejeição de um homem, o qual chama de “Hipólito” por julgar seu caso semelhante ao mito. O que nos levou a inferir a homossexualidade do personagem Hipólito como possível leitura foram algumas referências e trechos, tais quais: o uso de máscaras vinculado à figura do homem, e, “eu compreendo Hipólito e o seu susto, a dura obrigação de ser homem que ele recusa” (COUTINHO, 1985, p. 25). Considerando as obrigações para validação da masculinidade, sobre as quais discorreremos no primeiro capítulo desta pesquisa, ao recusar a obrigação de ser homem o personagem passa a ser

questionado e taxado como “não homem”, figura a que a sociedade relaciona à homossexualidade masculina: “eu era apenas uma mulher, Hipólito não podia me amar”; “preferia seus companheiros masculinos, os jogos, o esporte” (COUTINHO, 1985, p. 26). Apesar de o esporte ser um dos meios de validação da masculinidade, o fragmento aponta para a preferência de companheiros homens, algo que não é permitido àquele que queira ser reconhecido como “homem” perante a sociedade: “lembro frases suas: ‘Às vezes, também é bom ser possuído’” (COUTINHO, 1985, p. 27), a esse trecho relacionamos a discussão de atividade e passividade para validação da masculinidade, aquele que é identificado como passivo perde o posto de “homem de verdade” sendo atrelado ao feminino: “Ou o indivíduo era um homem ‘verdadeiro’, que assumia o papel do penetrador durante o sexo, ou era o penetrado, o receptor ‘passivo’, ‘feminino’” (GREEN, 1999, p. 135).

Em relação ao conto “O último verão de Copacabana”, da mesma obra, cabe um comentário: destacamos o trecho “*Janete com seu jeito indisfarçável de rapazinho*” (COUTINHO, 1985, p. 63, grifo nosso) com intuito de apontar o impulso taxativo da sociedade. Da mesma forma que se espera e exige do homem provações de masculinidade e comportamentos comprobatórios de sua “macheza”, espera-se da mulher posturas como, delicadeza, atitudes congruentes com aquilo que a sociedade chama de “bons modos”, sendo que as mulheres, as quais, porventura, não sigam esse padrão são vinculadas à masculinidade. Apesar de esse vínculo não carregar o mesmo peso (o da exclusão) daquele carregado pelos homens vinculados ao feminino, há que se considerar essa constatação.

No conto “Vocação para o canto orfeônico”, da obra *Até sempre* (1985), de Edla Van Steen, deparamo-nos com um personagem masculino, ao qual são atreladas características femininas, no entanto, não há relação com a orientação sexual do personagem: “As linhas do rosto e do tronco revelam algo de feminino. O desenho dos lábios, de um rosa vivo, a angulosidade das maçãs da face, a carnação da pele branca e doentia, lembravam Beatriz” (VAN STEEN, 1985, p. 65). O trecho trata das características de Bento, personagem masculino ao qual vinculam-se caracteres femininos, mas com intuito de relacioná-lo à figura materna e não de indicar, taxativamente, homossexualidade.

Na obra *Paixões* (1984), de Domingos Pellegrini, há o conto “Crime e perdão” de longa extensão contendo 50 páginas, todavia dividido em duas partes: a primeira intitulada “O crime” e a segunda, iniciada na página 34, nomeada “O

perdão”, a qual nos revela, bem claramente, essa questão da mistura de características femininas e masculinas para identificação da homossexualidade, causando a confusão que mencionamos entre identidade de gênero e orientação sexual, conforme podemos notar nos seguintes trechos: “— Por que você ainda é virgem se não quer ser sapatona? [...] Por que esse cabelo curtinho? Machona você não é”; “Levei uma década para descobrir que meu negócio não é homem, mas um determinado tipo de homem – muito feminino, aliás” (PELLEGRINI, 1984, p. 35; 36). Ou, ainda, o trecho: “Me chame de Zank, querida. Não *o* Zank ou *a* Zank, apenas Zank” (PELLEGRINI, 1984, p. 37) o qual denota a preocupação linguística para definição do indivíduo como feminino ou masculino, de modo a apontar para a fuga do personagem dessas definições, querendo ser reconhecido apenas por seu próprio nome, sem ser identificado com os artigos definidos “a” ou “o”, ou seja, mulher ou homem.

Nesse conto há, ainda, a presença da perspectiva da sociedade que se apresenta repressora e com dificuldades de compreender uma sexualidade diferente da soberana e normativa hétero: “Me diz uma coisa você que parece o mais machão de todos: se um filho teu começa a desmunhecar, o que você faz? Condena? Mas não é o mesmo que condenar a você mesmo como pai?” (PELLEGRINI, 1984, p. 37). Nesse fragmento evidencia-se a masculinidade atrelada à virilidade e à heterossexualidade. A homossexualidade aparece como problema necessário de ser solucionado, motivo de preocupação, além da indicação como atitude condenável. Surgem, também, em diversos momentos os termos “sapatão” e “bicha”, marcadores do preconceito e estigma: “— Também vieram aqueles dois, e eu tenho olho *clínico*: sapatão e bicha” (PELLEGRINI, 1984, p. 41, grifo nosso). O vocábulo destacado assinala duas possibilidades: a patologização da homossexualidade, ou mesmo o emprego de uma simples expressão popular que significa “ter intuição”.

Ainda a respeito da identidade de gênero confundida, ou relacionada à orientação sexual há o conto “O aprendiz”, oriundo da obra *Os meninos crescem* (1986), também de Domingos Pellegrini, o qual alude à questão das atribuições impostas socialmente ao homem e à mulher, conforme nota-se no seguinte trecho: “— Meninão comprou cigarro... — Ganhou dinheiro do macho” (PELLEGRINI, 1986, p. 70). Frente a isso, é possível ponderarmos dois importantes pontos: tanto a imposição social que vincula o homem ao sustento da casa e, conseqüentemente,

ao poder monetário, sendo a mulher responsabilizada pelo lar e afazeres domésticos e diante disso, criando a suposição estigmática de que a mulher somente possui dinheiro se ganhado do marido, ou como aponta o fragmento, do “macho”; o outro ponto de imprescindível reflexão a respeito do trecho relaciona-se mais à temática de nosso interesse, já que se observa o tom de zombaria vinculando o personagem, o qual já é, pejorativamente, chamado de “meninão”, à imagem feminina, ao apontar que ganhara dinheiro do “macho”, desvinculando-o, pois, da masculinidade e de uma das suas características: o trabalho e a renda, questão sobre a qual dissertamos no primeiro capítulo desta pesquisa.

Ainda buscando justificar a indicação, no levantamento, da presença da homossexualidade como “implícita”, debruçamo-nos sobre o conto “Domingo sem néctar”, de João Gilberto Noll, contido na obra *O cego e a dançarina* de 1980. Nesse caso, apontamos a homossexualidade como subentendida em função do próprio desenvolvimento do enredo, é apresentado ao leitor um personagem identificado como “Viajante”, o qual se encontra em um posto de gasolina de beira de estrada. O narrador onisciente indica a traição da esposa e o desconhecimento disso por parte do Viajante. As reflexões desse personagem são expostas, bem como suas ações, e em meio a elas ocorre uma situação, no banheiro do posto, incômoda a ele: “um rapaz abre a braguilha ao lado do Viajante, retira o pênis, começa a mijar, o Viajante olha sem se mover e sente a sua própria mão queimar. Perturba-se com a sensação estranhamente quente na mão e volta logo o olhar para a inscrição [...]” (NOLL, 1986, p. 131). Diante dessa sensação, o Viajante busca de diversas formas afastar o que sentira, tenta substituir os pensamentos e ignorar a sensação, no entanto, mais adiante ocorre a seguinte situação:

O rapaz nota sem querer que o pênis do Viajante está quase totalmente intumescido mas não conserva o olhar porque enerva-se brutalmente e o seu próprio pênis ganha um inesperado influxo, a mão do Viajante começa a arder em chamas e ele sente que uma náusea o salvaria, a alguns segundos os dois pênis já não urinam, estão ali, donos de si mesmos mas dominados por um impasse que não sabem de que, o Viajante e o rapaz se aprumam e fecham a braguilha, outros homens conversam e mijam, alguém fala que já é noite (NOLL, 1986, p. 131).

A nosso ver, o conto traz à tona, por meio das vivências de um personagem, elementos representativos de uma realidade que é reprimida, ou ao

menos silenciada. A situação exposta salienta tanto a descoberta do desejo com foco homo, quanto a busca por conter e disfarçar os sentimentos e sensações que “fogem ao padrão”, já que a própria “fuga” desse desejo homo é a atitude do personagem de buscar um corpo feminino depois, provavelmente para afrontar e negar aquele desejo: “O Viajante assobia e lava as mãos que logo mais tentarão o corpo índio da mulher” (NOLL, 1986, p. 131).

Cabe-nos, ainda, tecer alguns comentários acerca da ideia que conferimos a alguns contos no levantamento, de homossexualidade escondida, ou como algo que não pode ser dito. Os contos “Linda, uma história horrível”, conto de abertura da obra *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988); “O cântico do gato”, oriundo da obra com o mesmo título, de Manoel Lobato; e “Rosinha e Gracinha”, da obra *Lincha tarado* (1980), de Dalton Trevisan, apresentam essa qualificação, cada qual a sua maneira.

O primeiro conto retrata a visita de um filho a casa da mãe e desenvolve um singelo e metafórico diálogo entre mãe e filho capaz de levar à compreensão, dentre outras coisas, de um silenciamento da homossexualidade. Visto que ao mencionar “Beto”, com quem, interpretamos, o filho mantinha relacionamento afetivo, a mãe refere-se da seguinte forma: “Isso que é amigo, meu filho. Até meio parecido contigo, eu fiquei pensando. Parecem irmãos. Mesma altura, mesmo jeito, mesmo” (ABREU, 1988, p. 20). A continuação desse diálogo reforça a sensação de uma busca por esconder a homossexualidade: “— A gente não se vê faz algum tempo, mãe. [...] — E por quê? — Mãe — Ele começou. A voz tremia. — Mãe, é tão difícil — repetiu. E não disse mais nada” (ABREU, 1988, p. 20). Fica evidente, pois, a ignorância da mãe em relação ao vínculo afetivo do filho com Beto, bem como sua inocência diante das percepções das características que aproximam os dois, levando-nos a inferir a ênfase ao pudor causado por esse assunto, de modo que o filho prefere silenciar a justificar sua relação com Beto. Nota-se, ainda, uma atmosfera carregada de perspectivas negativas que ilustram a vida findando em diversos sentidos, seja através da imagem decadente e envelhecida da mãe, seja da cachorra a esperar pela morte ou do próprio filho magro e frágil, permitindo-nos, assim, uma leitura que o identifique como portador do HIV/AIDS. Tal abordagem problematiza, pois, o HIV como problema enfrentado pelo homossexual relegando-o à decadência.

O segundo conto carrega certo silenciamento do envolvimento amoroso de duas mulheres (Célia e Helena), relação que se mantém subentendida ao longo da narrativa, mas em momento algum é declarada abertamente. Quando ocorre qualquer menção surge de maneira cuidadosa como que para evitar a assunção de algo que é tido como errado: “— Não tenho experiência com homem. Só gosto de... Engoliu o resto da frase porque Dr. Paulo a beijou na boca, esmagando-lhe o segredo e sem prestar atenção a seus protestos” (LOBATO, 1985, p. 106). O fato de a personagem (Célia) guardar um “segredo”, o mesmo que é “esmagado” pela atitude masculina, indica-nos algumas importantes questões: segreda-se aquilo que não pode ser dito; o que não pode ser dito é, ou ao menos pode possuir carga de pecaminoso; a personagem, ao carregar o peso de guardar um segredo, demonstra a intenção de “confessá-lo”, e mais uma vez volta-se à ideia de pecado, isto é, aquilo que precisa ser confessado.

Mais adiante há um diálogo em que Célia tenta, novamente, confessar seu segredo, sempre com muita dificuldade de verbalizá-lo:

A menina redobrou o choro e repetiu: -Estou com medo. – De quê?
 — Sei não. — Trair Helena? — Não gosto dela. — Mas eu gosto. —
 Como? — Amor mesmo. — Que amor? — Amor diferente. Adoro
 Helena. Foi ela quem me ensinou... —... o quê? — Essas coisas. —
 Que coisas? — De seu baralho. — Verdade? — Pensei que o senhor
 soubesse (LOBATO, 1985, p. 106-107).

Enfatizamos a importância das reticências nesse contexto: elas substituem aquilo que não pode ser dito pela personagem (seja por medo, por vergonha ou por convenção social). O bloqueio de colocar esse envolvimento em palavras é tamanho que mesmo após esclarecida e exposta a relação com Helena, Célia priva-se de verbalizar buscando outros meios de explicação que não necessitem mais esclarecimentos. Faz isso mencionando o baralho, o qual havia sido mostrado a ela anteriormente: “exibiu umas cartas de baralho, cada qual com duas mulheres em libidinagens” (LOBATO, 1985, p. 106).

A problemática do terceiro conto, “Rosinha e Gracinha”, envolve os “desgostos” de um pai em relação aos seus filhos voltado, exclusivamente, à questão da orientação sexual. Conforme pudemos observar na ficha correspondente a essa obra no levantamento, esse conto traz a personagem “Gracinha” que se envolve amorosamente com a professora, situação precedida do seguinte fragmento: “Uma filha pode ser a desgraça do pai. – A minha, felizmente, Deus

levou” (TREVISAN, 1980, p. 103), de forma a apontar, densa e enfaticamente, a homossexualidade como causadora desse desgosto. Conferimos densidade e ênfase em razão da frase que fecha esse fragmento indicando que, pela perspectiva desse pai, o melhor é ter morta a filha ao invés de proporcionando, aos seus olhos, tal desgosto.

Tal qual o anterior, esse apresenta-nos a característica de trazer as reticências como substituição daquilo que não pôde ser dito, carregando, assim, de mistério e silenciamento o contexto ao qual se refere, conforme podemos observar no seguinte trecho: "Dona Eufêmia diz que entrou foi no quarto do filho. Deu com o negro debaixo da cama [...] Será que também o filho..." (TREVISAN, 1980, p. 104). A carga do que não pode ser dito é potencializada tanto pelas reticências quanto pela acepção do vocábulo “também”, o qual atua como retomada do ocorrido com a filha, fazendo subentender-se a preocupação de o filho, assim como a filha, proporcionar semelhante “desgosto” ou “desgraça” como o próprio fragmento, transcrito no parágrafo anterior, indica.

Encerramos essa etapa de confluência de comentários e reflexões acerca de alguns contos ou fragmentos com o conto “Dama da noite”, de *Os dragões não conhecem o paraíso*, de Caio Fernando Abreu. No quadro do levantamento referente a essa obra indicamos, nessa narrativa, a presença de crítica à exclusão de diversos grupos e indivíduos, uma vez que nos deparamos com uma narradora-personagem que se apresenta, tal qual o título do conto, como Dama da noite, e que problematiza metafórica e ironicamente a não adequação, não somente do homossexual, mas de todos aqueles que não se encaixam no quebra-cabeça da vida quanto às leis a serem seguidas.

Vemos a narradora apresentar e desenvolver uma perspectiva densa e melancólica a respeito do funcionamento da excludente sociedade em que se encontra. A metáfora da inclusão/exclusão usada por ela é a da “roda-gigante” indicando que aqueles que nela rodam são membros reconhecidos e validados perante a sociedade, todavia aqueles que não possuem a “senha” para a entrada não têm o direito de rodar, nem as regalias dos integrantes, tal qual alude o seguinte trecho: “Você tem um passe para a roda-gigante, uma senha, um código, sei lá. Você fala qualquer coisa tipo bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora” (ABREU, 1988, p. 91). O fragmento assinala, também, a posição dessa narradora em relação à roda,

relegada à exclusão, além de indicar seu interlocutor, o qual é, por sua vez, apontado não somente como integrante da roda, mas também destacado como detentor de espécie de passe-livre que lhe permite transitar como bem entender. De maneira que não é à toa que esse interlocutor é identificado ao longo do conto como “garotão”, “boy”, “cara”, entre outros apelidos irônicos, tradicionalmente representativos do jovem integrante da classe média/alta.

É, pois, nessa alçada que desponta a referência à homossexualidade, a qual cabe, assim como à própria narradora, a exclusão, a margem, visto que o código de entrada é regalia exclusiva àqueles que cumpram as imposições sociais e encaixem-se no padrão pré-estabelecido. Ademais, a narradora explora criticamente, também, o medo e a insegurança quanto as relações interpessoais diante do advento do vírus HIV:

[...] Na tevê também dá, o tempo todo: amor mata amor mata amor mata. Pega até de ficar do lado, beber do mesmo copo. Já pensou se eu tivesse? Eu, que já dei pra meia cidade e ainda por cima *adoro veado*. [...] Já chupou buceta de mulher? Claro que não, eu sei: pode matar. Nem caralho de homem: pode matar. Já sentiu aquele cheiro molhado que as pessoas têm nas virilhas quando tiram a roupa? Está escrito na sua cara, tudo que você não viu nem fez está escrito nessa sua cara que já nasceu de máscara pregada. Você já nasceu proibido de tocar no corpo do outro. Punheta pode, eu sei, mas essa sede de outro corpo é que nos deixa loucos e vai matando a gente aos pouquinhos. Você não conhece esse gosto que é o gosto que faz com que a gente fique fora da roda que roda e roda e que se foda rodando sem parar, porque o rodar dela é o rodar de quem consegue fingir que não viu o que viu (ABREU, 1988, p. 95).

Para essa geração ignorante quanto ao real contágio do vírus, qualquer contato é sinônimo de perigo, de modo a distanciar os indivíduos, além de erguer e fortalecer os pilares do preconceito à homossexualidade, uma vez que o medo da doença torna-se subterfúgio para a exclusão, ou afastamento do homossexual. Por conseguinte, a narradora posiciona-se, mais uma vez, contrariamente à “roda”, visto que seus membros não tem a liberdade de viver tranquila e calorosamente, pelo contrário, são impelidos à frieza das relações distantes, tal qual nos indica o trecho anterior.

A partir desse momento começamos a notar, então, certa mudança ou redirecionamento do ponto de vista da narradora. Ao passo que revela, inicialmente, uma conduta de aspiração à inclusão, à medida que se desenvolvem ponderações e críticas à roda, começa a irromper uma voz dotada de acidez e

carregada de repúdio àquele ambiente/grupo dominante, padronizante e opressor. Os integrantes da “roda” são mascarados, ao passo que os excluídos não necessitam de máscaras, sua vantagem é a permissividade, podem viver sem medo, sem afastamento e, diante disso, a narradora conclui: “Ô boy, esse mundo sujo todo pesando em cima de você, *muito mais do que de mim*” (ABREU, 1988, p. 95, grifo nosso).

Isso posto, apesar de esse conto não focalizar centralmente a homossexualidade, julgamos imprescindível sua abordagem por conta da peculiaridade da crítica tecida pela narradora, a qual expõe e desnuda, entre outras coisas, a fragilidade, a desigualdade, a injustiça e a futilidade de uma sociedade que se quer superior. Assim, não é inconscientemente que deixamos por último os apontamentos acerca desse conto, visto que ao depararmos-nos, ao longo da dissertação, com a exclusão do homossexual e da homossexualidade como orientação sexual, julgamos indispensável levantar reflexão acerca do funcionamento de uma sociedade excludente e, para alcançarmos isso, nada melhor que a perspectiva de uma narradora crítica de Abreu que nos mostra as desvantagens do pertencimento a essa sociedade falha que, apesar de mascarada, agrega incontáveis iludidos relegando à exclusão e à solidão os que tem seu acesso bloqueado.

Ao optarmos por realizar um levantamento de diversas obras, de autores variados, deparamos-nos com algumas dificuldades, dentre as quais se destaca o problema de incorrer em abordagem superficial dos livros e, mais ainda, dos contos que tratem da homossexualidade. Visando driblar essa adversidade dividimos este subtópico em dois momentos: no primeiro, desenvolvido até aqui, buscamos ir além do quantitativo tecendo comentários e desenvolvendo reflexões acerca de alguns contos que, a nosso ver, precisassem de um aprofundamento ou esclarecimento para além dos quadros. Durante o desenvolvimento dessa pesquisa quantitativa surgiu, ademais, a necessidade de voltarmos um olhar mais cuidadoso aos contos que, tal qual apontam a quarta e quinta linha das fichas, focalizam centralmente a homossexualidade, este se refere ao segundo momento deste subtópico, no qual intencionamos realizar uma abordagem de caráter explicativo desses contos que centralizam a homossexualidade. Enfatizamos que não nos concerne, contudo, nesse momento, aprofundar análises, ou desenvolver reflexões mais específicas tanto por ser essa a incumbência do capítulo subsequente quanto

por intencionarmos, nesse primeiro momento, dar visibilidade àqueles contos que também colocam a homossexualidade como temática central, mas que não serão contemplados em nosso momento analítico no capítulo terceiro.

Vale lembrarmos, assim, alguns detalhes quanto à organização dos quadros do levantamento: a segunda e terceira linhas que lidam com o número de contos com referências homossexuais tiveram, até aqui, uma parte aprofundada, considerando os comentários e análises sobre trechos de alguns contos. É, pois, sobre a quinta linha que nos debruçaremos nesse momento, isto é, a que se refere aos contos que possuam a homossexualidade como foco central.

Com intuito de alcançarmos um plano de abordagem padronizado, visando uma organização tanto estrutural quanto de conteúdo, antes de desenvolvermos as reflexões sobre os contos interessa-nos esclarecer os caminhos e métodos para tal. Trabalharemos, então, em uma sequência que respeite a ordem do levantamento desconsiderando, naturalmente, as obras que, na quarta linha (a que se refere ao número de contos com homossexualidade como aspecto central), são marcadas com zero. Apresentaremos o enredo desses contos de maneira sucinta esclarecendo como ocorre a referência à homossexualidade, no sentido de observarmos o ponto de vista do narrador e/ou dos personagens a respeito dessa orientação sexual. É de nosso interesse atentar, também, à presença do preconceito e à maneira como surge: se visando escancarar a realidade social, se em uma perspectiva de crítica e, ainda, se o contista dribla ou enfrenta de algum modo esse preconceito. Acreditamos que, desse modo, caminharemos a uma compreensão mais farta e clara da representação da homossexualidade na contística da década de 1980.

Evidenciamos Caio Fernando Abreu (1948-1996) como um dos principais nomes no que se refere à contística voltada à temática homo, uma vez que a homossexualidade é assunto caro a sua obra, além de ser abordada pelo escritor com grande abertura, conforme notaremos nas análises de seus contos. Deste modo, julgamos válido tecer alguns comentários acerca do autor e, mais especificamente, de sua obra *Morangos Mofados* (1982), sobre a qual dedicamos um atencioso olhar. Abreu é autor de uma vasta obra, composta, em sua maioria, por contos; no entanto, publicou, também, três novelas, dois romances, algumas peças de teatro, além de poemas. Diversos temas são explorados pelo autor, com a característica particular de voltar um olhar ao social problematizando o sujeito tanto

a partir da perspectiva do indivíduo movido por uma sociedade amarga e violenta quanto voltando um olhar mais específico ao interior de um sujeito que, diante das situações urbanas, vivencia um processo de confusão identitária. É nesse âmbito que o escritor desbrava territórios sinuosos abordando temas como ditadura militar, homossexualidade, surgimento do HIV/AIDS no Brasil, os quais requerem crítica e um olhar cuidadoso que Abreu desenvolve com maestria.

Diante da vasta produção de Abreu considerando a homossexualidade como um dos principais temas de sua abordagem, vale ressaltarmos que elencamos a obra *Morangos Mofados* por conta de alguns interesses particulares. Um deles refere-se à data de publicação, a qual compreende nosso recorte temporal; outro motivo é, justamente, o enfoque temático voltado ao indivíduo em seus momentos mais íntimos de busca por uma identidade, sendo que, em alguns momentos essa identidade revela-se homossexual e não é sem grandes enfrentamentos de insegurança, medo, preconceito e violência que esse(s) sujeito(s) encontra(m) em seu caminho.

A obra é composta por 18 contos divididos em três partes, a primeira intitula-se “O mofo” e contém nove contos; a segunda nomeia-se “Os morangos” contendo oito contos; e a terceira, “Morangos mofados”, que contém somente um conto homônimo. Parafraseando Heloísa Buarque de Holanda em seu prefácio à obra, a parte que compõe “O mofo” representa a vida sob a ditadura militar perpassando questões como a privação da liberdade. A dor é sentimento constante ao longo das duas primeiras partes. É somente na última parte que surge uma sinalização de esperança “os morangos estão mofados, mas ainda assim guardam o frescor em sua essência”.

Conforme apresentamos no levantamento, dos 18 contos que compõem o livro, seis referenciam a homossexualidade de alguma maneira e três focalizam a temática, sendo, pois, das obras que trabalhamos, a que contém maior abordagem e enfoque da homossexualidade. Isto posto, desses três elencamos um, “Aqueles dois”, para análise no capítulo subsequente, restando dois para trabalharmos neste subtópico desenvolvendo alguns comentários e reflexões. Um deles intitula-se “Terça-feira Gorda”, um texto bastante representativo da temática homo na Literatura Brasileira. Não termos o escolhido para o momento de análise não significa que não reconheçamos seu valor e importância. Os motivos de não o incluirmos nas análises aprofundadas dá-se tanto por se tratar de um conto que já

fora nosso objeto de estudo em pesquisa de iniciação científica quanto por seu reconhecimento que lhe confere certa “canonicidade” e, dessa forma, o tradicionaliza gerando numerosos estudos a seu respeito. Parece-nos que boa parte dos estudos que envolvem homossexualidade e conto focalizam o texto. Nosso intuito é, apesar de não deixá-lo de lado, dar lugar a outros que também mereçam visibilidade e reconhecimento³².

Cabe-nos, pois, neste momento, voltar o olhar ao conto “Terça-feira Gorda” ressaltando algumas particularidades e tecendo breves comentários. Antes de adentrarmos seu enredo salientamos que apesar de mais curto, se comparado, por exemplo, ao conto “Aqueles dois”, conforme aludimos em nota explicativa, entendemos e enfatizamos como não menos complexo e dotado de profundidade, posto que segundo afirma Alfredo Bosi (1975, p. 8): “[...] o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação, real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra”. Dito isso, compreendemos e salientamos o fato de a intensidade carregada pelo conto não estar atrelada a sua extensão, mas aos acontecimentos desenvolvidos a partir das vivências dos personagens que ganham vida a partir dele.

O enredo da narrativa compreende uma festa de carnaval, na qual dois rapazes flertam e ao aproximarem-se a atmosfera de divertimento e felicidade transforma-se em um início de violência física interrompido somente pela saída dos rapazes: “nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse” (ABREU, 1983, p. 58). Sequencialmente, o casal segue para a praia, longe dos olhares e julgamentos, e, permeado pelo medo, o narrador-personagem pondera: “pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval” (p. 58) denunciando a ideia de existência de uma necessidade de “máscaras” para enquadramento social, sendo, pois, a máscara de Carnaval uma metáfora para esse encaixe social que exige padrões de comportamento, bem como de orientação sexual.

³² Vale ressaltarmos que o conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu, elencado para análise nesta dissertação, possui tanto valor ou mesmo canonicidade quando se trata de estudos homo quanto o conto “Terça-feira gorda”. Deste modo, justificamos a opção pelo primeiro tanto por se tratar de uma narrativa mais extensa quanto por abarcar, mais intensamente, questões de nosso interesse, tais quais a relação de poder e a doutrinação das masculinidades.

Na praia ocorre uma relação sexual em um contexto envolto por uma escrita poética e metafórica ressaltando o belo e o puro amor entre dois homens, equiparando à beleza do céu e do mar. No entanto, essa harmonia é rompida pelo enfrentamento da violência ao surgir um grupo de pessoas pautadas nessas ideias que obrigam aqueles que não se enquadram em seus padrões a usarem máscaras. É imprescindível notarmos que não é coincidente, nem inconscientemente, que a trama é desenvolvida durante uma festa de Carnaval:

A máscara do carnaval se torna, na verdade, uma oportunidade única de revelar os aspectos mais profundos da realidade cotidiana – aqueles que talvez sejam perturbadores demais para se mostrar abertamente [...] Com tamanha inversão, também é verdade que a alegria carnavalesca adquiriu no Brasil conotações de fatalidade, pois se trata do derradeiro delírio carnal antes da penitência quaresmal, que *interrompe* cristãmente a festa pagã. O carnaval tornou-se entre nós uma dança que precede a morte, a última alegria que prenuncia o fim. Misturam-se morte e festa até o ponto de não ser mais possível distinguir uma da outra [...] Entra-se no jogo do vale-tudo (TREVISAN, 2007, p. 391-392).

Considerando as significações atribuídas a esse período festivo quanto à liberdade de expressão seria natural esperar dele maior aceitação em relação àquilo que a sociedade busca negar, não obstante, o conto escancara o avesso disso. A permissividade que a festa promete é falsa, ou ao menos limitada. Como exemplo disso, por um lado expõe-se naturalmente o uso de drogas e por outro a necessidade desse “uso de máscaras”. O desfecho, por sua vez, mostra-se poeticamente trágico: um dos rapazes é espancado até a morte enquanto o outro tenta, em vão, protegê-lo. Isso nos possibilita associar ao final do fragmento de Trevisan, apontando, assim, para esse conceito de paganismo: refletimos, deste modo, que tal qual o Carnaval é paganizado e atrelado a última felicidade antes da morte, a alegria desse casal homo teve uma duração de curtos instantes, seguida, pois, da ruptura extrema com violência e assassinato. Compreendemos, logo, que se trata de um texto capaz de expor com vigor e maestria a realidade do homossexual da época, a necessidade da busca de refúgio e, mais que isso, escancara a relação da homossexualidade ao paganismo aos olhos de uma sociedade que se mostra hipócrita: permissiva, mas “nem tanto”.

Ainda a respeito da ficha que concentra os contos da obra *Morangos Mofados*, interessa-nos focalizar, nesse momento, o conto “Sargento Garcia” também indicado na quarta linha do quadro trazendo, assim, a homossexualidade

como aspecto central. Nele deparamo-nos com a excêntrica figura desse sargento que protagoniza a trama levando o leitor à compreensão do tabu da homossexualidade em meio militar. O conto, dividido em três partes, ambienta-se inicialmente em um quartel, no qual se evidencia a questão da rigidez militar e do reforço dos valores que confirmam estereótipos do dominante e do dominado.

O sargento Garcia, figura de alta patente naquele meio, representa o domínio, enquanto Hermes, garoto de dezessete anos recém chegado ao quartel, corresponde à submissão fazendo as vezes do dominado. Nesse contexto, de cobranças e rígidos valores, o protagonista mostra-se, além de exigente, violento, grotesco, preconceituoso, interessado em ostentar seu domínio por meio de humilhação daqueles que estão subjugados a ele. Assim sucedem os acontecimentos narrados entre o sargento e Hermes, repletos de reprodução de estereótipos, violência, domínio e preconceito, tal qual sugerem os seguintes fragmentos: “De repente, mais nu que os outros, eu: no centro da sala. O suor escorria pelos sovacos. — Ficou surdo, idiota?” (ABREU, 1982, p. 79); “— Mocinho delicado, hein? É daqueles bem-educados, é? Pois se te pego num cortado bravo, tu vai ver o que é bom pra tosse, perobão” (p. 81). O segundo trecho leva-nos a rever questões abordadas no primeiro capítulo acerca da virilidade atrelada à ignorância, de modo a tornar proibido àqueles que querem validada sua postura viril, a “boa educação”, algo vinculado ao feminino.

A segunda parte do conto apresenta, ironicamente, a mudança de postura do sargento fora daquele ambiente opressivo, todavia ressalta a permanência de sua conduta dominante. Ao interpelar o mesmo Hermes que momentos antes havia humilhado sem escrúpulos frente ao batalhão, o sargento oferece-lhe carona e mostra-se, desta vez, condescendente justificando sua postura violenta no quartel: “Passo o dia inteiro naquele quartel, com aquela bagualada mais grossa que dedo destroncado. E com eles a gente tem é que tratar assim mesmo, no braço, trazer ali no cabresto, de rédea curta, senão te montam pelo cangote e a vida vira um inferno” (ABREU, 1982, p. 87). O fragmento reforça, pois, a concepção de validação da virilidade em meio militar, por meio da força bruta. Esse diálogo ocorre no carro do sargento momentos antes da primeira investida sexual por iniciativa do militar, a qual Hermes corresponde, mas sem experiência e demonstrando certa insegurança.

O ambiente seguinte em que se desenvolve o desfecho do conto é uma espécie de pensão, dirigida por Isadora, na qual os dois entram fingindo, a pedido do sargento, não se conhecerem reforçando, deste modo, a necessidade de esconder a homossexualidade ou relações homo por conta dos padrões e cobranças sociais: “tem sempre gente espiando a vida alheia, melhor eu ir na frente, fica no portão azul, vem vindo devagar, como se tu não me conhecesse, como se nunca tivesse me visto em toda a tua vida” (ABREU, 1982, p. 89). Os acontecimentos seguintes confirmam nossa percepção de um personagem moldado pela sociedade, mas ao mesmo tempo mascarado para reproduzir os padrões esperados, já que a pensão revela-se como um lugar destinado a encontros sexuais comumente frequentado pelo militar, a ponto de tratar Isadora intimamente: “— O de sempre, então? [...] piscou íntimo, íntima, para o sargento e para mim” (ABREU, 1982, p. 90).

A relação explícita do dominante/dominado exposta no decorrer da trama é reforçada nessa parte do conto, desde a chegada dos dois à pensão, algo que se evidencia pelo tratamento a Hermes colocando-o em posição de caça: “— Esta é a sua vítima?” (ABREU, 1982, p. 90), ou mesmo de indefeso e inexperiente: “— Não repare, Isadora. Ele está meio encabulado. Diz que é a primeira vez” (p. 90). Tal perspectiva (da submissão daquele visto como mais frágil) intensifica-se no relato da relação sexual, a postura do sargento é, novamente, revelada como violenta e grotesca, a ponto de causar medo e nojo em Hermes. A narração do ato sexual soa como estupro, de maneira a apontar para o vínculo do prazer, nesse caso, à necessidade da humilhação e sensação de domínio:

Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou, gemendo [...] Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim. — Seu puto — ele gemeu. — Veadinho sujo. Bichinha louca (ABREU, 1982, p. 92).

O fragmento leva-nos a compreensão da existência de algumas possíveis denúncias, além da explícita crítica à relação de dominante/dominado, surge, então, a expressão do tabu representado pela passividade em relações homo, posto que o sargento é dispensado do estigma por ser marcado como ativo na relação sexual relegando Hermes — o passivo — à posição de afeminado e não merecedor de reconhecimento viril, tal qual alude o seguinte trecho:

O homem que se envolve em um relacionamento sexual com outro homem, então, não sacrifica necessariamente sua masculinidade culturalmente construída – pelo menos desde que ele desempenhe um papel masculino culturalmente percebido como ativo durante o ato sexual e se comporte como um homem na sociedade. O homem que adota uma atitude passiva, de fêmea, contudo, seja no ato sexual ou na interação social, quase inevitavelmente desvaloriza sua própria masculinidade. Ao frustrar o ajuste culturalmente descrito entre sexo biológico e gênero social, ele sacrifica sua classificação adequada como homem e passa a ser conhecido como *viado* (originalmente do termo *veado*) ou uma *bicha* (literalmente, verme ou parasita intestinal, mas também, de modo instrutivo, a forma feminina de bicho, portanto, um animal fêmea) graças a sua feminilidade inadequada (PARKER, 2002, p. 57).

A concepção de Parker parece-nos dialogar perfeitamente com as denúncias desse narrador que explora o domínio vinculado à violência e ao grotesco, bem como a passividade sexual relacionada à submissão e fragilidade. O encerramento do conto permite-nos inferir a crítica ao reforço desses valores que promovem esses polos opostos nas relações interpessoais, além da supervalorização do dominante enquanto ao dominado resta a humilhação, visto que Hermes ao vivenciar aquela situação coloca-se, sequencialmente, em devaneios que o levam a refletir a respeito da necessidade de esconder esse “desejo obscuro”:

[...] como uma língua molhada e nervosa entrando rápida pelo mais secreto de mim para acordar alguma coisa que não devia acordar nunca, que não devia abrir os olhos nem sentir cheiros nem gostos nem tatos, uma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda naquele mais dentro de mim, como os reflexos escondidos, que nenhum ofuscamento se fizesse outra vez, porque devia ficar enjaulada amordaçada ali no fundo pantanoso de mim, feito bicho numa jaula fedida, entre grades e ferrugens quieta domada fera esquecida da própria ferocidade, para sempre e sempre assim (ABREU, 1982, p. 92).

Deste modo interpretamos essa reflexão do personagem como espécie de fuga daquela posição em que se encontrara. Diante da primeira experiência sexual, ao deparar-se com a submissão e humilhação, Hermes, mesmo confuso, parece buscar trilhar um caminho que o distancie daquela posição, uma vez que ao final do conto indica: “Amanhã, decidi, amanhã sem falta começo a fumar” (ABREU, 1982, p. 94), apontando, assim, para a busca de atitudes capazes de validar sua masculinidade e causar-lhe a sensação de domínio, já que o imponente sargento assim fazia.

Dito isso podemos notar, nesse conto, as denúncias de um narrador irônico que faz questão de evidenciar a busca por enquadramento social, a necessidade de usar máscaras, tal qual observamos no conto “Terça-feira gorda”, além do estigma voltado à passividade que promove a necessidade de esconder, ou disfarçar desejos e interesses sexuais, ou mesmo a fuga deles e aproximação daquilo que seja aceito, ou ao menos tolerado pela sociedade.

Partimos, então, para a abordagem da ficha correspondente à obra *Os dragões não conhecem o paraíso*, também de Caio Fernando Abreu, a qual reúne 13 contos de variada extensão, mas todos dotados de uma intensidade que parece carregar a essência da obra versando, principalmente, sobre o amor de diversas maneiras e caminhando por sexualidades variadas. Parafraseando o autor, no prefácio do livro, as 13 histórias independentes que nele se encontram podem, também, completarem-se, esclarecerem-se ou remeterem umas às outras para formarem uma espécie de todo. Indicamos, na ficha, cinco contos que tratam a homossexualidade como aspecto central, deste modo versaremos a respeito do enredo de cada um desses contos respeitando a ordem indicada no quadro.

Frente a isso, iniciamos com o conto “O rapaz mais triste do mundo”, o qual descreve um encontro entre um homem de quase quarenta anos e um rapaz de quase vinte anos, em um bar. O conto inicia-se com a caracterização física e psicológica de cada um, antes de caminhar ao encontro dos dois personagens apresentando também, de maneira irônica, a perspectiva da sociedade que exige um padrão de comportamento: “embora um vista cinza e o outro preto, como mandam os tempos, para não serem rejeitados, embora ambos bebam cervejas um tanto mornas, mas pouco importa neste bar o que se bebe, desde que se beba, e fumem cigarros igualmente amassados” (ABREU, 1988, p. 61). O fragmento salienta a imposição de regras para validação da masculinidade, como: vestir cinza e preto, além de beber e fumar, as quais os personagens reproduzem fielmente. Diante disso e indicando de forma enfática a fuga da troca de olhares e o receio frente a essa possibilidade, o narrador desenvolve, somente do meio para o final do conto, a sutil aproximação entre os dois, repleta de receio: “esse rapaz de casaco preto, barba irregular e algumas espinhas não seria o homem que aquele homem de espaço vazio no alto da cabeça desejaria, se desejasse outros homens, e talvez desejasse” (ABREU, 1988, p. 62), apontando, de maneira enfática, que se trata de uma aproximação livre de interesse afetivo, ou sexual.

Sequencialmente o rapaz é descrito carregado de infelicidade, algo ocasionado por sua fragilidade e não adequação frente às exigências sociais padronizantes. O homem fornece-lhe, além de segurança, certa sensação de conforto e alívio, ao passo que também é assombrado por problemas e apesar de serem de caráter diferente das adversidades que entristecem o garoto culminam no mesmo fim: a problemática cobrança social e a dificuldade de adequação àquela falsa felicidade que pede a sociedade.

O desabafo da infelicidade e a semelhança de seus enfrentamentos aproximam os dois personagens de maneira a estabelecerem um contato físico, o qual o narrador descreve de acordo com o olhar alheio: “esses dois caras estranhos, parecem dois veados de mãos dadas, perdidamente apaixonados por alguém que não é o outro, mas poderia ser, se ousassem tanto e não tivessem que partir” (ABREU, 1988, p. 65). Se por um lado denuncia-se o olhar taxativo do outro ao contato entre dois homens, por outro nota-se a menção à homossexualidade como “ousadia”, isto é, o narrador indica que frente a esse massacre capaz de relegar toda infelicidade do mundo a um rapaz simplesmente por não atingir as expectativas sociais, a homossexualidade, ou o contato afetivo entre dois homens em um ambiente como aquele, só poderia ser considerado ousadia.

Rumo ao desfecho do conto narra-se a despedida dos personagens: “quando levantam e se abraçam demoradamente à porta do bar, depois de pagarem a conta. Amantes, parentes, iguais: estranhos” (ABREU, 1988, p. 67), trecho que nos revela, além da “ousada” (conforme indica o narrador) troca de carinho, a sutil observação ao final de que se tratam de estranhos levando-nos a interpretar a possibilidade de referir-se ao fato de não se conhecerem, de modo a serem estranhos um ao outro, ou ainda à perspectiva do olhar alheio que, diante dos parâmetros sociais, julga estranho (extra-normalidade) aquele contato afetivo, bem como os dois personagens por portarem-se assim.

Ao final, logo que o rapaz retira-se do bar um garçom pergunta ao homem que havia ficado “— Ele é seu filho?” (ABREU, 1988, p. 67) aludindo, assim, à ideia de que o contato entre homens é permitido somente sob essa condição, de parentesco próximo, algo que confirmamos na resposta do homem: “Antes que o homem se vá, consigo vê-lo sorrir de manso e então mentir ao garçom dizendo que sim” (ABREU, 1988, p. 67) que se vê impelido a concordar, ou destinado a sofrer as consequências da discordância. Nesse fragmento observa-se, também, um narrador

que nos conta aquilo que presencia expondo neste, como em outros momentos ao longo do conto, não somente seu ponto de vista acerca dos acontecimentos, como também a realidade dos enfrentamentos masculinos diante da cobrança social: “Aqui de onde resto, sei que continuamos sendo três e quatro. Eu pai deles, eu filho deles, eu eles próprios, mais você: nós quatro, um único homem perdido na noite, afundado nesse aquário de águas sujas refletindo o brilho de neon” (ABREU, 1988, p. 67), posto que se coloca no lugar do outro indicando, metaforicamente, compreender serem esses conflitos não somente dos dois personagens, mas de todos aqueles que se veem coagidos por tantas imposições e cobranças.

Sequencialmente, ainda concentrando o olhar sobre essa mesma obra de Abreu, temos o conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, o qual nos expõe uma chocante concepção a respeito da dificuldade em lidar com a própria homossexualidade. A trama é desenvolvida em formato de carta, na qual o remetente descreve suas vivências ao destinatário Dudu. O conto divide-se em três partes, todas carregadas de um suspense construído tanto sobre o destinatário da carta quanto sobre a pretensão do remetente. Logo no início da primeira parte notamos esse suspense acerca do esclarecimento de uma fuga: “Hoje faz exatamente sete anos que fugi para sempre do Passo da Guanxuma, Dudu” (ABREU, 1988, p. 81), algo a ser revelado somente no final do conto.

Os relatos desse narrador são, de modo geral, abarrotados de acontecimentos e observações aparentemente supérfluas, contudo se somados levam à indicação da razão da infelicidade de sua vida, tal qual o seguinte fragmento denota: “Ando tão só, Dudu. Ando tão triste que às vezes me joga na cama, meto a cara fundo no travesseiro e tento chorar [...] Sempre lembro de você nessas horas” (ABREU, 1988, p. 83). Ainda na primeira parte notam-se duas importantes questões para o desenrolar da trama: a descrição da tristeza e a obsessão com limpeza, algo a ser retomado logo no início da segunda parte do conto: “Tenho trinta e três anos e sou um cara muito limpo. Tomo no mínimo um banho por dia, escarafuncho bem as orelhas com cotonetes [...]” (ABREU, 1988, p. 83), a qual, diferente da primeira e da terceira não é desenvolvida em formato de carta, trata-se de uma narrativa voltada a explanação, ao leitor, da condição de vida, bem como costumes e dificuldades desse narrador-personagem soando, pois, como espécie de auto-avaliação.

Chama-nos a atenção, também, o escancarar da solidão e a falta de Dudu, além do receio e dificuldade em pensar, ou falar nele:

A dona que me aluga este quarto costuma colocar as cartas em cima da mesinha no corredor. Abro muitas vezes a porta, espio, nunca tem nada. Nem podia, claro, depois de tudo. Não tenho ninguém mais lá no Passo. Só o Dudu. Que agora, depois de sete anos, já nem sei direito se tenho para sempre ou, ao contrário, não terei nunca mais. Não queria pensar no Dudu agora, mas quando abri a porta e vi a mesinha do corredor vazia [...] sem querer fiquei pensando bem assim: como seria bom se tivesse uma carta do Dudu agora (ABREU, 1988, p. 85).

De repente aquilo que era suspense começa a ser revelado, a tristeza desse narrador mostra-se vinculada, então, à solidão, expressa pelo fato de nunca haver nada para ele na mesinha das cartas que representa o contato com o mundo exterior ao quarto que aluga, e à aparente perda de Dudu. Isso é reforçado pela busca desse narrador por fugir de tais assuntos indicando, ainda, o fato de, parafraseando suas palavras, tudo aquilo fazer-lhe muito mal, de modo a percebermos a figura de Dudu como algo nocivo a ele cabendo, assim, à terceira parte do conto a justificativa da relação desse personagem com a tristeza e o sofrimento.

O início da terceira parte, novamente em tom de carta, revela a intensificação de uma perspectiva suicida por parte do narrador: “Só que desta vez, Dudu, por mais nojeiras que imaginasse sobre meu corpo caído lá embaixo, não sei por que, a vontade de saltar continua” (ABREU, 1988, p. 87) retomando, também, sua obsessão com limpeza ao enfatizar que a sujeira seria o único empecilho para o suicídio. Logo em seguida, ao referir-se à ideia de que ninguém sentiria sua falta, o remetente parece fazer questão de enfatizar as mulheres, bem como o contato afetivo ou sexual: “Nem Teresângela, aquela putinha que veio me chupar o pau umas quatro ou cinco vezes, acho que te contei, nem Marilene, mulher do Índio, aí do Passo (um beijo nela) que gostava de mim, faz tanto tempo” (ABREU, 1988, p. 87).

Como se buscasse esclarecer o motivo de não ter mais gosto pela vida, ainda ao tratar da falta que sentiriam dele, o remetente salienta que não é por falta de amor retomando Teresângela e não deixando de mencionar o mesmo tipo de contato com homens, mas de maneira a justificar a relação: “tem também o Carlão ali da Praça Roosevelt, quando bebo demais, fumo maconha, tomo bola, mesquiteço de mim e fico meio mulher” (ABREU, 1988, p. 87). Isto é, ao revelar momentos de intimidade com outro homem, sua atitude é de fornecer argumentos que a justifiquem levando-nos a compreender que, a partir de sua perspectiva, uma

relação afetiva ou sexual entre dois homens só ocorre ou só é justificável se envolver substâncias psicoativas, as quais são capazes de revelar desejos que são reprimidos quando há sobriedade. Esse bloqueio a respeito da compreensão da homossexualidade como orientação sexual é reforçado no momento seguinte ao estabelecer-se o equivocado vínculo com o feminino quando deveria retratar uma relação homossexual que não altera, ou não deveria alterar, por isso, o reconhecimento da masculinidade.

É, pois, somente no último parágrafo que o leitor tem a revelação de todo esse suspense criado em torno da imagem de Dudu, de toda essa saudade, solidão e infelicidade ruminadas pelo narrador. Após um longo espaço dedicado a divagações do remetente sobre a busca incessante por Dudu ou por alguém que se assemelhasse a ele, surge a descrição do ocorrido há sete anos atrás, a qual indica o assassinato de Dudu:

Você se debruçou na areia para olhar bem fundo dentro dos meus olhos, depois estendeu o braço lentamente, como se quisesse me tocar num lugar tão *escondido e perigoso* que eu não podia permitir o seu olho nos pelos crespos do meu corpo, a sua mão na minha pele [...] Foi então que peguei uma daquelas pedras frias da beira d'água e plac! Ó, bati uma vez só na sua cabeça, com toda a força dos meus músculos duros — para que você morresse enfim, e só depois de te matar, Dudu, eu pudesse fugir para sempre de você, de mim, daquele maldito Passo da Guanxuma que eu não consigo esquecer, por mais histórias que eu invente (ABREU, 1988, p. 90, grifo nosso).

Frente a isso é possível comprovarmos a ponderação inicial a respeito da exposição no conto, não somente da dificuldade do protagonista em lidar com seus desejos homossexuais, mas do medo e da busca de fuga da homossexualidade a qualquer custo. Conforme pudemos notar, o narrador descreve sua experiência relatando-a como completamente presa a esse passado justificando-se, assim, questões como sua obsessão por limpeza vinculada ao fato de sentir-se sujo diante de suas ações. Além disso, há que se referenciar o fato de as vivências do narrador terem-no levado, ainda que de modo a negar a homossexualidade, a estabelecer relações com homens ressaltando que o assassinato de “Dudu” não resolvera seu interesse por homens, servira, pois, somente para deixar o remorso, a culpa e a saudade.

Conferimos, neste momento, especial atenção à ficha que diz respeito à obra *Diana caçadora* (1986), mais especificamente ao conto “Ladies first”

por abordar a homossexualidade como aspecto central. Essa obra, de autoria de Márcia Denser, é composta por 9 contos repletos de uma linguagem ácida, irônica e crítica que lida com problemáticas sociais pertinentes à década de 1970 e 80 e, segundo consta no prefácio da obra redigido por Caio Fernando Abreu, trata-se de uma “literatura urbana da melhor qualidade: tensa, bêbada, drogada, trêmula de ressaca e tesão. É metal puro”.

Vemos desenvolverem-se, nesse conto, reflexões e ideais de uma narradora-personagem que se mostra não somente crítica, mas hostil e implicante a respeito de diversas questões sobressaindo-se, entre elas, o preconceito à homossexualidade. Achamos interessante o fato de essa narradora amarga e de certa forma ranzinza, demonstrar-se consciente e desconfortável com seu preconceito.

A trama retrata um encontro, ambientado em um bar, entre a narradora (Diana) e uma escritora (Das Graças), além de outros personagens que acompanhavam a escritora, como Gildo, Carlinhos e Zilda, permeado por diversas reflexões e comentários da narradora acerca dos acontecimentos e companhias que lhe incomodam em diversos sentidos. Logo no início do conto surge a descrição de Das Graças aos olhos dessa narradora confirmando nossa perspectiva a respeito de sua postura ácida e preconceituosa e ao mesmo tempo incômoda quanto ao próprio preconceito:

Enfim, era muito feia e funcionária pública lotada no Rio Grande do Norte e boêmia e o que lhe restava senão ser lésbica? — *pensei incomodada com meu próprio preconceito* [...] Não custei a perceber a incipiente veadagem de Gildo, como já percebera o homossexualismo das suas amigas e como os três eram solidários (DENSER, 1986, p. 110-111, grifo nosso).

Observa-se, ainda nesse fragmento, o estigma ao qual a narradora relega a lesbiandade ao atrelar suas características, voltadas ao negativo, além da boêmia, à orientação sexual, como se a lesbiandade fosse fruto da falta de opção diante de tais adversidades. Chama-nos a atenção, também, o fato de a percepção e incômodo com próprio preconceito não impedirem seu reforço, visto que mesmo com a auto-crítica a esse respeito desenvolve, logo após, outra ponderação desse mesmo caráter julgador, desta vez sobre a imagem de Gildo.

Outro aspecto interessante é a busca que essa narradora demonstra por incluir-se naquele meio tentando mostrar-se livre de preconceitos e com uma

visão compreensiva e moderna: “— Você já teve experiências com mulheres? Perguntou de repente. — Sim, claro. Toda experiência é válida. Eu gosto de emoções, você sabe – havia tudo na minha cara, exceto sinceridade ou convicção. Senti-me uma perfeita idiota” (DENSER, 1986, p. 115). Algo que seu subconsciente não consegue confirmar ou validar, posto que seus pensamentos permanecem retidos em ideais preconceituosos, por mais que busque camuflá-los para si mesma e para os outros.

Em seguida, ao relatar a investida afetiva/sexual de Das Graças, a narradora demonstra certo repúdio, além do visível incômodo: “Procurava, disfarçadamente, furtar minhas coxas daquelas carícias equívocas e via que isso era impossível, pois do outro lado comprimia-me Zilda com seu sorriso inevitável, à espreita dos possíveis restos do banquete” (DENSER, 1986, p. 117). Diante do desconforto, talvez para minimizá-lo, talvez para anestésiar aquele aborrecimento, ou quem sabe para justificar suas futuras atitudes, Diana frisa o excesso de álcool ingerido durante o diálogo que se dava entre os quatro, assemelhando-se, nesse caso, ao protagonista conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” que também usa o álcool como alicerce para justificar suas ações.

É, pois, após partirem para um boate que parece destinada a um público *gay*, já sem a companhia de Carlinhos e Gildo que se retiram para o que a narradora chama, em eufemismo, de “vis-à-vis”, que se acentua seu ponto de vista preconceituoso:

Estava imaginando como deve ser triste a gente ser bicha, tendo que se contentar com tipinhos assim, eu seria um prato cheio para Das Graças, porque, da mesma forma, a vida dela não devia ser nada fácil, caçar, por exemplo, sua presa entre balconistas e escriturárias mas, pensei, o que há de errado com balconistas e escriturárias? *Enfim, o meu preconceito não tinha mesmo limites* (DENSER, 1986, p. 122, grifo nosso).

Além do ideal estigmático que atrela a homossexualidade à infelicidade por “falta de opção” de pessoas interessantes, como se entre homossexuais houvesse somente indivíduos limitados e depreciados: “tipinhos assim”, a narradora expõe, também, a comparação da homossexualidade à caça, algo que, a nosso ver, corresponde a desvincular as relações homo do natural e espontâneo, posto que considera como “caça” a busca por companheiros, bem como o/a pretendente como “presa” tal qual uma relação predatória. Evidencia-se,

ainda, mais uma vez, a consciência e embaraço diante de seus próprios ideais estigmáticos, uma vez que a narradora revela-se incomodada diante de seus princípios logo após expô-los em suas reflexões, conforme destacamos no fragmento.

Percebemos, portanto, essa postura preconceituosa como algo que parece fugir de seu controle, de maneira que mesmo conscientizando-se disso aparenta não conseguir evitar, já que ao final do conto Diana, já embriagada, salienta-se, passa a observar a boate relacionando-a às festas de famílias do subúrbio “onde se veem mulheres dançando juntas porque não há homens suficientes e velhos bêbados dançando com criancinhas” (DENSER, 1986, p. 123). Neste trecho atentamos para a exposição da estigmática concepção de que mulheres dançam com mulheres não por vontade própria, mas por ausência de homens para suprir sua necessidade, algo que atrela, novamente, a homossexualidade à falta de opção.

A intolerância dessa narradora é tamanha que chega ao ponto de extrapolar os limites do subconsciente ao expor, reforçando sua embriaguez, essa grosseira comparação: “— Sabe aquelas festas? O nojo embaçava-me a visão [...] — Festas? [...] — É. Aquelas festas de casamento na Penha. Fica dançando mulher com mulher, quer dizer, as que não têm namorado [...] sobra muita moça sozinha” (DENSER, 1986, p. 124). Esse comportamento indiscreto e ofensivo de Diana intensifica-se ao ponto de Das Graças intervir fisicamente:

A bofetada que levei naquele preciso momento realmente cortou-me a palavra. Mas agiu como um santo remédio. A náusea desapareceu, fulminada pela consciência da dor, da raiva e da vergonha [...] Uma dor que até então estiver represada, uma dor de criança veio subindo, subindo e explodiu em soluços altos, violentos e as lágrimas escorreram boas, livres e um profundo, um imenso alívio era agora poder olhar o rosto bom de Das Graças por detrás da cortina de lágrimas e fumaça, e poder lhe pedir perdão algum dia [...] (DENSER, 1986, p. 126).

Esse desfecho aponta, assim, para importantes questões de nosso interesse aprofundadas no conto, entre elas a assunção do preconceito, o qual, apesar de reconhecido, mostra-se internalizado a ponto de parecer impossível driblá-lo, posto que a narradora demonstra desgosto diante de suas reflexões julgadoras, mas mesmo assim não consegue evitá-las. Isso remete-nos à problemática social a respeito da internalização de ideais preconceituosos e

estigmáticos que tornam os indivíduos moldados a não aceitar ou respeitar aquilo que difere do padrão. Para além disso nota-se, também, a emergência do arrependimento diante dessa postura alertando para o fato de que após internalizados esses conceitos que levam ao preconceito, não há fuga restando somente o pesar.

Por conseguinte, com essas observações pertinentes ao conto de Denser encerramos o subtópico 2.2.1 e partimos para um momento de maior aprofundamento analítico. O capítulo seguinte encerra esta dissertação explorando analiticamente quatro contos que focalizam centralmente a temática de nosso interesse. Deste modo, buscando organização estrutural, bem como de conteúdo, preferimos separá-lo em quatro subtópicos, cada qual destinado à análise de um dos contos, além de breves comentários acerca das obras de que são oriundos.

3 ANÁLISE DE CONTOS

3.1 “RETRATO DE VÍTOR MACEDÔNIO”, AUTRAN DOURADO

O presente tópico presta-se, como apontamos anteriormente, à análise de quatro contos que, conforme indicado no levantamento, possuam enfoque da temática homo. Para tal, elencamos dois autores, sendo eles: Caio Fernando Abreu e Autran Dourado. Do primeiro escolhemos dois contos: “Aqueles dois”, da obra *Morangos Mofados* (1982) e “Pequeno monstro”, de *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), sendo que “Terça-feira Gorda”, por também focalizar a temática, já recebeu destaque no subtópico anterior; do segundo, abordaremos “Retrato de Vítor Macedônio” e “O triste destino de Emílio Amorim”, ambos oriundos da obra *As Imaginações Pecaminosas* (1981). Salientamos que apresentaremos algumas considerações sobre as obras que compreendem esses contos, tal qual sucedemos com o livro *Morangos Mofados* no subtópico 2.2.1 do capítulo anterior.

A obra *As Imaginações Pecaminosas* (1981), composta por 10 contos interligados, possuindo sutis relações, como a incidência de personagens ou espaços, desenvolve, por meio de uma linguagem metafórica, sutil e por vezes irônica, crítica à sociedade e a seus rígidos parâmetros. Trabalha, pois, o social, mas também lida com questões de cunho individual, trazendo personagens envolvidos por problemáticas de caráter identitário, isto é, sujeitos atônitos e confusos diante das regras impostas socialmente, conforme notaremos na análise dos dois contos escolhidos. Por buscarmos, neste tópico, ponderar diferentes questões referentes à homossexualidade, notaremos que cada conto escolhido possui abordagem específica de questões que julgamos válidas de serem trabalhadas, assim, referenciamos que esses dois contos serão analisados sob o viés que problematiza as masculinidades, por nós focalizadas no subtópico 1.3 do primeiro capítulo desta dissertação.

O conto “Retrato de Vítor Macedônio” possui uma extensão longa: são 14 páginas de uma escrita metafórica, crítica e irônica, com um tom machadiano revelado não somente pela carga irônica, como também através do diálogo direto estabelecido entre narrador e leitor. O texto conta-nos, como aponta o título, a história de Vítor Macedônio, sobre a qual se desenvolve uma trama quase que completamente pautada na imagem do personagem perante à sociedade. O sabor do suspense, o qual se mantém ao longo do enredo, é instaurado logo no início:

O mal de Vítor Macedônio foi não esperar a própria morte. Nisso não diferia do comum dos mortais, em que a regra geral é a impaciência. Poucos têm o ânimo necessário de aguardá-la, quando então tudo acontece naturalmente, como a queda de uma folha, a vinda do outono ou do inverno (DOURADO, 1981, p. 14).

Esse trecho remete a três importantes questões: a morte, tema caro à literatura, sobre a qual há, logo na frase que abre o conto, indício do ocorrido e pistas daquilo que será revelado ao final da história esclarecendo qual foi a atitude do personagem que “não soube esperar a própria morte” (apesar do caráter subentendido do fragmento); a ironia machadiana, típica de Dourado; e o posicionamento de um narrador crítico que lança mão de um sutil cinismo indicando sua opinião a respeito da impaciência do protagonista, e não somente dele, mas dos “mortais”, apontando, assim, ironicamente, a impaciência como inerente ao ser humano.

Sequencialmente, é apresentado o protagonista e suas peculiares características, todas voltadas àquilo que se espera de um indivíduo bem reconhecido pela sociedade “rico, bem-apessoado, bonito”. No entanto, há uma característica específica para a qual o narrador chama a atenção: “Homem de muitos frequentadores – no escritório do Banco Duas Pontes. Na sua casa não: eram pouquíssimos, e em casos excepcionais, os que a ela tinham acesso. Frequentadores que ele tratava com distinção, sumamente delicado” (DOURADO, 1981, p. 14). O trecho revela que Vítor era bastante reservado quando se tratava de sua intimidade. Importa-nos, assim, considerar a indicação do narrador de que os frequentadores de sua casa eram “pouquíssimos” e em “casos excepcionais”. Diante disso, relacionamos o bloqueio da exposição do íntimo como uma tentativa de impedir o acesso àquilo que não se quer exposto, isto é, interessava a Vítor, como indivíduo reconhecido e “bem visto socialmente”, manter sua imagem e posição social, algo que poderia ser prejudicado pelo conhecimento de seu íntimo, bloqueando, pois, ao outro, tudo aquilo que pudesse deixar transparecer sua intimidade, desde o acesso a sua casa até a seus pensamentos evitando, assim, confidências e amizades, conforme demonstra o seguinte trecho:

Mas a nenhum deles, *mesmo a Emílio Amorim*, achava-se, ele tratava como verdadeiramente amigo. Porque ele não se abria, ainda estava para nascer em Duas Pontes o homem que havia de ouvir da sua boca uma confidência, um assunto áspero e *duvidoso*. Sempre reticente e educado, não *arriscava* nunca. Sabia parar no momento exato, na hora *perigosa* em que o assunto vai se tornando particular e se pode falsear o pé, dizer alguma *inconveniência* (DOURADO, 1981, p. 14, grifo nosso).

Chamamos atenção para alguns aspectos desse fragmento, um deles é a exposição de um segundo personagem e a maneira como surge: logo após ser apresentado um Vítor reservado, com bloqueio quanto à exposição de sua intimidade, a aparição de um personagem ao qual atrela-se o vocábulo “mesmo” é indicativo de uma proximidade entre os personagens que sobressai ao contato com outros. Qual seria a relação de Vítor com esse Emílio para que o narrador incluisse a carga do “mesmo”? Destacamos, ainda, outros termos, todos interligados, já que denotam a mesma carga sugerindo o risco, a ameaça em expor a intimidade, proporcionando outro questionamento: Qual a necessidade, ou motivação de tamanho resguardo? Instaurando, novamente, o suspense e a sensação de que há algo a ser explicado.

Logo após serem tecidas mais algumas considerações a respeito da descrição de Vítor Macedônio, agora em seu ambiente de trabalho, o segundo personagem de nosso interesse, Emílio Amorim, o qual, não coincidentemente é protagonista do conto que analisaremos a seguir, é explorado, novamente em um contexto de suspense, uma vez que é assinalada uma “morte” sem explicação prévia:

É capaz que tenha sido a primeira vez que ele viu a morte de perto, dizia Emílio Amorim mais tarde; a morte dos pais ele não presenciou [...] Emílio Amorim, que foi quem mais dele se aproximou e que *merecia a honra de ser recebido em sua casa* – assim na sala de visitas. Emílio Amorim músico, um seu tanto boêmio apesar de tabelião, *que tinha uns breves traços femininos nos gestos e no olhar, a voz ligeiramente aflautada*, e era como Vítor Macedônio *solteiro*, o que às vezes a gente *mal dava* (DOURADO, 1981, p. 15, grifo nosso).

Merece especial atenção o trecho que aponta Emílio como alguém que, além de aproximar-se de Vítor, conquistou “a honra de ser recebido em sua casa”, algo que pode ser amarrado a um fragmento anteriormente referenciado, o qual aponta que em sua casa os frequentadores eram “pouquíssimos” e em “casos excepcionais”, conferindo-lhe algumas reflexões que caminham à resposta ao

questionamento proposto anteriormente. Sendo Vítor tão reservado e considerando a ênfase em relação aos poucos frequentadores de sua casa, esse trecho, a honra concedida a Emílio, denota uma relação de ao menos proximidade com o protagonista. Além disso podemos falar, nesse contexto de apresentação de Emílio e ênfase na proximidade com o protagonista, no despontar de uma atmosfera de insinuações que envolve e mantém-se ao longo de toda a narrativa, algo confirmado através do trecho “às vezes a gente maldava”. Ainda a respeito do fragmento direcionamos o olhar para a relação com o feminino de um personagem masculino, relembando, assim, questões discutidas no primeiro capítulo desta pesquisa a respeito da confusão entre sexualidade e gênero, tal qual indica o seguinte trecho: “Homens, portanto, que carregam traços da feminilidade, [...] se constituem como sujeitos de uma masculinidade marginalizada” (ZAGO, 2010, p. 387). Isso posto, notamos que o olhar social em relação a essas características femininas vinculadas ao comportamento de Emílio acabam por rebaixá-lo, de maneira que a ele sejam relacionadas, a partir desse olhar social preconceituoso, atitudes, tais quais “duvidoso e arriscado”, das quais Vítor fugia.

Outro fator que nos chama atenção diz respeito não somente à pista de um possível envolvimento amoroso de Vítor e Emílio, mas também à maneira como isso nos é exposto, isto é, escancarando uma sociedade padronizante ao indicar que o estado civil, ou seja, o fato de serem solteiros, configurava motivo suficiente para que “maldassem”. Ainda nesse contexto, o narrador continua a escancarar a atitude repressora da sociedade que “maldava então sem nenhuma base ou certeza, pura maledicência erradia, para dar pico de graça à conversação. Na verdade, nada se sabia na época de Emílio Amorim, tudo *vaguíssimas suposições*” (DOURADO, 1981, p. 15-16, grifo nosso), de modo a remeter às insinuações surgidas anteriormente e reforçadas nesse momento, visto que, se antes simplesmente “maldava-se”, nesse momento o narrador evidencia a ausência de motivação para que maldassem fazendo questão de salientar a “pura maledicência erradia” alicerçada em “vaguíssimas suposições”. Entretanto, cabe-nos frisar que esse narrador, aparentemente intencionado a escancarar a maledicência dessa comunidade, outrora colocou-se como integrante desse grupo: “era muito orgulhoso, a gente achava” (DOURADO, 1981, p. 14), de maneira a identificarmos sua postura não somente como crítica ao posicionamento social julgador, mas

também envolta por ironia justamente por integrar a sociedade, partilhando suas perspectivas e reflexões, que intenta desnudar.

Essas insinuações infundadas por parte da comunidade nos leva a outra questão, também discutida em nosso primeiro capítulo, no subtópico 1.2: a relação/julgamento da orientação sexual com o estado civil, a partir de uma sociedade pautada em parâmetros tradicionalistas em que o casamento representa uma das instituições que valida o *status* e a sexualidade do indivíduo. Por outro lado, os homens que permanecem solteiros ao longo da vida têm sua virilidade questionada, como é o caso desses personagens. Sobre isso versa o seguinte trecho: “A homossexualidade comumente praticada no Brasil tem a ver com a generosidade, por causa desse transbordamento barroco (excesso) em que casamento/família existem num polo e a transgressão no outro” (TREVISAN, 1983, p. 397).

Ainda expondo essa sociedade pautada em padrões, o narrador realça, conforme indicamos, o fato de a sociedade “maldar” Emílio Amorim baseada em “vaguíssimas suposições”, algo a que remetemos às típicas especulações a respeito de orientação sexual, isto é, ao não se portar de acordo com o esperado e normatizado pela comunidade o personagem tem questionada não somente sua seriedade e integridade como também sua orientação sexual, bem como sua virilidade. Retornando à questão referente à masculinidade e virilidade, o narrador aponta o fato que possa dar conta de justificar o motivo do olhar negativo da sociedade para Emílio: “Numa cidade de tradição femeeira e preadora, não frequentar a Casa da Ponte ou não ter mulher manteúda era *mau indício de masculinidade*” (DOURADO, 1981, p. 16, grifo nosso), não é, pois, inconscientemente que o narrador destaca, em diversos momentos, o caráter provinciano de Duas Pontes, o que nos parece uma maneira de justificar as posturas e julgamentos conservadores. Conforme discutimos no primeiro capítulo, mais especificamente no tópico 1.3, um dos critérios para a aproximação à masculinidade vista como hegemônica é a provação da virilidade, a qual possui como um dos critérios mais importantes a conduta, como o trecho mesmo menciona, “femeeira”, de modo que, remetendo-nos ao fragmento apresentado anteriormente, tanto os homens incapazes de provar à sociedade o constante relacionamento com mulheres quanto aqueles que se mantêm muito tempo solteiros são relegados ao grupo daqueles com “mau indício de masculinidade”.

A perspectiva estigmática da sociedade continua a ser evidenciada, seja por meio de insinuações de “falha de virilidade”, em um contexto repleto de ironia: “a beleza viril de uma mulher madura”, trecho que se refere a Vítor Macedônio, seja a partir do julgamento social com base na afirmação de dr. Viriato, o qual “insinuava qualquer coisa suspeita em relação a Vítor Macedônio” (DOURADO, 1981, p. 16), sendo que o vocábulo “suspeita” acaba por indicar, a nosso ver, tanto a inferência de uma possível homossexualidade, quanto a relação dessa orientação sexual a algo errado ou que deva ser disfarçado, justamente por causar “suspeita”.

Essa necessidade de esconder ou disfarçar qualquer relação que provoque “suspeitas”, ou qualquer tipo de desconfiança, é acentuada no momento em que tanto Vítor quanto Emílio negam uma amizade buscando fugir do preconceito: “Se a gente perguntava a um e ao outro se eram mesmo amigos íntimos, ambos negavam” (DOURADO, 1981, p. 17), reforçando o olhar estigmatizante de uma sociedade que, além de instaurar normas de comportamento, julga-se no direito de questionar e impedir determinada aproximação entre homens. Tal perspectiva não somente aponta para uma heterossexualidade que se quer, a todo custo, dominante, mas também que tem por característica basilar a fragilidade, verificada, justamente, a partir da tentativa de impedir de amizades entre homens que criariam, diante dessa vulnerabilidade hétero, o pressuposto do advento de uma relação homo.

Atentamos, em seguida, para mais uma evidência da valorização do perfil do macho hegemônico, o qual depende não somente da orientação sexual, conforme notamos a seguir:

Vítor Macedônio se limitava a um sorriso breve e a um gesto de mão que podia significar cautela! Ou não avance mais! *E a gente respeitava*, sempre respeitou a reserva e o silêncio de Vítor Macedônio, presidente e praticamente dono do Banco Duas Pontes, de merecida fama mesmo nos grandes centros (DOURADO, 1981, p. 17, grifo nosso).

Frente a isso nota-se que, apesar das “desconfianças” a respeito da amizade com Emílio, a posição social e financeira de Vítor é capaz de conferir-lhe esse “merecimento” de respeito e fama diante da sociedade comprovando, assim, o valor hierárquico atribuído à validação das masculinidades, bem como a consideração não somente do fator virilidade/heterossexualidade, como também o

econômico, social, profissional, entre outros, tal qual discorreremos no subtópico 1.3 do capítulo um.

O narrador continua a desenvolver uma longa descrição da figura de Vítor, sempre exaltando seu alinhamento, beleza, reserva, entre outras características capazes de validar seu caráter “imponente” e dominante, congruente, pois, com o padrão social, caminhando, de tal modo, ao topo da hierarquia das masculinidades, não fosse sua atitude nada “femeeira”: “Era notório que Vítor despertava nas moças de então mais de uma paixão fulminante, que ele recusava e não correspondia” (DOURADO, 1981, p. 17). O narrador parece fazer questão de expor o quão Vítor era desejado por várias mulheres da cidade e como negava a todas elas, como se somasse evidências capazes de atribuir homossexualidade à imponente figura de Vítor, tal qual faz a própria sociedade que observa, analisa e investiga a vida dos indivíduos buscando indícios de “falha de virilidade” que possam relegá-los à homossexualidade, taxando-os e excluindo-os. Assim, ainda que por parte dos mesmos não haja essa assunção ou reconhecimento, a sociedade encarrega-se, por eles, de assumir e reconhecer o que ela própria acha válido.

A meticulosidade e pontualidade de Vítor são outras características que validam e conferem credibilidade ao respeito que sua imagem mantinha. Atentamos, então, para o seguinte trecho: “se era assim consigo mesmo, não se permitindo o menor *deslize*, se não relaxava nunca da bem composta figura, *tinha o direito de exigir* dos outros a mesma exação e pontualidade” (DOURADO, 1981, p. 18, grifo nosso). Encaramos, pois, a figura de Vítor não somente como produto dessa sociedade padronizante, mas também como agente, isto é, o personagem apesar de sofrer pressão social, sendo obrigado a manter um padrão comportamental livre de “deslizes”, não deixa de integrar o polo oposto fazendo parte da mesma sociedade que se julga no direito, conforme demonstra o trecho destacado, de pressionar e exigir padrões comportamentais.

Posto isso, não é despreziosamente que o narrador ressalta o fato de Vítor não deixar transparecerem as emoções: “Vítor Macedônio não sabia desse gesto de extremada delicadeza do diligente Filgueiras. Se soubesse, a gente acreditava, *teria pela primeira vez se aberto em emoção*” (DOURADO, 1981, p. 19, grifo nosso). O fragmento refere-se ao cuidado que esse funcionário do banco tinha em manter limpa a placa de latão gravada que Vítor tinha prazer em ver lustrosa. O fato de Vítor não expor suas emoções converge para sua postura discreta e denota,

ainda, a emoção como algo proibido aos homens que busquem reconhecimento e valorização de sua virilidade. O trecho destacado possui importantes detalhes a serem observados: o verbo encontra-se no futuro do pretérito veiculando uma ideia de tempo com sentido futuro, mas com foco no passado, uma ação que não ocorreu, apesar da possibilidade, isto é, trata-se de uma hipótese não consumada; além disso, exalta-se o fato de que a ação, caso tivesse ocorrido, seria pela primeira vez, ressaltando que o personagem jamais demonstrara emoção, essa seria apenas uma possibilidade aos olhos do narrador, mas que também não se concluiu.

É com cuidado de enfatizar e descrever minuciosamente os hábitos de Vítor, respingados em seu fiel funcionário Filgueiras que não só os respeitava, mas seguia como leis, que o narrador dá continuidade à trama até o momento em que Filgueiras encontra o protagonista desmaiado em seu escritório. A problemática diante disso circunda o receio dos outros personagens em relação à situação, especialmente considerando “o pudor de seu Macedônio por tudo que era pessoal” (DOURADO, 1981, p. 20).

À entrada do dr. Viriato, retiram-se do escritório os demais personagens deixando Vítor a seus cuidados. Na avaliação do médico surge, novamente, uma associação do protagonista ao feminino: “Reparou no peito gordo e sem pelos, os mamilos caídos quase uns *seios de mocinha*” (DOURADO, 1981, p. 20, grifo nosso). Afundado em reflexões enquanto examinava Vítor, dr. Viriato cuida, também, do mistério das atitudes do protagonista: “As suas misteriosas viagens a São Paulo, quando Vítor Macedônio podia ter Madrid, Paris, Berlim...” (DOURADO, 1981, p. 20). O fragmento revela que esse narrador onisciente ao ponto de conhecer as reflexões de cada personagem as expõe assim, sem escrúpulos, revelando o julgamento de cada um diante daquilo que não é natural, claro, ou lógico a partir da perspectiva de padrão social.

Logo que Vítor recobra a consciência, dr. Viriato procede o exame fazendo-lhe sucessivas perguntas, interessando-nos o momento em que o médico oferece ao paciente um cálice de conhaque que ele, mesmo relutante por conta do mal estar, aceita: “Macedônio mal conseguiu molhar a língua no conhaque. Um engulo, um arrote. Se desculpou, mesmo doente *era um homem delicado*” (DOURADO, 1981, p. 23, grifo nosso). Atentamos, inicialmente, para exploração de uma questão também voltada a marcação de estereótipos: a referência à bebida alcoólica. O excerto marca, mais uma vez, a incessante busca do protagonista por

manter-se de acordo com o padrão exigido socialmente atendendo às expectativas da sociedade. Deste modo, ao mesmo tempo em que notamos a emergência do conhaque, uma bebida, como tantas outras, consolidada pelos parâmetros sociais como masculina — assim como existem bebidas validadas como voltadas ao feminino, como: batidas, famosos drinks com frutas, Martini, entre outras — percebemos, também, o posicionamento de um personagem que se vê impelido, mesmo que a contragosto, a aceitar validando, mais uma vez, sua masculinidade. Nota-se no trecho, ainda, a relação, anteriormente mencionada, da delicadeza ao feminino, algo que abre precedentes à insinuação da existência de algo feminino na figura de Vítor revelando, mais uma vez, a abordagem irônica do narrador ao construir em torno desse personagem ora um arsenal de caracteres capazes de elevá-lo ao alto patamar no quesito masculinidade, aproximando-o da hegemonia, ora outras características que colocam em questionamento sua virilidade rebaixando-o, pois, nesse *ranking* das masculinidades, à masculinidade subordinada — conceito de Connell; Messerschmidt (2013) apresentado no primeiro capítulo levando-nos, assim, a apreender a fragilidade e incoerência dessa hierarquia das masculinidades e os padrões envolvidos.

Essa inconstância da figura de Vítor quanto às masculinidades³³ é fortalecida no momento seguinte em que demonstra incômodo por ter sua intimidade exposta em uma situação de “fraqueza”, logo ele, uma figura tão imponente, reservada, discreta, poderosa:

Não podia dar à cidade uma demonstração de *fraqueza*. Depois, tinha medo de que lhe cancelassem a viagem a São Paulo. Jamais seria Vítor Macedônio que ia se entregar! Disse Emílio Amorim mais tarde, todo íntimo. Feito Vítor costumava dizer nos seus momentos difíceis, completou (DOURADO, 1981, p. 24, grifo nosso).

Esse trecho remete tanto à preocupação de Vítor em manter as aparências conservando sua imagem e reconhecimento, ao invés de ceder, já que a “fraqueza” é algo característico da masculinidade subordinada, quanto dá mais pistas da atmosfera íntima entre Vítor e Emílio, algo que é ao mesmo tempo exposto e disfarçado pelo próprio Emílio proporcionando duas possíveis interpretações: a de que era intuito do personagem sinalizar o envolvimento com Vítor, agindo como se

³³ Aqui o plural diz respeito, justamente, à pluralidade da ideia de masculinidade discutida no subtópico 1.3 do primeiro capítulo, referimo-nos, pois, mais especificamente, à noção de masculinidade hegemônica e masculinidade subordinada.

deixasse escapar a menção indicativa de certa intimidade, disfarçando-a posteriormente; outra possível leitura é a de que a sugestão da proximidade com Vítor não fora intencional, mas algo “maliciado” a partir da perspectiva irônica do narrador. Atentamos, ainda, para o fato de o fragmento, banhado pelo suspense que rege a relação de vida/morte de Vítor Macedônio, sinalizar um momento pós morte do protagonista, já que Emílio refere-se a ele no passado.

Todavia, a trama continua a ser desenvolvida com Vítor vivo e, como de costume, preocupado com sua imagem: “Vítor Macedônio vestiu o seu melhor terno de casimira inglesa, que ainda não usara, feito a capricho para uma próxima cerimônia de casamento [...] chegou a se perfumar, todo elegante” (DOURADO, 1981, p. 24). O protagonista, muito bem alinhado, vai consultar-se com o dr. Alcebiades, médico de sua confiança, para firmar diagnóstico após seu recente desmaio. Diante da incerteza a respeito do quadro e do pedido de exames, Vítor, que costumava ter tudo a seu alcance, bem como o controle de sua vida e de tudo que a envolvia, pega-se em uma situação a qual é incapaz de controlar, suscitando, assim, outra característica inaceitável ao sujeito que se quer hegemônico, respeitado e reconhecido como imponente: o medo, tal qual observamos no fragmento a seguir:

Quando o dr. Alcebiades disse não sei, só depois de alguns exames que vou pedir podemos saber, Vítor Macedônio sentiu um baque fundo no peito, um frio na barriga, o chão lhe fugia aos pés, a cabeça girava. Cuidou de novo desmaiar. Não desmaiou, lúcido e límpido como a manhã de verão (DOURADO, 1981, p. 25).

A preocupação do protagonista, além da perda do controle da situação, residia no fato de poder ou não ir a São Paulo: “o doente perguntou se o caso era sério demais, se podia ir a São Paulo” (DOURADO, 1981, p. 25). Permanecendo o suspense em relação a essas viagens à capital, apesar de termos a pista de que se tratavam de viagens destinadas a visitas a Emílio, não há confirmação ou trecho que venha a remeter claramente a isso. No entanto, a própria existência da suspeita já alude à necessidade de segredar, isto é, conforme comentamos anteriormente, aquilo que levanta “suspeita” é tido como algo errado, sendo essa relação de intimidade com Emílio exigente desse sigilo e discrição, principalmente em se tratando da imponente figura de Vítor.

Posteriormente a isso inicia-se um processo de declínio tanto da figura poderosa de Vítor Macedônio quanto do próprio reconhecimento de si. Poder,

beleza, meticulosidade e pontualidade passam a ser substituídos por medo, fragilidade, pequenez, descuido e tragicidade, tal qual revela o seguinte fragmento:

Diante de exames espalhados na cama, no seu quarto de hotel, exames de que ele não conseguia entender uma só palavra, era um homem miúdo e apavorado. Sozinho, tinha o coração do tamanho de uma manga carlotinha [...] Era agora trágico o antes belo Vítor Macedônio [...] Não era mais um homem bonito, cuidado, orgulhoso: era um Vítor Macedônio abatido, relaxado, entregue (DOURADO, 1981, p. 26-27).

Posto isso, entendemos que a caracterização de um personagem hierarquicamente sempre em ascensão quanto à masculinidade envolve, vigorosamente, a construção de seu estado psicológico, uma vez que, como pudemos perceber, Vítor mostrava-se não somente imponente, como também parecia ser inabalável e inalcançável. É contudo, diante de um descontrole natural à vida, isto é, ao qual todo indivíduo, seja hétero ou homo, dado ao hegemônico ou ao submisso, está sujeito, que sua grandeza e poder mostram-se limitadas e, assim, cai por terra perante à sociedade todo o prestígio por ele tão valorizado: “Se passava pela gente tínhamos pena da sua figura solitária. Comparávamos aquele homem emagrecido e escaveirado [...] com o belo, rico e poderoso Vítor Macedônio de antes. No fundo a gente se consolava, pensávamos em nós mesmos” (DOURADO, 1981, p. 27). Isso revela, mais uma vez, a vulnerabilidade do conceito estigmático de hierarquização das masculinidades, posto que se trata de algo notadamente fugaz e mutável diante das contingências.

Retornando à questão referente à sutil intimidade entre Vítor e Emílio, chama-nos atenção a menção feita a Emílio, novamente proporcionando a sensação de algo sumariamente natural: “Mesmo com Emílio Amorim ele mal falava, só uma vez se demorou com ele” (DOURADO, 1981, p. 27). Logo em seguida, ocorre o tão esperado desfecho que finda o “suspense” do início do conto: Vítor é encontrado morto em seu escritório, pelo exemplar funcionário Filgueiras. Há, ainda, um sutil suspense instaurado no desenrolar desse desenlace: “viram o corpo caído no chão. Sobre a mesa, a garrafa vazia de conhaque, um retrato que ele trazia sempre consigo e que de vez em quando, quando sozinho, se punha a mirar. O retrato queimado de tal maneira, não se podia saber de quem era” (DOURADO, 1981, p. 28). Essa conclusão, apesar de esclarecer o início do conto: “O mal de Vítor Macedônio foi não esperar a própria morte”, apontando para a confirmação do

suicídio do protagonista, não desvenda, contudo, o mistério que diz respeito a quem se encontrava no retrato queimado por Vítor, quem ele mirava quando sozinho, quem precisava esconder dos olhos curiosos e preconceituosos.

Havíamos indicado, anteriormente, que o uso do vocábulo “mesmo” suscitava a ideia de algo naturalizado e com sensação de que seria futuramente explicado ou justificado, no entanto, pudemos perceber que não há esclarecimento nenhum que permita consolidar um envolvimento entre Vítor e Emílio. Entretanto, não podemos deixar de notar que esses “mesmos”, bem como as outras pistas que os vinculam não podem, de maneira alguma, ser ignoradas, sendo, pois, indícios suficientes para inferirmos a ocorrência de tal envolvimento. De modo que encaramos a não assunção desse possível casal como, também, algo carregado de sentido, já que não nos parece inconsciente esse resguardo. Compreendemos como explanação da realidade vivenciada por sujeitos que veem-se impelidos a negar, esconder, ou mesmo a carregar ao túmulo aquilo que lhes relegue à marginalidade, sendo a orientação sexual um dos fatores a serem ocultados perante uma sociedade coercitiva capaz de classificar patamares de masculinidade arrancando dos homens que não se provem “merecedores” a tão estimada virilidade.

3.2 “O triste destino de Emílio Amorim”, Autran Dourado

O conto “O triste destino de Emílio Amorim”, também presente na obra *As Imaginações Pecaminosas* (1981), explora, entre outras coisas, tal qual o conto analisado anteriormente, a questão que tange às masculinidades, além de proporcionar reflexões atinentes ao “vínculo”³⁴ da identidade de gênero à orientação sexual. No entanto, o que mais nos chamou atenção e que pretendemos aprofundar nessa análise é o olhar da sociedade para o homossexual, escancarado a partir da perspectiva de um narrador que aborda, ressalta e inclui-se nas “imaginações pecaminosas” desse meio: “a gente sabia reconhecer também o lado bom das pessoas, se elas mereciam, não éramos só imaginações pecaminosas” (DOURADO, 1981, p. 42). Percebemos importantes questões nesse fragmento, entre elas a

³⁴ As aspas, nesse caso, são utilizadas para demonstrar que nos conscientizamos a respeito da confusão proporcionada ao estabelecer-se uma relação entre gênero e orientação sexual, a qual vincula (erroneamente) ao feminino um personagem masculino homossexual, assim como ocorre no conto.

emergência da expressão que dá título à obra conferindo sentido e justificativa a ela, já que não somente nesse conto, como também no analisado anteriormente e em outras narrativas que integram o livro, surge uma atmosfera de insinuações e julgamentos baseados no posicionamento conservador de uma comunidade de caráter provinciano. Outro aspecto a ser realçado diz respeito a inclusão do narrador não apenas no trecho, mas na comunidade, bem como em seus posicionamentos e insinuações, algo que observamos, semelhantemente, no conto “O retrato de Vítor Macedônio”.

Conforme indicamos outrora, a obra é desenvolvida de modo a interligar os contos por meio de espaços e da incidência de personagens. À vista disso, revemos importantes personagens do conto analisado anteriormente, como: Vítor Macedônio, o próprio Emílio Amorim que surge, desta vez, como protagonista, além de Dárci, importante personagem para esse conto e que fora introduzido no conto anterior, apesar de não ganhar destaque naquele. O ambiente também é semelhante, a cidade é a mesma (Duas Pontes) e, ao passo que o conto anterior transitava entre o espaço privado da casa de Vítor Macedônio e o Banco, seu local de trabalho, ambientes que muito diziam a respeito do personagem, sua discrição e apreço por sua imagem perante à sociedade, este é desenvolvido perpassando, principalmente, a Academia de Música e Dança de Santa Cecília e as casas de Dárci e de Emílio Amorim.

Assim como ocorre em “O retrato de Vítor Macedônio”, o início deste conto cria uma atmosfera de suspense proporcionando pistas capazes de levar o leitor a esperar uma tragicidade no desenrolar da trama: “a academia (a arte e os seus ritos) foi a *culpada da perdição* do notário e flautista, do muito nosso Emílio Amorim” (DOURADO, 1981, p. 42, grifo nosso). Esse fragmento revela-nos não somente a dica do possível trágico fim de Emílio, como também aponta para a condenação da Academia, de modo a reportar, de certa forma, a culpa à arte. Neste, como em diversos outros momentos surge a relação do artístico à homossexualidade escancarando o ideal clássico da predisposição do homossexual às atividades artísticas.

Sequencialmente à instauração do suspense acerca do futuro de Emílio Amorim, o narrador atém-se à caracterização do personagem enfatizando mais os olhares cuidadosos e dados às bisbilhotices que as próprias características do protagonista: “apesar de tudo que dele se dizia rindo e à boca pequena (tudo

vagas suspeitas, fruto de mentes e olhos desocupados)” (DOURADO, 1981, p. 42). Há que se referenciar o cuidado do narrador em adotar um posicionamento crítico relativo ao julgamento feito pela sociedade; se de um lado a sociedade “maldizia” Emílio, assim como julgava Vítor Macedônio, por outro havia quem olhasse e também pudesse julgar tal maledicência. No entanto, há que se considerar a ironia dessa ocorrência, visto que aquele que adota uma postura de denúncia dessa sociedade julgadora mostra-se nela incluso em diversos outros momentos e, como membro dela, também executa seus mesmos feitos e desenvolve suas mesmas reflexões. Nesse ponto, refletimos, é que reside a ostensiva hipocrisia social.

A imagem que se constrói de Emílio é permeada por certo alinhamento (figura não tão alinhada quanto Vítor Macedônio, mas a quem se devia respeito), seu cargo no tabelionato de Duas Pontes é um dos fatores que o narrador indica-nos como justificativa do respeito e motivador das cobranças sociais. Como é o caso da exigência de uma postura mais introspectiva, a qual Emílio não acatava ao optar por uma “vida um tanto livre e boêmia”, todavia, esse narrador parece fazer questão de dar ênfase ao controle exercido pela sociedade, mesmo sobre alguém que dispunha de certa “liberdade”: “a vida do tabelião Emílio Amorim, apesar de seu tanto livre e boêmia, conheceu limites – os limites que a nossa comunidade, com o seu rígido código de moral, honra e machidão, impunha, e a que ele, mesmo a contragosto e sofrendo, sempre obedeceu” (DOURADO, 1981, p. 43). Ao chamar atenção para as imposições sociais o tom irônico do narrador denuncia a incessante busca da sociedade por uma espécie de padronização dos sujeitos que sigam, como se fosse prescrito por lei, ainda que a “contragosto”, ainda que sofrendo, uma espécie de código capaz de abranger aquilo que a comunidade julgue moral, ético e, naturalmente, não poderia deixar de fora: másculo, capaz de validar a “machidão” de um homem conferindo a ele honra, ou, caso não prove sua “macheza”, desonra. Esse posicionamento do narrador de escancarar ironicamente as exigências sociais a respeito da imagem individual ocorre no conto da mesma obra analisado anteriormente.

Outro ponto comum entre os dois contos é a aproximação ao feminino em algumas das características dos protagonistas, de um lado indica-se que Vítor Macedônio possuía “a beleza viril de uma mulher madura”, de outro há um Emílio Amorim com “fala mansa, aflautada [...] gestos amaneirados, andar saltitante, vivo e alegriño demais para sua posição e idade” (DOURADO, 1981, p. 43). No

entanto, cabe-nos evidenciar um importante detalhe que os distingue quanto ao reconhecimento social e a validação de virilidade frente à sociedade: o respeito às normas sociais. Apesar de ambos personagens despertarem a “suspeita” levantada ao longo dos contos, a qual analisamos tratar-se de “suspeita de homossexualidade” enfatizando o estigma sobre essa orientação sexual, deparamo-nos com um Vítor sempre publicamente alinhado, belo, reservado, imponente, características capazes de minimizar a observação de seus traços de delicadeza e de conferir-lhe certo espaço, respeito e até idolatria. Ao passo que Emílio possuía apenas uma característica capaz de agradar a exigente comunidade, seu cargo no tabelionato. Quanto ao resto ele mostrava-se completamente desprendido das “normas”, livre, boêmio, “alegrinho demais”, dado à arte, ou pior para validação de sua masculinidade, segundo a comunidade, à flauta, “todo sutil, todo delicadeza, todo afetividade” (DOURADO, 1981, p. 43). Portando, então, características avessas àquilo que se espera do “homem de verdade”, tal qual discutimos mais enfaticamente no capítulo primeiro desta dissertação, isto é, aquele que deve deter força e brutalidade, afastando-se completamente da delicadeza.

Diante de apontamentos do narrador percebemos que nem mesmo o reconhecimento de Emílio como grande artista fora capaz de impedir o julgamento e os olhares maldosos dessa comunidade: “não se viu antes dele [...] e não se verá por muito tempo um flautista e músico da sua altura e perfeição” (DOURADO, 1981, p. 44). Ressaltamos, ainda, que se dedica mais espaço com o engrandecimento dos dotes artísticos do protagonista que, com características capazes de negativarem sua imagem ao social, o que, porventura, não impede sua ridicularização frente às suas atitudes julgadas como amorais. A arte para ele mostra-se, no decorrer do conto, como artefato de fuga da realidade, já que se via impelido a seguir normas e, na maior parte do tempo, encaixar-se ao padrão esperado pela comunidade, tal qual se nota no seguinte fragmento: “tinha espírito criador, invenção não lhe faltava, rico em fantasia, bem dotado para arte e instrumento que escolheu como consolo de uma vida árida e sem sentido para ele [...]” (DOURADO, 1981, p. 44).

O trato irônico do narrador desponta novamente nos dizeres metafóricos de um personagem ao tratar do protagonista:

No caso de Emílio Amorim, o nosso preclaro artista e tabelião, dizia o dr. Viriato em dia luminoso, a arte-da-fuga deixa de ser uma expressão objetiva e real, para se transformar numa metáfora viva e significativa. E falava de flauta e flautim, feminino e masculino, os pólos opostos, as ambivalências significativas, e aí então a gente não entendia mais nada, o dr. Viriato pairava no astral superior (DOURADO, 1981, p. 44).

Analisamos a fala desse personagem como algo que aponta para o desencaixe de Emílio em uma comunidade que preza pelo padrão, estabelece regras para o pertencimento e julga, ou mesmo descarta aqueles que “fujam” às normas. Frente a isso, há no trecho, além da percepção dessa fuga do tabelião, o jogo metafórico do “fugir”, isto é, não há somente objetividade na ideia da arte como válvula de escape. Dr. Viriato valida isso, ao nosso ver, como uma espécie de busca por se encontrar naquilo que lhe seria “oposto”, ou seja, na música Emílio encontra a fuga da rotina angustiante e desgostosa do trabalho, do mesmo modo que poderia fugir do masculino e ir de encontro ao feminino. Compreendemos, ainda, que essa última comparação é acrescida pela ideia exposta de “flauta e flautim”, uma vez que o flautim é um instrumento de sopro de som mais agudo soando uma oitava acima da flauta. Entendemos, pois, que não é coincidentemente que a ideia dos opostos feminino e masculino surge em seguida, sendo o feminino vinculado ao flautim, por sua maior delicadeza e som mais agudo, tal qual a voz feminina se comparada à masculina.

Apesar das evidentes, ainda que injustas razões para a desvalorização de um homem frente a uma sociedade pautada na heteronormatividade, hierarquização de classes sociais e diversas outras normas, Emílio era respeitado, já que

A ele se confiavam os sigilosos testamentos e codicilo. Diga-se, a bem da verdade, que até então ele nunca tinha feito por desmerecer a fama de homem honesto, em que se podia confiar nos momentos de abertura, nas partilhas e apurações de haveres, nas guerras intestinas, intra ou extra-autos. *O seu jeito feminino [...] lhe dava um auréola maternal* (DOURADO, 1981, p. 45, grifo nosso).

Exaltamos, aqui, a exposição do individualismo, calculismo e hipocrisia dessa sociedade que aceita, ou nega um indivíduo tal qual lhe convém, visto que Emílio, por dedicar-se à música, por sua maneira livre e boêmia, entre outras coisas, é mal visto, todavia, quando é de interesse da comunidade, quando se trata dos negócios e questões de confiança profissional é respeitado e valorizado,

conforme pudemos observar no trecho. Além disso, chamamos atenção para o reforço das afinidades do protagonista com o feminino, sendo, pois, o tal “jeito feminino” capaz de conferir-lhe uma “auréola maternal”, uma das características que lhe garantia a confiança do público. Diante disso ponderamos a respeito de duas importantes denúncias: a feminilidade vinculada à maternidade, como se a tendência maternal fosse natural à mulher e, ainda, o feminino relacionado, naturalmente, à confiança.

Sequencialmente, abrindo espaço para a instauração de mais uma dose de suspense, em um movimento de ruptura no desenvolvimento do enredo, o narrador dá mais pistas do futuro acontecimento que proporcionará o clímax desse conto:

E tudo foi por água abaixo, correnteza levou. Toda a confiança, toda a fama, toda a glória se perderam no desvario em que se entregou desde que, tocado pela paixão de Shirley Temple, seu Filgueiras e dona Ordália fundaram a benemérita Academia de Dança de Santa Cecília, um dos marcos, mesmo a final desastroso, da nossa tradição de cidade culta e civilizada. *Veio o progresso, foi-se a civilização, diziam os nostálgicos* (DOURADO, 1981, p. 45, grifo nosso).

Nesse sentido torna-se possível dialogarmos, novamente, com o conto analisado anteriormente, visto que também surgem pistas a respeito do futuro desastroso de Vítor Macedônio, além da semelhança em relação à atmosfera de suspense até a revelação que proporciona o clímax. Chamamos atenção para o vestígio deixado pelo narrador de que o fim trágico de Emílio, a perda de toda a confiança e glória (a qual julgamos poder considerar falsa, dada a hipocrisia da comunidade que glorifica o que lhe convém, quando lhe convém) relacionou-se a um “desvario” possibilitando-nos compreender que em uma sociedade como essa qualquer desvio daquilo que se espera, qualquer “fuga” do validado como normal é vista como motivo para perda de confiança e do, tão buscado e enaltecido, “*status*”.

Atentamos também, ainda quanto ao trecho anterior, à referência à valorização da tradição, cultura e civilização, conduzindo-nos a percepção do trato irônico do narrador, já que os acontecimentos ao longo do conto, pautados em julgamento e pressão social denotam que a Academia serviu a essa comunidade, de certa forma, como instrumento de manutenção da imagem e do “*status*” supervalorizados. Todavia, há que se considerar o final do fragmento, o qual destacamos e que aponta para a perspectiva retrógrada dessa comunidade que

atreia o progresso à condenação, à ruína, à desgraça, levando-nos a inferir o caráter de desconforto que a mudança proporciona a uma sociedade alicerçada no comodismo de seus parâmetros imutáveis e respeitados, por isso e de acordo com essas concepções sociais conservadoras, à vinda do progresso dá-se o extermínio da civilização.

Em seguida o narrador prepara o terreno para a apresentação de um personagem imprescindível à história, conscientizando o leitor, de antemão, a respeito da grande parcela de culpa desse personagem pelo fim fatídico de Emílio, ou mesmo da cidade.

Não foi bem a academia em si, que a arte não faz mal a ninguém [...] mas a passagem do nosso cometa fatídico, o nosso Fomá Fomitch (citava dr. Viriato de um livro que ele e uns poucos conheciam), a encarnação do nosso xamã pernicioso, o adventício e carioca Darci Loureiro Vaz (DOURADO, 1981, p. 45).

Para que se possa atribuir a culpa a esse personagem, fez-se necessário que a responsabilidade pela tragicidade fosse desviada da academia, a qual fora culpabilizada desde o início do conto. É justamente a esse respeito que levantamos reflexão, a academia, ou mesmo a arte, é colocada como vilã na figura de Emílio, de certa forma mal visto por ser músico. No entanto, carregando a hipocrisia emergente nos ideais da comunidade, logo que surge alguém a quem se possa atribuir a culpa, o vínculo com a arte não existe mais, como se passasse de vilã à heroína apontando, mais uma vez, para uma sociedade que preza pelo conveniente.

Ao apresentar a figura de Dárci o narrador expõe, também, a perspectiva estigmatizadora dessa sociedade que exalta como característica negativa até mesmo a naturalidade do personagem, isto é, até seu lugar de origem é, para a comunidade, ponto negativo, tal qual notamos no seguinte fragmento:

Para sermos precisos, a figurinha difícil que passou a simbolizar o pecado para a cidade, dizíamos [...], não era bem da culta, polida, salina, clara, azul e aérea cidade de São Sebastião, mas da famosa, negra e fascinante Lapa. Ah, Lapa dos Pescadores e de todos os pecados (DOURADO, 1981, p. 46).

Ao atrelar as diversas qualidades positivas à cidade de São Sebastião entende-se que todo o oposto disso possa ser relacionado ao local de origem de Dárci, essa suposição valida-se logo em seguida ao vincular-se a Lapa

aos “pecados”. Deparamo-nos, pois, novamente, com uma sociedade que detém uma incontrolável sede de encontrar e apontar os culpados por qualquer situação por ela encarada como problemática, ou como deslize.

A atitude estigmática da comunidade é exposta, ainda, na longa e minuciosamente descritiva caracterização de Dárci evidenciando, pois, as características incômodas a uma sociedade habituada ao padrão e acostumada a deter o controle não só do comportamento, mas também das vestes de seus integrantes, conforme observamos no seguinte trecho:

Suas roupas vistosas, os seus sapatos de saltinho e bico fino, de verniz brilhoso – última moda no *bas-fonds* [...] nas cores salmão, dois-de-rose, pérola, que foram o encanto das mulheres e motivo de repreensão severa dos homens, todos usando no máximo o branco S-120, ou o que era mais comum, cinza e preto (DOURADO, 1981, p. 46).

Nota-se, portanto, que a excêntrica figura de Dárci, livre das regras sociais e divergente do padrão, fora capaz, pelo aparentemente simples e inofensivo fato de divergir do comum e esperado, de desestruturar uma sociedade que se julgava no comando, a ponto de se tornar uma ameaça aos “bons costumes”. Ainda a respeito desse trecho atentamos para a descrição do vestuário de Dárci, que diverge do gosto e hábito masculino e aproxima-se ao feminino, de modo a causar o “encanto das mulheres”³⁵ e a “repreensão severa dos homens”.

A busca e interesse dessa comunidade pela manutenção do controle é tamanha a ponto de julgar-se no direito de decidir quem fica ou não na cidade excluindo, naturalmente, aqueles que fujam ao padrão e/ou desobedeçam as regras impostas:

Se a simples chegada de Darci Loureiro Vaz [...] se os poucos dias (não chegou a um mês de efetivo funcionamento) de memorável existência da Academia de Música e Dança de Santa Cecília (de escondidos propósitos, viu-se depois) fora um tumulto, um rebuliço em Duas Pontes, a Permanência na cidade [...] daquele astro misterioso, vindo de estranhas e remotas galáxias (da Lapa, dos piores lupanares, dizia de repente enfático o nosso facultativo, científico destruidor de crenças e de mitos) era um escândalo, uma afronta aos nossos brios, diziam os mais exaltados nas ágoras da cidade (DOURADO, 1981, p. 46).

³⁵ “A mulher brasileira [...] demonstra uma indisfarçável admiração pelo homossexual masculino, sobretudo se for artista de fama. O fascínio pelo *gay*, nesse caso, chega às raias do deslumbramento fanático. A mulher inveja-lhe os modos delicados, a classe, a sensibilidade, o bom gosto” (LIMA, 1983, p. 73).

O fragmento demonstra que um indivíduo que venha a ferir o código de moral tão cuidadosamente elaborado por aquela sociedade, simplesmente por divergir do padrão estipulado e esperado, é não somente mal visto, como também rechaçado e culpabilizado por todo o mal ocorrente após sua chegada: “E lá se ia atrás da poeira luminosa, no radiante rastro de Dárci Loureiro Vaz [...] o nosso infeliz e pálido Emílio Amorim, *roubado* do aconchego materno, do útero em que se preservava e se protegia dos perigos da vida o notável flautista e notário de renomeada lembrança” (DOURADO, 1981, p. 47, grifo nosso). Destacamos, no trecho, o termo “roubado”, o qual nos leva a compreender que o protagonista é, quando da chegada de Dárci, vitimado, proporcionando algumas possíveis reflexões: quando convinha à sociedade Emílio fora julgado por sua arte, bem como fora questionada sua seriedade e reconhecimento social dadas suas maneiras “afeminadas”, no entanto, ao surgir uma figura vista como mais desprendida do padrão que o próprio Emílio, mudou-se o foco crítico transformando Emílio em vítima e Dárci em grande culpado. Além disso, há a ideia do “aconchego materno”, ou seja, essa relação maternal que promove proteção e segurança, como se a cidade, o respeito à norma, o padrão estabelecido e seguido preservassem a imagem dos indivíduos oferecendo abrigo e conforto, enquanto qualquer coisa que fugisse a isso representasse, pois, perigo e insegurança, assim é exposta a figura de Dárci, como ameaça a esse ilusório equilíbrio e controle.

O conto prossegue com os apontamentos a respeito da mudança de Emílio e de seus “modos” após a chegada de Dárci sugerindo a influência (ou má influência, conforme pensava a comunidade) do professor de sapateado sobre o tabelião: “Aquilo não podia acabar bem, a gente dizia ao ver os cabelos pintados de Emílio Amorim (a princípio disfarçada, depois escandalosamente [...]) (na cidade, antes dele, não se tinha notícia de que *nenhum homem* o tivesse feito)” (DOURADO, 1981, p. 47, grifo nosso). Retornamos, aqui, à questão referente às masculinidades, mais especificamente no tocante às obrigações para validação da virilidade e reconhecimento, frente à sociedade, como “homem de verdade”. Àquele que se quer reconhecido e validado como homem não são permitidas determinadas atitudes, entre elas o cuidado com a aparência³⁶, algo atribuído ao feminino.

³⁶ Isso em termos de década de 1980, visto que posteriormente a isso surgem possibilidades do cuidado com a aparência sem vínculo com o feminino, é o caso da metrosssexualidade, conceito que emerge em meados da década de 1990.

O primeiro encontro entre Emílio e Dárci é descrito ressaltando o preconceito aos olhos da comunidade, algo que o narrador executa destacando, ironicamente, os “dizeres e pensares” sociais:

Darci Loureiro Vaz, da primeira vez que os dois se viram súbito sozinhos, depois do fechamento, *pela polícia*, da Academia de Música e Dança Santa Cecília, com a morte do banqueiro Valdemar Filgueiras. E os olhos desfalecidos se encontraram e os dois mudamente se entenderam (DOURADO, 1981, p. 48, grifo nosso).

Quanto a esse fragmento frisamos tanto a ênfase na natural e harmônica relação entre Emílio e Dárci logo no primeiro encontro, a qual sugere uma possível futura afetividade entre os personagens, quanto o suspense novamente alimentado pelo narrador ao indicar o fechamento da academia pela polícia dando ao leitor mais pistas do dramático desfecho, além de prenunciar a provável ocorrência de algum crime, uma vez que há necessidade de intervenção policial.

Essa aproximação prevista dos dois personagens é confirmada logo em seguida quando Dárci convida Emílio a vê-lo dançar: “Emílio, disse todo íntimo Dárci, gostaria que você me visse dançando. Já vi na academia, *disse disfarçado Emílio Amorim*, embora adivinhando o que o outro queria dizer. Oh, aquilo não é dança, *disse afetado* Darci Loureiro Vaz” (DOURADO, 1981, p. 48, grifo nosso). Chamamos atenção, nesse fragmento, para a figuração oposta do posicionamento dos personagens: enquanto Emílio busca “disfarçar” aquilo que lhe parece evidente, visto que o protagonista é moldado por essa comunidade padronizante que exerce domínio sobre ele e diante disso há a necessidade de manter uma “pose” para não perder o respeito e a valorização, Dárci, por sua vez, não tem o que esconder, não sente necessidade de seguir o mesmo padrão de Emílio, já que, conforme apontado anteriormente, vem de uma comunidade habituada aos “pecados” (isso segundo o olhar do povo de Duas Pontes), e por isso é visto como “afetado”³⁷.

A postura dos personagens, bem como seus comportamentos levam-nos a retomar uma importante questão discutida ao longo do primeiro capítulo deste trabalho acerca dos estereótipos e da fuga ou reforço deles. Notamos, pois, na atitude de Emílio a busca por manter uma postura que valide sua inclusão àquela comunidade reproduzindo, assim, ideais e ações capazes de perpetuar esse

³⁷ Vale ponderarmos que o termo utilizado para referir-se ao modo de falar de Dárci remete, claramente, ao preconceito, uma vez que a ideia de “afetar” pode vincular-se a noção de “contaminação”, isto é, algo negativo. Termo comumente utilizado para referência taxativa à homossexualidade.

pertencimento, ao passo que na figura de Dárci percebe-se um desprendimento maior se comparado a Emílio, isso se dá por vir de uma comunidade que não lhe cobra os mesmos valores, de modo que Dárci, nessa comunidade de Emílio, é rotulado e vinculado ao feminino por não cumprir os requisitos para validação da masculinidade, sendo, então, atrelado ao feminino: “Um homem homossexual efeminado provavelmente irá caricaturar o estereótipo convencional da mulher” (TUCKER; MONEY, 1975, p. 175).

Surge novamente, logo em seguida, a metáfora de outrora a respeito da ambiguidade explícita na ideia de flauta e flautim. Emílio aceita o convite de Dárci para vê-lo dançar e dispõe-se a tocar flauta, nesse instante o dançarino avisa que o encontro ocorrerá em sua casa e pede que o protagonista leve a flauta e o flautim: “está bem, leve os dois, na hora a gente vê. Eu preferia a flauta, disse Emílio, e rindo: a minha flauta de Pã; e eu o flautim, disse Dárci no seu sorriso composto de Mona Lisa, a cabeça meio inclinada feito uma donzela desfalecida” (DOURADO, 1981, p. 49). Diante disso é possível notarmos a busca de Emílio por enaltecer, ou mesmo resgatar sua masculinidade esclarecendo sua preferência pela flauta, se analisarmos esse instrumento como representante do masculino, conforme discutimos anteriormente, ao passo que o dançarino pontua sua preferência pelo delicado e “afeminado” flautim confirmando, assim, seu desprendimento, ou despreocupação em ser julgado ao fazer essa escolha, bem como a análise desenvolvida a esse respeito. Atentamos, ainda, para a comparação feita sobre a figura de Dárci, a qual é sempre feminilizada, além de comparado à Mona Lisa, vinculado a uma “donzela”, de maneira a desconstruir qualquer possibilidade de haver, nesse personagem, alguma característica que o valide como masculino, outro trecho que comprova isso é a descrição de suas vestes indicando que a camiseta que usava era “como uma blusa feminina” (DOURADO, 1981, p. 49).

A masculinidade lhe é completamente apartada, quase que proibida, por outro lado não lhe resta o natural pertencimento ao feminino, visto que suas características femininas são ridicularizadas por esses olhares maliciosos. Para Dárci parece não haver possibilidade de fuga, ou mesmo de pertencimento. Outro acontecimento que reforça a destruição, ou enfraquecimento da masculinidade de Dárci revela-se no momento em que, não conseguindo acompanhar a música de Emílio, o dançarino cai no choro apontando para uma das questões que vimos no capítulo primeiro como representativa da falha de virilidade. Não é permitido àquele

que quer validade e honrada sua masculinidade, chorar, ou demonstrar qualquer sinal de “fraqueza emocional”³⁸. É, pois, diante da fragilidade que ocorre uma maior aproximação entre os personagens, de forma que Emílio busca consolar Dárci: “E sem que pudesse se conter, como da vez do olhar, acarinhou-o delicadamente, achou que devia dizer alguma coisa. Não disse, faltava-lhe voz, não tinha alma para tanto” (DOURADO, 1981, p. 50).

Posteriormente a isso o narrador descreve o contato entre os dois de maneira quase que superficial apontando, assim, para a dificuldade em abordar tal assunto, visto que se tratava de algo não somente estranho às normas e ao padrão daquela comunidade, como também proibido: “E *tudo* então aconteceu. Aconteceu sem que os dois trocassem uma só palavra *sobre o que estavam fazendo*. Nem durante, nem depois, *aquele* era um *assunto interdito*, para ser guardado, cada um por si e para si, no sigilo, matéria de apenas *coração*” (DOURADO, 1981, p. 50, grifo nosso). Os trechos e termos destacados reforçam a dificuldade em lidar com o assunto e a exposição, a partir da perspectiva do narrador, desse silêncio quando se trata de relacionamentos homo. Não há, pois, a explicação do que exatamente possa ter acontecido entre os dois, não se sabe o que fora esse “tudo”, ou do que, exatamente, tratava-se “aquele” “assunto interdito”. Isto é, trata-se de um ato íntimo, o qual priva do conhecimento à princípio o narrador, por incluir-se como parte da comunidade, e com ele todos os olhares, deixando o âmbito do conhecimento e julgamento para retornar às imaginações, naturalmente, pecaminosas. Ao leitor cabe, então, nesse momento, preencher as lacunas deixadas por essa voz que reforça a interdição desse assunto ao não esclarecer a situação ocorrida.

Isso posto, há que se ressaltar a crescente recusa da sociedade sobre o comportamento e aproximação dos dois personagens, já que se passou do “silenciar”, do evitar comentar, tal qual observamos na citação anterior, ao protestar caminhando, conforme indica o fragmento a seguir, para um futuro agressivo diante de toda essa negação:

³⁸ “Antes mesmo de aprender o que pode ser, o menino recebe mensagens sobre o que não deve ser (ou fazer). ‘Menino não chora!’ é o enunciado clássico que a infância de cada um preserva na memória e que se constitui em uma das ‘verdadeiro homem’” (RAMOS, 2000, p. 46).

E ninguém mais pôde deter a onda de comentários e protestos que corriam na cidade. *Mesmo as mulheres, mais compreensivas* nesse capítulo (por não entenderem bem? Por se identificarem com eles?), censuravam o procedimento de Emílio Amorim, honesto tabelião e emérito flautista. Dos dois, e se temia a interpelação, a agressão física. Já se falava em tiros e jagunços, *para livrar Emílio do mal, para libertá-lo do pecado* (DOURADO, 1981, p. 50, grifo nosso).

A gradação percebida na atitude dessa comunidade indica e representa o processo de assimilação daquilo que não é compreendido, ou aceito por ela. Dito isso, entendemos que o preconceito sofrido pelo homossexual é explorado pelo narrador de maneira a expor a forma como uma sociedade reage diante de situações ou comportamentos individuais que rompem com suas regras, ou violam seu padrão, daí a evolução do comentar ao censurar e disso ao interpelar, ainda que por meio de força física. Uma vez que o maior valor dessa sociedade é sua imagem e seu código de ética, não medirá esforços para manter seus padrões impelindo seus membros a respeitarem-nos. Além disso, há ainda a associação da homossexualidade com o pecado para justificar toda essa negação. Surge, então, a morte como única saída para livrar o personagem desse mal representado pela homossexualidade, de modo a tornar mais evidente e intensa a perspectiva preconceituosa que, além de não enxergar a possibilidade da existência de outra orientação sexual diferente da hetero, compreende que o diferente é, como vimos, nocivo, imperdoável, doentio.

Frente ao alastramento do assunto, ao reconhecimento público da proximidade entre os personagens, o juiz do tabelionato (dr. Saturnino) “a quem Emílio Amorim devia acatamento” (DOURADO, 1981, p. 51) é pressionado a ter uma conversa de caráter questionador e exigente com o protagonista e, apesar de sua tentativa de recusa, alguns argumentos tornam “necessária” a conversa, como é o caso do questionamento do prof. Maldonado diante do argumento de dr. Saturnino de que aquele era “um assunto particular, não funcional” (DOURADO, 1981, p. 51): “Como não é, dr. Saturnino, se o homem abandonou praticamente o cartório?! Disse o prof. Maldonado, temeroso de que o mal *contaminasse* também as suas alunas na Escola Normal. E quando vai lá tem a coragem de levar com ele o mulato degenerado” (DOURADO, 1981, p. 51, grifo nosso). A argumentação do professor que convence o juiz é pautada em afirmações de cunho estigmatizante relacionando a homossexualidade à doença ao levantar a hipótese do “contágio”, além do termo

pejorativo “mulato degenerado” para identificação de Dárci, revelando preconceito também de origem étnico-racial.

A alegação de dr. Saturnino, no diálogo com Emílio surge de maneira a apontar o olhar e incômodo sociais com as “atitudes” do tabelião, as quais, segundo o juiz, “escandalizavam as pessoas de respeito” (DOURADO, 1981, p. 51). Observamos, assim, que é novamente colocado em questão o respeito adquirido por aqueles que executam retilinearmente as leis impostas pela sociedade. Ainda que a resposta de Emílio indicasse a ausência de relação entre sua vida particular e funcional, os comentários e protestos gradativamente aumentavam. Ao notar sua “má-fama” perante à comunidade

Emílio caiu das nuvens e, de olhos estatelados, a boca aberta, muito branco, mais pálido do que normalmente era, gaguejando que aquilo do cartório não se repetiria mais. Quanto à rua, ia tomar seus cuidados, mas (todo ofendido na sua sensibilidade) no que se passasse intramuros, ninguém, data vênia, ninguém podia botar reparos (DOURADO, 1981, p. 51).

A tentativa do protagonista de buscar apartar sua vida particular da funcional e pública parece-nos ilusória, visto que a comunidade mostra-se, justamente, interessada em contemplar e questionar as vivências particulares de seus membros cobrando-lhes a repercussão da imagem esperada. Sequencialmente, reforçando a exposição desses paradigmas desenvolvidos pela comunidade a respeito dos dois personagens, o narrador indica-os como “par que ofendia os brios e a moral da cidade” (DOURADO, 1981, p. 52).

A discricção do possível casal, que se deu sequencialmente, provocou no “público” (e usamos aqui esse termo intencionando aplicar a ideia de se tratar de um grupo de pessoas que assiste a um espetáculo), ao invés de satisfação pela discricção exigida e cumprida pelo tabelião, revolta, já que não mais detinha a consciência do que ocorria entre os dois: “E como tudo se passava intramuros, não se pôde prosseguir nos planejados ataques e expedições punitivas” (DOURADO, 1981, p. 52).

Ressaltamos, pois, que a pressão social fora tamanha a ponto de causar certo desequilíbrio emocional no flautista: “quase não tocava mais flauta, instrumento sutil, que demanda firmeza e equilíbrio emocional” (DOURADO, 1981, p. 52) remetendo-nos à reflexão de Lima a respeito da perspectiva de psicólogos e psiquiatras de que “a desestabilização psicológica do homossexual brasileiro ocorre

como resultante de pressão social, familiar ou de ambiente de trabalho. Não da homossexualidade em si” (LIMA, 1983, p. 35). Diante disso, o protagonista opta por aprender a dançar, atitude que o narrador pontua como um dos acontecimentos culpados por levar Emílio à perdição, visto que esse aprendizado promovera a aproximação dos personagens, algo socialmente inaceitável:

E para a derradeira perdição de Emílio (depois não haveria mais silêncio entre os dois, a não ser o silêncio dos amuos e ressentimentos dos amantes), o disco que Darci Loureiro Vaz reservara para mais tarde, para o ponto final do aprendizado – o fabuloso Night and Day. E coladinhos dançaram [...] E entregues ao *desvario* que os perdeu para sempre [...] E Dárci-Darci cantava ao ouvido do parceiro e ia traduzindo de uma língua que para ele era o inglês: You are the one (você é o único) only you and I (só eu e você) beneath the moon (sob a lua) and under the sun (e debaixo do sol) (DOURADO, 1981, p. 53, grifo nosso).

Ao indicar a proximidade entre Emílio e Dárci como algo que levava Emílio à “derradeira perdição” o narrador confirma o que mencionamos anteriormente a respeito da atribuição de culpa a essa proximidade. É somente nesse momento, já no final do conto, caminhando para o desfecho, que ocorre maior contato e aproximação entre os personagens, somente aqui observamos a validação de uma relação entre os dois, tanto por “dançarem coladinhos” quanto pelo jogo de sedução de Dárci apontando, pois, mais enfaticamente, para uma sociedade controladora e julgadora, já que todas as demonstrações de preconceito a esse relacionamento, as quais comentamos anteriormente, foram baseadas em meras suposições. Mesmo essa dança carregada de romance e carinho é informação detida apenas pelo narrador, não é exposta à comunidade, conforme nota-se no seguinte trecho: “De repente o tempo se precipitou [...] Se precipitou sem que a gente soubesse, tudo se passava intramuros” (DOURADO, 1981, p. 53). Atentamos, ainda, para a ideia exposta de “desvario”, termo presente, também, no início do conto apontando a fuga ao padrão como algo que beire a loucura e representando, neste caso, algo não muito diferente, a ênfase à perdição do casal por conta do simples desvio à norma, visto como “loucura”.

Ao passo que Emílio aproximava-se de Dárci, afastava-se da comunidade, bem como de seus afazeres rotineiros e, tal qual demonstramos anteriormente, incomodava o povo não ter o controle sobre o que ocorria entre os dois:

Até que não se suportou mais a estagnação do silêncio coalhado. Não se sabia por onde andava Emílio Amorim, não era visto saindo de casa, no cartório, na rua. Também não se tinha notícia do mulato que viera como um demônio conturbar a vida tranquila de Duas Pontes. Alguém procurou Emílio na sua casa, ele não estava. Os olhos agora voltados para a casa de Darci Loureiro Vaz, um sepulcro cerrado. Vivia-se uma angústia cruel, uma sufocação, um silêncio de cataclismo. Os mais impacientes já se dispunham a ir surpreender os dois, a pôr um paradeiro naquela ligação pecaminosa que a todos ofendia (DOURADO, 1981, p. 54).

Se antes a sociedade pede-lhes discrição, a obediência ao pedido, o silêncio e as portas fechadas daquele possível relacionamento passa a incomodar o povo, no entanto, desta vez o incômodo é oriundo da perda do controle e do desconhecimento da relação que se construía. Diante disso o que a comunidade queria mesmo era o fim, a qualquer custo, daquela “ligação pecaminosa que a todos ofendia”, ofensa essa baseada nos preceitos sociais padronizantes e no rígido código de moral e ética imposto socialmente que considera incorreto, ou mesmo “pecaminoso” aquilo que se afaste de suas leis. Cuidamos, ainda, dessa necessidade de Emílio afastar-se da comunidade para aproximar-se de Dárci: o protagonista exercia sua função como tabelião para encaixar-se socialmente, porém, tinha uma vida “árida e sem sentido” e encontrava na música uma “fuga”, relacionamos isso ao afastamento total da comunidade no instante em que se estreita a relação com Dárci levando à reflexão de que interesses pessoais e as obrigações frente a comunidade não dialogavam, especialmente quando esses interesses divergiam daquilo que era validado e imposto como correto. Ou respeitava-se o padrão e vivia-se em harmonia com a comunidade, ou rompia-se com ele e afastava-se aceitando a exclusão. Notamos, também, novamente, que os olhares sociais não taxavam somente as maneiras vistas como “afeminadas” de Dárci, mas também o fato de ser negro surgindo, pois, referências pejorativas, tal qual vimos no trecho na adjetivação do dançarino como “mulato” comparando-o a um demônio que vem “conturbar a vida tranquila de Duas Pontes”, ou seja, que rompe com seu rígido e hipócrita código de normas.

Vale ressaltarmos a exposição de uma sociedade que se julga detentora do poder de “normatizar” seus membros atuando por meio de manipulação, ou mesmo de força bruta para conquistar seu objetivo: “Ouvindo o juiz, o delegado resolveu arrombar a porta da casa de Darci Loureiro Vaz, onde *devia estar escondido* e tabelião Emílio Amorim” (DOURADO, 1981, p. 54, grifo nosso). O

domínio que essa comunidade detém é tamanho a ponto de alcançar a interferência jurídica em uma situação completamente desvinculada (ou ao menos deveria ser) de abrangência legal. Há, ainda a partir dessa perspectiva, a possível interpretação de que se houve o alcance da esfera jurídica há que se considerar o fator transgressor, isto é, ao surgir a necessidade de interferência do juiz e, ainda, do delegado deveria, ao menos, haver a proeminência de um crime, permitindo-nos interpretar que se trata da criminalização da homossexualidade, levando-nos a compreender que o fechamento da Academia, pela polícia, exposto anteriormente, também remete a isso.

O que fora encontrado pelo delegado reforça e recupera todo o preconceito desenvolvido por essa comunidade, já que no desfecho do conto ocorre o assassinato brutal de Emílio Amorim, com violentos indícios do reforço do preconceito ao homossexual:

A porta arrombada, viu-se: caído de bruços na sala em torvelinho (cadeiras partidas, mesas viradas, cacos de disco espalhados, quadros quebrados, almofadas rasgadas e mesmo uma boneca de saia rodada com a cabeça esfacelada, marcas de sangue pelo chão e nas paredes) o corpo nu de Emílio Amorim vestido apenas com uma calcinha V-8. Todo esfaqueado (no exame cadavérico seria difícil, ao dr. Viriato e ao dr. Alcebíades, estabelecer o número de golpes que levou), uma corda amarrada no pescoço, se via logo que o crime tinha sido obra de mais de um (DOURADO, 1981, p. 54).

A chocante imagem que o narrador parece fazer questão de enfatizar revela, em suas minúcias, a violência resultante da incompreensão e ausência de aceitação daquilo de difira da heterossexualidade dominante. A ridicularização do cadáver de Emílio Amorim comprova a fervorosa negação da homossexualidade. Não bastou impor, castigar e, por fim, matar o protagonista; foi necessário aniquilá-lo, destruí-lo, deixá-lo sentir a fúria de uma sociedade que não permite ser “confrontada”. A intenção não era, então, simplesmente matar (como se o assassinato já não fosse por si só um ato violento e punitivo) Emílio, mas fazê-lo sofrer, puni-lo por “transgredir” as regras, não bastaria, pois, uma facada fatal, mas incontáveis violentos golpes servindo não para matar, mas para descontar a raiva.

Esse trágico desfecho lembra-nos a semelhante tragicidade do conto “Terça-feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu, sobre o qual tecemos alguns comentários no subtópico 2.2.1 do capítulo anterior. Do mesmo modo que ocorre aqui, no conto de Abreu expõe-se a violência de uma sociedade intolerante que

quer, a todo custo, fazer valer seus preceitos assassinando, também a sangue frio e com requintes de crueldade, um dos rapazes que compunha o casal, enquanto ao outro restou somente a fuga. Ao passo que no conto de Caio Fernando Abreu narra-se que um dos personagens conseguira fugir, aqui a perspectiva é outra: “E seu Dionísio partiu em busca do que se passou a chamar o grande e maligno pássaro da noite e da tempestade – o mulato Darci Loureiro Vaz, *homossexual audacioso*, diria mais tarde o iconoclasta dr. Viriato, para espanto de mais ninguém” (DOURADO, 1981, p. 54, grifo nosso). Diante da morte de Emílio, Dárci é culpabilizado, e o que mais nos chama a atenção, não pela morte em si, mas por carregar a tragicidade, por ter “levado” Emílio ao fim, como que responsabilizando-o pela homossexualidade do protagonista indicando ser esse o problema. Há, por conseguinte, a denúncia do desvio em relação à maneira de essa comunidade enxergar a situação problemática, isto é, mesmo diante de um assassinato brutal a busca não foi pelos assassinos, mas por aquele que acreditavam ter influenciado Emílio levando-o ao fim, como se o assassinato fosse uma consequência natural do verdadeiro crime: a “homossexualização”³⁹ do protagonista. Mesmo a adjetivação atribuída a Dárci “homossexual audacioso” proporciona essa perspectiva de que houve “audácia” quando, avaliamos, não passava de um indivíduo exercendo, naturalmente, suas vivências.

Compreendemos que tratamos, aqui, de um conto voltado à reflexão e questionamento acerca dos valores sociais impostos que colocam a homossexualidade como algo não somente desviado do padrão, mas também transgressor, pecaminoso e doentio, de modo a denunciar essa sociedade que se coloca no direito de “fazer justiça” moldando seus membros e aniquilando aqueles incapazes de enquadrarem-se. Todavia, vale ressaltar que deparamo-nos, aqui, com um conto que explora a perspectiva da impossibilidade de fuga ao homossexual carregando, pois, uma densa e de certa forma pessimista visão a respeito da homossexualidade, ou da liberdade de orientação sexual da época.

³⁹ Alertamos, também, para a irônica abordagem da homossexualidade como algo a ser transmitido, ou de possível influência, de tal modo que utilizamos, para ilustrar esse engano denunciado pelo narrador, o termo “homossexualização”.

3.3 “AQUELES DOIS”, CAIO FERNANDO ABREU

Ao lidarmos com a contística de Caio Fernando Abreu conscientizamos-nos a respeito de sua influência e importância quanto à literatura homo. Frente a isso, pontuamos que julgamos imprescindível a abordagem desse autor ao lidarmos com a temática homo na década de 1980. É, pois, intencionando dar visibilidade as suas duas obras de contos publicadas na referida década que elencamos um conto de cada obra para análise neste capítulo. Assim, buscaremos, neste momento, ponderar acerca do conto “Aqueles dois”, presente na obra *Morangos Mofados* (1982), do autor.

Seu enredo é desenvolvido perpassando ambientes como a repartição (representando, assim, o público) e a casa de Raul e Saul (figurando o privado). É, pois, nesses ambientes que presenciaremos, a partir da perspectiva de um narrador onisciente, as vivências e enfrentamentos dos personagens. O conto inicia-se *in ultima res* apresentando, assim, a proximidade entre os dois personagens, para depois desenvolver os relatos que levaram àquilo, isto é, ao desfecho do conto. Notamos isso ao perceber a indicação do narrador de como os personagens se sentiriam “meses depois”, sem explicar, anteriormente, a referência a esse “depois”: “A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria⁴⁰ que a repartição era como ‘um deserto de almas’. O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído” (ABREU, 1982, p. 132). Diante desse fragmento, extraído do início do conto, cabe ao narrador esclarecer, ou aprofundar as ocorrências que levaram os personagens a essa hostilidade em relação à repartição. Nesse momento interessa-nos, pois, voltar a atenção à satisfação, ou contentamento demonstrado por um dos personagens ao saber-se excluído e, frente a isso, refletimos: em que medida a “exclusão” é algo a causar deleite? Questão a qual ansiamos responder, ou ao menos aprofundar ao longo da análise.

A aproximação entre os personagens, que logo descobrimos tratar-se de dois personagens masculinos, é descrita de modo a enfatizar seus pontos em comum, seus gostos e interesses semelhantes e, algo que julgamos certo

⁴⁰ A conjugação verbal também aponta para a localização temporal, ou seja, a descrição de algo a ocorrer no futuro “um deles diria”, trata-se do verbo “dizer” conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo representando, pois, uma ação condicionada a outra do passado.

compreender como espécie de harmonia de suas almas: “Num deserto⁴¹ de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra [...]” (ABREU, 1982, p. 132). A sequencial descrição dos personagens é feita de modo a realçar as diferenças e semelhanças entre eles, sendo que na caracterização de ambos surge o esclarecimento a respeito de relacionamentos heterossexuais mantidos anteriormente por cada um: “Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia” (ABREU, 1982, p. 132). Sobre isso adiantamo-nos questionando: seria despropositada ou coincidente a referência à heterossexualidade dos personagens? Tal apontamento será instrumento importante para tecermos algumas futuras observações.

Em seu primeiro encontro, ao serem apresentados e notarem a semelhança dos nomes, os personagens cumprimentam-se e sorriem da coincidência, no entanto, sem deixar de lado a discricção de praxe exigida pela sociedade, algo que o narrador parece fazer questão de apontar:

Discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, *nunca sabe onde está pisando*. Tentaram afastar-se quase imediatamente [...]. Mas desde o princípio alguma coisa — fados, astros, sinas, quem saberá? conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois (ABREU, 1982, p. 133, grifo nosso).

O fragmento destacado leva-nos a perceber o intuito do narrador de expor a complexidade das atitudes públicas diante de uma sociedade exigente. Uma vez que ambos os personagens eram novos na firma, encontravam-se em território desconhecido, o qual ainda precisavam estudar assimilando suas regras de funcionamento para poderem esboçar reações menos contidas. Nota-se, assim, desde o início do conto, a sutil denúncia das exigências sociais que impelem os indivíduos a agirem de acordo com a norma deixando-os a “pisar em ovos” até que assimilem e reproduzam os ideias impostos, sendo, somente assim, compreendidos como membros.

Cuidando cada um de sua imagem, justamente por não saberem “onde estavam pisando”, a melhor opção a Raul e Saul fora afastarem-se, frisa o narrador, “imediatamente”. Todavia, há pistas de que esse afastamento não duraria,

⁴¹ Atentamos, aqui, para ideia de “deserto” exposta no trecho, a qual assemelha-se à perspectiva do conto “O triste destino de Emílio Amorim”, em que o protagonista busca uma fuga da “vida sem sentido” apontando, pois, a vivência desses personagens gays como repleta de perdas, fugas, espécie de exílio, seja de si mesmo por conta da não aceitação, seja em relação ao outro (integrante do deserto de almas) que se coloca em posição de julgamento e exclusão.

afinal desde o princípio “alguma coisa conspirava contra, ou a favor deles”. Não é despreziosamente, também, que o narrador indica, entre parênteses, a possibilidade de se tratar de uma “conspiração a favor” dos dois, algo que interpretamos como interesse desse narrador em apontar que as ocorrências entre aqueles dois não detinham, como parece-se pensar naturalmente, negatividade, mas podiam carregar do mesmo modo (“por que não?”) algo de positivo.

A aproximação dos dois é referenciada como lenta e cuidadosa, mesmo passando o dia todo próximos: “Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço” (ABREU, 1982, p. 133). E, conforme aponta-nos o narrador, a aproximação fora resultado da vivência naquele “deserto de almas”: “que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam” (ABREU, 1982, p. 133). Enfatizamos, pois, o fato de não terem percebido a aproximação, já que, se há essa indicação é possível interpretarmos que se acaso tivessem percebido talvez impedissem por conta da cobrança e olhares sociais. Com esse trecho encerra-se a parte I do conto que se divide em seis partes, cada qual detendo uma função, ou uma fase da vivência dos dois. Conforme observamos, a primeira dedicou-se ao contato inicial cuidadoso e preocupado dos personagens e finalizou com sua sutil aproximação.

A parte II é, por sua vez, desenvolvida abordando as particulares vivências de cada um, bem como atentando para suas características aos olhos da sociedade. O primeiro parágrafo descreve e enaltece a solidão de ambos os personagens, ressaltando-a como problemática:

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste — e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios (ABREU, 1982, p. 133).

O fragmento reforça que a diferença entre eles e o restante dos membros da comunidade era o fato de não terem ninguém, o que fomentaria a curiosidade dos observadores. Diante disso, ponderamos acerca do ideal exposto no capítulo um a respeito do casamento como instituição que valida o pertencimento do

indivíduo à sociedade, além da identificação do “homem maduro” solteiro com a homossexualidade.

Ao serem descritas suas características físicas, dá-se ênfase ao interesse que os personagens despertavam nas mulheres: “Eram dois moços bonitos também, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão *altos e altivos*, comentou, olhos arregalados, uma das secretárias” (ABREU, 1982, p. 134, grifo nosso). A caracterização de ambos leva à imagem de ideal de homem heterossexual dominante, tanto que os adjetivos que surgem atrelados a eles, “altos e altivos”, reforçam essa masculinidade e “macheza” supervalorizadas. No entanto, o fragmento que se segue cria uma atmosfera de comparação com o restante dos homens daquele ambiente: “Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia” (ABREU, 1982, p. 134, grifo nosso), promovendo, mais uma vez, a diferenciação dos dois em relação ao restante ressaltando, assim, suas peculiaridades. Conforme observa-se no trecho, os homens da repartição possuíam um padrão de características físicas, “barriga” e “postura desalentada”, das quais aqueles dois diferiam marcando o fato de não caberem, ou afastarem-se, desde já, do padrão.

Apesar do interesse das moças e de diferirem de todo o resto dos homens da repartição, parecia não haver como negar aquilo que chamamos anteriormente de “harmonia das almas”: “*Sem terem exatamente consciência disso*, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro, e vice-versa. Como se houvesse entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia” (ABREU, 1982, p. 134, grifo nosso). Refletimos que também não é impensada a atitude do narrador de expor a inconsciência dos dois quanto a harmonia que exalavam quando juntos. Isso nos permite deduzir que se não havia consciência por parte deles, dificilmente ocorria um reconhecimento de interesse afetivo, ao menos não naquele momento. Isso parecia estar atrelado apenas ao olhar social, ou seja, a “estranha e secreta harmonia” era interpretação dos outros, era percebida a partir da perspectiva dos observadores. Diante desse trecho que fecha a segunda parte do conto compreendemos que a essa parte coube a apresentação do olhar do público em relação aos personagens, de modo a surgirem caracterizações e comparações

promovendo o desenrolar de julgamentos que vão se cristalizar ao longo do restante do conto.

A aproximação entre eles dá-se somente na terceira parte, no momento em que Saul chega atrasado na repartição e conta a Raul que havia assistido a um filme até tarde (ressalta-se, ainda, que o narrador faz questão de justificar que não havia grande interesse por parte de Raul a respeito do atraso de Saul, a justificativa surge como resposta “a um vago que houve”) e, diante da confluência de gosto por cinema, Raul convida Saul para um café: “e, no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio *mais que nunca* parecendo uma prisão ou uma clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme” (ABREU, 1982, p. 135, grifo nosso). Atentamos, aqui, para o enfoque ao ambiente que, metaforicamente, representa a realidade padronizada e sem vida marcada pela repetição dos ideais impostos que acabam por transformar indivíduos em máquinas, especialmente tratando-se de uma repartição. A comparação do ambiente de trabalho a uma prisão, ou clínica psiquiátrica, dá-se por conta de os personagens sentirem-se sufocados naquele momento de maior contato, tanto que se enfatiza a ideia de o prédio remeter “mais que nunca” a esses ambientes de contenção e alienação. Além disso, verificamos que tal comparação é construída pelo narrador, ainda que retomando a perspectiva dos personagens, o que promove a construção da imagem de uma relação homo oposita a esse ambiente marcado pela tristeza, amargura e aprisionamento representando, assim, felicidade e libertação.

A aproximação entre os protagonistas ocorre, na trama, de maneira gradativa e natural:

Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperança e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito (ABREU, 1982, p. 135).

À medida que se aproximavam iam percebendo tanto o deleite da companhia um do outro quanto o desgosto em relação àquele ambiente, insatisfação essa que não se limitava, conforme vimos, ao espaço físico abrangendo, mais ainda, o significado daquilo tudo, as cobranças de postura, a repetição do padrão, a esse aprisionamento de um modo geral. Tal qual notamos no fragmento, o narrador aponta para o caráter confessional do descontentamento promovido por aquele

ambiente, por aquela situação, assim, interpretamos, a necessidade da confissão não necessariamente promove o ideal da iminência da culpa. Neste caso trata-se da brecha de um momento, por verem-se livres do olhar social, os personagens permitem-se deixar vir à tona aquilo que lhes “aperta o fundo do peito”.

A partir dessa amizade que se criava e intensificava, a falta um do outro é algo supostamente natural, mas trazida pelo narrador de maneira divergente:

Durante aquele fim de semana *obscuramente* desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro na pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira quando, outra vez, se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, *menos da falta que sequer sabiam claramente ter sentido* (ABREU, 1982, p. 135, grifo nosso).

O desejo do reencontro é, aos dois, obscuro, termo capaz de remeter a algo que se teme, ao sombrio. E o reencontro, por sua vez, é marcado pela fuga do assunto da falta, da saudade, já que a assimilação disso ainda estava em curso e nem um, nem outro havia elaborado por completo esse sentimento. Os fragmentos destacados denotam, mais uma vez, a busca do narrador por ressaltar tanto a inconsciência quanto a tentativa de bloqueio do interesse que um nutria pelo outro, ainda que esse interesse não passasse, nesse momento, de amizade.

Com intuito de retomar o interesse que os personagens despertavam nas mulheres da repartição, o narrador expõe a tentativa das moças de incluírem Raul e Saul em diversas confraternizações: “Atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafieiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para contar suas histórias intermináveis” (ABREU, 1982, p. 135-136). Entretanto, começa a ficar visível e inegável o desinteresse dos dois pelas mulheres, bem como a intensificação da aproximação, ainda que ocorrida de maneira natural:

Uma noite, Raul pegou o violão e cantou *Tú Me Acostumbraste*. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas (ABREU, 1982, p. 136).

Frisamos, neste momento, a ênfase no afastamento mantido pelos dois notado na indicação de que pegaram táxis separados, apesar do estreitamento da relação. Chamamos atenção, também, para a primeira assunção de ambos a respeito, não simplesmente do deleite da vida de solteiro, mas do desinteresse, especificamente, pelas mulheres. Semelhante situação ocorre na figura do protagonista do conto “Retrato de Vítor Macedônio”, analisado anteriormente, o qual também demonstra desinteresse pelas mulheres que se mostram, por sua vez, completamente interessadas pela figura do protagonista, tal qual as mulheres deste conto, com a diferença de que Vítor não possuía, ou não buscava argumentos que justificassem seu desinteresse, talvez, justamente, por conta de sua característica discrição, ao passo que Raul e Saul indicam, ainda que em tom confessional, que estavam cansados e preferiam ficar assim, a sós, algo que nos remete, mais um vez, ao ideal exposto anteriormente a respeito do descrédito de um homem solteiro frente à sociedade padronizante. Isso posto, pressente-se um futuro turbulento a partir dessa assunção.

A quarta parte do conto inicia-se com a indicação da crescente falta que passaram a sentir um do outro e o estreitamento do vínculo: “Os fins de semana tornaram-se tão longos que um dia, no meio de um papo qualquer, Raul deu a Saul o número de seu telefone, alguma coisa que você precisar, se ficar doente, a gente nunca sabe” (ABREU, 1982, p. 136). Alertamos para as excessivas justificativas que o narrador oferece ao apontar a aproximação dos personagens, isto é, desde o início do conto deparamo-nos com explicações que dessem conta (ou ao menos tentassem) de motivar a proximidade dos protagonistas, assim como a justificativa de sua “discrição” porque “eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando”, ou o argumento da inevitabilidade da aproximação por trabalharem lado a lado, ou mesmo, como ocorre nesse caso, a exposição de um motivo “plausível” para que trocassem telefone. Frente a isso, interpretamos que essa atitude do narrador revela, de certa forma, o caráter normativo da sociedade quanto

à padronização dos comportamentos. Assim, dos homens, tal qual discutimos no capítulo um, é cobrado certo afastamento para que se mantenha irrevogável sua masculinidade e, diante disso, a ocorrência de qualquer tipo de aproximação deve ser, de alguma maneira, justificada, conforme ocorre no conto.

Além de buscarem justificativas para validarem a aproximação, o receio a respeito do estreitamento daquela relação mostra ser de ambos, já que se acanham diante de sua percepção: “Na segunda, não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café” (ABREU, 1982, p. 137). O fragmento descreve a situação ocorrida logo após um primeiro encontro, o qual se deu em um domingo em que jantaram, conversaram e jogaram buraco. Chama-nos, pois, a atenção o fato de tratar-se de um encontro que não apresenta marca alguma de afetividade, ou seja, um simples encontro de amigos, mas que, mesmo assim, causou receio a ponto de não ser mencionado posteriormente, pelos protagonistas, em momento algum.

Refletimos, então, mais uma vez, sobre as exigências de comportamento social voltadas ao afastamento entre os homens, de modo a taxar e excluir aqueles que não cumprem esse paradigma: “As moças em volta espiavam, às vezes cochichando sem que eles percebessem” (ABREU, 1982, p. 137). A partir desse momento manifestam-se diversas situações de julgamento e preconceito em relação ao comportamento dos dois, o qual é visto como algo inapropriado, conforme demonstrou o trecho anterior. O fragmento sequencial surge como espécie de confirmação do ideal que desenvolvemos: “Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul” (ABREU, 1982, p. 137). Conforme indica-nos o narrador, não havia sequer “motivação” (se pensarmos em uma sociedade homofóbica que busca justificativas para seus atos de preconceito) para olhares preconceituosos, visto que não havia um contato muito próximo, de maneira a tornar clara a denúncia de uma sociedade não somente heteronormativa, mas também castradora de qualquer espécie de contato masculino que vá além do superficial.

Sequencialmente o narrador continua a expor, naturalmente e com muita transparência, o desenvolvimento daquela amizade indicando que passaram a conviver mais fora do trabalho desde o almoço na pensão de Saul:

Saiam e voltavam juntos, desde então, geralmente muito alegres. Pouco tempo depois, com pretexto de assistir a *Vagas Estrelas da Ursa* na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar. Cantarolando *lo Che Non Vivo*, Raul viu os desenhos, olhando longamente a reprodução de Van Gogh, depois perguntou como Saul conseguia viver naquele quatinho tão pequeno. Parecia sinceramente preocupado. Não é triste? perguntou. Saul sorriu forte: a gente acostuma (ABREU, 1982, p. 137).

Voltamos o olhar à minuciosa descrição feita pelo narrador, das ações dos protagonistas, as quais, enfatizamos, não demonstram, em momento algum, traços de interesse afetivo ou sexual. Nesse fragmento observam-se, ainda, as referências ao deleite artístico de ambos os personagens, Saul voltado às artes plásticas e visuais, conforme observamos também no início do conto na indicação de seu gosto por pinturas de Van Gogh e por desenhar, enquanto Raul volta-se às artes sonoras, interessando-se por música. A isso relacionamos o ideal generalizante que identifica o homossexual como predisposto à arte. Observamos situação similar no conto “O triste destino de Emílio Amorim”, o qual, adiantamos, será recuperado em diversos outros momentos nesta análise, posto que naquele, assim como neste, o interesse artístico surge como mais um fator, além do descumprimento à regra do afastamento entre homens, contribuinte para o preconceito construído sobre os protagonistas por diferenciá-los do considerado “normal”, uma vez que ao homem dessa época (década de 1980), a partir dessa perspectiva, não é permitido o gosto pela arte, ou a proximidade com indivíduo do mesmo sexo sem a carga do julgamento de homossexualidade.

O inocente e harmônico diálogo entre os personagens levanta uma questão que nos interessa aprofundar, algo que parece ser uma espécie de comparação entre o quadro de Van Gogh “*The Bedroom at Arles*” (1887) e a aparente solidão do quarto de Saul. No início do conto, ainda na parte II, há a descrição da pintura de Van Gogh disposta no quarto de Saul, a qual, parafraseando o fragmento, Saul considerava semelhante ao seu quarto, como um espelho refletindo, quase fotograficamente, aquele ambiente. A opinião de Raul é, pois, similar à do amigo, no entanto, com a única divergência de que enquanto Saul parece identificar seu quarto simplesmente com o imagético da pintura de Van Gogh, Raul arrisca uma análise daquele ambiente interpretando-o como triste,

demonstrando preocupação com o amigo, algo que nos remete, novamente, ao conjunto que explora arte e ambiente em uma esfera comparativa. Rompemos, todavia, com a ideia de que Saul compara seu quarto com o quadro exclusivamente voltado à imagem no instante em que nos deparamos com sua resposta à preocupação do amigo: “Saul sorriu forte: a gente acostuma”. Entendemos essa postura de Saul, exposta de maneira irônica, como um trocadilho com a realidade, isto é, sua vivência, indicando que o ser humano habitua-se àquilo que lhe é concedido: assim como acostuma-se à tristeza e solidão de um ambiente, o riso simula, habitua-se também às mesmas condições no cotidiano, na vida. Essa resposta de Saul soa como uma introdução aos acontecimentos seguintes, visto que os protagonistas passam a sofrer preconceito e exclusão por conta de seu comportamento considerado inadequado pelos demais.

É notável a continuidade do discurso do narrador, o qual comentamos anteriormente, que preza pelo esclarecimento do tipo de relação estabelecida entre aqueles dois, descrevendo detalhadamente o que faziam quando juntos: “Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo. [...] Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, *porque chovia*, Saul acabou dormindo no sofá” (ABREU, 1982, p. 137, grifo nosso). Como exemplo disso destacamos, no fragmento, o trecho responsável por oferecer uma justificativa para o fato de Saul ter dormido na casa do amigo reforçando, assim, a ideia exposta sobre a obrigatoriedade de uma motivação capaz de explicar a necessidade de um homem dormir na casa de outro, já que tal situação é proibida àqueles que se querem socialmente incluídos no alto patamar da masculinidade. Além disso destaca-se, nesse momento, a postura de um narrador que se posiciona em denúncia a essa sociedade que além de julgar, o faz sem precedentes ou conhecimento da situação. Isto é, exibem-se passo a passo as ações dos personagens não havendo, pois, relato algum que confirme o envolvimento afetivo, contudo, isso não impede que o simples fato de manterem-se próximos proporcione a fúria ocasionada pelo preconceito, tal qual percebemos no seguinte fragmento que dá sequência ao trecho anterior:

Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas. Quando faltavam dez minutos para as seis, saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda (ABREU, 1982, p. 137).

Como é de se esperar, diante de acontecimentos presentes no conto, bem como reflexões desenvolvidas a respeito, a natural intensificação do contato e proximidade transparente entre os dois promoveu, nos observadores, cada vez mais curiosidade e julgamentos. Atentamo-nos, neste momento, ao desconhecimento, por parte dos protagonistas, em relação aos olhares pejorativos e comentários maldosos. Atribuímos a isso algumas razões: tanto o fato de completarem-se harmonicamente quanto por viverem uma relação benéfica, independentemente de tratar-se, ou não de um relacionamento amoroso ressaltando, assim, a inocência de ambos diante da maldade no olhar alheio. Há, ainda nesse trecho, um importante detalhe a ser comentado: os adjetivos atribuídos aos dois são os mesmos que outrora foram utilizados para identificar como eram vistos pelas moças da repartição⁴²: “altos e altivos”. Nesse momento, por sua vez, a referência diz respeito mais ao modo como apresentavam-se quando juntos e não mais como eram vistos pela moças. A sensação proporcionada é a de que ocorre, lentamente, uma tomada de poder dos protagonistas em relação as suas próprias vidas; se no começo mostravam-se inseguros e receosos de sua proximidade, agora começam a mudar essa postura adotando uma conduta mais cheia de si e despreocupada, a qual se mostra, conforme vimos, “alta e altiva”, ou seja, mais confiante e com um quê majestoso de distinção.

Apesar do caráter discriminatório mais evidente nessa última citação apresentada, responsável por fechar a quarta parte do conto, veremos a retomada da perspectiva social preconceituosa somente na sexta parte, já que a quinta dedica-se exclusivamente ao envolvimento dos dois pontuando, então, acontecimentos capazes de proporcionar a eles uma maior compreensão daquilo que se passava entre os dois, bem como de seus sentimentos. Passamos, nesse instante, pelo aniversário de ambos: na primavera ocorre o aniversário de Saul que fora presenteado pelo amigo com Carlos Gardel, o sabiá de estimação de Raul; e,

⁴² “As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão *altos* e *altivos*, comentou, olhos arregalados, uma das secretárias” (ABREU, 1982, p. 134, grifo nosso).

no verão, aniversário de Raul, o amigo dera a ele sua reprodução de Van Gogh. Percebemos, pois, em tais atos, tanto a consideração e reconhecimento de um pelo outro, dado o fato de terem presenteado com aquilo que lhes era mais importante ou valioso quanto o intuito de preencher o outro com o vazio que cada um considerava existir: Raul via em Saul, solidão, e, por importar-se, presenteou com o sabiá que lhe faria companhia, e Saul presenteou com seu objeto de maior valor sentimental, a arte, o quadro de Van Gogh que traduzia, também, seu íntimo, levando-nos, deste modo à interpretação de que esse presente simboliza a concessão de ingresso em sua privacidade, permitido somente a Raul.

Frente a isso, é de se esperar uma intensificação da relação entre os dois, porém, em dezembro ocorre a morte da mãe de Raul exigindo, assim, sua partida deixando Saul perturbado pelo incômodo da ausência do amigo:

Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante, nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro (ABREU, 1982, p. 138).

O desassossego de Saul e a excepcional falta que sente de Raul desperta-nos a sensação de que a partir de então começam a aflorar sentimentos voltados ao relacionamento amoroso, entretanto, conscientizamo-nos a respeito de que o simples fato de entenderem-se e completarem-se em meio a um ambiente hostil repleto, exclusivamente, de exigências não configura necessariamente interesse amoroso. É, também, ferramenta importante para nossa análise a descrição do sonho de Saul, o qual se revela bastante enigmático e ao mesmo tempo altamente representativo. O ambiente desse sonho justifica-se pela pressão e julgamentos provenientes da repartição: aqueles que acusam vestem-se todos de preto representando a padronização e o luto, ao passo que Raul usa vestes brancas diferenciando-se dos outros e simbolizando a paz, o acolhimento, o único em meio à multidão capaz de aceitá-lo e abrir-lhe os braços. O cheiro presente no sonho sugere o desabrochar de um momento em que se permite o aflorar das emoções deixando transparecer um sentimento puro, porém, escondido e disfarçado, sendo

este mais um fator que nos permite deduzir o início do envolvimento amoroso, ou ao menos a compreensão do sentimento de afetividade.

De forma a conferir certa realização ao sonho de Saul, logo que Raul retorna convida-o a sua casa e, diante da fragilidade ocasionada pela perda da mãe, é acometido pelo choro, situação à qual Saul reage com inconsciente espontaneidade:

Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender (ABREU, 1982, p. 138).

A materialização do sonho de Saul é, ao mesmo tempo, a concretização de um desejo que era, claramente, de ambos, mas fora reprimido pela sociedade. Ocorre, então, essa aproximação com manifestação de carinho, por meio do toque, do cheiro, sem julgamentos, sem acusações, apenas deixando manifestarem-se as emoções e os sentimentos, livres de qualquer cobrança. Nem mesmo o tempo, o qual sequer notaram, fora obstáculo naquele instante. Estabelecemos, pois, novamente, relação com o conto “O triste destino de Emílio Amorim” retomando a cena em que Dárci é, também, acometido pelo choro, e Emílio põe-se a consolá-lo de maneira delicada, tal qual faz Saul no fragmento destacado. Ressaltamos, ainda, o esclarecimento por parte do narrador a respeito da inconsciência de ambos diante das atitudes, levando-nos a compreender que se deixaram guiar pela emoção de modo natural sem conscientizarem-se, ou preocuparem-se a respeito do significado que aquelas ações detinham permitindo-se, pela primeira vez, somente senti-las e expressá-las.

Assim como momentos de demonstração de afeto são marcados pelo desabrochar de sentimentos intensos por vezes recalcados, despontam, geralmente, também, promessas e contratos marcados por ainda mais intensidade:

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes — ninguém, mundo, sempre — e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool (ABREU, 1982, p. 138-139).

O trecho revela um ato de fortalecimento daquela relação, momento em que ambos permitem-se verbalizar, ainda que timidamente, todo aquele sentimento escondido. O fato de terem a convicção do imenso carinho e companheirismo e de viverem a pureza de um momento livre de cobranças não impediu que os resquícios dos paradigmas reforçados continuamente em seus cotidianos permanecessem assombrando suas consciências, de modo a promover confusão e sensação de deslocamento, tal qual observamos na seguinte citação que sucede o trecho anterior e encerra a quinta parte do conto:

Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa; acariciou Carlos Gardel até que os dois dormissem. Mas um pouco antes, sem saber por quê, começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. Pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde (ABREU, 1982, p. 139).

Chama-nos a atenção a ressalva, feita pelo narrador, a respeito da partida de Saul. Parece-nos haver, nesse caso, a busca por evidenciar a inexistência de motivos que os impedissem de dormir na mesma casa, considerando a justificativa oferecida pelo narrador de que não precisariam trabalhar na manhã seguinte. Contudo, aquilo que poderia configurar uma motivação para a partida de Saul desponta logo a seguir, no instante em que se descreve a longa caminhada deste personagem, a qual, pensamos, funcionara como período de reflexão, visto que ao chegar em casa é pego, assim como Raul, pelo desabrochar das emoções, as quais o minimizam, algo que podemos atribuir ao conflito interno apresentado pelo personagem, em virtude da incompreensão e insegurança diante da possibilidade da homossexualidade.

Apesar das inseguranças e confusões diante daquela relação, a proximidade tendeu à intensificação, passaram Natal e Ano-Novo juntos, trocaram presentes e:

[...] na noite de trinta e um, aberta a champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu a taça e brindou à nossa *amizade* que nunca nunca vai terminar. *Beberam até quase cair*. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, *muito bêbado*, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, *um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados*. Pela manhã, Saul foi embora sem se despedir para que Raul não percebesse suas fundas olheiras (ABREU, 1982, p. 139, grifo nosso).

Atentamo-nos, neste caso, tanto à referência de Saul àquela relação vista simplesmente como amizade, mesmo diante do sentimento despertado, exposto e sutilmente explorado dias antes, quanto ao excesso de álcool que parece surgir como justificativa para as atitudes e decisões dos personagens, como se o fato de estarem bêbados possibilitasse e justificasse suas ações, absolvendo-os da culpa. Entretanto, nem assim permitiram-se extrapolar a linha daquilo que pudesse ser justificado pela bebedeira mantendo, apesar do evidente desejo, distância quando encontravam-se nus. Conforme destacamos surge a comparação da brasa do cigarro com um “demônio de olhos incendiados” remetendo, pois, ao maligno, ao nefasto, como se aquilo que desejavam representasse, do mesmo modo, algo pecaminoso e obscuro.

Ao passo que surgiam, para os protagonistas, ideias perturbadoras, sentimento de culpa e confusão, vemos intensificarem-se, de maneira descomunal, as cobranças, julgamentos e demais posicionamentos preconceituosos daqueles que os cercavam:

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias — e tinham planejado, juntos, quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro — ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como “*relação anormal e ostensiva*”, “*desavergonhada aberração*”, “*comportamento doentio*”, “*psicologia deformada*”, sempre assinadas por *Um Atento Guardião da Moral*. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos (ABREU, 1982, p. 139-140, grifo nosso).

Esse momento marca, para nós, o clímax do conto, posto que representa o ponto máximo do desenvolvimento da história. O progresso da aproximação dos protagonistas fora acompanhado, também, pela evolução da perspectiva estigmatizadora daqueles que os cercavam e que, mesmo não possuindo atitudes comprobatórias do envolvimento amoroso dos dois, insistiam em julgar e taxar a “possível homossexualidade” que viam ali, algo ocorrido também na trama de Emílio e Dárci, visto que sofrem preconceito sendo julgados por uma relação que sequer é comprovada ou ratificada pela comunidade. Conforme notamos no fragmento, exalta-se o espanto dos dois personagens frente àquela atitude severa e gratuita. A surpresa diante da convocação do chefe e de suas palavras vincula-se, acreditamos, não somente ao fato de estarem sofrendo profundas ofensas, mas também ao descabimento das acusações, visto que independentemente da relação que mantinham, ainda não haviam demonstrado publicamente o afeto, o qual exploravam mais profundamente e com grande dificuldade, somente pouco antes desta situação e em ambiente privado.

Similar situação ocorre no conto “O triste destino de Emílio Amorim”. Segundo vimos anteriormente, o protagonista é, do mesmo modo, rechaçado por sua comunidade simplesmente por afastar-se de seu círculo e aproximar-se de outro homem. Ao recolherem-se ao ambiente privado, esperando, inocentemente, que este pudesse fornecer-lhes algum conforto ou distância do olhar alheio, ocorre o oposto. Assim como neste conto, ao invés de silenciar com o afastamento, ou mesmo reclusão do possível casal, a comunidade acaba por enfurecer-se adotando (em ambos os contos) atitudes insensatas julgando basearem suas ações no direito e no dever, algo que se prova, no conto anterior, pela interferência do delegado e do juiz no envolvimento entre Emílio e Dárci, ao passo que neste conto o remetente da carta que chega ao chefe utiliza o pseudônimo de “Um Atento Guardião da Moral” defendendo a ideia de que o, frisamos, possível envolvimento entre os protagonistas fosse algo amoral e, portanto, inaceitável àqueles que cumpriam o rígido código de moral e ética⁴³.

Além disso, há que se evidenciar a atitude dos personagens de ambos os contos diante das acusações feitas. Se aqui comprova-se a tomada de

⁴³ Atentamos para o fato de que ambos os contos de autoria de Autran Dourado trabalhados aqui lidam com a ideia de código de moral e ética imposto pela sociedade, sempre de maneira a ironizar a perspectiva social calcada em hipocrisia e padronização de seus membros.

poder à qual nos referimos anteriormente, de maneira que a atitude de Raul é descrita com vocábulos voltados ao engrandecimento: “colocou-se em pé”, “parecia muito alto”, “erguendo-se”, demonstrando sua altivez, no conto anterior não podemos deixar de notar um protagonista tão dono de si quanto Raul mostra-se, já que ao ser pressionado quanto as suas atitudes que “escandalizavam as pessoas de respeito”, apesar do sobressalto posicionou-se de maneira a negar aos que cobravam, o controle sobre sua vida, indicando que “intramuros ninguém podia botar reparo”.

Interessa-nos refletir, ainda com base na citação anterior, a respeito dos argumentos e termos utilizados pelo remetente da carta para referir-se aos protagonistas e ao suposto relacionamento amoroso: "relação anormal e ostensiva", "desavergonhada aberração", "comportamento doentio", "psicologia deformada", todos apontam de maneira clara a patologização da homossexualidade, referindo-se a essa orientação sexual como desvio orgânico e mental, além de atrelar à anormalidade; algo que nos remete às reflexões tecidas no primeiro capítulo desta dissertação acerca da despatologização da homossexualidade em esfera médica, psiquiátrica e legal, ocorrida em meados da década de 1970, sobre a qual discorreremos no primeiro capítulo. De tal modo que, ao expor essas terminologias vinculadas a um remetente auto reconhecido como “guardião da moral”, o narrador parece desenvolver uma denúncia àquela sociedade que se julga detentora do poder e da lei, entretanto, não possui embasamento capaz de fundamentar seus ideais levando, pois, à fragilidade e ao teor duvidoso e hipócrita de suas perspectivas doutrinadoras.

Após serem demitidos, os protagonistas começam a retirar seus pertences da repartição em um movimento que parece provocar sensação de luto:

Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala deserta na hora do almoço, sem se olharem nos olhos. O sol de verão escaldava o tampo de metal das mesas. Raul guardou no grande envelope pardo um par de olhos enormes, sem íris nem pupilas, presente de Saul, que guardou no seu grande envelope pardo, com algumas manchas de café, a letra de *Tú Me Acostumbraste*, escrita à mão por Raul numa tarde qualquer de agosto. Desceram juntos pelo elevador, em silêncio (ABREU, 1982, p. 140).

Parece imperar, aqui, a propagação de uma atmosfera permeada por tristeza e vergonha, marcada não apenas pela densa carga da descrição da retirada dos pertences, como também por trechos como: “sem se olharem nos olhos”

e “desceram juntos pelo elevador, em silêncio”. Por outro lado, o “silêncio” dos personagens possui outra importante carga, a qual surge não somente nesse momento, mas em vários outros ao longo da narrativa revelando, pois, a ruptura com a necessidade de assunção de uma relação afetiva. Em outras palavras, deparamo-nos com um silêncio que se faz repleto de significado, não havendo necessidade da exteriorização da palavra para compreensão da reciprocidade dos sentimentos e da completude que os envolvia. Notamos, ainda, a menção, pelo narrador, nesse momento de “esvaziar as gavetas”, somente da retirada de presentes que um dera ao outro proporcionando, assim, a ideia de que lhes interessava levar daquele ambiente apenas o que havia de bom, isto é, somente o que lembrasse o outro. Tal perspectiva é comprovada no seguinte fragmento, o qual sucede o anterior:

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos postos na janela, [...] estavam ainda mais altos e mais altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai, alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina (ABREU, 1982, p. 140).

A partir disso a tal atmosfera de tristeza e perda parece não pairar mais sobre os dois e, como se mudasse de foco, a impressão que temos é de uma transferência desse clima denso e infeliz para a repartição e seus empregados padronizados. O narrador transmite-nos, nesse momento, a perspectiva da libertação dos dois, cada vez mais “altos e altivos”, à medida que tomavam as rédeas de suas próprias vidas. Essa emancipação dos olhares e julgamentos sociais pode ser comprovada nesse trecho tanto pela atitude de pegarem o mesmo táxi, visto que anteriormente, conforme discutimos, optavam por táxis separados quanto pelo ato cortês de Raul ao abrir a porta para Saul ignorando, assim, os olhares pejorativos a esse ato. A desimportância do descaso daquele grupo em relação aos dois, nesse final, é tamanha a ponto de nem sequer ser ouvida a ofensa, ou provocação feita aos protagonistas, de modo a tornar-se a eles inútil e desprovida de sentido.

O parágrafo que encerra o conto confirma nosso ideal a respeito da transferência ao grupo da repartição, dessa carga negativa detentora da infelicidade e do silêncio: “Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens no céu, ninguém mais

conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram” (ABREU, 1982, p. 140). Deparamo-nos, pois, com um brilhante encerramento capaz de escancarar a crueza de uma sociedade que vê a caça voltar-se contra o caçador. Tal qual o trecho expõe, ao conquistar seu objetivo máximo livrando-se daqueles que, segundo o grupo, atentavam contra a moral, a única conquista evidente fora a compreensão de que ali não se permitia felicidade, expressão, identidade, quiçá diferença. E, diante dessa compreensão do real significado do ganho dessa “batalha”, só restara a esse grupo a espera pela infelicidade, a qual, garante-nos o narrador, chegara. Simulando, assim, um conto de fadas às avessas dotado, pois, de tragicidade por conta da carga da infelicidade eterna destinada aos membros da repartição.

Estamos, pois, diante do único conto, daqueles elencados para aprofundamento neste capítulo, que desenvolve um posicionamento otimista a respeito do homossexual dessa época. Encontramos, aqui, um narrador intencionado a levantar a perspectiva da injustiça da sociedade, de maneira a reforçar a necessidade de mudança do olhar pejorativo indicando, pois, que a sociedade é quem carece de reformas idealistas. Ao elucidar que a única perda efetiva do possível casal é a do emprego na repartição, o qual se mostra mais como um alívio, esse narrador não somente escancara o preconceito desmedido e desmotivado, mas também aponta que “o triste destino” é daqueles que julgam e padronizam, justamente por serem obrigados a seguir as mesmas regras padronizantes impostas por eles. Tornam-se, assim, segundo o narrador expõe, sujeitos vazios, voltados à reprodução de valores, ainda que não sejam os seus e, conseqüentemente, infelizes.

Acreditamos deter, neste momento, material suficiente para esclarecer um questionamento proposto no início do conto, o qual, baseado no primeiro parágrafo de “Aqueles dois”, pondera acerca do estranhamento que nos causou o deleite demonstrado por um dos protagonistas diante da exclusão⁴⁴. Entendemos, então, esse contentamento como tradução da liberdade conquistada pelos protagonistas ao livrarem-se da pressão, das exigências descabidas e olhares pejorativos lançados por aquele grupo calcado em heteronormatividade,

⁴⁴ “Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como ‘um deserto de almas’. O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído” (ABREU, 1982, p. 132).

padronização social e falso moralismo. O excluído, aqui, orgulha-se de não fazer parte do sistema estigmatizante, não é vítima, é dono de si.

3.4 “PEQUENO MONSTRO”, CAIO FERNANDO ABREU

No processo de escolha de um conto de Abreu, tão significativo quanto o anterior, ponderamos a vasta publicação do autor e, por interessar-nos uma perspectiva sobre a década de 1980, tivemos o cuidado de buscar um conto de cada uma de suas duas obras apresentadas nesta pesquisa. Assim, ficamos, propositalmente, com um conto da obra *Morangos Mofados*, datada, pois, do início da década de nosso interesse, visitando também sua obra de contos que data do final da década, *Os dragões não conhecem o paraíso*, sobre a qual já tecemos alguns comentários no subtópico 2.2.1 do capítulo anterior.

Ao apresentarmos resumidamente a obra salientamos a forte presença de assuntos que versam a respeito do amor de maneiras variadas, lidando também com um leque abrangente quanto às sexualidades. Não divergindo disso, o conto em questão destrincha cuidadosamente a emergência da puberdade e com ela os tabus, censuras, receios e demais complexidades que envolvem a descoberta da sexualidade.

O conto divide-se em nove partes e é desenvolvido retratando as experiências de um narrador personagem adolescente em constante conflito interno, bem como com seu corpo em fase de mudanças: “caminhava quilômetros na beira do mar, me rolava na areia, vezenquando chorava e repetia: pequeno monstro, pequeno monstro, ninguém te quer” (ABREU, 1988, p. 125). Logo no início da primeira parte anuncia-se a chegada de um primo que passaria uns tempos com a família, notícia não muito bem recebida pelo narrador, justamente por conta de carregar tais conflitos preferindo, assim, a solidão, de modo que, mesmo sem lembrar-se do primo Alex, desagradá-lhe a notícia da visita

Naquele verão, quando a Mãe avisou que o primo Alex vinha passar o fim de semana conosco na casa da praia alugada, eu não gostei nem um pouco. Não por causa dele, que eu mal lembrava a cara direito, podia até ser qualquer outro primo, tio, avô. Mais por minha causa mesmo, que tinha começado a crescer para todos os lados, de um jeito assim meio louco. Pernas e braços demais, pêlos nos lugares errados, uma voz que desafinava igual de pato, eu queria me esconder de todos (ABREU, 1988, p. 125).

Julgamos válido dar atenção à postura do narrador de enfatizar, principalmente nessa primeira parte, que o desgosto em receber o primo possuía relação direta com o fato de sentir-se em transformação física e psicológica: “Como se não bastasse minha desgraça, agora ia ter que dividir meu quarto com o tal de primo Alex. E não queria que ninguém ouvisse minha voz de pato grasnando, visse meus braços compridos demais, minhas pernas de avestruz, meus pelos todos errados” (ABREU, 1988, p. 126).

O primo representa, nesse contexto, o rompimento com esse isolamento que proporcionava certo conforto, aconchego, ou ao menos tranquilidade por conta do afastamento do olhar alheio. Essa ênfase à insatisfação com a visita, envolta por detalhadas justificativas, todas voltadas ao incômodo com a invasão da privacidade e nenhuma atrelada a algum disparate ou desavença com Alex, além de reforçar a angústia de ser observado em sua considerada “monstruosidade”, possibilita-nos voltar a atenção a essa relação, ou fuga do primo como também carregada de sentido. Algo a ser confirmado no fragmento que encerra a primeira parte do conto:

Pequeno monstro, *seria sempre diferente de todos*. Era assim mesmo que ia me comportar com o primo Alex, decidi: pequeno monstro cada vez mais monstro, até ele não aguentar mais um minuto e dar o fora pra sempre. Fiquei olhando com força pro colchão sem lençol da cama ao lado onde ele ia dormir, até encher o colchão com todo o meu ódio, pra ele se sentir mal e ir embora no mesmo dia (ABREU, 1988, p. 126, grifo nosso).

Isto é, se no início do conto o narrador salienta que seu incômodo com a chegada de Alex relacionava-se a seus próprios conflitos e não ao primo, ao enfatizar que poderia ser qualquer um, com qualquer grau de parentesco que o desconforto seria o mesmo; aqui seu posicionamento em relação a isso altera-se, a indiferença começa a transformar-se em ódio, e, em resposta a isso, sua resolução é tratá-lo como sentia-se e como achava-se visto pelos outros: como monstro. Outro detalhe que nos chamou a atenção e ao qual demos destaque nesse trecho diz

respeito a sua anunciação de que “seria sempre diferente de todos”. Nesse caso devemos levar em consideração que o processo de negação, fuga, distinção, busca de personalidade e auto reconhecimento, dentre outras coisas, são naturais à puberdade, todavia, não podemos deixar de ponderar o uso do vocábulo “sempre”, o qual remete a algo que, segundo o narrador, é projetado para além daquela comum crise da adolescência. Assim, o uso desse vocábulo introduz a ideia de que esses conflitos possam, talvez, transpor as barreiras da problemática puberdade. Dessa forma, refletimos: por que tanta ênfase em ser diferente? Se reconhecia-se em processo de mudança afirmando que percebera que “tinha começado a crescer para todos os lados”, ou mesmo notando a alteração de sua voz, ou seja, sabendo atravessar uma fase natural e passageira, qual a justificativa ou a lógica de apontar com tanto alarde a consciência de que permaneceria diferente de todos, para sempre? Questões às quais, adiantamos, clareiam-se à medida que a narrativa desenvolve-se.

A segunda parte do conto é marcada pela chegada de Alex e permeada pelo detalhamento das experiências e pensamentos do narrador, quase todos voltados à busca por distrações. É nessa parte que se manifesta mais intensamente as minuciosas reflexões, as quais expõem e exploram o íntimo do narrador, somadas aos devaneios pelos quais se deixa levar, justamente buscando distrair-se do infortúnio daquela visita, no entanto, mesmo em busca dessa fuga, em meio aos pensamentos dispersos emergem considerações sobre Alex:

Fui olhando as coisas, me atrolhando por ali, até que de repente tinha anoitecido total, e eu tinha que voltar pra merda daquela casa com aquele Pai e aquela Mãe. Ainda por cima, fui lembrando no caminho, cada vez mais puto, e por causa disso caminhava mais devagar ainda e ficava cada vez mais noite, agora com aquele tal de primo Alex lá, enfiado no meu quarto [...] já que o primo Alex tinha mesmo que estar lá naquela merda de casa - e era impossível pedir que não viesse, porque já tinha vindo - *que pelo menos ele fosse legal e não me enchesse o saco* (ABREU, 1988, p. 127-128, grifo nosso).

Ainda que haja o realce da marcante e declarada inconveniência representada pela presença do primo voltada, mais uma vez, à invasão de seu ambiente, o fragmento destacado apresenta um narrador menos veemente a respeito do desagrado com a figura de Alex. Especialmente se retomarmos o

momento em que seu posicionamento alusivo ao primo carregara-se de ódio, ainda que com intuito de promover afastamento e resgatar sua privacidade.

A terceira parte carrega um detalhamento, assim como ocorre ao longo de toda a narrativa, que traz os pormenores das atitudes e pensamentos do narrador, por mais sutis ou complexos que sejam, desde o lavar-se ao chegar a casa até a mágoa e o ódio de sua própria imagem, de seu próprio ser:

Tirei a areia dos pés no bidê, lavei a cara e fiquei parado na frente do espelho. Pequeno monstro, falei. Mais de uma vez, três, doze, vinte, eu repetia sempre, me olhando no espelho antes de dormir: pequeno, pequeno monstro, ninguém, ninguém te quer. Mijei, escovei os dentes, gargarejei. Me deu vontade de vomitar, sempre me dava. Mas não vomitei, nunca vomitava. Tive vontade de me encolher ali mesmo, embaixo da pia, feito cusco escorraçado, e dormir até a manhã seguinte, *para que todos vissem como eu era desgraçado*. Meu quarto agora não era mais só meu, não podia ficar lendo até tarde nem nada, luz acesa até altas: a droga do primo Alex estava lá, e eu tinha prometido ser bem educado com ele, coitado (ABREU, 1988, p. 129, grifo nosso).

Vemos emergir, no fragmento destacado, uma perspectiva que pode ser interpretada tanto como típica rebeldia adolescente ou, ainda, uma busca do narrador por chamar para si a atenção com uma atitude capaz de revelar toda sua vivência conflituosa e auto-reconhecida como ímpar. Além de seus desgostos comuns e cotidianos com sua imagem desponta, nesse instante, a impossibilidade de manter sua rotina e seus costumes dada a presença do primo, descrita em uma espécie de oscilação evidente não somente nesse trecho, mas ao longo da narrativa, sinalizada ora pelo discurso de raiva em relação a Alex e à situação, ora pelo posicionamento mais brando e comedido. Isto é, a mesma “droga do primo Alex”, logo em seguida recebe um olhar de piedade e certo cuidado: “eu tinha prometido ser bem educado com ele, coitado” comprovando sua postura oscilante.

Até então os relatos do narrador envolviam suas reflexões e conflitos e, ainda que dentre elas houvesse menções ao primo, não se centravam nele. É, pois, somente no meio da terceira parte que se desenvolve uma maior atenção àquele estranho que ora causava aversão, ora gerava sentimento de serenidade ou ao menos um olhar mais calmo e contido: “Os meus olhos foram se acostumando mais no escuro, e eu comecei a olhar para a cama onde o primo Alex estava deitado, do outro lado do quarto” (ABREU, 1988, p. 130). Não falamos, ainda, em encontro entre os dois justamente pelo fato de que o primo dormia.

Posteriormente, já caminhando para o fim da terceira parte, o narrador desenvolve uma longa e minuciosa descrição do corpo de Alex, que dormia nu, e de suas percepções a seu respeito. Até chegar ao ponto em que, sem saber o motivo, não sentia mais todo aquele ódio causando a sensação de uma gradativa diminuição da perspectiva oscilante de que falamos, posto que atrelado à diminuição do ódio brota um processo de transformação em outro sentimento que, apesar de não identificado, carrega claramente algo de positivo ou, que seja, envolto por certa piedade ou sensibilidade, algo a ser notado nos seguintes trechos destacados:

Ele tinha cruzado as mãos no meio das pernas decerto para dormir melhor, *o pobre*, podre da viagem. Fiquei olhando pra ele, respirando devagar, no mesmo ritmo. Bem devagar, para não acordá-lo. *Não sei por quê, mas de repente todo o meu ódio passou.* Ali deitado, olhando pro primo Alex dormindo inteiramente pelado, embaixo daquela lua enorme, o cheiro enjoativo dos jasmims entrando pela janela aberta, me dava uma coisa assim que eu não entendia direito se era tontura, sono, nojo ou quem sabe *aquele ódio se transformando devagarzinho em outra coisa que eu ainda não sabia o que era* (ABREU, 1988, p. 131, grifo nosso).

Diante e a partir disso o narrador-personagem vê-se em uma situação de pensamentos confusos e conflituosos a respeito da sexualidade. É, pois, nesse contexto que se desenvolvem, então, na quarta parte, as descrições das descobertas e experimentações sexuais, processos naturais à puberdade:

Comecei a cair naquela coisa que eu chamava de entre-sono, porque não era bem um sono. Meu pau ficava tão duro que chegava a doer, toda manhã, então eu apertava ele contra o lençol, parecia que tinha uma coisa dentro que ia explodir, mas não explodia, tudo começava a ficar quente dentro e fora de mim, enquanto eu pensava numas coisas meio nojentas. Não sabia direito se eram mesmo meio nojentas - um peito da negra Dina que eu vi uma vez na beira do tanque, uns gemidos de gente e rangidos de cama no quarto do Pai e da Mãe. Eu não sabia quase nada dessas coisas. Mas era justo nelas que ficava pensando sempre no entre-sono, o pau apertado contra o colchão, até tudo ficar mais sono do que entre. Daí eu caía fundo no poço sem me lembrar de mais nada. Só saí da cama quando a Mãe bateu na porta e falou que estava quase na mesa. Olhei pra cama do primo Alex, toda desarrumada, e *pensei que o idiota devia estar na sala*, sentado como se a casa fosse dele, tomando cerveja com o Pai (ABREU, 1988, p. 131-132, grifo nosso).

Por conseguinte, nessa atmosfera de confusão, exploração e descoberta do corpo e de sensações, certos sentimentos, ainda incompreendidos, afloram, como o nojo daquilo que pensava, mas sem saber se nojo era a palavra

certa. Além do caráter obscuro e ainda incompreendido de suas sensações, apesar do apagamento ou substituição de todo aquele ódio desmotivado, a inconstância alusiva aos pensamentos e sentimentos que nutria por Alex ainda prevalece, tal qual realçamos no trecho anterior, ou mesmo conforme podemos observar no seguinte fragmento:

Não perguntei nada, fiquei sentado na ponta da mesa, riscando a toalha com a ponta da faca. Até que a Mãe disse: - O Alex se encantou com a praia. O pobre nunca tinha visto o mar. Precisava ver, parecia uma criança. Ficou lá, não teve jeito de querer voltar. *Bem feito, pensei*, vai ficar vermelho que nem um camarão. E de noite vai ter que passar talco nas costas e pasta de dente no nariz e ficar se rebolcando na cama sem conseguir dormir, porque quando a gente tá assim queimado até lençol dói na pele. *Vai gemer e encher o saco a noite inteira* e amanhã ou depois vai começar a descascar feito cobra trocando de pele até queimar tudo de novo e a pele ficar grossa que nem couro e ele começar a se sentir o máximo, de mocassim, calça branca e camisa ban-lon vermelha, *todo queimado e idiota idiota idiota* (ABREU, 1988, p. 132, grifo nosso).

Ainda inserido nesse percurso oscilante, se no final da terceira parte notamos uma maior tendência ao gosto que ao desgosto em relação ao primo vemos despontar, logo em seguida, esse processo que nos parece uma espécie de negação ou afastamento dos ideais que promoveram esse abrandamento. Não obstante, vale ressaltar que não vinculamos isso, necessariamente, a uma fuga de uma possível homossexualidade, visto que esse interesse não fora, sequer, assimilado; atrelamos mais à incompreensão daquilo que sentia, ao conflito proporcionado por sensações que não podia entender, nem mesmo conter. Ao partirmos desse pressuposto entendemos que diante de todas as problematizações que carregava, ao narrador fora mais fácil, lógico, ou correto, manter o ódio, nutrir aquele desgosto que abraçar mais uma problemática, a de buscar compreender e trabalhar novos sentimentos.

Frente às variadas descrições acerca das experiências, reflexões e conflitos desse narrador é somente na quinta parte do conto que ocorre o primeiro encontro efetivo e diálogo com o primo que acabara de voltar da praia e, educadamente, salienta-se, perguntara onde ficava o chuveiro externo para que pudesse tirar a areia antes de entrar em casa. Isso posto, enquanto Alex tomava banho, o narrador tentava, sem sucesso, ler o livro "*Tarzan, o Invencível*", já que seus olhos e sua curiosidade voltavam-se ao primo. Esse livro surge na narrativa não despretensiosamente, mas de maneira a criar uma espécie de vínculo entre o

tradicional herói selvagem e o primo, algo verificado através da observação dos detalhes do corpo, bem como das ações de Alex, quase que unindo o primo e o personagem heroico num só objeto de idolatria:

Eu abri o livro, fiz que ia começar a ler, aí ele riu de novo e foi caminhando devagar pro chuveiro. Parecia um leão, mesmo moreno, pensei, andando daquele jeito, meio de lado. Eu comecei a ler. *Seus musculosos dedos de aço firmaram-se no centro de uma das barras.* De costas para mim, embaixo do chuveiro, as costas dele eram retas, largas, com um pequeno triângulo de pêlos crespos e pretos mais largos onde subiam para a cintura, mais estreitos quando desciam em direção à bunda [...] Cada braço dele era assim quase da grossura da minha coxa. A água começou a levar embora a areia da praia, e agora eu podia ver melhor o corpo dele, escondido embaixo da camada de areia. Eu não conseguia parar de olhar [...] Enfiou as mãos por dentro do calção, depois olhou pra mim, entre as gotas do chuveiro, e virou a cabeça, cuspidando água. *O homem-macaco sorriu*, enquanto agarrava de novo na barra de ferro. Quando ele fechou o chuveiro, sacudindo os cabelos molhados, quando as gotas do cabelo dele respingaram na minha cara e a Mãe tornou a chamar lá de dentro - de repente e sem querer eu fechei com força o livro, pulei pra fora da rede e saí correndo em direção à porta da casa (ABREU, 1988, p. 135).

Conforme pudemos notar, o próprio texto destaca as citações do livro que são intercaladas/misturadas à descrição do banho, do corpo e dos movimentos de Alex, de forma a enfatizar comparação física entre o primo e o homem-macaco. O fragmento também revela um crescente, todavia, inconsciente, interesse pelo primo. Apesar da tomada de consciência a respeito do interesse despertado no instante em que indica que não conseguia desviar o olhar, trata-se de um processo, uma descoberta a ser assimilada. Não passam, pois, nesse momento, de meras observações de cunho comparativo responsáveis por desencadarem a concretização desse desejo no futuro.

Por tratar-se de um processo naturalmente gradativo, despertada a curiosidade, ainda que de certa forma inocente por conta do desconhecimento da sexualidade, o interesse em relação ao primo começa a crescer de tal modo a causar o impulso ou a vontade de continuar a vê-lo em sua intimidade:

Escondido, vi quando ele entrou no quarto e encostou a persiana da janela, porque decerto ia tirar uma sesta [...] Ele estava nu, de costas para a janela [...] O braço direito dele, que eu só podia ver até a metade, estava dobrado na cintura, desaparecia na frente do corpo. E se mexia. Todo parado o primo Alex, só mexia o braço direito que eu não via inteiro, porque ele estava de costas para mim. Cada vez mais depressa, eu tranquei a respiração, o queixo apoiado na janela, e cada vez mais depressa, até que ele primeiro gemeu baixinho, depois mais alto, suspirou, o corpo inteiro tremendo, virou de bruços na cama e afundou a cara no travesseiro. O braço direito caiu ao lado da cama. Da ponta dos dedos dele, que quase tocavam o chão, escorria uma gosma meio branca, meio prateada, que foi deixando no piso um rastro igual ao das lesmas nos fundos da casa (ABREU, 1988, p. 136).

Ao passo que o primeiro relato da observação do corpo nu do primo revelara bastante inocência, voltando-se mais à curiosidade que ao interesse propriamente dito, a descrição do banho, bem como essa, confirmam nosso ponto de vista atinente à natureza gradual desse processo de descoberta sexual do narrador. Isso nos permite premeditar uma provável evolução nesse aspecto, isto é, uma maior exploração de sua sexualidade.

De modo a confirmar nosso palpite, o relato da primeira experiência de descoberta sexual do narrador dá-se no meio da sexta parte do conto. Vale ressaltar que essa experiência ocorre logo após a admiração, às escondidas, de Alex:

Olhei em volta, vi que não tinha ninguém, e fiz uma coisa que *nunca* tinha feito antes. Tirei a bermuda e a camisa, larguei na areia e fui entrando na água completamente pelado. Abri as duas pernas, os dois braços, me joguei no meio da espuma. Dei de bunda na areia no fundo do mar, mas não doeu. Aí me direi de bruços e comecei a esfregar meu pau completamente duro na areia molhada molinha. Ficava cada vez mais duro, parecia que tinha uma coisa que queria sair de dentro dele, um fio prateado brilhante. Mas não saía nada, a areia ardia, o sal queimava. Aí eu peguei e abri a minha bunda com as duas mãos bem no lugar onde as ondas arrebentavam, e fiquei assim, deixando as ondas arrebentarem e a espuma morna do fim da tarde entrar pela minha bunda aberta [...] eu sem querer pensei no braço direito do primo Alex, cada vez mais depressa, parecia assim que ia explodir alguma coisa (ABREU, 1988, p. 137).

Atentamos para o fato de essa experiência, apesar de individual, ter trazido à tona, ainda que inconscientemente, a lembrança das características de Alex, de modo que a descoberta de sua sexualidade fosse atrelado ao interesse pelo masculino, de maneira natural. Todavia, não sem proporcionar receio: “Não explodiu nada, eu cravei as unhas no braço, falei quinze vezes pequeno-monstro-pequeno-

monstro-ninguém-te-quer e não sabia mais o que fazer da vida, *daquele medo* ou coisa que queria porque queria sair de dentro de mim sem encontrar o jeito” (ABREU, 1988, p. 137-138, grifo nosso). Esse medo é, pois, atrelado ao enfrentamento do desconhecido, não possuindo qualquer evidência em relação a habitual relutância frente a descoberta do desejo homossexual. Tratamos essa relutância como habitual visto que notamos essa abordagem em diversos contos que lidam com a temática homo, como é o caso de “Minha estação de mar”, de Domingos Pellegrini, em que o personagem tem medo de que pensassem que era “bicha”; em “Pedro imaginário”, de Autran Dourado, em que o personagem tinha medo de ser chamado de “menininha”; ou mesmo em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, também de Abreu, sobre o qual ainda desenvolveremos comentários e relações mais adiante e que revela, marcadamente, a negação, a fuga e o estarecimento frente a descoberta do desejo homo, a ponto de levar o protagonista a um fatídico fim promovido por seus atos violentos. Dito isso, é importante ressaltarmos que até esse momento, ainda que os pensamentos fossem permeados por lembranças que incluíam o primo, não há plena consciência disso, de modo que ainda não podemos falar no amadurecimento desse desejo com foco homo, o que, ademais, não nos impede de interpretar sua gradual elaboração.

O estreitamento da relação entre os dois irrompe somente na sétima parte, a qual ambienta-se em um bar e é marcada por sua típica conversa que, apesar de despretensiosa, servira para romper com aquele afastamento e suscitar empatia do narrador por Alex:

Eu mesmo era assim, meio arisco. Mas passa, tu vai ver que passa. Eu quase disse que tinha certeza que, comigo, não ia passar nunca. *Que ia ficar para sempre e até o fim do mundo assim pequeno, pequeno monstro nojento, diferente de todas as outras pessoas*, todo mundo rindo baixinho, falando coisas quando eu passava. Mas ele disse: — Eu sou teu amigo. Parei outra vez de me sentir monstro. Nunca ninguém tinha me dito isso antes. Foi aí que as coisas começaram a acontecer muito depressa, me deu vontade de rir, comecei a falar sem parar (ABREU, 1988, p. 141, grifo nosso).

Esse fragmento fornece-nos, também, material suficiente para respondermos a questão a qual nos propusemos anteriormente que remete, justamente, a essa curiosa perspectiva pessimista do narrador a respeito de sua considerada “monstruosidade”, a qual julga não ser transitória, como naturalmente espera-se de um jovem enfrentando a puberdade, mas permanente, como se fosse

intrínseco e ele esse caráter “medonho”. Se até esse momento o narrador apresenta sua concepção pessimista de forma aparentemente inabalável, o posicionamento solícito e acolhedor do primo funciona quase como a quebra de um feitiço, já que altera imediatamente, como num passe de mágica, a rígida opinião do narrador. Por conseguinte, compreendemos que esse alarde à consciência de que permaneceria diferente de todos, para sempre, é justificada por sentir-se incompreendido, além de não ser capaz de reconhecer a si próprio em nenhum dos adultos com quem convivia. O primo representa, assim, não somente a comprovação de que havia solução para seu caso, como também de que não precisaria reproduzir aquele padrão repetido na figura de todos que conhecia, de que tanto diferia e buscava fuga.

A oitava parte do conto marca, por sua vez, a consolidação da primeira experiência sexual. Já em casa, logo após retornarem do bar, ao entrar no quarto o narrador depara-se com Alex nu deitado na cama passando a olhá-lo “porque tinha vontade e era bom de olhar” (ABREU, 1988, p. 143) e, ao mencionar que o vira dormindo naquela tarde, obtém do primo a seguinte resposta: “— Eu vi [...] Eu não estava dormindo, eu estava batendo punheta” (ABREU, 1988, p. 143), a qual nos permite interpretar que Alex possuía experiência e maior conhecimento de seu próprio corpo. Quanto ao narrador revela-se a inocência diante da sexualidade, uma vez que, sequencialmente, ao ser questionado a respeito de sua sexualidade “—Tu já esporrou?” oferece resposta negativa: “Nunca, nem sei como é que se faz” (ABREU, 1988, p. 143).

É diante disso que se desenvolve a descrição do primeiro contato sexual do narrador, conduzido pelo primo: “— Senta aqui, eu te mostro como é. Tira a roupa e senta ao meu lado” (ABREU, 1988, p. 143). Diante da concordância do narrador sucede a relação sexual de maneira natural, descrevendo as desconhecidas sensações, bem como as atitudes do primo seguidas das suas que ocorriam em resposta. Ao final disso deparamo-nos com a exposição da naturalidade daquela situação:

Ele não se importava de ficar melado da água de mim. Eu também não me importava de ficar melado da água dele. Nojo nenhum, eu sentia. Ele passou a língua curva no meu pescoço. Eu enrolei os dedos naquele triângulo de pelos crespos na cintura dele. Não sei quanto tempo isso durou. Sei que a gente se afastou e, olhando um pro outro, começamos a rir feito loucos (ABREU, 1988, p. 145).

A tranquilidade, a satisfação e a felicidade são fortemente pontuadas nesse momento levando-nos a comparar esse acontecimento e a reação diante dele com o que ocorre no conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, trabalhado anteriormente e já mencionado nesta análise ao tratarmos da questão que circunda o medo da homossexualidade. Ao passo que, em “Pequeno monstro”, temos a concepção da naturalidade de uma relação homo, sem inquietações ou preconceitos, o conto mencionado apresenta-nos uma visão de negação da homossexualidade lidando, pois, com a dificuldade em aceitar a iminência de desejos com foco homo e buscando justificar aqueles que surgem. Se antes da ocorrência do contato sexual o narrador de “Pequeno monstro” descrevia como nojo aquilo que sentia a respeito da questão da sexualidade atentamos, nesse momento, à ênfase dada ao desaparecimento desse sentimento, visto que destaca o fato de não sentir nojo nenhum daquela relação, bem como do contato sexual, reforçando, assim, a divergência da perspectiva dos narradores desses dois contos.

O desfecho do conto aponta e salienta o caráter ímpar de sua abordagem, conforme podemos observar na resposta do narrador diante do questionamento da mãe a respeito da falta do primo: “Eu falei que não. E não estava mentindo. Eu sabia que ele tinha ficado para sempre comigo” (ABREU, 1988, p. 146). Isso nos permite compreender que nessa negação não há presença alguma de preconceito ou rejeição do que havia ocorrido ou do que sentira. Deste modo, torna-se plausível e evidente nossa percepção de que esse narrador indica a relação sexual com indivíduo do mesmo sexo com excepcional naturalidade, uma vez que em momento algum o desejo pelo primo carrega qualquer impasse ou conflito, pelo contrário, possibilita o clareamento e auxilia no processo de descoberta sexual. Outro importante aspecto a ser observado diz respeito a não existência de qualquer relação dessa experiência com a orientação sexual, assunto que visitamos no capítulo primeiro desta dissertação, posto que o discurso do narrador não pontua o reconhecimento de uma orientação sexual, ao mesmo tempo que não nega a homossexualidade, o que faz é, simplesmente, indicar a não obrigatoriedade de manutenção de um padrão, qualquer que seja.

Diante disso, se ponderarmos que se trata de uma publicação datada da década de 1980, a qual marca acontecimentos decisivos quanto ao reconhecimento das orientações sexuais, torna-se evidente o caráter ímpar dessa abordagem, dado o posicionamento inovador e de certa forma revolucionário capaz de colocar em xeque mesmo as imposições voltadas à determinação das sexualidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorarmos a temática da homossexualidade unida à questão das masculinidades vimos surgirem, logo no início desta dissertação, diversas ramificações pertinentes à pesquisa, como é o caso da necessária abordagem da heterossexualidade em oposição à “construção”, ou mesmo reconhecimento de uma sexualidade homo que fora até meados da década de 1970 desvinculada da noção de orientação sexual e relacionada ao desvio. Tais subdivisões deste estudo permitiram-nos abranger a questão homo de maneira a construir reflexões alicerçadas em concepções teóricas não somente voltadas à homossexualidade, mas também à pluralidade das masculinidades que, notamos, apreende diferentes maneiras de ser masculino, bem como de ter validada a masculinidade perante a sociedade. Frente a isso detivemo-nos, também, à compreensão da virilidade como apartada do sujeito homossexual, algo que pudemos observar tanto no momento de teorização quanto na abordagem literária.

Deste modo compreendemos que o primeiro capítulo forneceu-nos um aporte teórico tanto capaz de levantar e permear discussões atinentes às sexualidades, identidades de gênero, processo de formação do masculino, entre outras questões, quanto de introduzir a década de 1980 como carregada de acontecimentos promotores das discussões relativas às sexualidades e, mais especificamente, à homossexualidade tendo em vista o seu reconhecimento e validação como orientação sexual datado desse período. No entanto, pudemos perceber, ademais, o envolvimento processual desse reconhecimento, conscientizando-nos de que a homossexualidade não fora simples ou subitamente validada como orientação sexual, mas envolta em um longo processo que ainda, em termos de contemporaneidade, carrega marcas desse passado revelado nos estigmas e preconceitos da sociedade.

Por acharmos válido retomar momentos cruciais do desenvolvimento deste trabalho dando sequência ao seu trajeto, interessa-nos tecer comentários concernentes ao capítulo dois, responsável por apresentar e esmiuçar o levantamento que propusemos no início deste estudo. Uma vez apreendida, desde o capítulo primeiro, a década de 1980 como fundamental para as evoluções voltadas à homossexualidade, o início do segundo capítulo serviu-nos para fortalecer tais percepções, posto que lidamos com movimentos que, além de colaborarem com o

reconhecimento da homossexualidade, promoveram a disseminação de um grupo (ou grupos) marginalizado(s), conferindo-lhe(s), conforme indicamos no título do tópico dois, espaço, voz e visibilidade.

É frente a isso, nessa atmosfera de conquistas libertárias, que desenvolvemos a abordagem do levantamento das obras de conto publicadas na década de 1980 observando, nelas, as referências à homossexualidade. Valemos-nos, pois, de 29 obras de variados autores, já que interessou-nos abranger a década, ao invés de autorias específicas. E, apesar de compreendermos, tal qual mencionamos outrora, o caráter longo e processual das evoluções acerca do reconhecimento da homossexualidade e de sua validação como orientação sexual, deparamo-nos, nessa perspectiva quantitativa, com um número reduzido de abordagens à sexualidade homo, principalmente se comparado à hétero, tratada com naturalidade.

Outro elemento que nos chamou a atenção, ainda atinente ao levantamento, diz respeito ao tipo de abordagem da homossexualidade nesses contos, visto que a maioria deles revela uma postura voltada ao estigma seja por parte do narrador, seja dos personagens, algo verificado através do uso de certas terminologias indicativas de preconceito, ou no contexto do enredo apresentando uma sociedade julgadora e/ou heteronormativa, ou pela própria perspectiva do narrador ao escancarar a ausência de espaço e aceitação ao homossexual. De modo geral, em qualquer um dos casos, pudemos assimilar a exploração, na contística brasileira da década de 1980, de uma perspectiva pessimista, quiçá realista (para a época), do homossexual, bem como da homossexualidade considerando o maior surgimento de exposição do preconceito, da violência e da recusa que da conquista de espaço e liberdade.

Dessarte, parece-nos fundamental retomar uma inquietação pertinente ao levantamento, a qual nos levou a refletir o(s) motivo(s) de a homossexualidade ainda aparecer de maneira tão tímida na contística de uma influente década para os avanços dessa sexualidade. Após explorar quantitativa e qualitativamente as referências, não somente à sexualidade homo, mas às sexualidades em âmbito geral, constatamos que a concepção pessimista, bem como a pouca abordagem da questão homo reflete e expõe uma sociedade que, nesse momento, ainda respirava ares de um posicionamento crítico e vinculado ao desvio em relação à homossexualidade, além de lidar, excepcionalmente, com as

imposições sociais que levam à padronização dos sujeitos para que pertençam à sociedade. Não obstante não deixamos de enaltecer o valor de tais abordagens, ainda que à primeira vista não nos pareça satisfatório o tratamento à homossexualidade na contística da época, ao assimilarmos a natureza processual das evoluções concernentes às ponderações sobre as sexualidades reconhecemos o caráter inclusivo de uma sexualidade silenciada ou mesmo invisibilizada, se considerarmos a escassa exploração da temática na literatura brasileira anterior a essa fase, tal qual comentamos ao longo do trabalho. Outro aspecto que nos compete reconhecer refere-se à carga denunciatória das abordagens da homossexualidade, visto que vinculamos o maior índice de posturas preconceituosas à busca por uma desnudamento, ou crítica a uma sociedade heteronormativa e excludente.

O nosso último capítulo, por deter as análises dos contos elencados, serviu-nos como espécie de ilustração, ou sustentação para algumas reflexões tecidas posteriormente ao levantamento, posto que foi nesse momento de maior aprofundamento que cuidamos das nuances das referências à homossexualidade notando e esquadrinhando o posicionamento dos narradores, a construção dos personagens, bem como a exposição da concepção da sociedade em relação ao homossexual marginalizado, ou conforme notamos na análise do conto “Dama da noite”, de Abreu, no capítulo dois, a perspectiva dos socialmente marginalizados em relação a essa sociedade que engendra regras para o pertencimento excluindo e relegando ao estigma aqueles que não se encaixam.

Ainda sobre o terceiro capítulo, enfatizamos que não foi inconscientemente, ou com mera intenção de estabelecer diálogo entre os contos que realizamos as comparações entre as análises. As analogias feitas levaram, também, à validação desse caráter de denúncia apresentado através do posicionamento dos narradores diante dos acontecimentos reforçadores do preconceito, ou mesmo na semelhança das atitudes dos personagens, tal qual observamos em “Aqueles dois”, de Abreu, e “O triste destino de Emílio Amorim”, de Dourado, uma vez que ambos retratam tanto a não aceitação de uma possível relação homo quanto a incompreensão por parte dos protagonistas julgados e condenados, bem como sua necessidade de afastarem-se da comunidade seja por não encaixarem-se, seja para manterem-se distantes dos olhares julgadores. Nesse mesmo viés, portanto também dialogando com esse conto de Abreu, apresentou-se

o conto “Retrato de Vítor Macedônio” carregando, assim como em “Aqueles dois”, a depreciação da homossexualidade pelo olhar social repleto de suspeitas infundadas calcadas na manutenção das aparências reforçando a obrigatoriedade de padronização para encaixe social. Situações em que vimos, também expostas, as cobranças de virilidade e as hierarquias das masculinidades, exploradas no primeiro capítulo.

Isso posto, pudemos depreender a referência à homossexualidade na contística da década de 1980 de dois modos: adotando uma postura de certa forma pessimista, todavia não injusta, nem incorreta — constata-se a escassa presença da sexualidade homo, questão que talvez se justifique, ou encontre álibi, pela recente despatologização e lenta inclusão dessa sexualidade até então não somente marginalizada, como também rechaçada e com rótulo de anormalidade — além de seu surgimento ainda fundamentado em concepções baseadas em uma espécie de separatismo que aparta a homossexualidade do supervalorizado círculo que engloba exclusivamente a hétero nessa excludente “roda gigante”, termo que emprestamos da narradora-personagem do conto “Dama da noite”, de Caio Fernando Abreu.

Por outro lado, pesamos também o aspecto positivo da abordagem homo na contística da década em questão não somente por conferir voz e visibilidade a um assunto silenciado ou ouvido a baixo volume, mas também por essa década ver nascerem ou desabrocharem autores que conquistaram seu espaço sem medir críticas à padronização heteronormativa escancarando a existência e a necessidade de exploração da homossexualidade e de seus enfrentamentos. Tal qual pudemos observar nas análises dos contos de Dourado e Abreu não simplesmente repletos de críticas a sociedade pautada em ideais heteronormativos, como também voltados ao desnudamento das imposições sociais que promovem a sensação de um falso controle.

Segundo observamos nos contos analisados, fora ilusória ou falha a tentativa da sociedade ou comunidade em que se inseriam os personagens, de manter o controle através de opressão e imposição de normas. De modo que se verificou, nos dois contos analisados de Dourado, a pressão e opressão sofrida por aqueles que não se adequam às normas da comunidade, além da tragicidade vinculada a essa intensa sede social por manter sob controle as “rédeas” de seus membros. Por sua vez, o conto “Aqueles dois”, de Abreu, apresenta a perspectiva de

um narrador que constrói de forma liberta, pura e bela a atmosfera de um possível relacionamento homo, oposta, pois, à metafórica “repartição” que abarca a infelicidade e amargura de uma sociedade que, semelhantemente à comunidade desses dois contos de Dourado, só faz julgar e criticar aquilo ou aqueles que a seus olhos não se encaixem em seu padrão pré-estabelecido. Esse posicionamento intencionado a livrar a homossexualidade de uma imagem negativa é igualmente explorado no segundo conto analisado de Abreu, “Pequeno monstro”, posto que nele salienta-se a naturalidade e pureza de uma relação sexual entre dois homens figurando uma experiência não necessariamente voltada à obrigatoriedade desse tipo de relação desvinculando, assim, o foco do desejo sexual da fixação da orientação sexual, ou ainda, se permitirmo-nos essa leitura, talvez haja, mesmo, a indicação da desnecessária determinação de uma orientação sexual.

Encerramos, pois, este trabalho, todavia não findamos a pesquisa, visto que a abordagem da temática, assim como os dados e reflexões desenvolvidas proporcionaram anseio pela continuidade do estudo. Dessa maneira, interessa-nos manter a investigação e a análise da presença da homossexualidade em meio literário para que assim possamos, talvez, depararmo-nos com uma abordagem maior ou mais evidente e quem sabe (permitimo-nos o devaneio), livre de preconceitos e julgamentos sociais refletindo, assim, já que a literatura é simulacro da realidade, uma sociedade também livre dessa ávida e leviana necessidade de padronizar e controlar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando [1982]. *Morangos Mofados*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____ [1988]. *O dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ANTÔNIO, João [1982]. *Dedo-duro*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

_____ [1986]. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac e Naify, 2001.

BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BOSI, Alfredo [1975]. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola [1983]. *Cabeças de Segunda-feira*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1983.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos feministas, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

COUTINHO, Edilberto [1980]. *Maracanã, adeus*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1994.

_____ [1983]. *O jogo terminado*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

COUTINHO, Sonia [1985]. *O último verão de Copacabana*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.

DENSER, Márcia [1986]. *Diana caçadora; Tango Fantasma*: duas prosas reunidas. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

DIAS, Maria Berenice. *A União Homoafetiva e a Constituição Federal*. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual*: Fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

DOURADO, Autran [1981]. *As imaginações pecaminosas*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

DRUMMOND, Roberto [1982]. *Quando fui morto em Cuba*. São Paulo: Ática, 1982.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GARCIA, Wilton. *Corpo e Fotografia em Erwin Olaf*: Estudos Contemporâneos. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual*: Fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: editora UNESP, 1999.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *FRESCOS TRÓPICOS: Fontes sobre a Homossexualidade Masculina no Brasil (1870-1980)*. RJ, Editora José Olympio, 2006.

HOHLFELDT, Antonio. *Conto brasileiro contemporâneo*. 2ª. ed. rev. e amp. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

INÁCIO, Emerson da Cruz. *Para uma Estética Pederasta*. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

JOSÉ, Elias [1986]. *O grito dos torturados*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LIMA, Délcio Monteiro de [1983]. *Os Homoeróticos*. Rio de Janeiro: F. Alves, .

LOBATO, Manoel [1985]. *O cântico do galo*. São Paulo: Global, 1985.

LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEDAUAR, Jorge [1983]. *O visgo da terra*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MEYER, Dagmar E. “Gênero e Educação: Teoria e Política”. In LOURO, Guacira L. et al.(orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação*. Petrópolis, Vozes, 2005, pp. 9-27. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte. Autêntica Editora/UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLL, João Gilberto [1980]. *O cego e a dançarina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PELLEGRINI, Domingos [1984]. *Paixões*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. [1986]. *Os meninos crescem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

PIÑON, Nélide. *O calor das coisas* [1980]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

PIROLI, Wander [1980]. *A máquina de fazer amor*. São Pulo: Ática, 1980.

PÓLVORA, Hélio [1983]. *O grito da perdiz*. São Paulo: Difel, 1983.

_____ [1986]. *Mar de Azov*. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1986.

RAMOS, Marcelo Silva. Um olhar sobre o masculino: Reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mírian. 2000, p.43-61.

RAMOS, Ricardo [1980]. *Os inventores estão vivos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SANT'ANNA, Sérgio [1982]. *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Deonísio da [1984]. *Livrai-me das tentações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____ [1987]. *Tratado dos homens perdidos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

SILVEIRA FILHO, Francisco M. *A Crise da Masculinidade Contemporânea*. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

SIMON, Luiz Carlos Santos. *Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: EDUEL, 2011. 304 p.

SONENREICH, Carol; BASSITT, William. *Sexualidade e Repressão Sexual*. São Paulo: Manole, 1980.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

TAMAGNE, Florence. *Mutações Homossexuais*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade: 3. A virilidade está em crise? Séculos XX-XXI*; tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TREVISAN, Dalton [1980]. *Lincha tarado*. Rio de Janeiro: Record,.

_____ [1982]. *Essas malditas mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TUCKER, P. & MONEY, J. *Os Papéis Sexuais*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

VAN STEEN, Edla [1985]. *Até sempre*. São Paulo: Global, 1985.

WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.460-482. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>> Acesso em maio de 2017.

_____. "Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo". In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 107-128.

ZAGO, Luiz Felipe. *Homens, Homens Gays: Estigma do macho e do afeminado*. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

ANEXO

ANEXO

Banco de Teses e Dissertações (Capes)

ALMEIDA, Ana Luiza Nunes. *A representação da homoafetividade em Duas Iguais, de Cíntia Moscovich e Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu*. 16/04/2015 120 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Campus Porto UFPel

ALVES, Fernanda Nayanne Barbosa E. *Grande sertão: veredas - um cancionista sertanejo*. 30/08/2016 102 f. Mestrado em LETRAS-ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, Montes Claros Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge.

AZEVEDO, Adriana Pinto Fernandes de. *Reconstruções queers: por uma utopia do lar'* 11/04/2016 147 f. Doutorado em LITERATURA, CULTURA E CONTEMPORANEIDADE Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Puc – Rio.

BARROS, Raquel da Silva. *A Reescritura das Personagens 'womanistas' de The Color Purple para o Cinema'* 05/03/2015 157 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas.

BESTER, Simone de Freitas Sanguibuche. *"Integrar-se ou desintegrar-se eis a questão: a representação de personagens homoafetivos em conto e telenovela brasileiros contemporâneos"* 18/10/2016 Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIV. REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES, Frederico Westphalen.

CORREIA, Romualdo dos Santos. *Desejo, estilo de vida e transgressão da identidade em Dancer from the dance de Andrew Holleran e Pela noite de Caio F.* 17/12/2014 undefined f. Doutorado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: undefined.

COSTA, Jhonatan Leal da. *Solidão e homoafetividade em Mosaicos Azuis Desejos, de Antonio de Pádua*. 07/05/2014 184 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UEPB.

DIAS, Renata Kellen. *"A oficialização da imoralidade": representações identitárias sobre o kit escola sem homofobia em comentários do youtube'* 08/04/2016 Mestrado em TEORIA LITERARIA E CRITICA DA CULTURA Instituição de Ensino: Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei.

EDUARDO, Gerson Carlos. *Uma Leitura do Desdobramento do "Eu" Masculino e Feminino em A Confissão de Lúcio e Stella Manhattan*. 25/09/2015 106 f. Mestrado

em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE MARÍLIA, Marília Biblioteca Depositária: Prof^a. Zilma Parente de Barros.

FARIA, Maraisa Gabriela de. *As barbas espantadiças do público: uma história da edição, circulação, recepção e fortuna crítica de Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha*. 31/03/2016 123 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: CEHB.

FONTINELES, Witallo da Cruz. *Identidades (re)veladas: a construção dos personagens homoeróticos nas obras O Ateneu, de Raul Pompéia, e Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha'* 24/09/2015 85 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Do homoerotismo à deriva sexual: estratégias e políticas homossexuais de derrisão da heterossexualidade compulsória em duas narrativas brasileiras'* 04/03/2013 91 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Rio Grande Biblioteca Depositária: SIB-FURG.

MATTE, Manuela. *A construção da identidade feminina em "Duas iguais", de Cíntia Moscovich*. 14/08/2014 126 f. Mestrado em Letras e Cultura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, Caxias do Sul Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul.

MEDEIROS, Felipe Garcia de. *O ser elástico, mola, agulha, trepidação: expressões do homoerotismo em Fernando Pessoa*. 07/03/2014 undefined f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: undefined.

NASCIMENTO, Cyro Roberto de Melo. *Homoafetividade e abertura política em contos de Caio Fernando Abreu*. 21/03/2014 undefined f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: undefined.

OLIVEIRA, Andre Maciel de. *A literatura de gênero gay em Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão – contos homoeróticos de Antonio de Pádua Dias da Silva'* 28/11/2013 136 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000188655>>.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva. *Identidades homoafetivas do negro na literatura brasileira contemporânea*. 22/02/2016 199 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI FUESPI, Teresina Biblioteca Depositária: undefined.

PAIM, Mariana Souza. *A noite tem mais luzes: considerações sobre a representação do desejo lésbico no romance de Cassandra Rios'* 29/08/2014 85 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Julieta Cartead.

QUEVEDO, Cristian Abreu de. *A homoafetividade no romance Bom-Crioulo de Adolfo Caminha: uma leitura crítica a partir de questões de gênero e sexualidade'* 22/02/2017 157 f. Mestrado em TEORIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Cidade Universitária – Uniandrade.

SALES, Sinei Ferreira. *Desentranhando desejos e identidades: uma leitura queer de Luís Miguel Nava.* 27/03/2015 134 f. Mestrado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes.

SANGALETTI, Leticia. *A representação da voz de minorias sexuais na narrativa de Caio Fernando Abreu e João Gilberto Noll'* 22/08/2013 172 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIV. REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES, Frederico Westphalen Biblioteca Depositária: Biblioteca Central DR. José Mariano da Rocha Filho.

SANTIAGO, Aliete do Prado Martins. *Rádio escolar: proposições didáticas para formação do leitor literário.* 10/08/2016 115 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIV. REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES, Frederico Westphalen Biblioteca Depositária: undefined.

SANTOS, Ricardo Alves dos. *A escrita religiosa e homoerótica do poeta contemporâneo Waldo Motta'* 14/02/2013 120 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia Biblioteca Depositária: SISBI - Sistema de Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia.

SILVA, Emerson Silvestre Lima da. *“Uma fotografia que se pode abraçar”:* *Um retrato possível da homoafetividade e da família em O Filho de Mil Homens.* 15/03/2016 102 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE.

SILVA, Jaqueline Lupi Seabra da. *Corpos e mentes deslocados: a questão da sexualidade nos romances O beijo da mulher-aranha (1981), Stella Manhattan (1985) e Do fundo do poço se vê a lua (2010)'* 07/10/2016 138 f. Mestrado em LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFJF.

SILVA, Leandro Soares da. *A ficção do Eu e o Outro na literatura da homossexualidade'* 01/03/2016 214 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Biblioteca Universitária da UFMG.

SILVA, Samuel Lima da. *Santa é a carne que peca: estudo sobre o homoerotismo na obra Em Nome do Desejo, de João Silvério Trevisan.* 19/11/2014 94 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE

MATO GROSSO, Cáceres Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária "Prof. José Américo Andrade" - Campus UNEMAT - Tangará da Serra/MT.

SILVEIRA, Micaela Sá da. *A interface literatura e geometria: problematizando as matizes sexuais em Álex Leilla*. 29/04/2014 108 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UEPB.

SOUSA, Benedito Teixeira de. *Homoafetividade na infância na narrativa literária brasileira*. 28/02/2014 162 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: BCH.

TERTULIANO, Arthur Victor Ferreira. *Homossexualidades nos romances de Bernardo Carvalho*' 23/10/2014 116 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UFPR.

VASCONCELOS, Carlos Roberto Nogueira de. *Sertão de Pedra e Argila: Tradição, Ruptura e Modernidade no Romance Galileia, de Ronaldo Correia de Brito*' 29/08/2013 89 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas.